



Ian Kisil Marino - Thiago Lima Nicodemo
(organizadores)

Por uma história da COVID-19

Iniciativas de memória da pandemia no Brasil

Por uma história da COVID-19



Copyright © 2022, Ian Kisil Marino & Thiago Lima Nicodemo (organizadores).

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.^ª. Dr.^a. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (UVV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.^ª. Dr.^a. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmar Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.^a. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.^a. Flavia

Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.^ª. Dr.^a. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.^ª. Dr.^a. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.^ª. Dr.^a. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.^ª. Dr.^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.^ª. Dr.^a. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.^ª. Dr.^a. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.^ª. Dr.^a. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.^ª. Dr.^a. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.^ª. Dr.^a. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.^ª. Dr.^a. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.^ª. Dr.^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.^ª. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.^ª. Dr.^a. Verônica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.^ª. Dr.^a. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth

Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Profa. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Profa. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del País Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Mitidiero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Profa. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Britto Pereira (UDF) • Profa. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Ian Kisil Marino
Thiago Lima Nicodemo

(*Organizadores*)

Por uma história da COVID-19

iniciativas de memória da pandemia no Brasil

EDITORA MILFONTES

Vitória, 2022



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Edjalma Nepomoceno Pina

Impressão e Acabamento

GM Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Por uma história da COVID-19 : iniciativas de
memória da pandemia no Brasil / organização
Ian Kisil Marino , Thiago Lima Nicodemo. --
Vitória, ES : Editora Milfontes, 2022.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5389-018-3

1. COVID-19 (Doença) - Aspectos sociais
2. COVID-19 - Pandemia 3. Saúde pública
I. Marino, Ian Kisil. II. Nicodemo, Thiago
Lima.

22-115779

CDD-304.62

Índices para catálogo sistemático:

1. Coronavírus : COVID-19 : Aspectos sociais :
Sociologia 304.62

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Introdução: uma história da luta por histórias 7

Arquivos da pandemia: memórias da comunidade Fiocruz. Possibilidades e desafios de um acervo colaborativo 29

Fala Parente! relatos indígenas sobre a COVID-19 51

Relatos do cotidiano durante a pandemia: diário coletivo em um grupo no Facebook 69

Projeto Escola em quarentena: aflições, memórias e devires da educação na pandemia 89

Diários da Quarentena: podcast como representação dos dias de pandemia 109

Timeline Covid-19: produção de visibilidades e cronologia de um flagelo documentado na web 127

#MemóriasCovid19: narrativas de um trauma em tempo real 143

As margens da pandemia: relatos de maternidades – coleta, edição e arquivo 155

Educação na imprensa online: contribuições para os estudos sobre as Humanidades Digitais 169

Labium Imagem na Quarentena: narrativas visuais autorais sobre a pandemia em Alagoas 185

Diários de Emergência COVID-19: Rio de Janeiro, Brasil, Norte a Sul e brasileiros no Exterior 197

Quarentenas Amazônicas mostrou impactos da pandemia sobre sociedades tradicionais e originárias da Amazônia.....219

Documentando a experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul: reflexões sobre entrevistas a distância e sobre a História Oral da pandemia 229

Não voltaremos a 16 de março de 2020: testemunhos do isolamento e memórias da Covid-19 247

Cartografia das Memórias 263

Mapeando iniciativas de coleta da COVID-19 na Internet 273

Pandemias na Amazônia: narrativas sobre vida, corpo e ecologia 289

Projeto Reflexões: (In)Visíveis, COVID-19 e Memórias 301

Introdução

uma história da luta por histórias

Ian Kisil Marino
Thiago Lima Nicodemo

Histórias não se contam sozinhas. Felizes ou tristes, épicas ou monótonas, para serem contadas as histórias demandam um esforço prévio, uma ação humana. Isso vale tanto para as fábulas e demais narrativas ficcionais quanto para as histórias verídicas, ou que ao menos buscam sê-las a partir do respaldo de evidências. A história da pandemia de COVID-19 envolverá o esforço de encadear acontecimentos na trama narrativa da maior tragédia global dos nossos tempos. E como não se trata de ficção – ainda que tudo isso pareça ter saído de um roteiro dramático de cinema –, será impossível que se conte essa história sem evidências que possam ampará-la com segurança.

Os vestígios históricos da pandemia apontam para todos e estão espalhados por todo o mundo. Exatamente por isso, apontou Dipesh Chakrabarty, trata-se de um novo padrão de evento global.¹ E não fomos (ou, somos) somente vítimas da COVID-19 e de seus desdobramentos sanitários, políticos, socioemocionais e econômicos: somos todos testemunhas desse evento.² Entretanto, se a produção de documentos desse período não poderia ser maior, a preservação dessas pistas não é automática ou simples, pelo contrário. Como captar vestígios que representem a variedade de agentes e locais atingidos pela pandemia? Qual o formato desses documentos? Como organizá-los? Onde dispô-los para que sejam acessados? Como preservá-los de forma permanente?

Essas questões são globais e extremamente difíceis de responder. É até improvável que haja uma resposta universal para todas elas, já que a especificidade de cada agente envolvido demanda respostas particulares. De

todo modo, buscar essas soluções é a luta para que um dia se possa contar a história da pandemia. Como dito de antemão: não se trata de um processo natural, mas depende da ação humana.

Este livro registra o esforço para que um dia se possa contar a história da COVID-19 no Brasil. Com contribuições de todas as regiões brasileiras, envolvendo os mais diferentes agentes e as mais criativas respostas às questões colocadas acima, este livro conta uma história da luta por histórias, a partir da perspectiva de seus protagonistas. Os capítulos registrados são registros por si, arquivos de arquivos, que caracterizam uma forma específica de se lidar com memórias e vestígios históricos.

Os relatos reflexivos de adiante informam sobre as formas de preservação de um evento disruptivo global e traumático, o que por si só descortina algumas das mais importantes questões historiográficas e arquivísticas do nosso tempo. Afinal de contas, ao ampliarmos a percepção sobre a noção de “arquivo”, percebemos como ela incorpora um senso de dispositivo de poder, como discutido por Foucault e Derrida. Arquivo é a instância que arbitra sobre a permanência ou não de vestígios, condicionando a escrita de histórias cujos indícios e fontes preserva. Assim, se arquivos mudam de forma ou de aparência no tempo, a urgência da sua ação é sempre fundamental, já que é fundada à sua capacidade de preservação que se credita a possibilidade do fazer historiográfico.³ Essas questões tornam-se todas ainda mais graves e complexas quando se nota que se trata de vestígios que foram, em grande parte, produzidos ou mediados por tecnologias digitais. Variando conforme os agentes, locais e tipos de documentos registrados, as iniciativas que falam em seguida registram emoção e voluntarismo, mas também denunciam a precarização estrutural de um país periférico, gerido na pandemia por negacionistas e irresponsáveis. Essa é a grande força dos textos que seguem, cujos principais temas transversais serão brevemente apontados nas linhas que seguem.

Relatos da catástrofe

Sob qual perspectiva se deve narrar uma história? É claro que não há uma regra, e a capacidade de articulação de diferentes eixos narrativos é uma

virtude das boas histórias. Entretanto, é comum que se procure narrar determinados acontecimentos a partir de seus protagonistas, ou seja, daqueles que viveram mais intensamente os eventos em questão. A ascensão da literatura de testemunho, impulsionada na segunda metade do século XX, baseia-se nesse raciocínio: para que se narre eventos catastróficos, como guerras, nada mais ardente do que o testemunho daqueles que estiveram em combate. Por serem sobreviventes, seriam os mais próximos das vítimas cuja intensidade da vivência do ocorrido levou à morte.⁴ Os testemunhos são centrais para as próprias vítimas, para que possam canalizar seus traumas e receber reconhecimento da sua dor. Contudo, o gênero possui ainda outros dois efeitos importantes: primeiro, a capacidade de deslocamento do eixo narrativo, da forma de se contar histórias; segundo, a composição documental da luta por uma justiça de transição.⁵

Sobre o primeiro ponto: a partir do reconhecimento do protagonismo das vítimas, poderia ser produzida uma história cujo sentido catastrófico teria um efeito político e transformador quanto às bases epistêmicas da disciplina. Márcio Seligmann-Silva fala de uma “nova ética e estética da historiografia” que se desenhou como necessária após o ciclo de catástrofes que marcou o século XX.⁶ O testemunho surge, a partir desses eventos, “sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade”: “de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante de fatos (inenarráveis) como também – com um sentido muito mais trágico – a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua conseqüente inverossimilhança”.⁷ Em decorrência disso, quaisquer anseios de se produzir uma história fria e primordialmente factual tornam-se pouco efetivos. Require-se, ao menos, um “desassossego empático” para se lidar com temas tão sensíveis.⁸

Sobre o segundo ponto: o caráter “inenarrável” componente do testemunho requer o esforço de reconhecimento e enlace historiográfico, até mesmo como forma de estabelecer justiça quanto a possíveis anseios revisionistas de caráter negacionista – como houve como o Holocausto, por exemplo. No final das contas, a consideração dessa documentação testemunhal é importante na construção de uma história tão comprometida com critérios metodológicos quanto humana, desejosa de cumprir um dever de justiça para

com as vítimas e com a sociedade.

Assim, pode-se dizer o testemunho é central na mobilização de políticas de reparação, pela determinação de responsáveis por crimes contra a humanidade e pela construção de consensos sociais convertidos em marcos por direitos humanos.⁹ Em meio às inovações tecnológicas que possibilitavam a gravação de depoimentos em dispositivos portáteis, a ascensão da história oral na segunda metade do século XX harmonizou com as políticas de memórias de incentivo aos testemunhos, que se estenderam da denúncia dos abusos nazistas e outras práticas genocidas do século XX à luta por libertação colonial e à redemocratização de países que passaram por ditaduras baseadas na violação de direitos humanos.¹⁰

Na verdade, foi justamente o caráter comprobatório de documentações acerca de violações de direitos humanos que moldou a compreensão atual da relevância da preservação e do acesso a documentos sensíveis.¹¹ Essa história remete ao Tribunal de Nuremberg e se estende até a formulação de diretrizes internacionais pela Unesco e por outros órgãos multilaterais dos anos 1990 em diante, já com grande influência dos processos de estabelecimento de justiças de transição por países recém-ditatoriais, por exemplo.¹² Como afirma Antonio Quintana, autor do relatório *Políticas arquivísticas para a defesa dos direitos humanos* – pelo Conselho Internacional de Arquivos,

a ausência de documentos limita a capacidade de escolha, pois dificulta o hipotético trabalho que deveriam realizar os órgãos de justiça de transição. Os documentos que testemunham a violação de direitos humanos devem ser conservados; ao menos as políticas imediatas em matéria de arquivos devem ser encaminhadas para se conseguir esse objetivo.¹³

O caso da redemocratização na Argentina é exemplar nesse sentido: os testemunhos das vítimas foram centrais na construção do relatório *Nunca Más!* na década de 1980, contribuindo não só com um consenso sobre a história da ditadura como para o estabelecimento de políticas de responsabilização de criminosos e de justiça de transição.¹⁴ No Brasil, o acervo do projeto *Brasil: Nunca Mais!*, também é exemplar da luta pela preservação documental e da compreensão de seu acesso como um direito público. No caso, a digitalização e o uso de mídias digitais em seu funcionamento apenas reforçam os laços de relevância com o potencial das histórias narradas neste livro.¹⁵

A pandemia de COVID-19 é um evento catastrófico, de modo que aqueles

que a viveram mais intensamente são as vítimas não só do novo coronavírus, mas também dos reflexos psicológicos e socioeconômicos dele derivados. Referimo-nos aos familiares de vítimas, aos que vivenciaram a agonia da espera e da precarização no atendimento hospitalar, aos desempregados, aos que não puderam seguir protocolos de prevenção por necessidade de submissão a atividades profissionais precarizadas e, claro, aos sobreviventes da doença. Alguns dos vestígios mais importantes da pandemia estão incrustados na vivência traumática desses protagonistas da perda, do medo, da desigualdade e do abandono. Por conta disso, grande parte das iniciativas de memória da COVID-19 vem buscando se aproximar do relato testemunhal como forma de recolhimento de evidências do período – tanto que Paulo Gajanigo e Rogério Souza apontaram haver uma “afinidade estética” entre o relato individual e a pandemia.¹⁶ É o caso de diversas iniciativas deste livro, que em suas coletas alargaram as formas mais comuns de relatos de testemunho – oral e escrita – a fotografias, ilustrações, respostas de questionário, dentre outras.

Muitos projetos buscaram tornarem-se repositórios de testemunhos em um sentido mais amplo, sem recorte de público ou de localização, como *Cartografias da memória* (Capítulo 15) e *#MemóriasCovid19* (Capítulo 7). O primeiro construiu um mapa interativo de relatos orais, o que possibilita a visualização e a escuta da dimensão global da pandemia e de seus impactos sobre as pessoas. O segundo se abriu ao recolhimento de registros dos mais diferentes tipos, de desenhos de crianças a poemas tecidos no calor pandêmico por contribuintes de várias partes do mundo.

Outras iniciativas procuraram informações sobre agentes e ambientes específicos, cujas vidas foram afetadas de forma particular pelo vírus e pelas medidas de contenção adotadas. Alguns projetos coletaram testemunhos do isolamento social, já que a prática de quarentena vigorou durante tempo considerável – para os setores que a puderam cumprir. Quais seriam os relatos da quem se trancou em casa, alterando drasticamente a sua rotina, distanciando-se de amigos e familiares e absorvendo a avalanche de informações mórbidas nos noticiários? Iniciativas como *Testemunhos do Isolamento* (Capítulo 14) e *Relatos do cotidiano* (Capítulo 3) são exemplos de duas abordagens vindas do Rio de Janeiro, diferentes em termos estratégicos,

mas com interesses finais similares. A primeira, amparada por um arquivo público, trabalhou através da coleta por formulários online. A segunda, ligada a estudos sociológicos e antropológicos, monitorou participantes de um grupo de Facebook, como uma espécie de diário da vida social no isolamento pandêmico.

Outras iniciativas recortaram ainda mais em seus enfoques, como é o caso da maternidade, no acervo da iniciativa *As margens da pandemia* (Capítulo 8). Como as mães perceberam as dinâmicas na vida doméstica, marcada pelo cuidado da casa e de filhos – arquétipos de uma cultura que relegou a elas esse lugar –, quando o trabalho, a escola e o lazer foram todos transferidos para dentro de casa? Em outro caso, destaca-se atenção especial às escolas, na iniciativa *Escola em quarentena* (Capítulo 4), que busca compreender as impressões de diversos agentes da comunidade escolar sobre a implementação – ou, a não-implementação – do ensino remoto como réplica à suspensão do ensino presencial. Por fim, privilegiou-se até mesmo recortes institucionais, como no caso da comunidade da Fiocruz pela iniciativa *Arquivos da Pandemia*: (Capítulo 1), que procurou colher registros sobre a vida em uma das instituições de saúde mais importantes no combate da pandemia no país.

Se todas essas iniciativas têm em comum a busca pelo relato, as estratégias para a formação de cada acervo variam: utilizam-se formulários online, grupos em redes sociais, e-mail, técnicas de história oral, dentre outras abordagens, segundo o levantamento preliminar do projeto Coronarquivo, iniciativa do Centro de Humanidades Digitais-Unicamp dedicada ao monitoramento das iniciativas de memória da pandemia.¹⁷ Ainda assim, todas as iniciativas do livro utilizam-se, em alguma medida, de meios digitais em sua atuação.

A coleta de testemunhos para a composição de acervos de eventos disruptivos recebe o nome *crowdsourcing*, e é uma boa forma de se descrever a prática de muitas das iniciativas de memória da COVID-19. Tal estratégia tornou-se muito comum em diversos campos depois da popularização da internet, e se traduz como a prática de angariar informações por um público online. O *crowdsourcing* pode ser entendido como mais uma das inúmeras facetas provenientes do mundo digital cuja presença vem abrindo novas percepções sobre as noções de coleta, acervo e preservação circunstanciada de

evidências e memórias nato digitais. Com efeito, a popularização da internet e a multiplicação de dispositivos pessoais de registro e compartilhamento de conteúdo online implicam que se amplie as ferramentas de compreensão teórica e metodológica acerca da própria noção de “arquivo”, que se tensiona e modifica junto a outras transformações técnicas e sociais nas últimas décadas. Analisando o universo de coleções brasileiras online em blogs, sites e redes sociais, por exemplo, propusemos a categoria “arquivos informais digitais” como ferramenta de compreensão dessa transformação arquivística digital.¹⁸ No caso, a incerteza quanto aos critérios e agentes envolvidos nesses acervos demanda esforços etnográficos para que se trabalhe com documentos cuja reposição resta em condições muito diversas daquelas conhecidas em arquivos formais, sejam públicos ou privados. O panorama registrado neste livro, deste modo, tem o potencial de revelar mais predicados dessa transformação arquivística, como a multiplicidade de estratégias utilizadas pelas lideranças das iniciativas vai mostrar.

O *crowdsourcing* foi adotado inicialmente na composição de coleções digitais de eventos traumáticos nos Estados Unidos, como o atentado de 11 de setembro de 2001 e a passagem do furacão Katrina por Nova Orleans, em 2005.¹⁹ Entendeu-se ali o mesmo que pensaram as iniciativas de coleta deste livro: as pessoas são testemunhas do trágico e inesperado evento em questão e, possuindo as ferramentas de registro e cessão – como câmeras portáteis, *smartphones* e a internet – são as mais ideais contribuintes para um acervo democrático e de ampla capilaridade. De fato, as amostras dos acervos e as breves análises de composição via *crowdsourcing* nos capítulos seguintes revelam os pontos fortes dessa estratégia.

Encontrar os protagonistas

Pode-se considerar que os protagonistas de um evento são aqueles que o vivem mais intensamente. Os protagonistas da COVID-19, portanto, são os mais afetados pela doença e pelos seus desdobramentos, ou seja, os setores mais precarizados, que não puderam aderir à quarentena, que perderam empregos, que moram nas ruas ou que se encontram excluídos da agenda de cuidados do Estado. Esse contingente populacional se encontra majoritariamente nas periferias, no chamado Sul Global, incluindo também as

populações marginalizadas de países desenvolvidos. Essa percepção permite avançar mais um passo no argumento de que o testemunho traumático é uma ferramenta de recolocação dos eixos narrativos da história.

A pandemia é um fenômeno global, mas, desafiando tendências historiográficas eurocêtricas, imperialistas ou que simplesmente centralizem países ricos,²⁰ a história da COVID-19 deve ser uma história contada a partir das periferias. A relevância da coleta e da preservação de relatos e vestígios sobre e dos que mais sofreram, assim, é fundamental como uma forma de reposicionamento na forma de se produzir e contar histórias. Aos anseios da chamada história global, que desde a década de 1990 articula importantes apelos a esse contrapeso, a pandemia pode ser uma ocasião oportuna: afinal de contas, as histórias mais importantes deste evento estão nas periferias – e especialmente no Brasil, dado o triste protagonismo do país na catástrofe. Igualmente, alguns dos arquivos mais importantes da pandemia também estão por aqui. Com efeito, para que se mantenha a soberania sobre essas possíveis histórias, deve haver cautela, porque os desafios são inúmeros.

Por mais que o *crowdsourcing* tenha certa vantagem em termos de capilaridade e dinamicidade via internet, não se pode creditar a ele toda a esperança de solução a uma forma efetivamente mais democrática e profunda de coleta para futura preservação arquivística.²¹ Afinal de contas, para que essa estratégia funcione há alguns pré-requisitos: possibilidade de acesso à internet, habilidade de manejo das ferramentas digitais, contato com as chamadas de contribuição, hábitos digitais e interesses em responder a questionários, por exemplo. Essas demandas acabam restringindo o grupo de contribuintes de acervos muito voltados à coleta voluntária online. As próprias iniciativas já apontam, com análises preliminares de seus acervos, para um número reduzido de idosos e crianças pequenas, o que indica a determinação dos hábitos digitais, por exemplo. Há também participação majoritária de pessoas com nível de escolaridade relativamente alto, o que aponta para possíveis desigualdades socioeconômicas – refletidas no acesso à infraestrutura na capacidade de acesso a essas coletas. O problema dessa limitação é o risco de que os setores mais afetados pela pandemia sejam justamente os menos representados nos arquivos – o que impediria a construção de uma história justa da catástrofe.

Muitos dos projetos de memória pelo país perceberam rapidamente essas limitações, e seus capítulos mostram as diferentes estratégias que adotaram para superá-las e construir acervos mais representativos. Grande parte das iniciativas já citadas recorreu a campanhas de divulgação em grupos específicos para suprir lacunas de grupos específicos em seus acervos. Além delas, o projeto *Documentando a Experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul* (Capítulo 13), por exemplo, adotou métodos da história oral mirando polos específicos, para compor o acervo em parceria com a estratégia do preenchimento voluntário de formulários online. O *Projeto Reflexões* (Capítulo 18), por sua vez, mirou moradores da região mais afetada pela pandemia na cidade de São Paulo para colher relatos, a fim de proporcionar representatividade a este setor particular.

Outros casos marcante dessa luta pelo registro de situações e personagens que poderiam ficar para trás é o das coletas em comunidades indígenas, como demonstrado pelos projetos *Quarentenas Amazônicas* (Capítulo 12) e *Fala Parente! Relatos indígenas sobre a COVID-19* (Capítulo 2). O acesso a depoimentos de habitantes de comunidades muitas vezes sem internet estável envolveu esforços colaborativos de muitos, além do emprego de estratégias provenientes da história oral, da antropologia e da comunicação. Frequentemente, os recursos desses acervos serviram como ferramenta de luta imediata: não só como arquivos para o futuro, mas como provas do abandono sanitário aos quais foram submetidos esses setores sociais brasileiros.

As estratégias na formação dos acervos digitais da COVID-19 no Brasil vão além do *crowdsourcing*. É rico notar como a variedade de agentes na liderança das iniciativas somente contribui com um panorama mais amplo das possibilidades de coleta. Analisando esse processo em conjunto, pode-se dizer que se trata de um caso exemplar nas humanidades digitais, na medida em que articula a interdisciplinaridade em nome do tensionamento e da crítica das ferramentas digitais com finalidades socialmente valiosas.

Da riqueza documental à incerteza da preservação

As iniciativas de memória da COVID-19 no Brasil vêm coletando uma variedade de documentos, como relatos escritos e orais, poesias, desenhos,

fotografias e vídeos. Alguns projetos recortam seus acervos pelo tipo de documento, visando aprimorar as suas coleções e os métodos envolvidos na apreciação crítica desses materiais. É o caso do projeto *Labium Imagem na Quarentena* (Capítulo 10), que cultiva um acervo fotográfico que permite discussões teóricas e metodológicas sobre o fotojornalismo, para além do potencial de análises contido em sua coleção. O podcast *Diários da Quarentena* (Capítulo 5), por sua vez, recorta relatos orais como seu foco, buscando, ao mesmo tempo em que forma seu acervo, implementar um programa de divulgação de amplo impacto, por meio de agregadores de áudio populares. Por fim, o projeto *Diários de Emergência COVID-19* (Capítulo 11), que focaliza documentos escritos, mistura a coleta de registros ao ativismo social vinculado a práticas da literatura e do jornalismo – buscando tanto públicos de periferias urbanas no Brasil quanto brasileiros residentes no exterior. Outros repositórios procuram arquivar notícias, como é o caso de *Educação na imprensa online* (Capítulo 9) e *Timeline Covid-19* (Capítulo 6). Esses dois casos também mostram como, apesar da grande presença do *crowdsourcing*, da história oral e de outras técnicas de coleta com público, há também iniciativas que partem da pesquisa e da raspagem de dados para a composição de seus acervos, ricos repositórios para pesquisadores das mais diferentes áreas.

Nos capítulos que seguem, as iniciativas apresentam aos leitores amostras de seus acervos, nas quais se pode perceber a variedade de tipos documentais e a riqueza de conteúdo memorial, patrimonial e arquivístico envolvida nas suas coleções. Depois de conhecida a envergadura desses acervos, bem como o interesse pelo compartilhamento dos seus bastidores, fica uma sensação de que não seria possível que se escrevesse uma boa história da pandemia sem acessar o fruto do trabalho desses projetos. Entretanto, como já pontuado, para além da coleta e da possibilidade de acesso a esses materiais hoje, é fundamental que se questione sobre as circunstâncias para a sua preservação. Em se tratando de documentos de interesse público, nada mais importante do que a criação de instâncias de guarda soberanas e de acesso aberto. Todavia, por se tratar de uma massa documental digital, a situação atual é um tanto complexa, como se permite ver a partir das inúmeras preocupações confessas pelas próprias iniciativas em suas reflexões.

Nos últimos 20 anos, muitos pesquisadores têm apontado para uma espécie

de paradoxo envolvendo a memória e o arquivamento digital.²² Por um lado, nunca se guardou tanto e tão facilmente: um simples clique salva centenas de páginas em computadores pessoais ou nuvens, sem o infortúnio de ter que arrumar espaço seguro para calhamaços impressos sem fim dentro de casa. Por outro lado, nunca tivemos tão pouco controle sobre a preservação desses documentos e memórias. Quem já não passou pela frustrante experiência de, ao tentar abrir algum arquivo, receber a infeliz notificação de que “o arquivo está corrompido”, sem saber do que se trata? Não conhecemos bem os meandros codificados que operam por detrás do comando que enviamos para que uma máquina abra o documento que desejamos enxergar.²³

Além disso, uma marca das tecnologias é a sua constante transformação, que vemos tanto nos pedidos por atualização de softwares quanto nos lançamentos quase rotineiros de novos e instigantes aparatos de todo tipo. De repente, formatos de muitos arquivos digitais tornam-se obsoletos, ficando muito difícil acessá-los. A insegurança na preservação digital também passa pelos responsáveis pela sua preservação. A maioria dos recursos que utilizamos todo dia no mundo digital pertence a empresas privadas que não são primordialmente arquivos, mas acabam cumprindo essa função em decorrência das suas utilidades principais – seja a escrita de textos ou a postagem de fotos em espaços sociais virtuais. Todas essas preocupações se estendem para as iniciativas que compõem este livro.²⁴ Quais os formatos dos registros coletados, sejam eles imagéticos, escritos ou audiovisuais? Onde esses materiais estão depositados? Como as iniciativas que se utilizam francamente de redes sociais ou serviços de formulários online privados, por exemplo, podem garantir segurança na preservação e soberania na tutela de suas ricas coleções? Todas as iniciativas que ajudaram na construção deste livro juntam-se na reflexão e nos esforços para que se respondam essas questões, que são tão ou até mais vitais do que os desafios da coleta.

A luta pela segurança na preservação digital passa por condições infraestruturais e pela implementação de políticas de gestão de dados. Em relação à infraestrutura, é importante que se providencie repositórios digitais confiáveis (a sigla “RDC-Arq”), que articulem versões documentais salvas em servidores e nuvens. A implementação dessas estruturas é o primeiro passo para que se avance para repositórios mais seguros e soberanos do que o uso de

redes sociais ou discos rígidos e nuvens pessoais. Em relação à política de dados, deve-se projetar normatizações mínimas para a indexação de metadados, padrões de formato e uma rotina de verificação de integridade e de atualização, como forma de prevenir a perda de documentos por conta da obsolescência de formatos e da simples desorganização no manejo de arquivos digitais muito abundantes.

O risco é que não se efetive a garantia de acesso seguro tanto a esses documentos como aos seus devidos contextos, descumprindo o já mencionado direito de acesso – tão relevante em casos de eventos traumáticos. “Para garantir o valor testemunhal de um documento”, argumenta Martins, “não basta conservá-lo fisicamente, é preciso manter preservado o seu contexto de produção”.²⁵ Nesse sentido, a pulverização de critérios preocupa, na medida em que pode gerar “dúvidas em relação à capacidade das infraestruturas arquivísticas permanentes e profissionais, próprias de qualquer Estado”.²⁶

Entretanto, o custo e o grau de especialização envolvido na implementação dessas medidas não pode ser minimizado, em termos de infraestrutura e da experiência dos gestores de dados envolvidos. Nesse sentido, é preocupante o panorama da preservação em questão, se levarmos em conta que a maioria dos projetos que compõe este livro têm trabalhado em condições relativamente precárias – estudantes e pesquisadores sem bolsa, ausência de apoio técnico especializado e experiente, voluntários etc. Com efeito, não se trata de uma situação inédita, mas de uma continuidade a uma história de digitalização e gestão de arquivos digitais marcada pela precariedade e pela inconsistência não só no Brasil, mas na América Latina e em outras periferias globais.²⁷ O processo de digitalização de arquivos no Brasil sofre pela inconsistência e descontinuidade das políticas de digitalização. O panorama de arquivos digitais informais na web, também, encontra-se disperso e carece de uma sistematização mais rigorosa quanto ao conhecimento dos acervos e, talvez principalmente, quanto à sua preservação.²⁸ Infelizmente, já se percebe que tais problemas já tem produzido novas desigualdades, em que regiões com mais recursos tornam-se agenciadores e gestores de arquivos de periferias, como ocorre com muitas coleções regionais latino-americanas que se encontram sob a tutela de grandes universidades ou institutos de pesquisa da Europa ou dos Estados Unidos, por exemplo.²⁹

Responsabilidade e compromisso público

Há movimentos para se acelerar a implementação de práticas arquivísticas mais alinhadas às demandas da preservação digital – em particular em periferias globais. Um bom exemplo de iniciativa multilateral é a recomendação da Unesco a respeito da salvaguarda da documentação da COVID-19 através do *Memory of the World Programme*,³⁰ que procura “transformar a pandemia numa possibilidade de implementar mais recursos culturais” em arquivos mundo afora.³¹ Trata-se de pensar na pandemia como uma forma de catalização de esforços para um maior apoio ao patrimônio documental, em especial nato-digital. Isso decerto vale para as iniciativas componentes deste livro e suas similares, mas não só. Tais preocupações são vitais para arquivos públicos – os efetivos formuladores de políticas de arquivamento e de infraestrutura para coleções históricas de interesse público. A preocupação de Quintana, portanto, é importante na contemplação do arquivamento digital da COVID-19, já que “descontextualizados, a maioria dos documentos que testemunham violações de direitos, repressão ou violência política perdem grande parte de seu valor”.³²

Novamente, destacamos como a problemática expressa na trajetória das iniciativas presentes neste livro possui uma força que vai além da fundamental importância que elas carregam na luta pela guarda de vestígios da COVID-19: trata-se de casos paradigmáticos de novas formas de se lidar com a memória social e o seu arquivamento utilizando mídias digitais – e, levando em conta a envergadura do evento disruptivo em questão, mesmo a restrição ao Brasil não exclui o fato de se tratarem de casos que expressam a transformação na noção de arquivo como um fenômeno global. Neste sentido, a temática da preservação digital não se dirige restritamente aos vestígios da pandemia coletados pelas iniciativas autoras dos capítulos seguintes, mas é uma preocupação para a qual a situação presente, nas suas recentes trajetórias, ajuda a iluminar. Afinal de contas, certamente não serão poucas as experiências de coleta e arquivamento de memórias em meios digitais que, navegando em outros temas e recortes, vêm enfrentando desafios de preservação semelhantes aos percebidos pelos projetos aqui reunidos.

Além disso, a urgência da pandemia de COVID-19 desafia governos e

órgãos públicos a lidarem com as temporalidades arquivísticas em um período de exceção, em que tramitações documentais usualmente correntes podem ser, mesmo que por cautela, consideradas dignas de preservação intermediária ou até mesmo permanente. Igualmente, em se tratando de respostas emergenciais a um evento limite de interesse público, os órgãos estatais possuem a responsabilidade de cumprir uma agenda de informação pública, a partir da transparência de dados importante no combate à pandemia, como números de infectados e mortos, leitos hospitalares disponíveis e relatórios de gastos públicos no combate à COVID-19.

Ainda que essa temática seja central, pouco se discutem as suas implicações para a história e a memória – ao se comparar com as muitas questões derivadas dos debates sobre o *crowdsourcing*, a história oral e o testemunho, por exemplo. Essa seletividade analítica pode estar relacionada ao estabelecimento de uma “política da memória global”, apontada por Andreas Huyssen, que desde os anos 1980 tem privilegiado olhares ao testemunho individual como grande eixo indiciário à compreensão e ao estabelecimento de consensos reparatórios de eventos traumáticos.³³ Se foi assim com o Holocausto, com outros genocídios, com ditaduras violadoras de direitos e com o atentado de 11 de setembro de 2001, este já veiculado no meio digital, é de se esperar que também o seja com a COVID-19.

Entretanto, a pandemia é um evento diferente da guerra ou de uma ditadura, como apontaram Gajanigo e Souza: não há inimigos claros a se apontar, nem mesmo aprendizados imediatos a se retirar de relatos que tendem a ser personalizados e autorreflexivos de um cotidiano de isolamento.³⁴ Em se tratando de um problema de saúde pública, uma massa documental de importante potencial historiográfico deve contemplar registros da administração estatal, porque ali é que residem evidências de interesse público da boa ou má condução governamental. Neste sentido, é importante que a contemplação da memória digital da pandemia de COVID-19, no Brasil e em todo o mundo, inclua o questionamento de como órgãos estatais e, em especial, arquivos públicos, vem pautando as agendas de arquivamento e abertura de dados durante a pandemia.

Alguns arquivos estatais brasileiros, como o Arquivo Público do Rio

Grande do Sul (APERS) e o Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), vêm promovendo medidas para declarar o interesse histórico, e, portanto, a proibição de eliminação em cadeias documentais relacionadas com a pandemia. No caso do APERS, declarou-se acerca da documentação decorrente da pandemia que a “sua proteção está sob responsabilidade do Estado em razão do seu valor administrativo, histórico, de interesse público e social, já que a destruição indiscriminada de documentos pode acarretar prejuízos irrecuperáveis à Administração Pública e à História”. Na prática, estabeleceu-se no âmbito do arquivo um “novo corte cronológico a partir de 01 de janeiro de 2020 até data final a ser futuramente fixada”, que tem por objetivo “preservar todos os documentos produzidos e recebidos durante este período, sejam físicos, eletrônicos, digitais e/ou nato digitais”.³⁵

A mesma percepção se deu no âmbito do APEP, propondo protocolos de salvaguarda que incluem a documentação nato-digital, produzida nos sistemas de gestão governamentais, tais como o Projeto São Paulo Sem Papel,³⁶ mas também a documentação ordinária produzida em papel. Somando ambas, incluem-se ações de comunicação e campanhas institucionais; atos normativos; contratações emergenciais; documentos técnicos; estatísticas de servidores afetados pela pandemia; gastos realizados no combate à COVID-19 e seus efeitos; pedidos de acesso à informação sobre a pandemia; planos, programas e projetos; políticas públicas; prontuários de pacientes afetados pelo coronavírus; registros de doações recebidas; registros de repasses de recursos do governo federal; termos de cooperação e convênios; dentre outros. Complementarmente, também deve-se atentar para os comitês e centros de gerenciamento de crise e de contingência que existem nos estados e foram exclusivamente concebidos para o enfrentamento à pandemia e, pelo seu caráter efêmero, são mais suscetíveis a perda ou eliminação. Por fim, os arquivos vêm trabalhando pela catalogação facilitada dessa documentação, a partir da criação de tags simplificadas em sistemas de gestão documental nato-digital, como “COVID-19”, e da disponibilização no Portal da Transparência.

Para além do aferimento imediato do combate à COVID-19, tais dados são importantes registros históricos, porque permitem tanto estabelecer uma marcação cronológica da pandemia quanto identificar variáveis e agentes

responsáveis pela catástrofe ocorrida no Brasil – que, embora possua apenas a sexta maior população mundial, ocupava a segunda posição em número absoluto de mortos pela pandemia em junho de 2021.³⁷ Os arquivos históricos estatais possuem a importante missão de estabelecerem políticas de gestão de documentos digitais que permitam não só a abertura, mas a efetiva guarda dos dados mais importantes no período. Isso se desdobra não só para a sua documentação, mas para a capacidade de provisão de infraestrutura e políticas de arquivamento digital que apoiem as muitas iniciativas informais que há pelo país, das quais as colaboradoras deste livro são exemplares representantes. Sem isso, será impossível que se conte a história da pandemia, incluindo nela o dever de memória de prestar contas com as famílias das vítimas e com toda sociedade, com justiça e comprometimento com o interesse público.

Quando começamos a observar o panorama de arquivamento da COVID-19, estávamos comprometidos com a reflexão de o que pode ser a história, enquanto campo do conhecimento, no mundo digital. Os primeiros contatos com projetos de memória digital da pandemia se deram pouco depois de seu início no Brasil, na primeira metade de 2020. Conforme tomávamos conta, com o resto do país, da dimensão da tragédia que estávamos vivendo – e ainda estamos quando escrevemos estas linhas –, buscamos contato com outras pessoas, pesquisadores acadêmicos ou não, que vinham lutando para construir meios de coleta e preservação de memórias da COVID-19. Nos últimos meses de 2020 conseguimos nos reunir remotamente com algumas lideranças desses projetos de arquivamento digital da pandemia. Em 2021, procuramos estender ao máximo essa rede de contatos, para além de nossos limites institucionais, disciplinares, regionais e afetivos. A possibilidade de receber as contribuições dessas lideranças neste livro nos enche de esperança, necessidade vital para que possamos, tomara, superar a catástrofe pandêmica. Agradecemos profundamente às autoras e aos autores por participarem do livro, bem como às equipes que participaram da construção desses projetos fundamentais.

Ainda que os capítulos que seguem sejam muito bem representativos, eles não esgotam a (felizmente) longa lista de pessoas e de iniciativas que vêm lutando pela memória da COVID-19 no Brasil. Sabemos que há projetos muito

ricos e com muito a dizer que não estão presentes neste livro, mas não haveria como incluir todos nestas páginas. No entanto, reconhecemos a grandeza desses projetos, componentes protagonistas da base de dados do Coronarquivo, que vai muito além deste livro. Procuramos desde meados de 2020 mapear, monitorar e categorizar os acervos e as estratégias das iniciativas de memória do país, de modo a contribuir com a compreensão dessa constelação de projetos e possibilitar a pesquisadores e curiosos uma forma de acesso de amplo alcance. São parte do Coronarquivo planilhas, dashboards, artigos, aulas, entrevistas, conversas e muito aprendizado sobre a prática das humanidades digitais. Agradecemos, portanto, a todos os colegas colaboradores do Centro de Humanidades Digitais-Unicamp pela possibilidade de levar o projeto adiante, em especial aos diretamente envolvidos: Aldair Rodrigues, Alesson Rota, Amanda Montesino, Danilo Mendonça, Josianne Cerasoli, Leonardo Concentino, Marcella Albaine, Márcio Franco, Pedro Telles da Silveira, e Pedro Terres.

Esperamos que este livro possa contribuir com a luta por uma história justa da pandemia de COVID-19 a partir do Brasil: que se possa desdobrar em iniciativas de engajamento político, apontando os responsáveis pela catástrofe no país e trazendo algum conforto para as vítimas, para que elas ao menos se vejam representadas em acervos criativamente talhados no calor do momento. Desejamos, também, que as histórias relatadas nas páginas seguintes possam levar a reflexões teóricas e metodológicas relevantes, em especial quanto à sensibilidade dos vestígios de um acontecimento tão sombrio quanto extenso – e como as ferramentas digitais utilizadas para seu arquivamento reverberam em uma dialética entre a riqueza criativa e a fragilidade de salvaguarda permanente. Reforçamos com admiração e agradecimento, por fim, a paixão, a dedicação e a coragem que emanam por detrás dos relatos reflexivos que vêm adiante, que nos lembram que a luta dos bastidores deve ser reconhecida, porque histórias não se contam sozinhas

¹ Cf. CHAKRABARTY, Dipesh. An Era of Pandemics? What is Global and What is Planetary About COVID-19. *Critical Inquiry*, 2020. Disponível em: <https://critinq.wordpress.com/2020/10/16/an-era-of-pandemics-what-is-global-and-what-is-planetary-about-covid-19/>. Acesso: 20 out. 2020.

² Cf. KEATING, Joshua. Covid-19 Is the First Truly Global Event. *The Slate*, 2020. Disponível em <https://slate.com/news-and-politics/2020/05/covid-19-global-event-pandemic.html>.

³ MARINO, Ian K.; SILVEIRA, Pedro T. da Silveira; NICODEMO, Thiago L. Arquivo, memória e Big

Data: uma proposta a partir da Covid-19. *Cadernos do Tempo Presente*. v. II, n. 1, p. 90-103, 2020.

4. Cf. AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.

5. Cf. MARINO, Ian; SILVEIRA, Pedro; NICODEMO, Thiago. Dever de memória e justiça no mundo digital: comentários sobre a experiência da Covid-19. In: PAULILO, André Luiz; HADLER, Maria Sílvia Duarte (org.). *História, Memória & Territorialidades*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

6. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 65.

7. *Idem*. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 46.

8. LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*. Buenos Aires: Nova Visión, 2005. p. 63.

9. Cf. BEVERNAGE, Berber. Transitional Justice and Historiography: Challenges, Dilemmas and Possibilities. *MacQuarie Law Journal*, v. 13, p. 7-24, 2014.

10. Cf. HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

11. Cf. COELHO, Ana Cláudia dos Santos. Acesso aos arquivos e direitos humanos: legislação e boas práticas internacionais. *Revista do Arquivo*, v. 2, n. 5, p. 51-61, 2017.

12. MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. Arquivos e documentos reveladores de crimes contra a humanidade. *Revista do Arquivo*, n. 2, p. 2-5, 2016.

13. QUINTANA, Antonio González. Políticas arquivísticas para a defesa dos direitos humanos. *Revista do Arquivo*, São Paulo, n. 5, p. 14, 2017.

14. Cf. SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado*. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

15. Cf. LAITANO, Bruno Grigoletti. Um acervo para a história (digital): a digitalização de documentos históricos através do projeto Brasil: Nunca Mais Digit@l. In: NICODEMO, Thiago; ROTA, Alesson; MARINO, Ian. *Caminhos da história digital no Brasil*. Vitória: Milfontes, 2022.

16. Cf. GAJANIGO, Paulo; SOUZA, Rogério de. A pandemia e o ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos. *Revista Sociedade e Estado*, v. 36, n. 1, p. 37-60, 2021.

17. Cf. CORONARQUIVO. *Dashboard, Centro de Humanidades Digitais Unicamp*. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZjMzNmUzMDItODUzNiooYTtk5LTjhjODktZGE4ZDYyYWNiNzM3liwidCI6ImIoNzQxYTgyLTZiNmUtNDNhNSthZDZlLTewNDQMTFhYWVknj9>. Acesso em: 15 dez. 2021.

18. MARINO, I.; SILVEIRA, P.; NICODEMO, T. Digital resources: digital informal archives in contemporary Brazil. *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*, 31 Mar. 2022. Disponível em: <https://oxfordre.com/latinamericanhistory/view/10.1093/acrefore/9780199366439.001.0001/acrefore-9780199366439-e-993>. Acesso em: 12 maio 2022.

19. Cf. MARINO, Ian K.; SILVEIRA, Pedro T. da Silveira; NICODEMO, Thiago L. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir da Covid-19. *Cadernos do Tempo Presente*. v. II, n. 1, p. 90-103, 2020.

20. Cf. CONRAD, Sebastian. Historia Global - Agendas y Perspectivas. In: RIOJAS, Carlos; Rinke, Stefan (org.). *Historia Global: Perspectivas y Tensiones*. Stuttgart: Verlag Hans-Dieter Heinz, 2017.

21. Cf. MARINO, Ian. Solucionismo digital? Convite a uma reflexão autocrítica. "Digital solucionismo? Invitation to self-critical reflection. In: MARINO, Ian; Nicodemo, Thiago; ROTA, Alesson. *Humanidades Digitais no Brasil: reflexões e experimentos*. Vitória: Milfontes, 2022.

22 Cf. ROSENZWEIG, Roy. *Clio Wired: the future of the past in the digital age*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2011.

23 MOSS, Michael. Opening Pandora's Box: What is an archive in the digital environment? In: CRAVEN, Loise. *What are Archives?* Burlington: Ashgate, 2008, p. 71-89.

24 Bem como para toda a circunstância pandêmica, já que registros das mais imediatas notícias se encontram em tweets, relatos cotidianos de quem pôde cumprir isolamento em casa encontram-se em postagens de redes sociais, o histórico de corridas de entregadores de aplicativo precarizados, que somente aumentou durante a pandemia, se encontra nos próprios servidores das empresas em questão. Nada garante a preservação permanente desses vestígios, sobretudo se considerarmos que as próprias instâncias de armazenamento vêm agindo para apagar alguns deles, mesmo que sob justificativa do combate a fake news.

25 MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. Arquivos e documentos reveladores de crimes contra a humanidade... *Op. cit.*, p. 3.

26 NAZAR, Mariana. Arquivos e Direitos Humanos: entre a História, a Memória e a Justiça. *Revista do Arquivo*, n. 5, p. 33, 2017.

27 MARINO, Ian; NICODEMO, Thiago. Archivo digital en América Latina a escala global. Digital archive in Latin America on a global scale. In: RIOJAS, Carlos; RINKE, Stefan (org.). *América Latina y La Historia Global: Repensar el Mundo*. Buenos Aires: Clacso, 2022.

28 Cf. MARINO, Ian; SILVEIRA, Pedro; NICODEMO, Thiago. *Digital Resources: Digital Informal Archives in Contemporary Brazil*. *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*, 2022.

29 GÖBEL, Barbara; MÜLLER, Christoph. Archivos en movimiento: ¿Qué significa la transformación digital para la internacionalización de los archivos?. In: GÖBEL, Barbara; CHICOTE, Gloria. *Transiciones inciertas: archivos, conocimientos y transformación digital en América Latina*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2017.

30 MEMORY OF THE WORLD. *Unesco*. Disponível em: <https://en.unesco.org/programme/mow>. Acesso em: 17 jun. 2021.

31 DOCUMENTARY AND DIGITAL HERITAGE: resources to face COVID-19. *Unesco*. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/documentary-and-digital-heritage-resources-face-covid-19>. Acesso em: 17 jun. 2021. Conferir também: TURNING the threat of COVID-19 into an opportunity for greater support to documentary heritage. *Unesco*. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/turning-threat-covid-19-opportunity-greater-support-documentary-heritage>. Access: 17 jun. 2021. Ver também: DECLARACIÓN del *Unesco*: Convirtiendo la amenaza del COVID-19 en una oportunidad para un mayor apoyo al patrimonio documental. International Council on Archives. Disponível em: <https://www.ica.org/es/declaracion-del-unesco-convirtiendo-la-amenaza-del-covid-19-en-una-oportunidad-para-un-mayor-apoyo>. Acesso em: 17 jun. 2021. Tradução nossa.

32 QUINTANA, Antonio González. Políticas arquivísticas para a defesa dos direitos humanos... *Op. cit.*, p. 16.

33 HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente... Op. cit.*

34 GAJANIGO, Paulo; SOUZA, Rogério de. A pandemia e o ordinário... *Op. cit.*

35 SIARQ-RS conquista normativas voltadas à preservação de documentos públicos na pandemia. *Arquivo Público*, 2020. Disponível em: <https://www.apers.rs.gov.br/siarq-rs-conquista-normativas-voltadas-a-preservacao-de-documentos-publicos-na-pandemia>. Acesso em: 17 jun. 2021.

36 PROJETO São Paulo Sem Papel. *Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://www.spsempapel.sp.gov.br/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

37 Cf. MORTALITY Analyses. *John Hopkins University*. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality>. Acesso em: 8 jun. 2021.

Arquivos da pandemia:

memórias da comunidade Fiocruz. Possibilidades e desafios de um acervo colaborativo*

*Luciana Heymann¹
Bernardo Bortolotti²*

A pandemia de COVID-19 é um evento de proporções globais cujos efeitos se fazem sentir tanto no plano macroeconômico e geopolítico como nas vivências cotidianas e subjetivas. Tornou-se um “fato social total” de características mundiais, pois movimentou sociedades e todas as suas instituições em escala planetária.³ Essa dimensão global não deve obscurecer, no entanto, as formas particulares que a pandemia assumiu em cada país ou região, dependendo das condições socioeconômicas das populações atingidas pelo vírus e da efetividade do combate travado para neutralizá-lo por parte dos Estados nacionais e governos locais.

No Brasil, alcançamos a trágica marca das 400 mil vítimas fatais no final de abril de 2021, pouco mais de um ano após o anúncio da primeira morte causada pelo novo coronavírus. Nesse momento, é desolador constatar a gestão desastrosa da crise sanitária por parte do governo federal e o papel desempenhado pelo próprio presidente da República, cujo negacionismo se manifestou na divulgação de informações falsas, na disseminação de posturas condenadas pelas autoridades sanitárias e na obstrução de medidas fundamentais para o controle da epidemia, como a compra de vacinas. A instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado Federal, no dia 27 de abril, para apurar omissões do governo federal e irregularidades no uso dos recursos da União pelos estados, Distrito Federal e municípios é forte indicativo das suspeitas em torno da atuação governamental.

O cenário conturbado e triste não impediu, no entanto, a emergência de iniciativas potentes. Contextos de crise são, ademais, pródigos em realizações. De um lado, crises exigem saídas, e a velocidade com que a ciência respondeu à COVID-19 com pesquisas que mapearam o vírus e permitiram a produção de vacinas confirma largamente a afirmação. De outro, crises implicam mudanças no curso ordinário da vida – hábitos, ritmos e prioridades se alteram, tanto no plano individual como no coletivo, dando origem a novas configurações e inovações, bem como a ações de solidariedade e ajuda mútua.

Instituições que atuam no campo da saúde foram especialmente desafiadas a dar respostas à crise e, para tanto, agendas de trabalho foram revistas e adaptadas ao contexto. No cenário brasileiro algumas instituições se destacam, entre elas a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), criada em 1900 como Instituto Soroterápico Federal, na antiga Fazenda de Manguinhos, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Fundada com a missão de produzir soros e vacinas contra a peste bubônica, a Fiocruz tem sido peça chave no enfrentamento de problemas sanitários e no desenvolvimento da saúde pública no país ao longo de seus 120 anos. Presente em dez estados da federação por meio de suas 16 unidades técnico-científicas e seus quatro escritórios regionais, a Fiocruz conta ainda com uma gerência regional em Brasília e um escritório em Maputo, Moçambique.

Não é possível detalhar o escopo das ações desenvolvidas pela instituição desde o surgimento do novo coronavírus – do monitoramento epidemiológico, disseminação de informações qualificadas e produção de vacinas a pesquisas sobre os efeitos sociais, econômicos e culturais da pandemia.⁴ É considerando a diversidade e intensidade do envolvimento institucional que se pode melhor compreender a natureza do projeto “Arquivos da pandemia: memórias da comunidade Fiocruz”, idealizado por pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, unidade da Fiocruz dedicada à história, à memória e ao patrimônio das ciências e da saúde.⁵

A mobilização institucional e a diversidade de situações nas quais se encontraram seus trabalhadores e trabalhadoras a partir de março de 2020 – alguns na linha de frente da pesquisa e da produção, outros em sistema de rodízio em atividades que exigem acompanhamento presencial e uma grande

parte em regime de teletrabalho – fizeram surgir a ideia de um projeto que coletasse registros para a constituição de um arquivo capaz de reunir e preservar depoimentos e arquivos digitais que emanassem do desejo de documentar a vida na pandemia.

A “comunidade Fiocruz” não abarca, porém, apenas trabalhadores e trabalhadoras que atuam em suas várias unidades, sejam servidores(as), terceirizados(as) ou bolsistas. A Fiocruz é uma instituição de ensino que possui mais de trinta cursos de pós-graduação *stricto sensu*, diversos cursos de pós-graduação *lato sensu* e cursos de educação profissional. A vida de todos esses alunos e alunas foi igualmente atingida pela pandemia. A adoção do ensino em formato remoto em todas as unidades da Fiocruz foi decisiva para a continuidade da formação acadêmica de alunos e alunas, mas frustrou expectativas ligadas à frequência ao campus e ao convívio interpessoal, impondo rotinas de aulas e reuniões de orientação mediadas por tecnologia. O projeto também foi pensado como um espaço de coleta das vivências desse grupo.

Por fim, o projeto tem a pretensão de captar registros de pessoas que vivem nos territórios vizinhos ao campus de Manguinhos – bem como em territórios vizinhos a outras unidades da instituição – nos quais a Fiocruz está presente por meio de projetos e ações de cooperação social. Pareceu-nos tão pertinente como desafiador buscar alcançar esses territórios, premidos de forma muito mais aguda pela crise produzida pela pandemia, tanto do ponto de vista da assistência à saúde como da própria sobrevivência.

Concepção e implantação do projeto

A ideia do projeto foi apresentada à direção da Casa de Oswaldo Cruz em abril de 2020 e recebeu apoio para seu desenvolvimento. A partir daí, trabalhamos durante dois meses na concepção de uma plataforma para a coleta de registros –textuais, iconográficos, sonoros ou audiovisuais – acerca das vivências dos membros da comunidade Fiocruz no contexto da pandemia. A ideia de constituir um acervo colaborativo teve uma dupla inspiração. Por um lado, iniciativas que já somam duas décadas, de arquivamento de testemunhos e registros ligados a eventos traumáticos, coletados no calor dos

acontecimentos por meio de plataformas digitais. Os exemplos clássicos são o *The September 11 Digital Archive*, voltado para as memórias dos ataques do 11 de Setembro de 2001 (<https://911digitalarchive.org/>), e o *Hurricane Digital Memory Bank* (<http://hurricanearchive.org/>), dedicado à passagem dos furacões Katrina e Rita pelo sul dos Estados Unidos em agosto de 2005. Ambos foram desenvolvidos pelo Roy Rosenzweig Center for History and New Media, ligado à George Mason University, com parceiros distintos em cada um dos projetos. O objetivo de tais iniciativas é registrar e preservar a memória de tais eventos por meio da coleta, em ambiente digital, de testemunhos, textos, páginas de internet, perfis em redes sociais, imagens, vídeos e toda sorte de registros. Os projetos também são entendidos como oportunidade de desenvolver ferramentas de livre acesso que ajudem os historiadores a fazerem seu trabalho de forma mais satisfatória no século XXI.⁶

De outro lado, o cenário arquivístico tem visto surgir experiências de constituição de arquivos comunitários, forjados a partir do desejo de documentar histórias de grupos particulares, em geral pouco representados nas narrativas históricas ou representados a partir de perspectivas exógenas. Tais iniciativas trouxeram para o debate o tema da democratização das ações de arquivamento e de suas conexões com processos de afirmação identitária.⁷ Além disso, o tema do ativismo arquivístico, entendido como a ação deliberada de coleta, arquivamento e preservação de registros visando documentar situações de crise ou reparar injustiças históricas, confrontou os arquivistas com paradigmas clássicos da disciplina, ligados aos princípios de naturalidade da produção documental e de neutralidade do profissional de arquivo.⁸

O impacto dessa nova abordagem já se faz sentir em instituições arquivísticas tradicionais. Várias tornaram-se mais sensíveis a práticas participativas, passando a atuar em conjunto com determinadas comunidades no processo de constituição de seus acervos, produzindo coleções “com elas e para elas”.⁹ Nesse sentido, e com algum atraso em relação ao campo da museologia, iniciativas de constituição de arquivos foram entendidas como estratégias para a conformação de memórias mais plurais e democráticas.

Em todas essas iniciativas, o desenvolvimento de ferramentas digitais e de

plataformas online é decisivo, bem como uma infraestrutura capaz de preservar com segurança informações e arquivos compartilhados. Optamos pela utilização do LimeSurvey, um software livre, de código aberto, para a aplicação de questionários online. Por ser um software adaptável, que permite diferentes tipos de questões (objetivas, campos livres, botões para o upload dos arquivos etc.), entendemos que a ferramenta atendia aos requisitos do projeto. Além disso, ela não obriga o participante a estar logado a partir de uma conta de e-mail, o que nos pareceu interessante diante do público diversificado que pretendemos atingir. Outro importante recurso do LimeSurvey é a possibilidade de exportar as respostas em tabelas de diferentes formatos (.csv, .xls, .docx, .pdf), facultando a produção de relatórios e estatísticas. Após a consolidação do instrumento de coleta pela equipe do projeto e da criação de uma interface no LimeSurvey, o formulário foi hospedado no servidor da Fiocruz e o link de acesso começou a ser compartilhado.

Antes de detalhar a ferramenta, vale registrar que o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fiocruz. Essa etapa implicou a inserção de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com o qual o participante deve concordar para iniciar o preenchimento do formulário, e adiou o lançamento do projeto, que ocorreu no dia 3 de agosto de 2020.¹⁰ Nessa ocasião, já estavam no ar projetos de inspiração semelhante: Testemunhos do Isolamento, do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, #MemóriasCovid19, ligado à Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa da Unicamp, e História oral na pandemia, voltado para narrativas autobiográficas de idosos, do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (Labhoi/UFF), para citar alguns exemplos nacionais.¹¹

Após concordar com o TCLE, o participante do projeto acessa uma página na qual deve preencher dados de identificação: nome (cuja divulgação é opcional), e-mail, sexo, idade e vínculo com a Fiocruz. A seguir, e de modo a abordar diferentes vivências durante a pandemia, o formulário contempla três temas (apresentados em três páginas): trabalho; vida doméstica; sociabilidade/emoções. Em cada uma há uma ou duas questões fechadas e um espaço para que o participante contribua com o envio de arquivos digitais

e/ou com o compartilhamento de relatos sobre suas experiências. Todas as questões são de preenchimento opcional. O projeto também procura respeitar decisões relacionadas ao uso das informações para fins acadêmicos e culturais, apresentando duas opções aos participantes na quinta e última página do formulário: uma permite o uso dos dados a partir de seu compartilhamento e outra indica o desejo de uma consulta prévia à utilização de relatos e arquivos.

Um desafio crucial foi, e continua sendo, a adesão do público-alvo do projeto, no caso, trabalhadores(as), alunos(as) e vizinhos(as) da Fiocruz. Devido a essa especificidade, ou seja, ao fato de ser um projeto com um recorte comunitário, temos priorizado canais institucionais de divulgação. O compartilhamento do link tem sido feito a partir do perfil da Casa de Oswaldo Cruz no Instagram e por meio de grupos de Facebook (FB) ligados às diferentes unidades da Fiocruz. Também buscamos divulgar o link em grupos de FB dos territórios vizinhos, sobretudo as comunidades da Maré e de Manguinhos. Ainda que o projeto conte com respondentes de diferentes unidades e até de outras cidades e estados, até o momento a participação está bastante concentrada em unidades do Rio de Janeiro e, sobretudo, na COC. Outro ponto que chama atenção são os milhares de acesso à página inicial do projeto, na qual está explicitado o público-alvo (“Você que é servidor(a), terceirizado(a), bolsista, aluno(a) ou vizinho(a) da Fiocruz pode fazer parte do arquivo da nossa instituição”). Supomos que a divulgação atinja um público bem mais amplo, que acessa o link e então percebe a natureza do projeto.

Um website do projeto Arquivos da Pandemia está em processo de desenvolvimento para a visualização dos documentos compartilhados, respeitando-se as autorizações emitidas pelos respondentes. A ferramenta utilizada para a criação do website é o Omeka S, uma plataforma livre e de código aberto, destinada à exibição de coleções digitais. É importante frisar que a interface de divulgação não substitui nem concorre com os procedimentos arquivísticos adotados para a preservação e gestão do acervo coletado. O projeto nasceu no Departamento de Arquivo e Documentação da COC, instância responsável pela preservação, organização e disponibilização de arquivos institucionais da própria Fiocruz e de arquivos pessoais de cientistas, sanitaristas, médicos e técnicos que participaram da formulação e execução de políticas públicas nas áreas das ciências biomédicas e da saúde

pública. A documentação coletada será integrada ao fundo COC (que reúne a documentação produzida e acumulada por essa unidade técnico-científica) e será tratada como uma coleção, categoria que melhor define um conjunto de documentos de múltiplas proveniências articulado a partir de um tema comum.¹²

Em princípio, a fase de coleta foi programada para estender-se por todo o ano de 2021. Nessa etapa, definimos estratégias de curadoria digital para as informações e documentos coletados: as respostas aos formulários preenchidos e armazenados no LimeSurvey, arquivos de imagem e vídeo, textos inseridos nos campos livres e links de diferentes websites e plataformas. Entendemos que a curadoria digital possui “a missão de garantir a sustentabilidade dos dados a longo prazo e envolve a manutenção, preservação e agregação de valor aos dados em toda sua vida útil”.¹³ As ações de curadoria digital, portanto, devem considerar aspectos tais como autenticidade, confiabilidade, integridade e manutenção dos metadados desses arquivos.

Seguindo diretrizes do *Programa de Preservação Digital de Acervos da Fiocruz*, a equipe opta, sempre que possível, por formatos abertos ou amplamente aceitos para salvar os arquivos, tais como pdf (texto), jpeg (imagens), mp4 (vídeo).¹⁴ Por se tratar de um acervo colaborativo, há sempre a possibilidade de o projeto receber formatos proprietários ou não-convencionais. Nesses casos, o arquivo original é salvo e uma cópia em formato aberto é produzida, exemplo das cópias em formato pdf produzidas a partir de arquivos docx.

Os documentos são extraídos da plataforma LimeSurvey e salvos em pastas identificadas com o código gerado automaticamente pela ferramenta para cada respondente, ao qual se acrescentam os respectivos nome e sobrenome. Dentro das pastas, além dos arquivos digitais compartilhados, são salvos uma cópia do formulário preenchido, em formato pdf, e os arquivos dos metadados.¹⁵ Em alguns casos, há compartilhamento de links de mídias sociais como Instagram e Facebook. Para garantir o acesso ao conteúdo compartilhado, uma captura de tela é produzida a partir do link, gerando um arquivo jpeg armazenado na pasta respectiva. Por fim, uma *hash* em formato md5 é criada para garantir a verificação da integridade do conteúdo de cada arquivo.¹⁶

Após as etapas de extração dos dados do LimeSurvey, identificação, organização, produção de metadados e criação de *hashes*, os arquivos digitais são finalmente enviados para um serviço de armazenamento em nuvem de que a Fiocruz dispõe. De modo a garantir o backup desses arquivos, além do armazenamento na nuvem, uma cópia de segurança de todos os formulários e arquivos é produzida mensalmente e salva em um HD independente como medida de prevenção para a preservação digital do acervo.

Conforme pode ser observado, as distintas proveniências são preservadas e serão consignadas no futuro arranjo da coleção dentro do fundo COC: textos, documentos compartilhados e os próprios formulários permanecerão associados a cada participante do projeto. Não estão previstos procedimentos de seleção das contribuições enviadas. Após a etapa de coleta, tudo será preservado e acessado por meio da Base Arch, repositório de informações relativas ao arquivo permanente da Fiocruz.¹⁷

Resultados do projeto

Números, textos, imagens

Nos seus primeiros oito meses, o projeto recebeu 80 formulários e 174 arquivos digitais com textos, fotos, desenhos ou vídeos. Além disso, 47 links de redes sociais e websites foram compartilhados.¹⁸

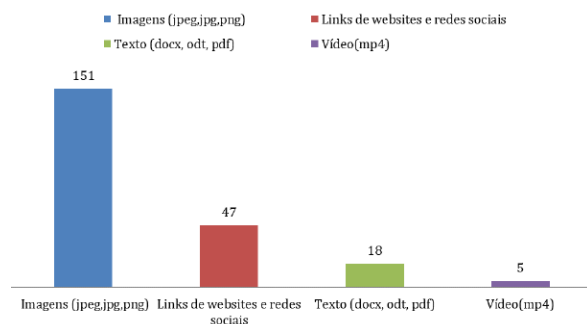


Gráfico 1: Envio de arquivos e links (221 contribuições).

Com relação ao perfil dos participantes, 59 se declararam do sexo feminino (74%), 20 se declararam do sexo masculino (25%) e um não quis responder (1%). A presença feminina é, portanto, amplamente majoritária até o momento.

Quanto à relação com a Fiocruz, verificamos a presença significativa de servidores(as), que totalizam 44 participantes (55%). Nas demais categorias,

temos 12 bolsistas (15%), 11 terceirizados(as) (14%), 10 alunos(as) (12%) e 3 moradores(as) dos territórios vizinhos da Fiocruz (4%).

No que diz respeito à unidade de pertencimento dos participantes, notamos a presença marcante da COC, seguida da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP) e do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), todas localizadas no campus de Manguinhos. Ainda que o projeto tenha recebido colaborações do Escritório Fiocruz Ceará (2), do Programa especial Fiocruz Petrópolis (2), do Instituto René Rachou/Fiocruz Minas (1) e do Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz Pernambuco (1), ainda estamos distantes de uma representação da comunidade Fiocruz.

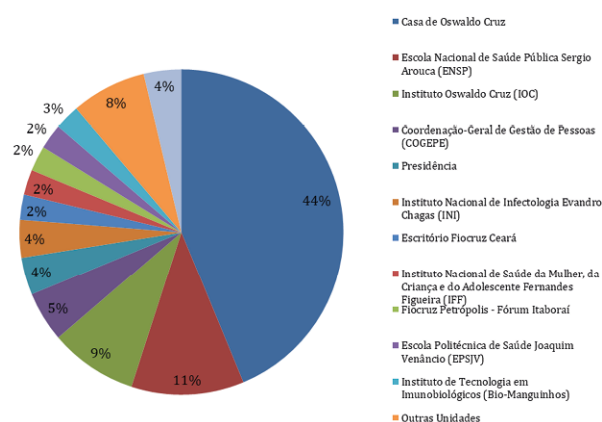


Gráfico 2: Unidades de origem dos respondentes.

Informações coletadas por meio de perguntas fechadas que integram as três seções do formulário – trabalho, vida doméstica e sociabilidade/emoções – estão consolidadas nos próximos gráficos. Por uma questão de economia de espaço, optamos por não apresentar as respostas às seis perguntas que compõem a parte quantitativa do formulário. O primeiro gráfico indica as modalidades de trabalho dos respondentes.

Nos campos livres do formulário muitos relatos referem-se a experiências de trabalho e estudo remotos. Consideramos que a existência de uma seção dedicada a esse tema e o fato de as pessoas se verem como trabalhadores(as) ou alunos(as) em relação à “comunidade Fiocruz” induz à produção de depoimentos sobre essa dimensão. A intensa utilização de recursos tecnológicos como softwares para reuniões virtuais e aulas, entre outras ferramentas que viabilizaram a continuidade das atividades, é tematizada em depoimentos escritos e arquivos compartilhados. Muitas imagens reproduzem

mesas de trabalho e estudo com computadores, ou correspondem a capturas de telas de reuniões, bancas de mestrado ou doutorado e aulas virtuais.

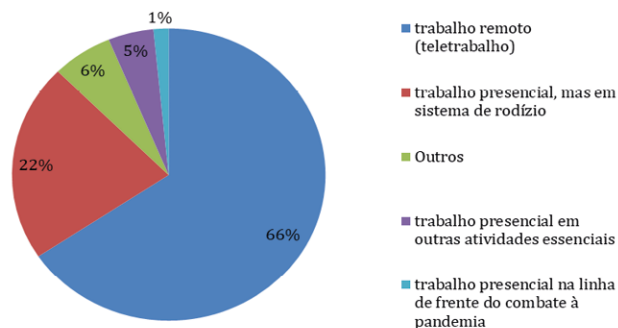


Gráfico 3: Modalidade de trabalho (64 respondentes).

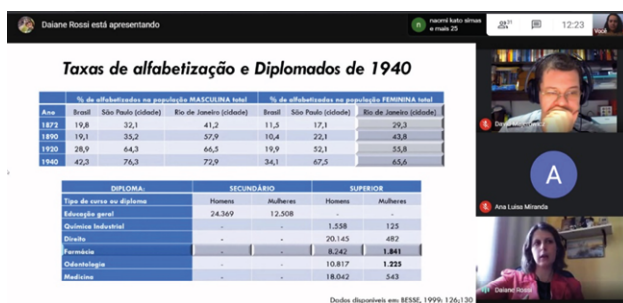


Figura 1: “O convite para uma palestra na UFRJ chegou em fevereiro de 2020. Foi um sonho esse convite, porque era para ser conferencista em um Programa de Pós-Graduação. Como sou recém-doutora, é um tipo de palestra que não aparece todos os dias, principalmente numa universidade como a UFRJ. Com a pandemia, ela teve que ser online. Ocorreu no dia 04/06/2020, conforme a agenda acordada em fevereiro”.¹⁹

Foi muito difícil [o teletrabalho] por vários motivos: tenho déficit de atenção, então, trabalhar em casa com mais 3 pessoas confinadas, conversando, vendo tv etc., me tirava a atenção, então, só conseguia trabalhar de madrugada.²⁰

Tivemos que aprender muita coisa nova em relação às tecnologias de informação, nos adaptarmos aos novos tempos, com novas estratégias de trabalho. Principalmente com relação ao ensino e às reuniões. Temos agora um contato maior com a família, pois passamos mais tempo em casa. Minha casa virou um escritório empresarial.²¹

Uma servidora relatou que a sua pesquisa de doutorado acabou sendo alterada por conta do surgimento do novo coronavírus, e compartilhou uma imagem. Foi o único relato nesse sentido até o momento.

Estava começando o doutorado em Virologia e ia fazê-lo com Poliomavírus, mas, com a pandemia, o projeto foi alterado, novas parcerias consolidadas e de um dia para o outro começamos a trabalhar com o SARS-COV-2. Foi assustador!²²

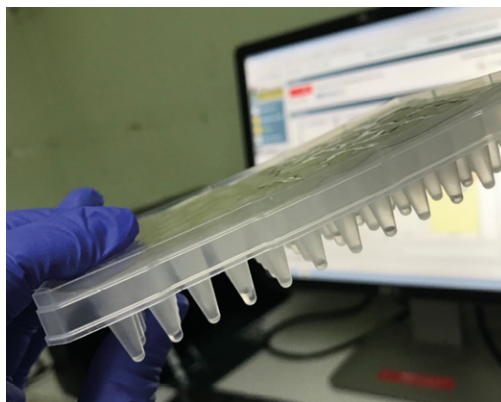


Figura 2: “Minha primeira placa de Covid-19...Nunca esquecerei!”

Os próximos gráficos se referem, respectivamente, à realização de tarefas domésticas e ao sentimento em relação à COVID-19. Com relação ao primeiro, não parece casual que, num universo majoritariamente feminino, 31 das 46 respostas apontem para o aumento das tarefas no período da pandemia.²³

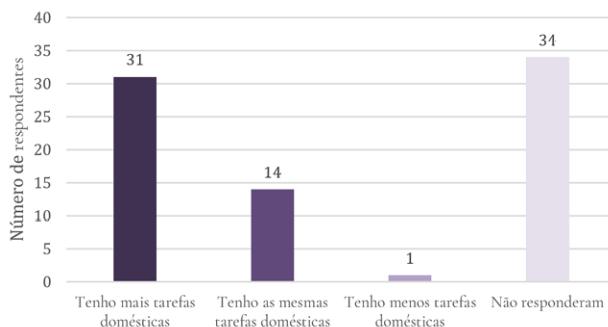


Gráfico 4: Rotina doméstica.

Várias experiências compartilhadas mostram a necessidade de reorganização e divisão de tarefas entre os familiares, além de novas atribuições. O relato abaixo veio acompanhado de uma foto:

maiores mudanças: ter que cozinhar cotidianamente. Arrumar e limpar a casa também. Nos organizamos e todos entraram na tarefa: eu, marido, filha e namorado da filha que agora está conosco. Desafio: aulas online com meu filho Vicente; fazer mediação escolar, aprendendo ou talvez não, de fato. Sendo mãe.²⁴



Figura 3: “Aspectos do cotidiano na quarentena: estudando com meu filho Vicente à noite”.

Tarefas domésticas aumentaram como, por exemplo, cozinhar com mais frequência. Houve aumento no consumo de comidas gordurosas e bebidas alcoólicas e, sem fazer qualquer atividade física, gerou aumento de peso. Sensação de sono e desânimo boa parte do dia.²⁵

Apenas cinco pessoas deixaram de responder sobre o sentimento com relação à COVID-19. A grande maioria declarou sentir medo, tema que também aparece nos depoimentos escritos, entre outros sentimentos.

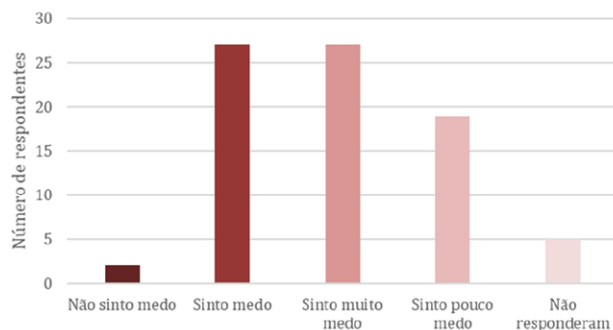


Gráfico 6: Sentimentos em relação à covid-19.

Estou com muito medo de voltar a trabalhar presencialmente, tenho muito medo de conviver com meu marido, que já está trabalhando normalmente e tenho muito medo das aulas presenciais voltarem antes de se ter a vacina disponível contra a Covid. O sentimento do momento, que me assola é: medo!²⁶

Não foi raro, ao longo desse ano, ter a sensação de que não experimentei o processo de mestrado em sua potencialidade. [...] Se de um lado essa etapa formativa foi completamente inédita, ela ganhou novos sentidos. Muitas vezes, as tarefas das disciplinas e da pesquisa foram o ponto de fuga do dia a dia marcado por incertezas, perdas, tristezas.²⁷

Os dias neste período de quarentena parecem ser todos iguais. Todavia, não são. Quem diz que está tudo bem não anda entendendo os dias atuais. Não estamos bem e “tudo bem”. Mas tem uns dias que superam [...] O homeoffice me frustra, eu sinto falta de pessoas importantes e preciso ser 10 pessoas e sou apenas uma.²⁸

Alguns relatos abordam hábitos que ajudaram a mitigar efeitos da quarentena e do isolamento social:

comecei a meditar, tomei coragem para adotar um pet e também passei a cuidar de plantas. Estas têm sido ótimas experiências: ajudam a aliviar o isolamento e a saudade dos abraços, das aglomerações, dos apertos de mão e da vida livre.²⁹

Minha rotina em casa mudou muito. Desde o início do isolamento, venho sofrendo de ansiedade, insônia e perda de apetite. Sempre tive uma rotina ativa e desacelerar não me fez bem. Busco todos os dias ouvir música que é uma fonte de prazer para mim.³⁰

Em fevereiro de 2021 aparece o primeiro relato mencionando a aplicação das vacinas: “a vacina vem sendo aplicada, mas eu e meu filho estamos longe de sermos vacinados, então a melhor forma de proteção é o isolamento social com o máximo de rigor possível”.³¹

As contribuições extrapolam, porém, temas sugeridos pelo formulário de coleta, indicando usos particulares do espaço oferecido pela plataforma. É o caso da homenagem prestada por uma bolsista com o compartilhamento de uma foto.



Figura 4: Essa foto foi tirada no dia da minha formatura em outubro de 2019. Ao meu lado está a minha cunhada Denise Rocha. Dona de um coração gigante, amada por toda a família, mulher negra, 1ª da família a ingressar na universidade pública, formada como Assistente Social pela UFRJ. Excelente profissional, tornou-se diretora do CRAS Nelson Mandela, engajada na luta para auxiliar os moradores da Maré, durante a pandemia. Teve sua vida interrompida tornando-se uma das vítimas da covid-19. Quero prestar aqui a minha homenagem a essa mulher incrível.³²

Próximos passos

O projeto recebeu valiosas colaborações dos oitenta respondentes, mas avaliamos que esse número poderia ser muito maior e nos questionamos sobre os motivos para uma adesão reduzida e muito concentrada em poucas unidades da Fiocruz. Identificamos, basicamente, três respostas para esse questionamento: um excesso de pesquisas em torno da pandemia (a própria

Fiocruz é muito ativa na coleta de dados para pesquisas em torno da COVID-19, o que pode causar certa “saturação”); deficiência no processo de divulgação do projeto (a concentração de respostas na COC indica uma divulgação assimétrica), e o tamanho do formulário.

Quando discutimos o modelo de formulário, há quase um ano, imaginamos coletar informações contextuais que nos auxiliassem a traçar o perfil do respondente. Com o tempo, porém, avaliamos que essas questões, ainda que forneçam dados interessantes, oneram o respondente em termos de tempo para percorrer o formulário. Reforça essa hipótese o fato de um número significativo de pessoas “salvar” o formulário para finalizá-lo mais tarde e acabar não retornando. Além disso, as questões fechadas podem desviar a atenção do foco privilegiado do projeto, que é o acervo colaborativo. Essas reflexões nos levaram a rever o formulário, cuja nova versão foi disponibilizada em junho de 2021 com apenas três seções: identificação (semelhante ao original); compartilhamento de experiências (espaço para *upload* de arquivos e campo livre), e finalização (autorização para uso).

Também estamos revendo a estratégia de comunicação do projeto junto à assessoria de comunicação da COC visando a ampliar o número de respondentes. Na nova campanha, buscaremos chegar a unidades pouco representadas até o momento e aos territórios vizinhos à Fiocruz. Por um lado, buscaremos atingir trabalhadores(as) que atuam na linha de frente seja da produção de vacinas (atividade concentrada na unidade de Biomanguinhos) seja da assistência (Instituto Nacional de Imunologia/INI e Instituto Fernandes Figueira/IFF). Por outro, investiremos em transpor os muros da instituição e captar realidades distantes daquela que caracteriza profissionais e alunos da Fiocruz, ainda que dentro desse universo seja possível observar diferenças significativas.

Consideramos também que o lançamento de um novo formulário pode estimular o retorno de respondentes à plataforma, enriquecendo o acervo com registros atualizados das vivências na pandemia. É bastante claro que as contribuições permitem demarcar “tempos” distintos dentro do tempo excepcional que a COVID-19 instaurou. Nas palavras de Hartog, “o vírus impôs-se como imperioso mestre do tempo e a curta história da epidemia

poderia ser representada como uma sucessão de batalhas para recuperar o controle”.³³ Se as primeiras colaborações enfatizam os impactos do teletrabalho nos arranjos domésticos, ultimamente são os novos hábitos, a vacina e as variantes do novo coronavírus que despontam como temas privilegiados.

Além disso, o lançamento de uma interface para visualização do acervo, em BREVE, terá certamente o efeito de estimular novas contribuições. Consideramos que a possibilidade de navegar pelo acervo vai alterar a relação dos participantes e de todos os interessados com o projeto.

Considerações finais

Uma infinidade de projetos, no Brasil e no mundo, tem buscado coletar registros de experiências da crise gerada pelo novo coronavírus na forma de testemunhos e documentos compartilhados por meio de plataformas digitais. Os acervos constituídos a partir dos projetos servirão à pesquisa histórica, mas também serão importantes instrumentos para a transmissão dessa experiência paradigmática entre gerações, podendo constituir matéria-prima para iniciativas de natureza comunitária, cultural ou educativa.

Não é difícil enquadrar essas ações de registro na vaga memorial que caracteriza a nossa era desde as últimas décadas do séc. XX e da qual a multiplicação de arquivos, a proliferação de projetos de museus e de demandas por patrimonialização constituem efeitos bem analisados pela literatura acadêmica.³⁴ Dentro desse contexto, mereceram especial atenção as memórias de eventos traumáticos, com destaque para o Holocausto. A noção de que há um “dever” de lembrar e prestar homenagem às vítimas desses eventos está na origem de inúmeras ações de natureza memorial, da definição de datas comemorativas à constituição de acervos e espaços para abrigá-los e exibí-los.³⁵ O desenvolvimento de Tecnologias da Informação (TI) somado aos avanços da internet abriram novas e diversificadas possibilidades tanto de coleta como de exibição desses acervos no século XXI. Todos os projetos voltados para a memória da pandemia de COVID-19 são tributários desse desenvolvimento, ao mesmo tempo que têm seus resultados balizados pelas opções tecnológicas e procedimentos metodológicos adotados.

Ainda que possamos imaginar a constituição de acervos descentralizados e diversificados acerca das vivências na pandemia de 2020, alguns desafios merecem ser elencados para nossa reflexão. O primeiro remete à questão da representatividade e está na origem de questionamentos e disputas que proliferam hoje no campo dos arquivos e museus, para não falar da própria produção historiográfica: os documentos preservados e os testemunhos registrados são efetivamente representativos da diversidade de experiências associadas a um evento como a pandemia de COVID-19? Nossos projetos são capazes de abarcar os diferentes estratos sociais e as distintas gerações?³⁶ Qual a extensão de sua penetração e que limites impõem à ampla participação (em termos de linguagem, acesso a ferramentas digitais etc.)?³⁷

Essa questão remete aos vieses que poderão marcar análises sobre a pandemia que lancem mão dos acervos colaborativos. Trabalhos de natureza histórica que respeitem os procedimentos consagrados pela disciplina, certamente, vão se basear em documentos de naturezas diversas e farão a crítica das fontes compulsadas. Para isso, porém, é importante que os projetos explicitem seu perfil e alcance e documentem sua própria história, o que inclui uma avaliação sobre especificidades e limites. Uma meta-história dos projetos, portanto, deve integrar as bases de consulta dos acervos coletados.

Por fim, nunca é demais lembrar que acervos digitais exigem ações de preservação que incluem tanto a atualização das bases de dados como uma rotina de backups e verificações da integridade dos documentos, além da manutenção dos metadados documentais que qualificam o acervo para usos acadêmicos e culturais. São ações de preservação de longo prazo, que dependem de investimento constante em infraestrutura tecnológica e recursos humanos.

Caputar memórias pessoais em um contexto conturbado e sensível como o que estamos vivendo significa assumir um compromisso de preservar, divulgar e valorizar essas memórias, sempre em diálogo com os participantes dos projetos. No caso do Arquivos da pandemia, esperamos que o acervo fortaleça a identidade da comunidade Fiocruz, por meio da preservação de registros e imagens pouco visíveis em outras iniciativas institucionais. Por fim, acreditamos que o projeto atualiza uma das missões da COC –preservar a

memória institucional da Fiocruz – e dá mostras de como as diversas unidades, dentro de suas expertises, estão mobilizadas no enfrentamento dos múltiplos desafios colocados pela pandemia.

¹*Agradecemos a leitura e sugestões das pesquisadoras Aline Lacerda e Simone Kropf.

Pesquisadora do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), professora do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (PPGPAT/Fiocruz) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (Unirio). Coordenadora do projeto “Arquivos da pandemia: memórias da comunidade Fiocruz”.

² Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio), mestrando em Preservation and Presentation of the Moving Image (University of Amsterdam) e bolsista PIDII da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz).

³ Cf. HARTOG, François. A Covid e o tempo: “Who is in the driver’s seat?”. *HH Magazine – Humanidades em Rede*, 2021. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/a-covid-e-o-tempo-who-is-in-the-drivers-seat/>. Acesso em: 05 maio 2021.

⁴ A atuação da Fiocruz na pandemia pode ser conhecida por meio do Observatório Covid-19. Cf. OBSERVATÓRIO Covid-19. *Fiocruz*. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>. Acesso em: 6 maio 2021.

⁵ Integram a equipe que concebeu o projeto os pesquisadores Aline Lopes de Lacerda, Cristiane D’Ávila e Luciana Heymann, do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD), e Carlos Henrique Paiva e Simone Kropf, do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde (DEPES). Ygor Barros, da equipe de TI, foi responsável pela solução tecnológica do projeto. Em fevereiro de 2021, o bolsista Bernardo Bortolloti passou a integrar a equipe.

⁶ Uma parceria estabelecida em 2003 com a *Library of Congress* garantiu a preservação de uma cópia do acervo do *The September 11 Digital Archive* nessa instituição (ver: <https://911digitalarchive.org/about>). Efeitos desse tipo de coleta foram abordados em artigo pioneiro sobre o uso de tecnologias digitais no campo da história oral. Cf. CAVALCANTI, Mariana. Sobre alguns usos emergentes da história oral nos Estados Unidos: o caso do furacão Katrina. *Estudos Históricos*, v. 22, n. 43, p. 196-217, 2009. Sobre implicações do arquivamento produzido por meio de crowdsourcing para a pesquisa histórica, cf. MARINO, Ian K.; SILVEIRA, Pedro T; NICODEMO, Thiago L. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir da Covid-19. *Cadernos do Tempo Presente*, v. 11, n. 01, p. 90-103, 2020.

⁷ Sobre arquivos comunitários, cf. FLINN, Andrew; STEVENS, Mary; SHEPHERD, Elizabeth. Whose memories, whose archives? Independent community archives, autonomy and the mainstream. *Archival Science*, n. 71, v. 9, 2009.

⁸ Sobre ativismo arquivístico, cf. YACO, Sonia; HARDY, Beatriz B. Historians, archivists, and social activism: benefits and costs. *Archival Science*, n. 13, p. 253-272, 2013.

⁹ Cf. ROESCHLEY, Ana; KIM, Jeonghyun. “Something that feels like a community”: the role of personal stories in building community-based participatory archives. *Archival Science*, n. 19, p. 27-49, 2019.

¹⁰ Nesse dia, o projeto foi anunciado na página da Casa de Oswaldo Cruz. cf. ARQUIVOS da Pandemia: Projeto da Fiocruz busca documentar experiências cotidianas em tempos de Covid-19. *Casa de Oswaldo Cruz*, 2020. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1829#.YJL9KbVKjIU>. Acesso em: 05 maio 2021.

¹¹ Vale também registrar que a própria Fiocruz já havia lançado iniciativas com o intuito de conhecer

impactos produzidos pela pandemia de COVID-19. São exemplos os projetos “Aqui Por Nós: Trajetórias Cruzadas no Enfrentamento à Covid-19”, da Coordenação Geral de Gestão de Pessoas (COGEPE), que consistiu na gravação de breves depoimentos com profissionais que estavam atuando presencialmente na Fundação durante a pandemia, e do “ConVid Pesquisa de Comportamentos”, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), em parceria com a UFMG e a Unicamp, que visava conhecer as mudanças nos estilos de vida, atividades de rotina, situação de trabalho e cuidados à saúde, e avaliar o estado de ânimo dos brasileiros no período de isolamento social.

¹² O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística define coleção como um “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente”. Cf. ARQUIVO nacional. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

¹³ Cf. LUZ, Charley. S. Curadoria digital, custódia arquivística e preservação digital: relações possíveis. *Páginas A&B*, s. 3, n. 10, p. 100, 2018.

¹⁴ Vale a pena sublinhar a atenção que vem sendo consagrada, na COC, à sistematização de políticas e programas voltados para o acervo, de que são exemplos as publicações: CASA de Oswaldo Cruz; FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. *Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2013; DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO; CASA de Oswaldo Cruz; FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. *Manual de organização de arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2015; e o recém-lançado: FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. *Programa de Preservação Digital de Acervos da Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

¹⁵ Os metadados descritivos e técnicos gerados para todos os arquivos compartilhados seguem as recomendações do seguinte documento: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ; SISTEMA de Gestão de Documentos de Arquivos (Sigda). *Padrão de metadados de documentos arquivísticos digitais da Fundação Oswaldo Cruz*: manual de aplicação para a fase produção de documentos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

¹⁶ A *hash* ou função *hash* é um algoritmo que produz uma sequência alfanumérica a partir de um conjunto de dados (um arquivo digital, por exemplo) e serve como referência para mapear possíveis falhas na integridade desses dados.

¹⁷ “O sistema utilizado na Base Arch é o AtoM –Access to Memory (Versão 2.3.1), desenvolvido pelo Conselho Internacional de Arquivos de acordo com normas nacionais e internacionais de descrição arquivística. Funcionando em ambiente web, é uma aplicação de código aberto destinada à descrição normalizada em arquivos permanentes, permitindo um acesso multilíngue numa organização com múltiplos repositórios integrados. Possui alguns recursos adicionais, relatórios administrativos, tema específico da base Arch e tradução para o português brasileiro”. Cf. INFORMAÇÕES Técnicas. *Base Arch*. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/>. Acesso em: 05 maio 2021.

¹⁸ Os dados foram coletados em 06 de maio de 2021. Vinte e três formulários permanecem parcialmente respondidos, já que a plataforma Limesurvey dispõe de um recurso de salvamento para posterior finalização.

¹⁹ Daiane, bolsista, 29 anos. Compartilhamento em: 20 ago. 2020.

²⁰ [nome não autorizado], servidora, 45 anos. Compartilhamento em: 05 jul. 2020).

²¹ Teresa, servidora, 62 anos. Compartilhamento em: 21 nov. 2020.

²² Márcia, servidora, 49 anos. Compartilhamento em: 24 ago. 2020

²³ Vale a pena lembrar que todas as questões são de preenchimento opcional. Trinta e quatro pessoas deixaram de assinalar uma opção na pergunta sobre rotina doméstica, tema que, no entanto, aparece bastante nos depoimentos escritos.

²⁴ Aline, servidora, 57 anos. Compartilhamento em: 18 ago. 2020.

²⁵ Jéssica, aluna, 29 anos. Compartilhamento em: 15 fev. 2021.

²⁶ [nome não autorizado], servidora, 45 anos. Compartilhamento em: 02 ago. 2020.

²⁷ Ygor, aluno, 23 anos. Compartilhamento em: 23 nov. 2020.

- ²⁸ Carla, servidora, 45 anos. Compartilhamento em: 05 ago. 2020.
- ²⁹ Fabiana, trabalhadora terceirizada, 39 anos. Compartilhamento em: 04 fev. 2021.
- ³⁰ Raquel, trabalhadora terceirizada, 25 anos. Compartilhamento em: 23 out. 2020.
- ³¹ Geisa, servidora, 56 anos. Compartilhamento em: 22 fev. 2021.
- ³² Thamires, bolsista, 29 anos. Compartilhamento em: 05 set. 2020.
- ³³ Cf. HARTOG, François. A Covid e o tempo... *op. cit.*
- ³⁴ Para alguns exemplos, cf. HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000; ROBIN, Régine. *A memória saturada*. Campinas: Unicamp, 2016; LÜBBE, Hermann. Esquecimento e historicização da memória. *Estudos Históricos*, v. 29, n. 57, p. 285-300, 2016.
- ³⁵ Para uma reflexão sobre dever de memória, cf. HEYMANN, Luciana. O “devoir de mémoire” na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. *In*: GOMES, Ângela de Castro (coord.). *Direitos e Cidadania*: memória, política e cultura. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.
- ³⁶ Para uma análise interessante acerca do perfil e limitações de acervos sobre a AIDS preservados em arquivos e museus, cf. PARRY, Manon Sian. Public health heritage and policy: HIV and AIDS in museums and archives. *Hist. cienc. saude*, v. 27, n. 1, p. 253-262, 2020.
- ³⁷ Marino, Silveira e Nicodemo apontam limites dos projetos de *crowdsourcing*, entre os quais o fato de mobilizarem pessoas que já estão predispostas a compartilhar suas memórias e de poderem solapar experiências minoritárias ou menos alinhadas aos “parâmetros de aceitação digital” estabelecidos. Cf. MARINO, Ian K.; SILVEIRA, Pedro T; NICODEMO, Thiago L. Arquivo, memória e Big Data... *Op. cit.*, p. 98.

Fala Parente!

relatos indígenas sobre a COVID-19

Elissandra Barros

O PET-Indígena é um Programa de Educação Tutorial vinculado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e está localizado no Campus Binacional de Oiapoque, na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Atualmente, o grupo possui 13 integrantes: Cleisy Narciso Silva, Davi Castro Gabriel, Ilda Silva Pastana e Arilson dos Santos Narciso, do povo Galibi-Marworno; Keila Felício Iaparrá, Lenise Felício Batista e Maiara Iaparrá Muré, do povo Palikur-Arukwayene; Elen Vidal de Figueiredo, Luene Anicá dos Santos, Diogo Monteiro dos Santos e Nadilson Felipe, do povo Karipuna; e Matanauru Waiana Apalai, do povo Apalai; sob a tutoria da professora Elissandra Barros, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

Como ocorreu em todo o Brasil, a UNIFAP também suspendeu suas atividades presenciais após a confirmação dos primeiros casos de COVID-19 no estado, em 16 de março de 2020. Com isso, os petianos retornaram às suas aldeias, a fim de cumprir o distanciamento social junto de suas famílias, o que tornou a comunicação entre os membros do grupo bastante difícil, pois a maior parte das aldeias indígenas da região, até aquele momento, possuía pouco ou nenhum acesso à internet. Mas foi justamente esse acesso limitado e precário que possibilitou que realizássemos o projeto “*Fala Parente! Relatos indígenas sobre a covid-19*”, um trabalho coletivo e simultâneo, em que documentamos e divulgamos relatos sobre a COVID-19 ao mesmo tempo em que as comunidades indígenas começavam a ter contato com o coronavírus; acompanhamos como a COVID-19 atingiu aldeias inteiras e o descompasso entre as necessidades urgentes das comunidades e o atendimento à saúde dos

órgãos governamentais.

O projeto surgiu do descontentamento dos petianos com a invisibilidade dos povos indígenas nas grandes mídias, que os representava – quando muito – apenas como números, equivocados e subnotificados. Até hoje os dados oficiais não identificam o número de casos de indígenas por povo, aldeia e região, também não reconhecem e contabilizam como sendo de indígenas os casos de COVID-19 entre as pessoas indígenas que vivem nas cidades. Por causa disso, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) reúne e divulga, desde o início da pandemia, números atualizados dos atingidos pela COVID-19 (infectados e óbitos) por povo, de acordo com os dados que recebe, com frequência, de suas organizações de base, geralmente obtidas no Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de cada região e complementadas com informações que identificam o povo, terra indígena e aldeia, além dos casos de indígenas vivendo nas cidades. São esses dados que fornecem um quadro mais amplo e detalhado – embora ainda incompleto – sobre a incidência da COVID-19 entre os povos indígenas do Brasil.

Outra motivação para o projeto foi a necessidade que os petianos sentiram de contar como estavam vivenciando aquele período – tão novo e tão igual –, uma vez que as epidemias foram recorrentes nos históricos de contato dos povos originários e as lembranças do medo da morte continuam presentes na memória coletiva destes povos:

será que nós vamos ter que fugir de novo, como fizemos no passado, quando surgiu o sarampo na nossa aldeia? Fugimos para as ilhas, bem distante das outras pessoas, ficamos lá por um ano, sem manter contato com ninguém. Só depois saímos para ver como estava a situação e vimos que tudo já tinha passado. Será que vai ser preciso fazer isso novamente?

Enquanto “a maioria das epidemias que atingiram os povos indígenas não puderam ser historicizadas, etnografadas ou mesmo descritas a partir das memórias e experiências autóctones”, a experiência do PET-Indígena inaugurou uma outra forma de registrar a memória entre/por essas comunidades, valendo-se daquilo que era mais acessível: as redes sociais. Aliás, não é de hoje que os indígenas compreendem a importância de ocupar os espaços digitais, tidos como “um poderoso instrumento na construção identitária indígena, pois, afinal, os sujeitos indígenas passam a ser autores da própria informação”.

Relatos indígenas: dos princípios ao método



Figura 1: Imagem do primeiro relato, realizado por Keila Felício Iaparrá.

Talvez cause estranhamento afirmarmos que o compromisso, a colaboração, a coletividade e a confiança tenham sido o método que empregamos na realização desse projeto, então vamos afirmar que estes são princípios, sem os quais este trabalho não conseguiria ser realizado. Isso porque todos aqueles que enviaram seus relatos em texto, áudio ou vídeo, o fizeram em razão de uma relação mútua de confiança, estabelecida previamente entre o PET-Indígena e as comunidades, que foi determinante para que tivéssemos acesso a tantos testemunhos. A carga emocional que recebemos durante os 100 dias em que publicamos os relatos – 21 de maio a 29 de agosto de 2020 – foi elevada, afinal, muitos relatos externavam o medo, a revolta e a dor de pessoas que se sentiam inseguras, desamparadas, abandonadas e impotentes diante da chegada da COVID-19 em suas comunidades. Os primeiros relatos foram realizados pelos próprios petianos, internamente, como uma forma de dividir experiências, em seguida, foram compartilhados na página @petindigenaunifap, que havíamos criado alguns dias antes, no Facebook. Imediatamente após a publicação do primeiro relato houve uma grande repercussão¹, tanto nas redes sociais quanto nos grupos de WhatsApp dos indígenas do Amapá e Norte do Pará, que comentavam o relato, ao mesmo tempo em que falavam de suas próprias experiências. Passamos a divulgar nas redes que estávamos recebendo relatos de parentes que quisessem contar suas experiências em relação à pandemia. Não estabelecemos nenhum critério prévio, a ideia era que qualquer indígena, da aldeia ou da cidade, criança ou idoso, todos pudessem contar a sua história,

que deveria ser enviada com uma foto que pudesse identificar o autor do relato. Para nós era importante que os relatos tivessem rosto, opondo-se a ideia dos números frios e indiferentes dos noticiários.

Alguns seguidores de nossa página começaram a sugerir que os relatos fossem publicados, também, em francês, pois o Oiapoque faz fronteira com a Guiana Francesa e as relações de parentesco e afinidade se estendem para além dos limites nacionais. A tradução seria uma forma das vozes indígenas ecoarem em espaços outros, que normalmente não conseguem alcançar. Após contatos intermediados pela Pró-Reitoria de Relações Internacionais da UNIFAP, um grupo de alunos estrangeiros e brasileiros² dos cursos da instituição se voluntariou para fazer a tradução dos textos para o francês,³ inglês e espanhol.

O “*Fala Parente! Relatos indígenas sobre a covid-19*” não contou com aporte financeiro, logístico ou estrutural. Os equipamentos utilizados foram, em sua maioria, smartphones e computadores pessoais, tanto para registros audiovisuais quanto para a comunicação. Também dispomos de ferramentas gratuitas, como o aplicativo WhatsApp, fundamental para manter a interação do grupo e receber os relatos; o software ELAN, empregado na transcrição e tradução dos áudios e vídeos; e o Canvas Studio, utilizado para editar as imagens e inserir a logo do PET-Indígena.

Não houve deslocamento da equipe do PET-Indígena entre as aldeias ou na cidade para a coleta de relatos e toda a comunicação foi feita remotamente, para respeitar as barreiras sanitárias e as regras próprias de cada povo/aldeia. No entanto, alguns petianos, nas comunidades onde residem, conseguiram acessar relatos de seus parentes. A cobertura audiovisual, opção alternativa aos relatos na forma de texto, foi realizada de forma livre pelos participantes, dando prioridade a espontaneidade da captura, mesmo quando os equipamentos ou técnicas usadas limitavam a qualidade dos dados. Nosso foco não era a qualidade técnica dos relatos recebidos, mas o próprio conteúdo capturado, em geral, no ambiente familiar. Desde o início, nosso olhar para a construção da memória coletiva indígena enfocou o movimento de “narrar”.

Todas as publicações no Facebook tinham informações básicas, tais como: nome completo, povo de origem, local e data do relato, além de uma foto que

identificasse o autor do relato. Estabelecemos, assim, uma dinâmica:

1. Os relatos eram recebidos pelos petianos ou enviados diretamente à tutora;
2. Relatos em áudio e/ou vídeo eram enviados para a transcrição;
3. Relatos em língua indígena eram transcritos e traduzidos pelos petianos;
4. Em forma de texto, os relatos eram encaminhados aos tradutores;
5. Os tradutores enviavam os relatos traduzidos para a tutora, a única do grupo PET-Indígena com acesso regular à internet;
6. A tutora reunia as traduções e publicava os relatos, junto com a foto do autor e a logomarca do PET-Indígena.
7. Os relatos eram compartilhados em grupos do Facebook identificados com as questões indígenas e nos grupos de WhatsApp.

O processo completo – do recebimento à postagem no Facebook – demorava, em média, cinco dias. Contudo, entre a produção e a publicação dos relatos, o tempo poderia ser bem maior, isso porque as aldeias, em geral, têm pouco acesso à internet, que somente funciona em horários específicos. Então, uma prática comum era alguém da comunidade escrever/gravar o relato e entregar a um cacique, liderança ou profissional da saúde para enviar ao PET-Indígena quando tivessem acesso, considerando que a entrada para as terras indígenas, naquele período, fora fechada e que as aldeias tinham suas próprias regras e restrições para prevenir o contágio, por isso, apenas profissionais da saúde e lideranças faziam deslocamentos. Em decorrências dessas situações e dificuldades de acesso, era comum recebermos lotes de relatos de uma só vez, o que justifica termos sequências de relatos de um mesmo povo e/ou aldeia. Se a internet foi nosso principal instrumento de trabalho, as dificuldades de acesso e a pouca distribuição da rede nas aldeias constituíram nossos maiores obstáculos.

Relatos da COVID-19: povos e territórios

Os relatos publicados pelo PET-Indígena ecoaram as vozes dos Apalai/Waiana⁴, Galibi Kalin'a, Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur-Aruwayene, Tiriyó/Kaxuyana⁵ e Waiãpi, povos localizados no Amapá e norte do Pará. A distribuição quantitativa dos relatos por povo indígena é apresentada na [Tabela 1](#):

TABELA 1: Distribuição dos relatos por povo indígena. Fonte: PET-Indígena.	
Povo Indígena	Relatos
Apalai/Waiana	2
Galibi Kalin'a	5
Galibi-Marworno	30
Karipuna	40
Palikur-Aruwayene	21
Tiriyó/Kaxuyana	1
Palikur-Aruwayene	21
Waiãpi	1
Total	100

Distribuídos entre aldeias e cidades, os relatos retratam as realidades de indígenas de 11 aldeias distintas, bem como das cidades de Oiapoque, Macapá, Belém, Brasília e Saint-Georges-de-l'Oyapock, na Guiana Francesa.

Os relatos indígenas agregam testemunhos de lideranças, enfermeiros, estudantes, professores, homens, mulheres, velhos e jovens cujas experiências nos transportam para realidades tão múltiplas e diversas quanto seus autores. Alguns temas são recorrentes nos testemunhos, e tal recorrência pode ser um indicativo para que possamos entender como os indígenas estão construindo sua memória coletiva sobre esse período. Com o intuito de contribuir para a reflexão, elencamos alguns desses temas, sem esgotá-los.

TABELA 2: Distribuição dos relatos por localização geográfica. Fonte: PET-Indígena				
Território		Aldeia	Município/Estado	Relatos
Relatos de indígenas nas aldeias	Terra Indígena Uaçá	Aldeia Anawerá	Oiapoque/Amapá	3
		Aldeia		2

		Espírito Santo		
		Aldeia Kumarumã		8
		Aldeia Kumemê		11
		Aldeia Manga		18
		Aldeia Santa Izabel		4
		Aldeia Tukay		7
		Aldeia Uahá		1
	Terra Indígena Juminã	Aldeia Kunanã		3
	Terra Indígena Waiãpi	Aldeia Ivyraveta	Pedra Branca do Amapari / Amapá	1
	Terra Indígena Parque de Tumucumaque	Aldeia Missão Nova	Norte do Pará / Pará	2
Relatos de indígenas nas cidades	Oiapoque / Amapá Belém / Pará Brasília / Distrito Federal Saint-Georges-de-l'Oyapock / Guiana Francesa		Macapá / Amapá	4
			32	
			2	
			1	
			1	
TOTAL				100

Fuga das cidades e retorno às aldeias

As relações que os indígenas do Amapá e Norte do Pará estabelecem com as localidades e cidades próximas ao seu território são antigas e constantes, sendo que o trânsito é maior em locais como o Oiapoque, em que 27,2% do total de habitantes do município é indígena, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010. Embora a maioria dos indígenas do município viva nas aldeias, há também famílias residindo na sede, de forma permanente ou eventual, na região é possível notar um constante ir-e-vir de indígenas. Esse cenário foi alterado com a chegada da COVID-19, pois os indígenas buscaram retornar para suas aldeias a

fim de se proteger da contaminação, porque, naquele momento, acreditavam que a distância e o “isolamento” de suas comunidades seriam suficientes para protegê-los da pandemia que se alastrava pelo mundo. Essa “fuga” é bastante citada nos primeiros relatos, e não ocorreu somente das cidades em direção às aldeias, mas foi relatada também a saída de famílias inteiras das aldeias maiores para as menores e em direção as ilhas mais afastadas, dentro do território indígena.

Os moradores da Aldeia Manga vivem dias de tensão pelo fato da aldeia ser a mais próxima da cidade, algumas famílias deixaram a Aldeia Manga para ficar com famílias que moram em outras aldeias, rio abaixo, ou se isolar em sítios e terrenos longe da aldeia, afim de não ter contato com as pessoas.⁶

A “fuga”, que em 2020 foi utilizada pelos indígenas para prevenir o contágio pela COVID-19, está presente na memória de seus antepassados, que vivenciaram muitas epidemias ao longo do contato com o colonizador. Os mais velhos ainda recordam o tempo em que fugiam para as matas e ilhas menores, onde permaneciam meses ou anos a fim de se proteger de surtos de sarampo, gripe e outras doenças contagiosas.

Será que nós vamos ter que fugir de novo, como fizemos no passado, quando surgiu o sarampo na nossa aldeia? Fugimos para as ilhas, bem distante das outras pessoas, ficamos lá por um ano, sem manter contato com ninguém. Só depois saímos para ver como estava a situação e vimos que tudo já tinha passado. Será que vai ser preciso fazer isso novamente?⁷

Estratégias próprias de prevenção e enfrentamento à COVID-19

No Brasil o Governo Federal pouco fez para organizar e apoiar a prevenção e enfrentamento da COVID-19 entre os povos indígenas. No primeiro semestre de 2020, quando o vírus começou a chegar às aldeias, os caciques, lideranças e organizações indígenas tiveram que se unir e criar suas próprias estratégias de prevenção e combate ao vírus. Nos relatos estas estratégias são bastante citadas:

nossos caciques tiveram que adotar medidas de proteção contra a covid-19, como usar máscaras, evitar aglomeração de pessoas, proibir a entrada de não indígenas e indígenas vindos da cidade. Muitas pessoas tiveram que deixar de vender sua farinha na cidade, visitar seus parentes, reunir os amigos e familiares no final de semana, passear pela aldeia no final do dia e tomar banho no rio com os amigos, pois o confinamento não nos permite mais a liberdade que tínhamos.⁸

Sem dúvidas, as medidas tomadas pelas lideranças indígenas foram importantes e conseguiram, por um tempo, bloquear a transmissão do vírus.

Entre as principais, destacamos a proibição de entrada e saída do território, como mencionado em muitos relatos:

nosso cacique Maruanari Waiana Apalai, da Aldeia Bona, fechou o acesso à aldeia, para evitar que nós, indígenas, que estamos na cidade, levássemos o vírus para lá. Em nossa terra somente se chega de avião. Então, devo ficar na cidade. Quero deixar meu relato para todos. Nós, indígenas dos povos Waiana e Aparai, estamos com muito medo da covid-19. Não queremos morrer.⁹

Aqui na minha comunidade foram tomadas várias decisões em conjunto com os profissionais de saúde indígena para que o vírus não chegasse até nós. Uma delas foi a decisão de proibir a saída e a entrada de parentes vindos das cidades de Oiapoque, Saint-Georges-de-l'Oyapock e Macapá, por tempo indeterminado. Também foi interrompido diversos tipos de eventos internos que causam aglomeração de pessoas, como cultos de igrejas, reuniões da comunidade e futebol, teve também a proibição de ingerir bebidas alcólicas. Caso alguém desobedeça será imediatamente punido, conforme foi determinado pela comunidade.¹⁰

Como vimos, houve um grande retorno de indígenas para suas aldeias no início da pandemia, mas, com o fechamento dos territórios, esse retorno não era possibilidade para muitos, que tiveram que vivenciar a pandemia nas cidades. Cumpre ressaltar que o fechamento das aldeias, apesar de necessário, não foi uma decisão que agradou a todos os indígenas e comunidades. Esse fechamento também teve implicações na vida das aldeias, como o desabastecimento de produtos vindos da cidade, como gás de cozinha, remédios, materiais de higiene e limpeza e alimentos industrializados.

Insegurança alimentar e dependência de produtos da cidade

Em alguns territórios indígenas a pandemia provocou insegurança alimentar e escancarou a dependência das comunidades de produtos adquiridos nas cidades. Essa situação, inclusive, foi desencadeadora da resistência daqueles que criticavam o isolamento no território e as regras de criadas para prevenir o contágio e a disseminação do vírus. Para muitos era “muito fácil falar ‘fiquem em suas aldeias’ quando você tem onde e como comprar o leite das suas crianças”.¹¹

A maioria das famílias aqui da comunidade está há dois meses sem ir à cidade. Apesar de que nós pescamos e caçamos para nos alimentar e fazemos farinha, ainda precisamos de alguns produtos industrializados que vêm da cidade. No mês passado o diretor da escola fez a compra dos kits escolares (cestas de alimentos) para os alunos, quase todas as famílias receberam e isso amenizou um pouco a falta de alguns produtos.¹²

Relações de cuidado e atuação das mulheres durante a pandemia

Entre os povos indígenas, saúde é algo que envolve o físico e o espiritual e passa, necessariamente, pelas ações de “cuidar”: cuidar do corpo, do espírito, da família, do território, da floresta, do mundo. Com a chegada da COVID-19 entre os povos indígenas coube a mulher o papel central de cuidar dos membros de sua família que foram contaminados pelo vírus, e também aplicar as medidas de prevenção ao contágio, tudo em função do bem estar dos seus filhos e familiares. Dos cem relatos publicados pelo PET-Indígena, 51 foram de mulheres – mães, filhas, esposas, lideranças, profissionais da saúde – que atuaram em diversos papéis e foram fundamentais nas ações preventivas, tratamentos e enfrentamento da covid-19 em suas aldeias e famílias. Entre muitos relatos emocionantes, talvez possamos sintetizar a força dessas mulheres na voz de uma mãe karipuna: “pelos meus filhos, eu sou capaz de enfrentar tudo, até essa doença! Uma mãe nunca deixa seu filho sofrer sozinho!”¹³

Uso da medicina tradicional

Mesmo quando a COVID-19 ainda parecia distante e muitos indígenas acreditavam que não chegaria às suas comunidades, começou-se um trabalho de coleta de ervas para a preparação dos chás, xaropes e banhos como forma de prevenção, antes do contato com o novo coronavírus.

Os homens da minha aldeia foram para a mata tirar várias espécies de ervas, raízes e cascas e as mulheres começaram a fazer as trocas de conhecimentos e a cozinhar as plantas amargas, de um dia para o outro nós bebemos muito chá.¹⁴

Destaca-se nos relatos que a necessidade generalizada das comunidades indígenas de utilizar os remédios tradicionais proporcionou a valorização de muitos conhecimentos, que foram compartilhados e passaram a ser reconhecidos, inclusive pelas gerações mais jovens.

Nessa pandemia estou cuidando da minha mãe, a gente já aprendeu a fazer chá com as plantas medicinais, a gente está fazendo chá com gengibre, limão, alho. A gente aprendeu a fazer muitas coisas, como comida, a gente faz caribé. Eu e minha irmã estamos cuidando da minha mãe.¹⁵

Na nossa aldeia, como todos estavam preocupados com questões de saúde, já preparamos remédios tradicionais. Alguns desses remédios estavam esquecidos, eram de conhecimento apenas de algumas famílias, mas foram compartilhados e preparados por todos.¹⁶

Entretanto, a recorrência à medicina tradicional não foi uma “escolha” das comunidades indígenas. Em muitos casos, tratou-se da única opção, pois não

havia profissionais da saúde, medicamentos ou orientação sobre como agir naquele momento.

Sem os devidos cuidados, medicações e orientações, meu povo se virou como podia: faziam chá de plantas medicinais, bebiam caldo quente, repousavam e apegavam-se cada um às suas crenças, no intuito de ficarem curados dessa enfermidade.¹⁷

Alguns indígenas e comunidades tiveram acesso a remédios da farmácia, mesmo assim, mantinha-se o uso dos remédios tradicionais.

Felizmente, com o tratamento certo, com a medicação da farmácia e com remédios caseiros, eles conseguiram fortalecer o seu sistema imunológico e conseguiram amenizar os sintomas.¹⁸

Nos relatos, com frequência, os indígenas atribuem os sintomas leves e a cura da COVID-19 à eficácia do uso dos banhos, chás e ervas: “desde o início da quarentena estamos fazendo chá para tomarmos (receita da minha avó Kali’na) e, talvez, isso possa ter ajudado a não evoluir para sintomas mais fortes”.¹⁹ Também testemunham que “muitas pessoas foram levantadas através desses chás”.²⁰ Embora a procura pela medicina tradicional para combater os sintomas do coronavírus tenha sido muito grande, os relatos também demonstraram que são poucas as pessoas que sabem, conhecem e preparam os remédios da floresta, em geral, tais conhecimentos são acessados pelos mais idosos, destacando-se o papel das mulheres e pajés.

Repercussão e impacto dos relatos indígenas

O período em que publicamos os relatos coincidiu com o inverno amazônico, principalmente os meses de maio e junho. Sob as fortes chuvas, as dificuldades de acesso multiplicaram-se, eram várias tentativas, dias seguidos, para que pudéssemos receber um relato em áudio de determinadas aldeias, muitas vezes recortados em vários arquivos, na tentativa de facilitar o envio. A tensão aumentava nas aldeias e cidades, enquanto a COVID-19 chegava até nos lugares mais remotos.

Entre maio e junho o vírus se alastrara e contaminara aldeias inteiras, as “vítimas da COVID” surgiam, cotidianamente, “todo dia escutávamos ‘morreu fulano em Oiapoque!’”²¹ e começamos a receber os relatos desesperados dos indígenas que perdiam seus familiares para a COVID-19. Não por acaso, neste mesmo período todos os integrantes do PET-Indígena adoeceram, foram momentos de apreensão, cuidado e medo. Ficou muito difícil continuar os

relatos, mas eles não eram nossos, eram das comunidades! “Os relatos se tornaram um ato de manifestação para muitos que estavam inconformados com a situação que vivemos dentro das nossas aldeias, com a falta de apoio por parte do governo”,²² se constituíram em um registro diário da pandemia nas aldeias, mas também eram uma forma de externalizar e compartilhar sentimentos e angústias individuais e coletivas:

eu fico pensando, meu Deus, se eu tivesse feito isso, tivesse feito aquilo, talvez eles não teriam ido... a gente fica se culpando [...] Obrigado por escutar meu relato, hoje consegui desabafar com o meu celular, parece uma terapia, o PET também é uma terapia...²³

O trabalho realizado pelo PET-Indígena contribuiu para visibilizar a situação de vulnerabilidade dos povos indígenas durante a pandemia. Esses relatos foram utilizados, pelas próprias comunidades, organizações indígenas, ONGs e organizações governamentais, para embasar solicitações de recursos materiais e humanos para o atendimento às comunidades.

Quando eles falavam que as comunidades estavam sendo assistidas com medicamentos, que tinha profissional de saúde, que nós estávamos bem, que o que estávamos pedindo eles já tinham mandando, nesses momentos nós recorremos ao PET-Indígena através dos relatos, nós recoríamos às lideranças de base, aos caciques, aos relatos deles, nós mostrávamos as cartas que eram encaminhadas para a gente. O PET-Indígena contribuiu muito nisso, na visibilidade da situação nas aldeias, muito mesmo!²⁴

Através dos relatos, os indígenas e suas organizações puderam confrontar a narrativa oficial do estado, concernente à assistência aos povos indígenas e o que, de fato, ocorria no cotidiano das aldeias. Mais do que isso, os relatos proporcionaram que os indígenas construíssem sua própria narrativa sobre a pandemia, de forma autônoma, e o PET-Indígena contribuiu ao utilizar as mídias digitais para visibilizar vozes indígenas, que denunciavam as condições sanitárias em suas comunidades.

Uma aldeia foi toda atingida, todo mundo pegou e todo mundo passou mal! Nessa aldeia o cacique pediu para fazer um teste e não tinha teste para fazer. E com esse pedido foi enviado um teste, mas mandaram poucos testes, lá na aldeia todos deram positivos! Lá na Aldeia Taratarafê tinha uma grávida e ela quase chegou a falecer porque não tinha respirador para respirar!²⁵

Foi uma situação que nunca tínhamos vivenciado, todos da aldeia adoecerem ao mesmo tempo, com febre, inflamação na garganta, perda do paladar, perda do olfato, dores no corpo e até mesmo com confusão mental, algo que não tínhamos conhecimento que poderia acontecer. Tudo isso deixou a aldeia apreensiva pois, apesar de estarmos sentindo os sintomas, não acreditávamos que fosse a covid-19, já que na aldeia não tinha teste rápido, remédios e nem profissionais de saúde para nos orientar sobre o que fazer e que medicamentos eram necessários para combater essa enfermidade.²⁶

Os relatos denunciam a precária assistência de saúde nas aldeias e terras indígenas, a falta de diagnóstico, de exames e testes de COVID-19, mas também demonstram como os indígenas enxergam o tratamento ofertado a eles nos hospitais das cidades:

nós acreditamos que as pessoas morrem muito no hospital, eles te jogam lá dentro e já era, porque aqui, de acordo com a nossa cultura, nosso contexto, nós tomamos um chá, um leite, um mingau de farinha, tomamos banho de folhas do mato, tudo isso para minimizar os sintomas e acredito que ajudou muito!²⁷

Tivemos medo de levar pessoas doentes para o Hospital de Oiapoque, não tivemos confiança nos cuidados dos não indígenas pois não sabíamos como os doentes estavam sendo tratados, queríamos tratar na aldeia mesmo, porque por mais medo que tivéssemos do vírus e mais contagioso que fosse, não queríamos abandonar o próximo, por isso as famílias cuidavam dos seus doentes e, por conta disso, graças a Deus, ninguém morreu mais, com exceção das duas mulheres que faleceram por conta da covid-19.²⁸

Desde o início, os relatos mostravam as mudanças no cotidiano dos indígenas, o tom era intimista, reflexivo, destacava-se um processo de recolhimento “como um passarinho que voa, voa, mas no fim do dia ele tem que voltar para o ninho”.²⁹ As restrições e medidas de isolamento causaram forte impacto entre os indígenas, provocando o desequilíbrio do Bem Viver destes povos, pois, como relatou uma indígena Karipuna, a “doença não impactou apenas as pessoas, impactou também a nossa maneira coletiva de viver na aldeia”.³⁰

Memórias sem fim

Os relatos no Facebook – voluntários, pessoais, diversos e em primeira pessoa – constituem testemunhos, memórias de um tempo presente, e é difícil prever qual será o lugar desses testemunhos na memória sobre a COVID-19 entre os povos indígenas no Brasil, mas o PET-Indígena conseguiu, em plena pandemia, catalisar e amplificar as vozes indígenas que ecoavam de realidades e territórios distintos. A ação que realizamos é um claro exemplo de trabalho construído de forma processual e colaborativa, contrapondo-se à ideia comumente aceita de que a memória é constituída apenas do passado. Como serão preservadas as memórias de uma experiência tão marcante? Ainda não sabemos, mas o PET-Indígena possibilitou, através da divulgação dos relatos, que a sociedade conhecesse a história de grupos e pessoas indígenas em meio à pandemia, ao mesmo tempo em que atuou no registro dessas memórias!

O PET-Indígena devolveu às comunidades indígenas suas memórias

compartilhadas em forma de livro, com a publicação do “Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós”.³¹ Nossa intenção era a permanência dessas memórias para além do ciberespaço e viabilizar seu retorno às comunidades de origem. Para além do importante caráter utilitário da ação, o trabalho realizado pelo PET-Indígena proporciona uma discussão profícua, necessária e oportuna sobre memória e patrimônio em tempos digitais.

¹ O primeiro relato obteve os seguintes números no Facebook: 4.391 reações, 476 comentários, 317 compartilhamentos, 7.642 pessoas alcançadas e 12.216 engajamentos.

² Agradecemos imensamente aos voluntários que trabalharam com a tradução dos relatos: Danilo Rufino Cavalcante de Souza (transcrição); Benjamin Mba Abuy Nfumu, Carlos Armando Reyes Flores e Nelson Omar Arellano Parra, tradutores de espanhol; Gabriel Eudes de Amorim Lima, Jakub Przychodzeń, Ruth Lydie Joseph e Ydoreh Gomes Borges, tradutores de inglês; Manuella Adèle Fifamé Chokki, Darleine Esther Joseph e Johnson Morancy, tradutores de francês.

³ Também publicamos relatos em línguas indígenas, o que ocorria sempre que recebíamos áudio ou textos escritos nestas línguas. Infelizmente, em virtude das dificuldades de acesso à internet e do pouco tempo entre o recebimento e a publicação dos relatos, não conseguimos fazer, de forma sistemática, a publicação de todos os relatos nas línguas indígenas da região.

⁴ Apalai e Waiana são povos indígenas distintos, estão juntos no texto porque fazem referência a relatos em que a autora tem ascendência Apalai e Waiana.

⁵ Tiriyo e Kaxuyana são povos indígenas distintos, estão juntos no texto porque fazem referência a um relato específico, em que a autora tem ascendência Tiriyo e Kaxuyana.

⁶ Cf. BATISTA, Lenise Felício. Estamos sendo encurralados no nosso próprio território. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

⁷ Cf. BATISTA, Lenise Felício.. Estamos sendo encurralados no nosso próprio território.... *Op. cit.*

⁸ Cf. *Ibidem...* *Op. cit.*

⁹ Cf. APALAI, Matanauru Waiana. Não queremos adoecer na cidade. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹⁰ Cf. NARCISO, Arilson dos Santos. Com o isolamento social ficou difícil para nós. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹¹ Cf. SANTOS, Luene Anicá dos. É muito fácil falar “fiquem em suas aldeias”. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹² Cf. FORTE, Janina dos Santos. A maioria achava que não chegaria até nós. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹³ Cf. FELIPE, Maria Necy Pimentel. Uma mãe nunca deixa seu filho sofrer sozinho. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹⁴ Cf. CARIPOUNE, Yermollay. Que nossos pajés e os cientistas encontrem uma cura. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹⁵ Cf. SANTOS, Mariane Barbosa dos. Têm pessoas que não ligam para essa doença. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹⁶ Cf. SANTOS, Anilson Marcial. O coronavírus está presente em todos os lugares. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹⁷ Cf. FIGUEIREDO, Elen Vidal de. Todos estavam tristes, recolhidos e doentes. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹⁸ Cf. IAPARRÁ, Keiliane Vidal Muniz. Não sabemos quem é portador do vírus ou não. *In*: BARROS,

Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

¹⁹ Cf. JEANJACQUE, Sônia. Somos nada diante de um vírus invisível. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²⁰ Cf. SANTOS, Magno dos. A gente não conseguiu evitar a propagação do vírus. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²¹ Cf. OLIVEIRA, Lília Ramos. Morreu fulano em Oiapoque. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²² Cf. BATISTA, Lenise Felício. Estamos sendo encurralados no nosso próprio território... *Op. cit.*

²³ Cf. FREITAS, Priscila Barbosa de. Das 19 mortes no Oiapoque 14 são de indígenas. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²⁴ Cf. *Idem*. É necessário estruturar a saúde indígena. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²⁵ Cf. KAXUYANA, Mitore Cristina Tiriyo. Todo mundo pegou e todo mundo passou mal. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²⁶ Cf. FIGUEIREDO, Elen Vidal de. Todos estavam tristes, recolhidos e doentes... *Op. cit.*

²⁷ Cf. NARCISO, Alarcídio Figueiredo. Nós acreditamos que as pessoas morrem muito no hospital. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²⁸ Cf. IAPARRÁ, Keila Felício. Tivemos medo de levar pessoas doentes para o hospital. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

²⁹ Cf. SANTOS, Luene Anicá dos. É muito fácil falar “fiquem em suas aldeias”... *Op. cit.*

³⁰ Cf. SANTOS, Alcimara Anicá dos. A doença impactou nossa maneira coletiva de viver. *In*: BARROS, Elissandra (org.). *Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós*. Oiapoque: Unifap, 2021.

³¹ O livro está disponível para download gratuito em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2021/06/fala-parente.pdf>

Relatos do cotidiano durante a pandemia:

diário coletivo em um grupo no Facebook

Paulo Gajanigo¹
Rogério Souza²

Era fevereiro de 2020 e estávamos rascunhando um projeto de pesquisa sobre relatos do cotidiano. Nossa ideia inicial era formar um grupo de estudantes para experimentarmos formas de coletar registros com o fim de arquivar a vida cotidiana. A inspiração veio do trabalho de um de nós no *Mass Observation Project*, um projeto de quase cem anos de coleta de fotografias, diários, relatos da vida cotidiana britânica.³ Nosso interesse estava em mapear práticas de registro que convivem com os atuais registros digitais produzidos em redes sociais, mas que não necessariamente se resumem a eles. Por isso, a intenção inicial era não usar alguma rede social, mas suportes alternativos como editores de texto ou diários pessoais digitais. Com a pandemia, no entanto, experimentamos o desafio massivamente compartilhado de adaptar a pesquisa ao ambiente virtual como forma de responder às medidas de isolamento social no combate à pandemia de COVID-19.

Em nosso caso, ao sentirmos que havia uma urgência por relatos e registros da mudança ampla da rotina que a quarentena impunha, decidimos iniciar o projeto imediatamente, pelos meios virtuais possíveis. Em 19 de março, criamos um grupo privado no Facebook, estabelecemos regras de postagens e apresentamos o projeto. Iniciamos comunicando aos participantes uma provocação para o registro:

a pandemia do Covid-19 tem levado milhares de pessoas a mudar as suas rotinas de trabalho, estudo e convivência social. Em geral, as pessoas estão reduzindo sua mobilidade e permanecendo isoladas ou em uma convivência restrita. As consequências que essas mudanças

trazem ainda são desconhecidas. Hábitos, formas de organizar a rotina, formas de vivenciar a casa e a rua, o mundo virtual e presencial, as relações interpessoais estão sendo alterados. A fim de perceber e captar essas mudanças este grupo tem como objetivo produzir e compartilhar relatos sobre o cotidiano durante a pandemia, criando um espaço para registrarmos nossas observações e experiências de: como as rotinas vão mudando; como as pessoas, você inclusive, estão lidando com a pandemia; como está o clima no nosso entorno.

Ainda que tenhamos decidido utilizar como meio uma rede social tão comum, não desistimos de pensar práticas alternativas de registro. Optamos então por tentar criar uma dinâmica particular e controlada do grupo. Tínhamos, principalmente, uma preocupação em relação à dinâmica própria do Facebook. Como rede social configurada numa dinâmica de curtidas e comentários, nosso temor era de que a produção dos relatos fosse pressionada pelos desejos e temores das reações imediatas do público. A solução pensada foi, dentro do grupo privado, não permitir comentários nas postagens dos relatos. Além disso, permitimos relatos anônimos (o participante submetia a publicação, alertava sobre o pedido de anonimato e os administradores do grupo postavam o material com o perfil de administrador, apagando a postagem original não publicada). Dessa forma, tentamos criar uma dinâmica mais afastada daquela típica da plataforma digital e mais próxima das pesquisas tradicionais com a de grupos focais.

Dinâmica do grupo

Relatos – Pedimos aos colaboradores voluntários que escrevam relatos de forma livre e que pode ser inspirado por orientações que daremos frequentemente. Os relatos devem indicar, no início do texto, a data referente à situação relatada e o assunto ou tema do relato. O relato deverá ser postado no mural do grupo.

Regras do grupo

O grupo tem status privado, ou seja, só poderá postar ou visualizar postagens quem for aceito para participar do grupo.

As postagens são exclusivamente para os relatos e para as discussões acerca dos relatos.

Qualquer relato só poderá ser divulgado publicamente com autorização explícita do autor.

Imagens incluídas em relatos devem observar as regras de privacidade, não podem permitir identificação de pessoas sem sua explícita autorização.

Os membros devem observar as diretrizes estabelecidas pelo Facebook para postagens de textos e imagens.

A coordenação do grupo poderá excluir quem não respeitar as regras estabelecidas acima.

Divulgando em nossas redes, em pouco tempo o grupo produziu uma grande quantidade de relatos. De 19 de março de 2020, quando o grupo foi criado, a 20 de abril do mesmo ano, já tínhamos cinquenta relatos e até o final de maio chegamos a cem. Na maioria das vezes, por sugestões dos

colaboradores, coletamos também intervenções artísticas, relatos de sonho e inventário de fotografia de objetos. Utilizamos a ferramenta de “guias” para separar os tipos de registros em: relatos, arte, sonhos, fotos. Este último surgiu como iniciativa nossa para incentivar os registros fotográfico das alterações domésticas por causa da nova rotina. Até maio de 2021 coletamos: 124 relatos; 35 artes; 4 fotos; e 2 sonhos.

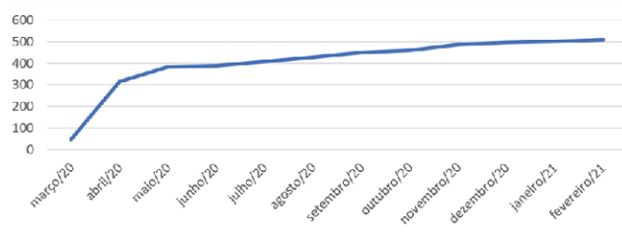


Gráfico 1: Evolução do número de participantes.

A composição dos participantes foi majoritariamente feminina (71%) e dentro da faixa etária entre 25 e 44 (57%). Por ter sido um grupo dentro de uma plataforma que valoriza as conexões pessoais (amizade), os participantes, principalmente no início da formação, tinham proximidade com os organizadores. Tentamos diminuir esse viés por meio de estratégias de comunicação: divulgação em grupos em que participamos, divulgação em páginas de apoiadores (Centro de Artes da UFF; colegas de outras regiões). Ainda assim, o grupo tinha participação no Rio de Janeiro e São Paulo: 101 moram no Rio de Janeiro (RJ), 58 em Campos dos Goytacazes (RJ), 54 em Niterói (RJ), 38 em São Paulo (SP) e 14 em Campinas (SP).

Apesar de não permitirmos comentários nas postagens-relatos, mantínhamos uma comunicação mais dialógica por meio de postagens que tinha como intuito provocar observações, interagir para entender os interesses dos participantes, como esta, no dia 06 de abril de 2020:

colaboradores, faz 11 dias que começamos a publicar os relatos e temos até agora um conjunto diverso e bem instigante. Estamos sentindo também que essa prática de produzir e trocar relatos tem sido importante neste período e queremos encorajar os novos membros a escreverem os primeiros relatos.

O período de isolamento social já está na terceira semana, os relatos registraram o período de ajuste, muitos falaram do ‘cair a ficha’. Ao mesmo tempo, os dramas e sofrimentos começaram a aparecer. Como estamos lidando com as notícias e as experiências sobre a doença? E a rotina, algo mudou das primeiras semanas? Cresceu nessa última semana a ideia de que períodos de isolamento social podem ser prolongados. Ao mesmo tempo, há também mais questionamentos sobre o isolamento horizontal. Como vocês têm lidado com essas incertezas e expectativas?

Essas questões são só para estimulá-los, o mais importante dos relatos é que eles comuniquem o que vocês acham importante de registro, sintam-se livres e convidados a continuarem os relatos.

Propúnhamos também temas de observação, como a relação com os vizinhos, a presença da tecnologia no cotidiano, as relações de trabalho. No Dia das Mães e na Páscoa fizemos pedidos especiais para o registro do dia. Realizamos em abril uma enquete sobre a permissão ou não de comentários nas postagens relatos. Apesar de a maioria ter apoiado a liberação de comentários (24 a 12) optamos por manter a proibição, pois percebemos que dentre os que pediram para não ter comentários estavam participantes que escreviam frequentemente, ou seja, para estes, os comentários poderiam ser fatores inibidores. Assim, justificamos nossa decisão ao grupo.

Em junho de 2020, aplicamos um questionário com os participantes com objetivo de: compreender e analisar as motivações que levaram a participarem do grupo como colaborador; identificar como está sendo a experiência de postar e ler os relatos; traçar um perfil sobre os colaboradores e; receber opiniões e sugestões sobre a dinâmica do Grupo de Relatos. Esse questionário foi respondido por 28 participantes.

Quarentena, e depois?

A parte maior do material foi de relatos escritos. E como pode ser observado no gráfico 2, o período de mais registros foi nos primeiros três meses do grupo (março, abril e maio de 2020). Esse período coincide com o de maior engajamento nas medidas de isolamento social. Considerando os dados do monitoramento do isolamento social, vemos que junho é o mês em que o isolamento social se reduz e se manterá numa faixa estável até 2021 (ver gráfico 3). De outro lado, a nível de contágio e de mortalidade têm seus picos nos meses de junho, julho e agosto.⁴ O arquivo formado de relatos, portanto, registra principalmente o período marcado por medidas mais fortes de quarentena e de restrição de locomoção, mas com uma experiência indireta da doença e de sua letalidade, o que vai se tornando uma experiência cada vez mais direta, infelizmente, no curso dos meses de 2020 e 2021.

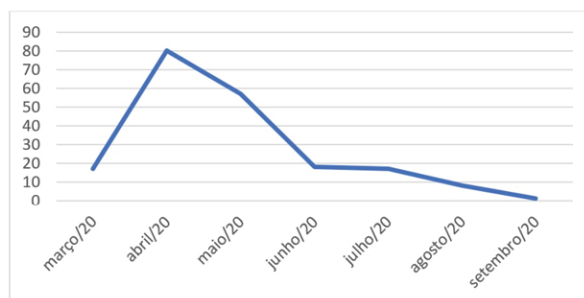


Gráfico 2: Número mensal de postagens

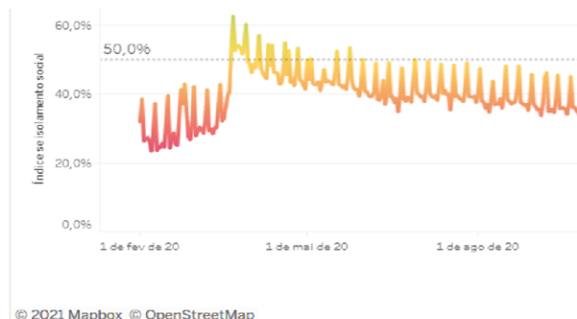


Gráfico 3: Índice de isolamento social por dia – Brasil⁵

Considerando o questionário aplicado, vemos que as motivações para os relatos estavam ligadas a alguns fatores. A resposta mais comum envolveu relacionar a prática da produção do relato como o objetivo de organizar “pensamentos e percepções sobre o meio”, ou, como diz outro participante: “colocar para fora que vai nos entupindo... Ajuda a sistematizar essa nova realidade que nos foi ‘atirada nos peitos’ sem que tivéssemos nenhuma preparação”. Percebe-se também uma reação a um sentimento de solidão da experiência da pandemia. “Foi uma sensação de quebrar o silêncio. Aqui em casa cada um tem lidado com as suas questões e as vezes conversamos bem pouco. Ao escrever um relato pude contar pra alguém como estava me sentindo”. Nesses casos, a prática de produção dos relatos teria funcionado para os sujeitos como uma resposta ao caráter disruptivo da pandemia, isso fica expresso sinteticamente em outra resposta: “são muitas mudanças de rotina, escrever os relatos me permite entender melhor os processos de mudança que estou vivendo”.

A ideia de construir uma bagagem emocional, ou de pensar o registro como forma de organizar a nova rotina estão vinculadas ao ineditismo do evento e à alta carga de incertezas e ansiedades que ele provocou. Como

trabalhamos em outro texto,⁶ há um caráter de antecipação que marca a produção de registros nesta primeira fase. A pandemia é vivida como incerteza sobre o que acontecerá, medo dos riscos e adoção de medidas que alteram profundamente a rotina. Escreve-se muito sobre as mudanças, as apreensões, as expectativas, mas, aos poucos, vemos chegar relatos da doença.

Os vieses de nosso grupo reforçam a condição de “quarentenado” como a principal experiência registrada. Muitos trabalham ou estudam em casa. Mas alguns trabalham fora, como um relato sobre as tensões da ida ao trabalho registra:

trabalho em uma rede de hipermercados que é administrada por uma holding com base nos Estados Unidos. Nesse contexto de crise sanitária global, essa rede mantém suas atividades normalmente e em nenhum momento nos ofereceu a opção da quarentena, redução do quadro efetivo por algum tipo de rodízio, antecipação de férias ou mesmo dos EPIs necessários para nos protegermos. Vende-se 80ml de álcool em gel a R\$9,89, mas não há a distribuição para os funcionários, somos pouco mais de 200 no quadro.

Em meu trajeto diário de bicicleta até o trabalho é possível perceber que, obviamente tudo está diferente, nunca vi por exemplo o principal shopping conter da cidade com o estacionamento vazio em um sábado a tarde. As ruas e avenidas estão mórbidas. Não é a mesma realidade dos hipermercados e seus trabalhadores - muitos deles jovens recém saídos do ensino médio e sob o regime intermitente - na cidade de Campos, que dispõe de pelo menos seis grandes redes de hipermercados e centenas de funcionários. Muitos moram nas zonas rurais ou em comunidades periféricas da cidade.⁷

Considerando esse quadro, os poucos relatos recebidos a partir de junho são relevantes para indicar o que ainda provoca o registro, como apatia, revolta, saudosismo, e uma sensação de estar doente.

Absolutamente tudo me dá saudade. [...] A rua que já foi minha amiga, já não me reconhece, me perco nos caminhos mais comuns e habituais, acho que não conheço mais os caminhos. Sinto saudades de ser amiga da rua, das encruzilhadas, das esquinas.⁸

Não me comovo mais, tenho feito juízo de valor...sinto muito, comecei o texto falando sobre minha empatia...ela está doente, assim como o restante dos brasileiros! São muitos os males, não é só a pandemia que faz mal.⁹

A busca por armazenamento e o problema das corporações

Nosso interesse inicial em buscar formas alternativas de produção de registros do cotidiano também incluía um foco sobre o armazenamento desses registros. Há uma crescente preocupação com o destino da quantidade gigantesca de dados produzidos nas redes sociais (na forma de big data) e o caráter privado de seu domínio,¹⁰ especialmente no que se refere à guarda e ao acesso. A forma de armazenamento automatizada do big data também nos

coloca questões sobre aquele registro produzido intencionalmente para guarda e a coleta indiscriminada de rastros das ações on-line.

Como outros projetos de coleta, optamos por criar um arquivo de registros intencionais, feitos para o momento e para futuro. É o tipo de arquivo que ajuda a revelar não só como as pessoas estão vivendo o momento histórico, mas o que elas querem registrar. Ao focar nas narrativas autobiográficas, apostamos no registro da dimensão social do ato de falarmos sobre nós mesmos.

A própria frase ‘falar sobre/nós mesmos’ tende a separar a individualidade do ato de expressá-la, a atribuir uma existência independente aos ‘nós mesmos’, que seria o ‘sobre o que estamos falando’, quando o ‘falar’, como defendo, na realidade convoca nossas identidades narrativas à existência.¹¹

Interessa-nos também a produção de memória coletiva e cultural pela “escrita do eu”, tal como aponta Lejeune.¹² Das cartas e diários dos séculos XVII e XVIII aos blogs, páginas da internet e as redes sociais em nossa contemporaneidade, escrever sobre si mesmo é também escrever para a posteridade, é produzir memórias, tanto pessoais como coletivas e culturais.

Talvez nunca mais ou raramente abra esses cadernos: mas sei que poderei fazê-lo. Além disso, a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma ‘identidade narrativa’ que tornará vida memorável. É a versão moderna das ‘artes da memória’, cultivadas na Antiguidade. O diário será mesmo tempo arquivo e ação, ‘disco rígido’ e memória viva.¹³

No caso de relatos para arquivamento público, o aspecto de registro pessoal se articula com o endereçamento direto ao outro. Em nosso grupo, a participação dos relatos em um conjunto de outros relatos, compõe um diário que é ao mesmo tempo pessoal e coletivo, íntimo e público. Eles podem ser revistos, relidos, ou seja, revisitados coletivamente, reforçando o caráter ‘vivo’ da memória. Como no movimento da literatura de testemunho¹⁴, e das lutas por justiça e reparação dos movimentos anticoloniais e das vítimas dos regimes totalitários a partir da década de 1980¹⁵, os projetos de memória da COVID-19 buscam registrar e arquivar o momento de forma testemunhal.

Os resultados trazidos por estes projetos contribuem também para a ampliação das discussões sobre a produção, arquivamento e os novos suportes da memória coletiva e cultural frente aos desafios do mundo atual. No que se refere ao armazenamento, nosso projeto impõe um desafio específico. Por contingência, optamos pelo uso de uma plataforma de propriedade de uma grande corporação e como forma de garantir certa privacidade e ambiente íntimo, fizemos uso de uma ferramenta denominada “grupo privado”. Isso nos colocou dois principais problemas sobre o armazenamento: todas as postagens

estão sob o controle da administração do Facebook, o que nos dá poucos recursos de garantia de anonimato e privacidade; o armazenamento também é de responsabilidade da plataforma e seu acesso deve obedecer às suas regras. Para enfrentar essas questões, separamos a coleta do armazenamento, ou seja, criamos um arquivo externo dos relatos e requisitamos individualmente autorização para armazenar e disponibilizar por meio de arquivos e instituições públicas esses relatos. No termo, o autor poderia definir se autorizaria com ou sem a revelação do nome. Com isso, criamos um arquivo de relatos em formato .doc que pode ser facilmente abrigado em outros arquivos, o que, estritamente, não pode ser considerado um “*webarchive*”¹⁶. No entanto, o próprio grupo é uma experiência relevante de arquivamento. Estamos estudando quais possíveis soluções existem. Após o “fechamento” das plataformas de mídia social, como a impossibilidade de uso de API (Interface de Programação de Aplicações) para arquivar esses materiais, formas alternativas estão sendo construídas.¹⁷ Considerando esse cenário, estamos considerando nossa demanda de arquivar o conjunto de ações no grupo e ao mesmo tempo observando questões éticas e legais envolvidas nesses métodos.

Neste primeiro momento, tratamos de viabilizar o arquivamento de maneira que esses materiais sejam consultáveis e tenham o tratamento devido como parte de uma coleção relevante para a memória da pandemia. Foi com esse intuito que participamos de uma articulação de diversos projetos de instituições arquivísticas, universitárias e de coletivos por um “memorial da COVID-19”. Em nossa percepção, será na reunião desses projetos que podemos tanto ter força política e institucional para a criação de um arquivo unificado, respeitando os diversos formatos dos projetos, quanto ter um panorama rico da diversidade das experiências que a pandemia provocou. Um arquivo plural para uma pandemia amplamente compartilhada e profundamente desigual.

Amostras do acervo

19 de março de 2020, São Domingos – Niterói- RJ

6º dia de quarentena – Primeira saída de casa desde o isolamento

Por aqui começamos nosso isolamento faz 6 dias, aulas suspensas, eventos desmarcados e aumento dos casos de COVID-19, desde então, não paro ler

sobre casa medida de segurança necessária para diminuir ou ao menos retardar o contágio do COVID-19, essa semana fomos surpreendidos pela notícia da segunda morte do Estado do Rio de Janeiro pelo vírus, o idoso de 69 anos havia morrido em Niterói, no hospital de Icaraí. É diante desse cenário de isolamento e medo que decido sair de casa para fazer coisas fundamentais, como ir ao mercado, pet shop e farmácia.

Saí de casa por volta das 14h40 em direção ao supermercado, no caminho poucas pessoas na rua, alguns comércios já fechados e uma ou outra pessoa no ponto de ônibus. Uma outra tentativa de ir ao mercado, já havia acontecido naquela semana por parte de minha companheira, no entanto, as prateleiras estavam vazias, então, esperamos mais alguns dias até que eu pudesse ir. Quando cheguei no Centro de Niterói, havia pouco movimento, alguns artesãos na calçada, mas ninguém passava ou parava por ali, foi o que ouvi um deles dizer quando eu passava.

Até o momento, a experiência de sair de casa estava desesperadora, o medo do contágio, eu me sentia em pânico, e cada passo que dava para mais longe de casa, sentia uma vontade de voltar correndo. O meu corpo começou a coçar, principalmente meu rosto e cabeça, eu sabia que não podia encostar minhas mãos no rosto, quanto mais eu as afastava do meu rosto, mas meu corpo e rosto coçavam, meus olhos ardiavam, meu nariz coçava, meus ouvidos, meu pescoço e etc. Tentei me forçar em outras coisas e a tentar perceber meu entorno, e quanto mais eu via pessoas, mas vontade de correr pra casa eu sentia.

O mercado ficava próximo ao shopping, o shopping estava aberto, mais havia mais seguranças que o comum, sempre que alguém entrava, um deles retirava uma fita que parecia de contenção de fluxo. Quando cheguei ao mercado, percebi o maior número de seguranças na entrada também, verifiquei as prateleiras e encontrei parte do que procurava lá, os preços haviam subido, em especial, o preço dos legumes, frutas e verduras, álcool em gel ou álcool 70 líquido não tinha. Comecei a ficar muito angustiada, ao ver as pessoas passando as mãos no rosto, e nenhum dos (as) trabalhadores (as) do supermercado usavam algum tipo de proteção. As farmácias estavam sem máscaras e álcool em gel, informavam que o estoque havia terminado e

ninguém sabia ao certo informar quando chegaria, eu consegui um frasco pequeno de 30ml que era o último de uma das farmácias, em uma delas havia filas e mais filas, cheguei a tentar contabilizar a quantidade de pessoas em uma das farmácias, eram umas 10 pessoas só na fila de remédios, além das pessoas que circulavam a atendiam. A farmácia se localizava no terminal rodoviário de Niterói, no mesmo local encontrei cerca de 5 ou 10 pessoas (maioria homens) usando máscaras, enquanto eram entrevistados, me informei sobre a situação, estava acontecendo uma manifestação de motoristas pelo direito a quarentena ou ao menos, por alguma medida de prevenção que também os alcançassem.

Em busca de um pet shop, uma das minhas últimas tarefas do dia na rua, percebi que a maioria das lojas já estavam fechadas, inclusive, as de pet shop tanto que demorei cerca de 40 min para conseguir encontrar uma, cheguei a ir em 4 lojas diferentes e apenas uma estava aberta. Já na volta para casa, duas coisas chamaram minha atenção, a primeira foi a banca de tabaco, o dono do pequeno comércio falava ao telefone bem preocupado, eu perguntei se estava tudo bem e ele informou que os produtos não estavam chegando e que a qualquer momento ele teria que fechar a banca por ordem da prefeitura, a situação o preocupava pois não sabia como faria a partir para se manter financeiramente depois que sua banca se fechasse. Por fim... Indo para casa por volta das 17h20, a cidade semi fantasma de Niterói, voltou a encher. Eram centenas de trabalhadoras e trabalhadores que naquele momento se dirigiam para os pontos de ônibus, barcas e para o terminal rodoviário da cidade. Afinal, a quem pertence o direito de cuidar da saúde? Quem pode ou não ser contaminado? A quem pertence o direito do isolamento pela saúde individual e coletiva? Essa é a cidade aparentemente fantasma nos horários de pico.

Tayná Santos

5 de abril de 2020

Olá, a todos e todas...

Acabo de desembarcar nesse grupo.

Quarentena no meu mundo, mais conhecida como Complexo de Manguinhos - favela do Arará. No dia 16/03 - início da quarentena aqui onde moro. Então, de repente, vi tudo muda... E novos comportamentos tiveram

que ser incorporados a nova rotina. Os “meninos do movimento”(comerciantes não legais -segundo definição do Mano Brown em entrevista ao Roda Viva em 2007), passaram a usar luvas, um vidro de álcool em gel sobre a mesa, e somente um usando máscara. Resolvi observar o comportamento dos consumidores. Claro! Pouco tempo depois vi o primeiro cliente. Com um saco cheio de embalagem reciclável, antes de pegar o dinheiro parou em frente a mesa, apertou o vidro de álcool em gel, passou nas mãos e nos braços. Pegou o dinheiro, pagou, pegou e levou o seu material para uma parte mais insalubre da favela. Bom, até os meninos do movimento, tiveram que se reinventar nesse tempo de pandemia.

Fabricia Miranda

12.04.2020, domingo de Páscoa. 28º dia de quarentena.

Já com o sono completamente desregulado, passei a madrugada acordado. Ora nas redes sociais, ora indo constantemente a cozinha atrás de algo pra comer. Até as 4h da manhã dividia minha atenção entre a tv e a conversa com Kaio no celular. As 5h, minha amiga Luá, que também estava sem sono, me convida pra assistirmos filme via Discord(aplicativo que ela usou pra transmitir o filme e se comunicar comigo por áudio ao mesmo tempo). O filme(Les Chansons D'amour) foi perfeito, e a conversa que tivemos sobre ele também. Depois disso, ouvi diversas músicas até pegar no sono por volta das 8h.

Acordei as 13h com barulho de almoço e família reunida na mesa, rolava um churrasco e não tão obstante entrega de ovos de chocolate. depois do banho etc, me juntei a bagunça e logo depois me recolhi ao meu quarto onde passei o resto da tarde dividindo atenção entre o celular e o quantidade de chocolate que tinha na cama. Lembro de me preocupa com o tanto de chocolate que estava ingerindo. Na minha cabeça eu poderia passar muito mal e ter que ir ao hospital, que no caso vem a ser o lugar que eu mais quero evitar ir durante muito tempo por medo do contágio. Senti também vontade de tomar umas cervejas, cheguei a animar minha prima Manu a me acompanhar, mas acabei desistindo porque as que eu tinha em casa acabaram e não queria sair pra comprar mais e correr risco. Por volta das 20h Kaio e eu decidimos conversar por vídeo, no WhatsApp mesmo, atividade essa que durou até as 22h

quando meu celular descarregou. Por volta desse horário, minha mãe pedia lanche e tbm começava BBB (pasmem, tem sido o ápice do meu entretenimento durante a quarentena, fora conversar com Kaio). Depois que o programa acabou comi meu lanche, entrei na plataforma de vídeo da emissora, onde fiquei acompanhando os participantes ao vivo e ao mesmo tempo usando as redes sociais até o dia acabar. Minha próxima refeição foi na madrugada do dia seguinte.

Victor Alencar

São Paulo - 23/06/2020.

Sinto que o Brasil me adocece.

São 3h56 da manhã, deitei ooh30 e estou de pé fazendo as contas do saldo que tenho disponível e do quanto preciso arrecadar, por meio dos freelas, até o próximo dia 5.

Uma das abas abertas é uma pesquisa sobre a 3º parcela do auxílio emergencial que ainda não tem uma data fixada.

Paisinho de bosta!

Penso nos meus pais, ambos incríveis em seus ofícios, sempre me inspiraram a ter garra.

Ele é Pedreiro, um dos melhores que conheço, profissão que me foi apresentada como “humilde” já que pra ser peão não precisa nem saber ler. Ele, analfabeto funcional, de fato não o sabe.

Ela é Cozinheira, uma das melhores que conheço, mesma história da profissão humilde, só que um pouco mais valorizada. Lembro de ser chamada de “filha da cozinheira” durante boa parte da minha vida e não ver maldade naquilo. Ora, eu sou filha da pessoa que estava proporcionando um momento incrível de felicidade pra várias pessoas, por que isso seria ruim?

Só aos 16 anos essa questão foi respondida. Ela me levou para trabalhar como sua auxiliar em um evento e dentre minhas tarefas, ajudei a preparar os drinks. Era um almoço celebrando um aniversário.

Sempre fui uma pessoa muito comunicativa e espontânea, as pessoas que iam ao bar pedir seus drinks, costumavam demorar um pouco pra jogar

conversa fora. Dentre eles, o aniversariante.

Ele havia me perguntado como estava a escola e o que eu queria fazer quando saísse do ensino médio. Falamos sobre jornalismo esportivo, representatividade feminina nesse campo e futebol. Uma conversa normal até que sua irmã, anfitriã da festa, se junta a nós e ele relata com entusiasmo sobre a conversa, ela encerra o diálogo com “Ah, ela é a filha da cozinheira.” o tom com que ela falou aquilo e o olhar de constrangimento que ele lançou não saíram da minha cabeça. Eles não voltaram mais ao balcão no decorrer do evento.

É, esse país não valoriza aqueles que constroem casas e os que cuidam de refeições. Por isso a insistência dos meus pais naquela coisa que, principalmente para o meu pai, parecia etérea- o tal dos “Estudos”. Sempre me ensinaram que eu deveria estudar e trabalhar em algo que não me desse calos nas mãos e nem queimaduras nos braços. Honrei esse pedido.

Em 2018, como Desenvolvedora Jr. já recebia quase o dobro do salário da minha mãe. Em 2020, mesmo após a demissão por conta da pandemia, mantenho meu aluguel em um bairro no centro da cidade e ajudo com as contas da família.

Paisinho de bosta!

Acabei de receber uma mensagem sobre demissão em massa em uma das universidades privadas sediada em São Paulo.

Não são só os pedreiros e cozinheiras que são tratados feito nada.

Retorno aos meus cálculos, fazia algumas que não chorava.

Kelly Roberta

10 de Janeiro de 2021

Detectado: o dia que não acabou: *Relato de uma sobrevivente da COVID-19*

2021 ainda só tem 10 dias e eu já vivi tanta coisa, que a sensação é que já passou pelo menos um ano completo. Tem uma música antiga que dizia: “1 minuto para o fim do mundo, toda a sua vida em 60 segundos.” E é bem isso. Não com esse período de fato, mas na intensidade. O tempo sempre passa diferente do que precisamos. Geralmente inversamente proporcional. Dia 28

de dezembro amanheci com coriza e tosse seca, sintomas compatíveis com uma velha conhecida minha, a sinusite. Caberia perfeitamente, já que estava recebendo a visita da minha amada sobrinha Eva e alternávamos banho num chuveiro temperatura lava de vulcão, com formações de estalactite no quarto, conforme preferência da pequena. Peguei o meu kit sinusite e segui o baile. Tinha algumas coisas a fazer antes que o ano acabasse. 2020 foi um ano peculiar para todos os habitantes da Terra, mas estávamos fechando com mais motivos a agradecer do que outra coisa. Recebemos em nosso seio familiar o nosso segundo sobrinho, Théo. Família feliz e com saúde, não podíamos querer mais! Os dias seguiram e com o uso dos medicamentos a tosse parou, mas amanheci um dia sem olfato e paladar, também sintomas da sinusite, mas dessa vez era diferente. Resolvi fazer um teste de Covid só para me tranquilizar. Me lembro bem que consultava o resultado online a cada minuto. O réveillon passamos em família, distantes, sem abraços ou coisas do tipo. Agradecemos a Deus o então corrente ano e entregamos o próximo em Suas mãos, já que somos uma família de cristãos. Pelas festividades de final de ano, o resultado saiu apenas 3 dias após. Foi então que no dia 02, lá pelas 22:00 eu abri e lá estava o resultado: DETECTADO. Eu estava sozinha na sala. Li o resultado e fiquei sem entender. Estava ou não com covid? Era pra estar escrito positivo? Negativo? O resultado estava óbvio, mas eu me recusava a acreditar. Como eu havia dado esse mole? Por que demorei a fazer o exame? Automaticamente contei para minha mãe e liguei pro meu irmão, pai da minha sobrinha, que já havia retornado à cidade onde moram. A partir do momento que peguei o resultado, minha vida virou de cabeça para baixo. Eu me lembro de tremer muito. Um tremor que nunca antes havia sentido. Vim para o meu computador pesquisar. Quanto mais eu pesquisava, mais o tremor e temor aumentavam. E aí, o que fazer? Ir pra emergência? Ficar em casa? Marquei uma consulta pelo aplicativo do plano de saúde e o médico me explicou e esclareceu todas as dúvidas. Por mais que estivesse ouvindo desde março sobre essa doença, o negócio muda de figura quando você está infectado. O médico receitou alguns remédios para os sintomas, já que para a doença em si ainda não existe nada comprovado. Desliguei com o médico e segui a pesquisa. Coloquei minha cabeça no lugar, ou tentei, e fiz uma agenda. Comecei a repassar todos os meus passos das últimas semanas e as pessoas com

que tive contato. Todos os segundos importavam. Dentre eles, cuidei do meu sobrinho recém-nascido, estive com minha sobrinha, com meus pais idosos, etc, enfim, quanto mais eu pensava, mais eu ficava aterrorizada. Um misto de vergonha, com culpa e medo, muito medo. Medo do que viria a seguir, medo de ter colocado em risco minha família. Medo. Pavor. Passei a madrugada conversando com um amigo, já que dormir estava fora de cogitação. Amanheceu e todos da minha família já sabiam. Eu tinha certeza que todos estavam contaminados! E agora? Meus pais tinham um compromisso inadiável marcado no dia seguinte em outro estado. E aí tive uma conversa das mais maduras e difíceis com minha mãe. Ela me disse: “minha filha, a gente estava se cuidando, infelizmente você se contaminou. Se algum de nós pegou e morrer, a culpa não é sua. Vai ser uma fatalidade. Deus sabe de todas as coisas!” Cara, não existe razão ou argumento possível que alivie o peso de um coração culpado pela perda de um ente querido! Não haveria! E aí vieram mil coisas na cabeça. Tantos planos ainda pra colocar em prática, tanta coisa pra viver. Era o caso de fazer cartas de despedida? Ligar para os amigos? Eu não queria morrer! Queria ver meus sobrinhos maiores, presenciar a aurora boreal, abraçar meus parentes e amigos. Mais uma vez, tentei colocar minha mente no lugar e fui orar. Pedir a Deus misericórdia. E aí uma luz começou a surgir no fim do túnel. Meu pai testou negativo. Que alívio! Ainda assim o tremor não diminuía. Tinha todos os outros. Ninguém tinha sintoma, mas ainda estavam na janela de manifestação. Em resumo, milagrosamente, ninguém foi infectado por mim! Talvez essa fosse a minha maior preocupação e talvez esse seja o cerne do pacto coletivo quando nos vacinamos. Não é só sobre nós, mas sobre todos ao nosso redor. Quantas pessoas passaram por mim nos dias após contaminação? Quantos confiaram suas vidas a mim, achando que eu estava saudável? Passado esse susto maior, a ficha foi caindo do que EU poderia passar. Quais sintomas eu teria? Já haviam passados alguns dias, quase a metade dos 14 dias. Sintomas leves, mas sempre tem a história de alguém que piorou depois do 10º, 12º dia, etc. Tenho o privilégio de ter uma casa confortável e ter podido ficar sozinha. Isso me deixou mais aliviada. Verdadeiramente, passei a viver cada dia como um milagre. Não é um texto motivacional, por que sinceramente, o porvir ainda é uma incógnita. Fisicamente eu não tenho sintoma quase nenhum, mas meu psicológico nunca

mais será o mesmo. E eu acho bom que seja assim. Não sei se você acredita em algo maior ou como é sua fé, mas eu não tenho dúvida alguma de que eu vivi um milagre. Não sei o porquê, mas vou agarrar com unhas e dentes essa oportunidade. Não no sentido de viver, por que ainda não sei se terei sequelas, ou se vou sobreviver, quem sabe? Mas pelo milagre de não ter contaminado ninguém. Talvez todo esse relato seja para isso, para te alertar que a vida do próximo depende das suas atitudes. São vidas, universos particulares, sonhos. Ainda estamos dentro de uma pandemia e sem respostas conclusivas. É desesperador ter uma doença letal como essa e não ter um remédio específico, um estudo específico. É tudo muito aleatório! Muitas pessoas saudáveis se foram, outras como eu, com comorbidades, tiveram (tivemos) sintomas leves. Tive apoio espiritual e psicológico de alguns poucos amigos e líderes, mas por opção minha. Falei com poucas pessoas, por que era tudo muito pesado. Lidar com todo esse turbilhão de incertezas, sintomas e aflições era algo que eu precisava passar sozinha. Ainda estou passando. Hoje, no finalzinho dos dias previstos de sintomas, um pouco mais confiante, respiro mais aliviada e esse texto pode parecer dramático, mas viver todos esses dias e sozinha não foi algo fácil. Eu levava meu corpo à exaustão física, faxinando, arrumando as coisas, para não ter que lidar com os meus próprios pensamentos. Arrumar e planejar me dava a sensação de continuidade da vida, de normalidade. Anteontem precisei ir à emergência. Senti falta de ar e a médica do aplicativo me recomendou. Sai de casa sem saber se voltaria. Me lembro de deixar comida e água fresca para os animais. Li minha bíblia e pedi a Deus para voltar pra casa. Hesitei em ir, mas eu precisava. Chegando lá, esperei uma hora e meia mais ou menos, e em comparação aos demais, eu estava bem. Algumas poucas pessoas sem diagnóstico ainda, mas sem conseguir respirar, assustadas, algumas chegando de ambulância, alguns acompanhantes esperando notícias do lado de fora, outros indo buscar roupas para quem precisaria ficar. A bateria do meu celular estava acabando, então preferi escrever em um pedaço de papel que tinha na bolsa. Perdida em meus pensamentos e medos, fui consultada e mais uma vez uma vitória: estava tudo bem! Voltei pra casa com um remédio para tomar e o coração grato. Eu não mereço nada disso, sei de tantos muito mais merecedores que eu, com mais fé, mas que perderam a batalha. Por algum motivo eu permaneço aqui e eu quero de fato fazer valer a pena essa aposta.

Não existem garantias nessa vida. Quantos dias de sintomas? Qual a porcentagem de comprometimento no pulmão? Quanto de eficácia da vacina? Não sabemos. Nada é certo. Mas enquanto estamos aqui precisamos apostar alto. Precisamos cuidar uns dos outros, pois no fim, somos nós por nós mesmos. Na verdade, é assim que entendo o Criador diante da criação. Estamos todos conectados. A própria cruz aponta para um relacionamento vertical, que reflete num horizontal. Ainda hoje estou aqui, presa nesse processo todo, ouvindo resposta ao tempo, pensando que a Covid silenciou pra sempre a genialidade do poeta Aldir Blanc, e grata por poder ouvi-lo e ser encorajada a seguir nessa loucura toda chamada vida.

Malu Az

¹ Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense.

² Professor e Coordenador do Programa do Mestrado em Sociologia Política PPGSP (IUPERJ-UCAM).

³ Cf. SHERIDAN, Dorothy. Writing to the Archive: Mass-Observation as Autobiography. *Sociology*. v. 27, n. 1, p. 27-40, 1993.

⁴ PAINEL CONASS: Covid-19. *Conass*, 2020. Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

⁵ Cf. MAPA Brasileiro da Covid-19. *Inloco*, 2021. Disponível em: <https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/>. Acesso em: 26 de mar. 2021.

⁶ Cf. GAJANIGO, Paulo; SOUZA, Rogério. A Pandemia e o Ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos. *Revista Sociedade e Estado*. v. 36, n. 1, p. 37-60, 2021.

⁷ Relato postado em 22 de março de 2020 (todos os relatos citados tiveram autorização dos seus autores, aqueles que identificamos também autorizaram o registro do nome).

⁸ Relato postado em 15 de agosto de 2020, por Tayná Santos.

⁹ Relato postado em 25 de junho de 2020, por Rita de Cássia Félix.

¹⁰ Cf. GIANNACHI, Gabriella. *Archive everything: mapping the everyday*. Cambridge: The MIT Press, 2016.

¹¹ Cf. EAKIN, Paul John. *Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

¹² Cf. Lejeune, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Testemunho: entre a ficção e o real. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

¹⁵ Cf. HYUSSEN, Andreas. *Culturas do Passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contratempo, 2014.

¹⁶ Cf. BRÜGGER, Niels. *The archived web: doing history in the digital age*. Cambridge: The MIT Press, 2018.

¹⁷ Cf. BEN-DAVID, Anat. Counter-archiving Facebook. *European Journal of Communication*, v. 35,

n. 3, p. 249-264, 2020.

Projeto *Escola em quarentena*:

aflições, memórias e devires da educação na pandemia

Juliane Bazzo¹
Kelli Schmigue²
Mana Lucena Suarez³

A pandemia de COVID-19 repercutiu globalmente sobre os mais diversos setores da vida no ano de 2020, perdura e se agrava no Brasil em 2021, com seus integrais impactos ainda a serem determinados.⁴ Algumas áreas, contudo, sentiram de modo ainda mais imediato e brusco os efeitos da ágil dispersão do novo coronavírus. Dentre elas, certamente, está a educação, que precisou suspender rapidamente, nos diversos níveis de ensino formal, as atividades presenciais, em virtude da alta probabilidade de contágio em ambientes marcados por aglomerados de pessoas. Em tempo recorde, docentes, técnicas(os) educacionais, estudantes e suas famílias se viram, ao redor do mundo, envolvidos em novos experimentos de aprendizagem, de caráter remoto emergencial.⁵

Perante o desconcerto desse contexto, a ciência foi outro nicho instantaneamente tocado e convocado a buscar medidas de enfrentamento a uma crise multifacetada, ao mesmo tempo sanitária, geopolítica, econômica e sociológica. Desde a identificação da doença em fins de 2019 na China, mas especialmente com a decretação de sua natureza pandêmica pela Organização Mundial de Saúde (OMS) nos primeiros meses de 2020, o volume de pesquisas, nas mais diversas frentes, evoluiu de modo avassalador em todo o planeta.⁶

Para tanto, mostrou-se necessário repensar o próprio modo de conduzir essas investigações, de maneira a assegurar, o mais rigorosamente possível, o distanciamento social exigido perante uma mazela infecciosa ainda sem remédio e demandante de vacinas inéditas, apenas mais tarde desenvolvidas.

Nesse decurso, migraram em peso para plataformas digitais estudos das ciências naturais e humanas a envolver pessoas como sujeitos de pesquisa, sob uma miríade de temas. E, entre seus instrumentos mais recorrentes, observou-se a difusão, nas redes sociais virtuais, de questionários fechados ou abertos, gerenciados sob apoio de ferramentas como o Google Forms.

Originado em abril de 2020, o projeto *Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais* situa-se como fruto desse movimento massivo de pesquisas, embora sua inspiração metodológica provenha do modo etnográfico de produzir conhecimento, típico da Antropologia enquanto campo do saber. Uma etnografia, para se constituir, pode contemplar a aplicação de perguntas como aquelas reunidas em questionários, mas aprendemos que não se restringe a isso. Inclui também a observação sistemática, a escuta atenta, bem como interlocuções mais fluidas e contingentes com os sujeitos de pesquisa, estejam eles off-line ou on-line.⁷

Nesse sentido, o *Escola em quarentena* não constitui em si mesmo uma etnografia, mas lança mão de seus pressupostos, a fim de gerar *insights* de potencial etnográfico, capazes de serem desdobrados em diferentes estudos e intervenções. Sob essa luz, o projeto se propõe a reunir em um espaço compartilhado e colocar em diálogo relatos que passaram a povoar a internet, assinados por docentes, técnicas(os) educacionais, estudantes e seus familiares, acerca de dilemas, adaptações e aspirações, na tarefa de ensinar e aprender em um momento que fugia completamente ao ordinário.

No que tange à realidade do Brasil, na qual se baseia a iniciativa, tais falas tomam forma a partir de contextos de vida bastante diversificados. Essas vozes ecoam de redes de ensino públicas e privadas, de diferentes regiões geográficas, retratando um país plural, mas também muito desigual socioeconomicamente, perante a empreitada de lidar com a educação remota emergencial. Mesmo em meio a um dia a dia turbulento, defronte às drásticas transformações colocadas pela pandemia, os sujeitos das comunidades escolares demonstraram, encontrar tempo para ofertar minuciosas impressões, que merecem ser preservadas e mobilizadas enquanto memória e conhecimento.

Logo, o propósito de criação do *Escola em quarentena* esteve em,

justamente, auxiliar o encontro mútuo dessas narrativas, para refletir sobre os desafios do presente e, também, angariar elementos profícuos ao laborioso processo de imaginar coletivamente um futuro pós-pandemia à educação brasileira. Para isso, o projeto delimitou como espaço de funcionamento um grupo de aprendizado social, que, até o momento desta escrita, reunia cinco centenas de membras(os), na rede virtual Facebook.⁸ A iniciativa nasceu vinculada ao blog de divulgação científica *Primavera nos dentes – Ensaios sobre a escola e a realidade brasileira*, gerenciado de modo independente pela primeira autora deste capítulo.⁹ O blog tem por missão visibilizar e enriquecer debates em Antropologia da Educação, enquanto um subcampo disciplinar em expansão.¹⁰

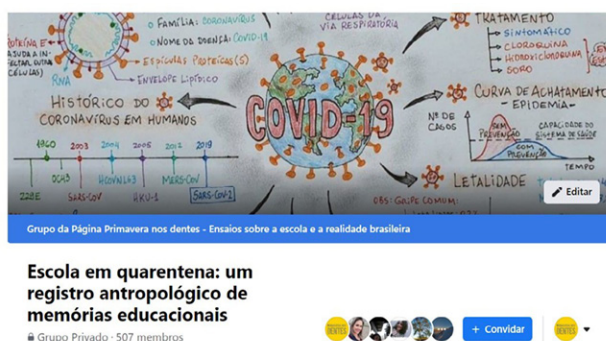


Figura 1: Página principal do projeto Escola em quarentena

O *Escola em quarentena*, por conseguinte, valoriza, desde o seu princípio, a interdisciplinaridade entre a Educação e a Antropologia, reverberada pelo *background* acadêmico-profissional de sua coordenação tripartite, como se pode depreender das biografias das autoras deste texto. Além disso, tem-se em tela um projeto que lança mão das redes sociais virtuais para realizar a gestão do conhecimento e a aprendizagem coletiva. Por fim, entendemos que a iniciativa seja um esforço de promoção da ciência aberta e cidadã, ao partilhar dados qualitativos de pesquisa no compasso em que estes vão sendo gerados, via engajamento de agentes das comunidades escolares.¹¹

Metodologia

Conforme mencionado, a operacionalização do *Escola em quarentena* segue um caminho díspar em relação a um volume considerável de pesquisas on-line que, no cenário de dispersão do novo coronavírus, pautam-se pela aplicação

de questionários estruturados. A iniciativa em vitrine aqui, por sua vez, busca replicar, com adaptações, o modelo do estudo *Relatos do cotidiano durante a pandemia*, coordenado pelos sociólogos Paulo Gajanigo, vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF) e Rogério Souza, da Universidade Cândido Mendes (UCAM).

Sob o propósito de construir um arquivo da vida ordinária durante a quarentena e, assim, auxiliar na perenização da memória social brasileira desse momento, a investigação da dupla de estudiosos se desenrola também em um grupo de aprendizado social na rede Facebook.¹² Esse ambiente estrutura-se por unidades de trabalho que acomodam especialmente depoimentos sobre o dia a dia, mas também descrições de sonhos, expressões artísticas e um inventário de transformações na mobília doméstica, todos conteúdos compartilhados pelos(as) participantes do grupo, desde março de 2020, quando do decreto da emergência sanitária.¹³

O *Escola em quarentena*, igualmente, organiza-se a partir de três unidades de trabalho, adequadas aos seus propósitos. Uma primeira, com o que chamamos de *Narrativas originais*, busca agregar relatos enviados exclusivamente ao grupo por suas membras(os) a respeito do cotidiano educacional frente à pandemia. Uma segunda, denominada de *Narrativas viralizadas*, almeja abranger conteúdos nesse mesmo perfil em alta circulação nas redes sociais virtuais e, portanto, de interesse das(os) participantes. E uma terceira, titulada de *Narrativas provocadas*, com enquetes em torno de assuntos potentes de debate, afeitos ao escopo do projeto.

Qualquer pessoa com uma conta no Facebook pode solicitar acesso ao grupo, sob aceite da moderação. Para participar, as(os) membras(os) precisam acatar um conjunto condensado de regras éticas. As normas incluem o compartilhamento de narrativas mediante aprovação da administração, como também o aceite de sua publicidade, tanto no ambiente do grupo, quanto em outros desdobramentos que o projeto possa vir a ter, estejam os relatos em forma escrita, visual ou audiovisual. O formato das narrativas manifesta-se destarte, de maneira totalmente livre, mas se solicita, entretanto, a indicação de alguns dados sobre cada autora, como a cidade de residência, a função desempenhada em sua comunidade escolar e a informação sobre vínculo a

uma rede de ensino pública ou privada. Todavia, quando manifestado o desejo, relatos sob anonimato também recebem aceite.

Resultados & discussão

Até o momento de escrita deste capítulo, o projeto reúne 53 narrativas originais, 87 narrativas viralizadas e quatro narrativas provocadas.¹⁴ A princípio, a moderação do grupo optou por compartilhar tais relatos com comentários desativados, orientada pela aspiração primeira de promover a circulação dessas vozes. Entretanto, com a inauguração da unidade de narrativas provocadas, passou-se a abrir a possibilidade de comentários das(os) membras(os) nas enquetes, a fim de enriquecer as discussões propostas.

Em seguida, tanto narrativas originais, quanto viralizadas, passaram a ser selecionadas para permanecer com comentários abertos. O intuito disso esteve em fomentar debates guiados, anunciados em *posts* específicos pela administração do grupo, no esforço de tornar a troca de ideias o mais produtiva possível (Figura 2). Atesta-se a eficácia desse procedimento pela ausência de episódios de desacato no interior do ambiente virtual em questão, algo não raro em redes sociais e que, logo, enseja cuidados prévios de gerenciamento.

Quanto às temáticas abarcadas pelas narrativas, pode-se sintetizar que contemplam uma série de dificuldades de adaptação ao ensino remoto, tanto de estudantes e seus familiares, como de docentes e técnicas(os), seja no que diz respeito ao manejo da tecnologia, à reformulação de conteúdos a distância, à criação de vínculos afetivos via plataformas digitais ou ainda ao equilíbrio com as rotinas domésticas e profissionais dos adultos. Não obstante, chegam também relatos reveladores de como tais personagens procuram lidar ou contornar esses obstáculos no dia a dia, com maior ou menor sucesso, por se tratar de um cenário excepcional.¹⁵

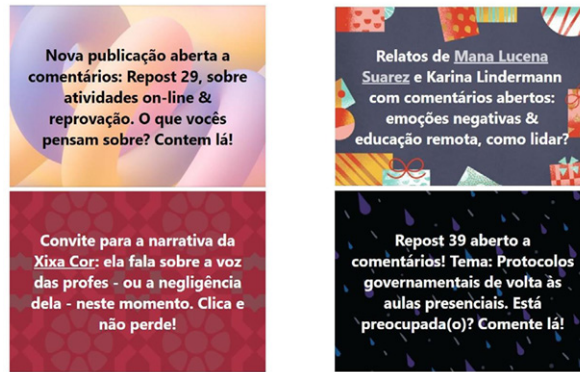


Figura 2: Posts com chamadas para participação no grupo

Narrativa 16 ***

Aula suspensa em prol do bem
 Aula online é pra quem pode
 Na quebrada tem aluno que nem internet tem
 E o MEC cogitando a ideia de não cancelar o ENEM
 E aí eu pergunto: Essa decisão favorece a quem?

Figura 3: Exemplo de narrativa original

✓ Narrativa 12 ***

Colo aqui mais um desabafo:
 Usar o uniforme escolar em casa

Ontem a escola que Arthur (7 anos) estuda (particular) resolveu mandar um vídeo com diretores-donos passando um recado sobre os próximos passos. Queriam um retorno das aulas presenciais mas o Governo do Estado não permitiu. Óbvio, a escola é particular, mas o problema da Covid é de saúde pública.

A dona da escola em tom pesado deu orientações de disciplina, controle das crianças e cobrou o uso do uniforme mesmo dentro de casa para as aulas virtuais.

Uniforme vem de "uma única forma", de farda. A nomenclatura foi inventada no século XV por instituições militares. No Brasil o uso de uniformes escolares começou no Rio de Janeiro no século XIX. A ideia era não mostrar diferenças entre ricos e pobres, mas acabou sendo um bom artifício de maquiagem das desigualdades. É visto em estudos que por traz de um uniforme existe uma mensagem subliminar na vestimenta onde se reclama do aluno um porte exemplar, zelando assim pela imagem da instituição.

Uniforme na escola até se acha justificativas plausíveis, mas em casa não. Uniforme tira identidade, tira particularidade. Uniforme padroniza, deixa todos com cara de "carne moída" (ver o clipe novo Another Brick in the Wall do Pink Floyd de 1979 para entender meu "carne moída").

Não vai ter "carne moída" aqui, nem hoje, nem amanhã, nem semana que vem.

Figura 4: Exemplo de narrativa original

Narrativa 36

RELATO PESSOAL - sobre as aulas on-line e os professores EAD do momento:

Gostaria de falar, como professora, que não estávamos preparados para esta situação EAD e lamento as tantas críticas ouvidas (de pais e pessoas que interagem com a educação). De uma hora para outra, temos de ser apresentadores de TV e animadores de plateia? Ser professor demanda uma intensa interação pessoal, emocional e física e disso sabemos bem, mas a distância a nós obrigada apresentou-nos novos desafios e, infelizmente, não estávamos preparados e seguimos aprendendo este novo lugar. Aliás, muitos dos professores que estão nas TVs não fizeram um curso antes de começarem a gravar e nem tinham orientações tão precisas sobre como gravar porque o sistema educacional realmente não estava preparado para isso. Temos formação no presencial e não EAD. Alguns professores inclusive sequer tinham estado em frente a uma câmera sequer interagindo com a família. Mas muitos precisam gravar suas aulas para que as crianças e adolescentes não fiquem sem conteúdo. Sei que há muito para melhorar e poderia ser melhor este sistema educacional, mas **muita gente envolvida no processo educacional não estava pronta** para essa mudança e este novo estado. Sim, a escola demora para mudar - a gente sabe e não é culpa só dela também. Assim, neste meu primeiro relato, deixo aqui a minha indignação com as reclamações sobre a situação e a pouca empatia para com os professores que estão gravando aulas.

Figura 5: Exemplo de narrativa original

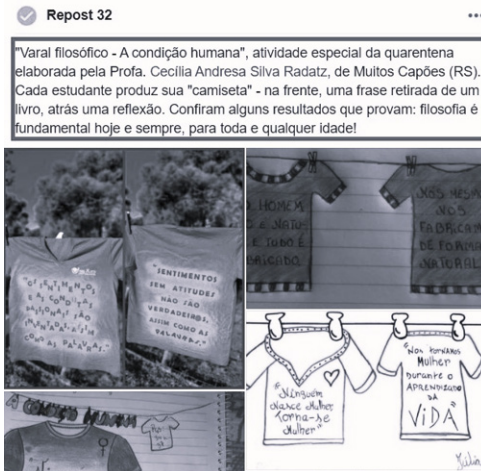


Figura 6: Exemplo de narrativa viralizada

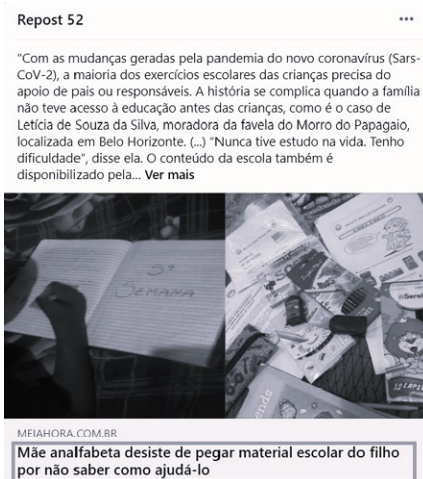


Figura 7: Exemplo de narrativa viralizada

Repost 46



Para todos os alunos:
Por favor seja legal com seus professores. Meu pai tem 53 anos e me liga todo dia pra treinar tecnologias diversas comigo pq ele fica nervoso nas aulas, e quer o melhor pros alunos. Por favor tenham paciência, não façam piada, eles estão se esforçando ❤️

Figura 8: Exemplo de narrativa viralizada

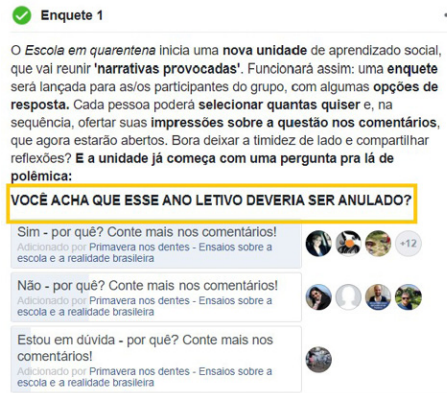


Figura 9: Exemplo de narrativa provocada



Figura 10: Exemplo de narrativa provocada

A fim de nos auxiliar na problematização teórico-etnográfica do conteúdo

desses relatos, evocamos outra intervenção de registro de memórias da COVID-19 que vemos dialogar em suas premissas com o *Escola em quarentena*. Trata-se da iniciativa batizada de *Pandemia de narrativas*, vinculada ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som, da Universidade Federal de Pelotas (Leppais/UFPel). Essa ação “antropoética”, como a classificam suas criadoras, hospeda-se na plataforma Instagram e objetiva reunir fotografias, desenhos, colagens, vídeos, ambiências sonoras e poesias, enquanto artefatos confeccionados e enviados por quaisquer pessoas que, dessa maneira, atuam por conferir representação à vida em quarentena.¹⁶

Claudia Turra Magni¹⁷ – coadministradora desse projeto junto da pesquisadora Daniele Borges Bezerra e de discentes na UFPel – toma de empréstimo ferramentas conceituais de Victor Turner,¹⁸ para assinalar que, ao agregar uma gama de registros estéticos, o *Pandemia de narrativas* serve ao propósito de conferir vazão a “rituais de aflição”. Nessa perspectiva, tal espaço virtual delimitaria uma espécie de “*communitas*”, a lidar com uma situação de “liminaridade” agônica, no âmbito do “drama social” colocado pela COVID-19. Logo, esse território digital alicerçado, segundo Magni, em uma “antropologia sensível”, trabalha por auxiliar na diluição de barreiras do isolamento, permitir um pensar sobre a crise e tecer laços de resistência, em um cenário em que se desnudam fragilidades e esgarçamentos, recentes e antigos, em torno de vínculos e proteções sociais, no Brasil e no mundo.

Dessa forma, se a pandemia surge como algo completamente novo para a maioria da população, paradoxalmente, é também mais do mesmo exacerbado. E com as comunidades escolares não indica ser diferente. Uma chave interpretativa frutífera para refletir sobre isso se manifesta nas relações entre escolas e famílias. O antropólogo Gabriel Noel explica que o “sistema de expectativas recíprocas” entre familiares de estudantes e instituições de ensino iniciou sua desestabilização na modernidade ocidental no pós–segunda guerra.¹⁹ A democratização educacional desencadeada nesse período trouxe consigo um componente de diversidade, que passou a atritar com um arranjo originalmente elitista de aprendizagem. De lá para cá, projetos de estado de bem-estar se deterioraram, modos de governo neoliberais avançaram e a troca de acusações se aprofundou.

Contemporaneamente, mães e pais afirmam, assim, existir uma “crise da escola”, enquanto esta diz haver uma “crise da família”. Ambos os lados se reconhecem como imprescindíveis à formação de crianças e jovens, contudo, desautorizam-se mutuamente nesse processo. No fim das contas, como ensina o mentor de Victor Turner, Max Gluckman, há uma “crise moral”: dois grupos em franca divergência sobre princípios de ação, com grandes dificuldades de alcançar um consenso no horizonte.²⁰ Considerando esse quadro exemplar, vê-se que a pandemia não coloca uma crise educacional exatamente nova, mas sim amplifica algumas já existentes.

No âmbito do projeto *Escola em quarentena*, de um lado, assiste-se a esse intercâmbio de inculpações entre escolas e famílias, atualizado pelas intercorrências da educação remota. De outro, a circulação de narrativas nesse espaço virtual esboça também uma percepção entre esses atores de que há doses de pertinência nos argumentos de ambos os polos, diante da dramaticidade da pandemia. Ou seja, vê-se persistir a ambivalência antes referida nessa relação.

Uma mãe, por exemplo, afirmou num artigo viralizado: “a escola finge que está cumprindo seu papel e os alunos fingem que estão aprendendo. Uma hipocrisia à distância”.²¹ Um pai disse então em réplica ao texto dela: “as dificuldades são imensas, mas nenhum professor deixou de lado a preocupação com a qualidade do ensino. Comparar o antes com o agora me parece muita hipocrisia. O mundo não está igual!”.²² Nesse confronto, importa notar, enfrentam-se uma mãe e um pai de classes médias, em casas equipadas com computadores on-line.

Com o intuito de sistematizar todas essas narrativas em trânsito, houve o delineamento de alguns tópicos classificatórios para as publicações no grupo, ordenados pelos papéis das(os) membras(os) em suas comunidades escolares (Figura II). Com isso, verifica-se que a maior parte das narrativas reunidas pelo projeto, até o momento, vem da escola pública, com assinatura de professoras e mães (são quase quatro dezenas de relatos para cada uma dessas categorias). Em seguida, apareceram as mães com crianças no ensino privado (com cerca de duas dezenas).

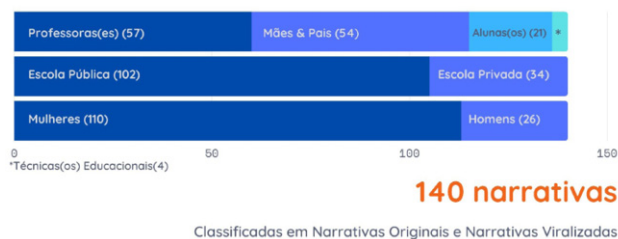


Figura 11: Estratificação das narrativas por tópicos classificatórios

Percebe-se, assim, uma característica distintiva, por ora, do conjunto de participantes do grupo: as mulheres constituem mais de 80% desse universo. Quanto à localização geográfica, informada pelo gerenciamento de informações do próprio Facebook, aproximadamente 45% das(os) membras(os) do grupo vêm do Sul do Brasil; adiante, aparece a região Sudeste, com perto de 10%. Tais dados expõem desigualdades de gênero, de classe e, muito provavelmente, de raça, que se mostram deveras profundas na realidade brasileira e, não raro, operam de modo interseccional.²³

A esmagadora participação feminina no projeto dá comprovação de que, em uma sociedade como a nossa, de origens escravocratas e enraizada no patriarcado ocidental, o cuidado de crianças recai maciça e iniquamente sobre as mulheres, principalmente às mais empobrecidas e, entre estas, às mulheres negras.²⁴ Por seu turno, o fato de a maior parte das membras residir nas regiões Sul e Sudeste evidencia disparidades socioeconômicas na geografia. Tais iniquidades se espelham em índices de inclusão digital, considerados aí tanto o acesso pleno às tecnologias da informação e comunicação, quanto o necessário letramento para delas usufruir.²⁵

Assim, embora seja emblemático no *Escola em quarentena* o volume de narrativas oriundas da rede pública de ensino, tem-se claro que uma considerável fatia de vivências de segmentos mais desfavorecidos da população brasileira não foi totalmente captada on-line. Essa é, sem dúvida, uma reverberação de um problema grave da educação remota emergencial: diante da suspensão das atividades presenciais, muitas famílias se encontram em severas dificuldades para continuar nutrindo vínculos com suas comunidades escolares, as quais constituem elos fundamentais na corrente de proteção social, a despeito de todas as precariedades estruturais já bem conhecidas.²⁶

Uma forma de demarcar de modo transparente essa lacuna, foi a exposição

de conteúdos a esse respeito na unidade de narrativas viralizadas do grupo. Um exemplo residiu na chamada para que as(os) membras(os) conhecessem o blog *Lugar de criança é...?*²⁷. Nesse espaço, há a reunião de relatos sobre percalços da educação remota vindos de crianças e familiares em situação de vulnerabilidade social, assim como de trabalhadoras de assistência nesse campo, especialmente residentes na região costeira paranaense. A coleta dos dados difundidos por esse blog viabiliza-se por redes já anteriormente tecidas pelo projeto *Territórios urbanos e oferta de programações esportivas*, vinculado ao Campus Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e encabeçado por Luis Eduardo Thomassim e Marisete Hoffmann, docentes da instituição, sob apoio de bolsistas.

O estabelecimento desse tipo de contraponto, com relatos captados por outras iniciativas, possibilitou explicitar no *Escola em quarentena* que a raiz daquele embate entre escolas e famílias, anteriormente assinalado, indica estar em outro lugar. Trazemos à baila uma breve história para ilustrar.

Ainda antes do início do projeto em foco aqui, mas já em período de pandemia, a primeira autora do artigo conversou, via WhatsApp, com uma interlocutora de suas pesquisas antropológicas, professora de uma rede municipal de ensino no Sul do país. No diálogo estabelecido, a docente se disse de mãos atadas. Nas palavras dela: “liguei pra minha diretora pedindo a lista de telefones dos meus alunos do quarto ano. A maioria não tem ou não atende”. Essa professora defronta-se, logo, com a ausência de uma rede de apoio forte do Estado, o ator que não aparece em primeiro plano na “crise moral” entre família e escola antes referida, mas está a movê-la determinantemente.

Assim como entre os casos de contaminados pelo coronavírus, o momento crítico de pandemia registra estudantes subnotificados, cujo paradeiro não se identifica ao certo com as escolas fechadas. Em tal cenário, escolas e famílias sequer podem seguir se enfrentando, já que não mais conseguem se comunicar. Vê-se aí a crueza da desigualdade, visibilizada pela sensibilidade de dados de natureza etnográfica, como o testemunho da professora. Dados desse gênero tendem a se avolumar quando se trabalha com uma série ampla de narrativas, como a reunida pelo *Escola em quarentena*, oriunda de uma teia complexa de

atores em ação, em detrimento de miradas redutoras a embates supostamente polarizados.

Conclusões

O *Escola em quarentena* tornou-se objeto de atenção em entrevistas na mídia, artigos de divulgação científica e comunicações em eventos.²⁸ No grupo, há um tópico classificatório denominado *Repercussões do projeto*, em que a equipe reúne tais impactos. A despeito disso, é preciso assinalar que, a contar de meados de outubro de 2020, cerca de seis meses após seu lançamento, observou-se um calar de vozes no espaço do grupo, com o envio bastante mais espaçado de narrativas originais. Não vimos nisso, contudo, um fechamento definitivo para o projeto.

Nessa situação, partilha-se do entendimento da etnógrafa em educação Ariana Figueroa, de que o “silêncio é agentivo” nas rotinas da vida, inclusas as escolares.²⁹ Ou seja, o silêncio fala da realidade, como também a molda. Essa interrupção no compartilhamento de narrativas não nos pareceu algo isolado ao *Escola em quarentena*. Nesse sentido, um exemplo veio do grupo *Relatos do cotidiano durante a pandemia*, já mencionado. À época da escrita deste capítulo, o último depoimento publicado naquele ambiente, dentre mais de uma centena de recebidos, era de janeiro de 2021, porém, o relato que o antecedeu datava do mês de agosto, ou seja, tinha-se aí um intervalo de quatro meses.

Para voltar a pensar com a ajuda de Victor Turner, pode-se ver nisso um indício do movimento de acomodação entre a “antiestrutura”, própria da “*communitas*” e a “estrutura”, típica do status quo.³⁰ Essa acomodação parece sinalizar uma certa rotinização da pandemia no dia a dia, com seus prós e contras. Se, por um lado, passados meses da decretação da emergência sanitária, alcançamos certo conhecimento sobre como nos proteger da COVID-19 para seguir com algum tipo de cotidiano, por outro, houve também uma atmosfera de negação da existência da pandemia, em muito favorecida pela má condução de políticas públicas em torno desse evento, especialmente da parte do governo federal.³¹

Considerado esse cenário, não descartamos que um novo ciclo de narrativas venha a se manifestar no momento em que as aulas presenciais

tenderem ao retorno – o que ainda não se concretizou massivamente enquanto escrevemos –, dando forma a um novo conjunto de aflições em meio às comunidades escolares. Para além disso, o *Escola em quarentena* almeja alcançar desdobramentos que superem as fronteiras virtuais. Nesse sentido, a equipe responsável vem refletindo sobre quais seriam os melhores meios de democratizar esse aprendizado coletivo na forma de conhecimento educacional. O desejo é que frentes de ensino, pesquisa e extensão sejam exploradas, nas quais todas as administradoras do projeto estão mais ou menos diretamente envolvidas.

Contudo, independente do que venha acontecer, consideramos que o projeto presta, de antemão, um serviço à memória. Se refletirmos com Michael Pollak, sabemos que toda e qualquer memória não é dada, mas sim elaborada por um intenso jogo social de forças, capaz de subalternizar certas lembranças, em favor de outras, com efeitos muito concretos sobre a realidade e o destino das pessoas.³²

Nessa direção, em comentário sobre a proposição do Conselho Nacional de Educação (CNE) de fusão dos anos letivos de 2020 e 2021, a pedagoga Monica R. da Silva, sem descartar os pontos positivos da proposta, alertou: “temos de estar atentos para não virar um ‘faz de conta’, para simplesmente não se jogar 2020 para debaixo do tapete e dizer ‘vamos fingir que não existe’ e, evidentemente, quem é prejudicado são as pessoas que menos acesso tiveram a esse ano escolar”.³³

Com essa crucial questão da memória em mente, fechamos com a provocativa pergunta trazida pelo historiador Antonio O. Vieira, em uma reflexão sobre a atual emergência sanitária, a partir da epidemia de sarampo ocorrida em Belém no ano de 1748. Ele se e nos interroga: “daqui a 100 anos quem terá a voz registrada, como a atual pandemia será apresentada e quem será silenciado?”.³⁴

1 Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab/CE) e Professora da Rede Pública do Estado do Ceará (Seduc/CE).

3 Contadora de histórias e mediadora de leitura à frente da *Cia OBaobá*. Especialista em Literatura Infantil e Contação de Histórias pela Faculdade de Ampére (FAMPERE) e em Biblioteconomia e Gestão de Bibliotecas Públicas e Institucionais pela Faculdade Batista de Minas Gerais (FBMG).

4 Uma versão preliminar deste capítulo foi publicada como *short-paper* no dossiê temático *Práticas informacionais interdisciplinares no contexto do Coronavírus (Covid-19)*. Cf. BAZZO, Juliane; SCHMIGUEL, Kelli; SUAREZ, Roselaine Lucena. “Escola em quarentena”: um projeto de registro antropológico de memórias educacionais durante a pandemia da Covid-19. *Revista A.to.Z – Novas práticas em informação e conhecimento*, v. 9, n. 2, jul./dez., p. 234–240, 2020.

5 Ao longo deste texto, dar-se-á privilégio à marcação feminina de gênero, que guarda maior consonância com o público abarcado pela iniciativa aqui descrita, como adiante se explicará.

6 GLOBAL research on coronavirus disease (Covid-19). *Who – World Health Organization*. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 19 out. 2020.

7 MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Tradução de Camila Balsa e Juliane Bazzo. *Blog do Sociofilo* [atual Blog do Labemus]. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller>. Acesso em: 23 maio 2020.

8 Cf. ESCOLA em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/escolaemquarentena>. Também ver Figura 1. Todas as ilustrações apresentadas ao longo do capítulo têm elaboração das autoras.

9 Cf. PRIMAVERA nos Dentes. Disponível em: <https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/>.

10 Cf. BAZZO, Juliane. Escola em quarentena: novos desafios, velhos dilemas. *Confinaria: Etnografias em tempos de pandemia*, 2021. Disponível em: <https://confinaria.hypotheses.org/744>. Acesso em: 27 abr. 2020.

11 Cf. AMARAL, Olavo. Guia de boas práticas em ciência aberta e reprodutível. *Serrapilheira*. Disponível em: <https://olz34z4bb51rsojq27401g19-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2020/10/Guia-de-boas-pra%C3%89ticas-em-cie%C3%82ncia-aberta-e-reproduti%C3%81vel-Serrapilheira-pt-BR.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

12 Cf. RELATOS do cotidiano durante a pandemia. *Facebook*, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2261561834146786/>.

13 GAJANIGO, Paulo; SOUZA, Rogério. Registros do cotidiano durante a pandemia de Covid-19: um relato de pesquisa. *Planície Científica*, v. 2, n. 1, p. 10–22, jan./jul. 2020.

14 Dados do dia 10 de abril de 2021.

15 Além dos exemplos dispostos nas figuras a seguir, uma série de outros podem ser conferidos no portfólio on-line do projeto. Disponível em: <https://rolls.bublup.com/julianebazzo/escolaemquarentena>.

16 Cf. PANDEMIA DE NARRATIVAS. *Instagram*. Disponível em: https://www.instagram.com/pandemia_de_narrativa. Adicionalmente, ver o seguinte ensaio, que traz a condensação de resultados e discussões do projeto: BEZERRA, Daniele Borges *et al.* Pandemia de narrativas: experiências compartilhadas no Instagram. *Áltera*, v. 2, n. 10, p. 203–214, 2020.

17 Cf. EXPERIMENTAÇÕES de antropologia (áudio) visual na rede, 2020. 1 vídeo (3 horas). Publicado pelo canal TV ABA. Disponível em: https://youtu.be/aCn_FvJXyFw?list=PLobe-LHB675-lkfUjU4gWaFDIptSq5FbS. Acesso em: 03 set. 2020.

18 Cf. TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008 [1974].

19 Cf. NOEL, Gabriel. *La conflictividad cotidiana en el escenario escolar*: una perspectiva etnográfica. San Martín: UNSAM EDITA, 2009.

20 Cf. GLUCKMAN, Max. Moral crises: magical and secular solutions. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, v. 4, n. 2, p. 369–405, 2014 [1965].

21 SANTOS, Dany. Hipocrisia a distância: a escola finge que está educando e os pais fingem que os

filhos estão aprendendo. *Bula Revista*, 2020. Disponível em: <https://www.revistabula.com/31077-hipocrisia-a-distancia-a-escola-finge-que-esta-educando-e-os-pais-fingem-que-os-filhos-estao-aprendendo/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

22 BELTRAMIM, Fabio. Ninguém escolheu ficar confinado: educação a distância não é hipocrisia ou escolha, é a única alternativa possível no momento. *Bula Revista*, 2020. Disponível em: <https://www.revistabula.com/31158-ninguem-escolheu-ficar-confinado-educacao-a-distancia-nao-e-hipocrisia-ou-escolha-e-a-unica-alternativa-possivel-no-momento/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

23 CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002; SOUZA, Jessé (org.). *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

24 BAZZO, Juliane. Não tenho filhos. Posso ser aliada da maternidade? Portal *Catarinas: jornalismo com perspectiva de gênero*, 2020. Disponível em: <https://confinaria.hypotheses.org/744>. Acesso em: 10 maio, 2020.

25 SPYER, Julian. *Social media in emergent Brazil*. Londres: UCL Press, 2017.

26 Cf. PARREIRAS, Carolina; MACEDO, Renata M. Desigualdades digitais e educação: breves inquietações pandêmicas. *Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus*, n. 36. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2350-boletim-n-36-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>. Acesso em: 8 maio 2020.

27 Cf. LUGAR de criança é...? Disponível em: <https://lugardecriancaufprlitoral.blogspot.com>.

28 Cf. BAZZO, Juliane. O amanhã no “chão da escola”: lidando com afetos. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-amanha-no-chao-da-escola-lidando-com-afetos/>. Acesso em: 6 jul. 2020; BAZZO, Juliane; SCHMIGUEL, Kelli.; SUAREZ, Mana L. Projeto Escola em Quarentena. UFPR TV. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufprtvooficial/videos/2810026785786509/?t=16>. Acesso em: 29 maio 2020; BAZZO, Juliane. Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais. VII Cirkula – Mesa 4 (encerramento), 2020. 1 vídeo (2 horas e 43 min.). Publicado pelo canal Cirkula UFPE. Disponível em: <https://youtu.be/20DdPCnycyA?list=PLobe-LHB675-rntnjUaTuKaRzNBYo7e3U>. Acesso em: 16 out. 2020.

29 MANGUAL FIGUEROA, Ariana. Speech or silence: undocumented students’ decisions to disclose or disguise their citizenship status in school. *American Educational Research Journal*, v. 54, n. 3, p. 485-523, 2017.

30 Cf. TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas... Op. cit.*

31 Cf. BAZZO, Juliane. O amanhã no “chão da escola”... *Op. cit.*

32 Cf. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

33 EDUCAÇÃO na Pandemia: os impactos da tecnologia da informação e o ensino remoto, 2020. 1 vídeo (1 hora e 28 min.). Publicado pelo canal PET Ciências Sociais UFPR. Disponível em: <https://youtu.be/nwKJH2gPp4k?list=PLobe-LHB675-zCyaBI8-AHEEqjAo9SdYy>. Acesso em: 8 out. 2020.

34 Cf. VIEIRA, Antonio O. O direito de fala e de memória na epidemia. *Antropológicas Epidêmicas*. Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/o-direito-de-fala-e-de-mem%C3%B3ria-na-epidemia>. Acesso em: 13 jun. 2020.

Diários da Quarentena:

podcast como representação dos dias de pandemia

Thais Rodrigues Oliveira¹
Marcelo Henrique da Costa²

O termo *podcast* surgiu em 2004 e é uma mistura de duas palavras em inglês: iPod e broadcast. O *podcast* tem ganhado força no mercado mundial, pois o consumidor escolhe o que quer ouvir na hora que quiser e é um formato acessível a qualquer utilizador da internet.³ Além disso, dá a possibilidade para o ouvinte de fazer o download do arquivo e é acessível a qualquer pessoa que tenha um gravador de som e um computador para editar e enviar o material finalizado para a internet (sendo que atualmente todos esses processos podem ser realizados com um celular).

No Brasil, o primeiro *podcast* foi produzido em 2004, no mesmo ano em que surgiu nos Estados Unidos.⁴ Segundo o IBOPE, de todos os consumidores de internet hoje, no Brasil, 40% são consumidores de *podcast*.⁵ Isso reflete um gradativo aumento do áudio como ferramenta de comunicação no mundo. Wagner Jesus nos afirma que *podcast* “é um arquivo de mídia transmitido via Feed RSS (real symple syndication)” sendo seu formato mais comum o *podcast* de áudio.⁶

No *podcast*, o material é gravado e arquivado em áudio, disponibilizado na internet em plataformas digitais de *streaming* e de áudio, por MP3. O MP3 tem como objetivo: “tornar os arquivos de áudio menores por meio da compactação de dados [...], e mais fáceis de armazenar em um ambiente de espaço de dados limitado, como um disco rígido”.⁷ O *podcast* pode ser acessado por diferentes plataformas como: Spotify, Pocket Cast, Google Podcasts, CastBox, Deezer, entre outros.

A escuta do *podcast* é uma escuta individual. Passamos de uma escuta

coletiva com o rádio, no qual várias pessoas se reuniam para ouvir algum programa em um aparelho fixo, para uma escuta individual nos fones de ouvido ou aparelhos digitais e móveis nessa era do *podcast*.

*O podcast cria intimidade. E os podcasters criam essa intimidade com seus ouvintes ou podouvintes. Da mesma forma que um locutor de rádio fala com seus ouvintes, o podcaster também se dirige a eles. É uma prática comum, inclusive nos podcasts brasileiros, uma sessão de leitura e comentário dos e-mails recebidos no período anterior, trazendo o ouvinte ainda mais para perto da experiência do podcast e da intimidade dessa relação.*⁸

O rádio, como o conhecemos anteriormente, antes da chegada da web 2.0, permitia uma experiência real e coletiva, já o *podcast* permite uma experiência individual e virtual. Não há necessidade de que você escute os episódios de forma linear, você pode escutar apenas um dos episódios, ou, ainda, na ordem que preferir.

Steven Feld⁹ sugere que o som reflete o modo sônico de ser e estar no mundo. Nesse sentido, o som é capaz de traçar identidades, produzir sensações e corresponder ao momento histórico e social relatando experiências. O *podcast Diários da Quarentena* contextualiza a época de pandemia trazendo retratos sociais falados de experiências de mundo para este momento, depoimentos sonoros sobre a saúde psicológica e física de pessoas pelo Brasil em tempos de coronavírus, a partir do recebimento de relatos sonoros.

O “novo normal” relatado no *podcast Diários da Quarentena*

Em 2020 e 2021, encontros e aulas se tornaram virtuais, parte dos trabalhos passou para o *home office*, e muitas pessoas tiveram que cumprir isolamento em suas casas. Isso tudo por causa de um vírus que possui alta força de contágio e se espalhou rapidamente pelo mundo. A pandemia evidenciou a fragilização dos sistemas públicos de saúde, a prioridade dada à esfera econômica (tardio fechamento de fronteiras etc.), impactos em diferentes classes sociais e a propagação de *fake news*.

De casa, uma nova maneira de ver e ouvir o mundo surgiu para milhares de pessoas que cumpriam quarentena, configurando o que entendemos hoje como novo normal. Em mais de um ano de isolamento no Brasil, o que temos chamado de “novo normal” diz respeito a um novo padrão de relações humanas e de trabalho que possa garantir nossa existência, ou seja, um novo modo de relação com o mundo a partir do nosso cotidiano individual, do *home*

office, na internet, a partir de um espaço de isolamento. Uma mudança de hábitos.

A partir desta circunstância mundial, foi criado o *podcast Diários da Quarentena* na Rádio UEG Educativa, rádio da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Tanto a Rádio, quanto o projeto do *podcast*, estão abrigados no CriaLab|UEG¹⁰ – Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual, um espaço de criação e de experimentação coletiva em que professores e estudantes desenvolvem projetos e conteúdos multiplataforma.

A Rádio UEG Educativa iniciou suas atividades em 2017 e tem atuado como interlocutora entre a Universidade Estadual de Goiás e os seus diferentes públicos e, também, na difusão dos saberes científicos produzidos. A emissora está vinculada ao Curso de Cinema e Audiovisual da UEG e atualmente a equipe conta com 2 docentes, 3 servidores técnico-administrativos e 3 estudantes. Participam também professores e estudantes dos cursos de Fisioterapia, Direito, Zootecnia, Ciências Econômicas, Medicina Veterinária e Pedagogia que desenvolvem projetos de divulgação científica e/ou culturais junto à emissora. A Rádio tem buscado estabelecer conexões entre as diferentes áreas de conhecimento da Universidade, com o intuito de também ser campo de experimentação e amadurecimento profissional de estudantes de graduação e pós-graduação, o que tem possibilitado um rico processo de construção de conhecimentos e experiências no campo da produção de conteúdos sonoros. Com repertório jovem, conteúdos de entretenimento e de cunho educativo, a Rádio tem encurtado o caminho entre a Universidade e a sociedade. Os conteúdos podem ser acessados pelo sítio na internet www.radio.ueg.br.

O projeto *Diários da Quarentena* recebeu arquivos sonoros do mês de março de 2020 até dezembro de 2020, sendo veiculado nas principais plataformas de *podcast*. O projeto recebeu áudios gravados por pessoas de todo o Brasil que participaram de forma voluntária, enviando o material em áudio gravado por e-mail ou via WhatsApp. A chamada para participação de pessoas voluntárias para relatar suas experiências no *podcast* foi divulgada nas redes sociais da Rádio UEG Educativa com o chamamento abaixo descrito:

como você está lidando com a pandemia de Covid-19? Você está abrigado em casa ou é um trabalhador essencial? Que lembranças dessa época você acha que ficarão com você? Como tem

sido a vida fora da sua janela? Se a quarentena acabasse amanhã, qual seria a primeira coisa que você faria? A Rádio UEG Educativa quer ouvir você! Conte-nos sobre suas experiências e nos envie sua história. ١. Você pode gravar e enviar um clipe de áudio (até ٠٥ minutos); ٢. Ou escrever um texto (até ١٠٠٠ palavras); ٣. Por favor, inclua seu nome e cidade onde reside na gravação ou texto, e nos envie uma foto para usarmos na divulgação do podcast. Ah, e fale claramente e em voz alta, para obter a melhor qualidade de áudio!¹¹

Sabe-se que o som pode nos auxiliar a construir uma maneira de nos conhecer no mundo.¹² O *podcast Diários da Quarentena* foi um projeto que surgiu como forma de receber e partilhar experiências distintas de pessoas em cidades do Brasil sobre o contexto inicial da pandemia em suas cidades e em suas casas. Cada participante poderia enviar um áudio simples gravado por celular e narrar suas experiências nesse contexto pandêmico.

Ao todo, o projeto recebeu sessenta e cinco depoimentos, dos quais cinquenta e nove foram publicados como episódios individuais do *podcast*. Foram recorrentes as situações de angústia, estresse e ansiedade frente a todas essas informações que nos chegavam durante a pandemia. Nesses relatos despontam homens, mulheres, crianças, trabalhadores da saúde, professores, taxistas, para contarem, a partir da narrativa oral, o retrato social do que estavam vivendo durante esse tempo de convívio social atípico.

Foram publicados dois episódios semanalmente (nas terças e nas quintas) e durante os nove meses de veiculação dessa primeira temporada obtivemos um total de 6105 ouvintes¹³ somando todas as execuções dos episódios nas plataformas veiculadas, que foram: Anchor, Google Podcasts, Breaker, Overcast, Pocket Casts, Radiopublic, Spotify, Sound Cloud, Instagram Tv e Youtube da Rádio UEG Educativa.¹⁴ Essa quantidade de reproduções demonstra a força que o formato *podcast* tem, levando em conta que as pessoas escolheram realizar a escuta do material em áudio, ou seja, mais de seis mil pessoas escolheram ouvir os episódios do projeto.



Retrato falado: o podcast

Desde o primeiro dia de isolamento, a vida das pessoas mudou muito. Para a equipe criadora do projeto, o importante era coletar uma ampla gama de experiência e perspectivas pessoais para integrar um registro para as gerações futuras. Recebemos relatos de pessoas de diferentes estados e cidades brasileiras, como Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará, Tocantins, Minas Gerais, Goiás e Bahia. Todas essas memórias sobre o período que estamos vivendo podem ser revisitadas a partir da escuta desses sons.

O material enviado por áudio por cada participante era livre. As pessoas poderiam contar sobre seus dias, suas aflições, seus medos, saudade dos amigos, suas perspectivas para esse período de pandemia etc. Jelin nos informa que são muitos os tipos de memória, mas quando se escutam esses sons estamos nos referindo à memória afetiva, que é capaz de ativar lembranças de bons e maus momentos, situações cotidianas que fazem com que nos sintamos parte de uma coletividade, já que a memória pode ser compartilhada a partir da internet. Essa memória social, coletiva, não é definitiva, ela sempre será ressignificada a partir dos contextos em que é inserida: “a experiência individual e a memória não existem em si, mas se manifestam e se tornam coletivas no ato de compartilhar”.¹⁶

Desse modo, tais narrativas podem ser entendidas como um conjunto de manifestações que se valham da oralidade, da escrita e dos sons, e que, em outras situações também das imagens, se organizam a partir de uma sucessão de episódios ou ocorrências de interesse e vivências desses indivíduos, de modo que os sujeitos–autores possam se expressar, narrando e contando algo sobre o mundo, sobre a existência, sobre o outro ou sobre si mesmos.

O pensamento benjaminiano nos convida a refletir sobre a prática de contar histórias.¹⁷ Pensar sobre o passado, o presente e o futuro a partir das experiências que vão sendo constituídas não somente do ponto de vista amplo, mas também da ótica individual de pessoas e grupos. De modo que não somente os discursos hegemônicos prevaleçam, mas também as micronarrativas que estão a contrapelo da história. Assim as narratividades precisam considerar as relações estabelecidas entre tempo, construção

histórica, conteúdo e exercício do pensamento.

A experiência aqui relatada a partir do processo de produção do *podcast Diários da Quarentena* explicita como as narrativas de anônimos podem construir também um outro tipo de registro historiográfico, apresentando um retrato do momento, neste caso, por meio de narrativas orais.

Mesmo mediadas pelas tecnologias digitais, as narrativas orais remontam nossa ancestralidade humana, que, na contemporaneidade, são atualizadas em seu modo de feitura e distribuição, mas que, ao mesmo tempo, nos ligam com o modo humano de contar histórias e recriar a vida a partir de histórias de vida. Assim, elas vão sendo amalhadas ao cotidiano e transformando as formas de constituição e de leitura do mundo. Já que no campo da cultura,

praticamente tudo pode ser percebido e interpretado como narrativa. Num sentido amplo, podemos dizer que a narrativa tem como foco a experiência humana, busca que sempre envolve ações cognitivas e afetivas, entrecruzadas.¹⁸

Nesse sentido, o *podcast Diários da Quarentena*, buscando valorizar as narrativas de pessoas anônimas, que gostariam de compartilhar suas experiências e vivências durante o período pandêmico, recebeu o material enviado em áudio, e a equipe de edição sonora do *podcast*, formada por professores e estudantes universitários do curso de Cinema e Audiovisual da UEG, realizou uma edição de sons com base no relato enviado. Buscou-se construir uma paisagem sonora com fala, música e ruídos para cada episódio, demarcando sonoramente o depoimento de cada participante. Por exemplo: se um depoimento descrevia que o depoente passou dias na UTI, inseríamos sons de máquinas médicas para acompanhar o relato. Em outros casos foram utilizadas músicas gratuitas para o acompanhamento das falas.

Os títulos dos episódios apresentam uma frase dita pelo depoente e que, no geral, representam um resumo do conteúdo apresentado pelo participante no podcast. Abaixo apresenta-se uma tabela com o título de cada episódio:

TABELA 1: Episódios do podcast Diários da Quarentena. ¹⁹			
EP	Nome do episódio	Depoente	Duração
1	“Ficar em casa hoje é também um gesto político”	Jô Levy	07:18
2	“A beleza da impermanência”	Pedro Simon	04:00
3	“O inimigo invisível”	Hugo	04:49

		Caiapônia	
4	“Dias estranhos”	Simone Ataíde	02:37
5	“São 75 dias que não vejo meus pais”	Diogo Duarte	03:55
6	“Eu não parei de trabalhar”	Gilce Sousa	03:47
7	“O importante da vida nesta época é aproveitar a família e ter mais solidariedade”	Paulo Mendes	04:02
8	“Procuro razões para resistir”	Iraildes Barbosa	05:37
9	“A sensação que mais perdura é o cansaço”	Victor Vinícius	07:03
10	“A crise sanitária se tornou uma crise política neste país”	Alex Macharetti	06:20
11	“Tudo aconteceu tão de repente!”	Roberto Brenner	02:09
12	“Refletir a respeito da vida, da morte, do mundo”	Marine Estefane	03:47
13	“Os cinemas não vão ser mais como antes”	Éder Assis	04:22
14	“Fabulações de outono”	Morgana Poiesis	01:57
15	“Uma nuvem negra paira sobre a pátria amada”	Gabriela Campos	02:25
16	“Essa gente indiferente ao que é urgente”	Rondinelly Linhares	02:15
17	“Aproveitar as oportunidades e seguir em frente”	Eduardo Capela	05:29
18	“Mais uma Maria se foi!”	Valeria Litvac	01:53
19	“A gente tem que estar preparado para um novo momento”	Mazé Alves	04:14
20	“Às vezes é difícil escapar do desânimo”	Daniel Sousa	03:50
21	“Eu escolhi confiar na ciência”	Ozeias Laurentino	04:43
22	“Agora é tentar lidar com essa nova forma de convivência”	Grayce Rodrigues	03:00
23	“Sou uma das pessoas que teve contato com o coronavírus”	Roberta Rocha	02:21
24	“O primeiro sintoma que eu tive foi o cansaço”	Luiz Pellizzer	05:05
25	“Venci o Covid”	Leonardo Melo	04:17
26	“Fiquei três dias internado na UTI”	Enoque Neto	03:20

27	“Esse vírus veio escancarar o descaso com a saúde pública no Brasil”	Jason Abraão	04:32
28	“Até quando ficaremos nessa situação?”	Enio Medeiros	04:31
29	“No dia seguinte, recebi meu resultado, que era positivo”	Leonardo Cunha	02:00
30	“Virei mestre em EaD”	Jaqueline Veiga	09:08
31	“O olhar preconceituoso da doença”	Jordana Braz	03:40
32	“Me vi obrigado e me reinventar”	Sebastiao Júnior	03:35
33	“É solidade, não é solidão”	Gean Toni	01:51
34	“Eu sinto falta do silêncio”	Nayara Tavares	03:04
35	“Os trabalhos aumentaram muito no mundo digital”	Luiz Felipe	05:02
36	“Meu contato com as pessoas tem sido mediado por telas”	Deusimar Gonzaga	04:58
37	“Vou mandar o coronavírus para o espaço”	Augusto Braga	03:45
38	“Várias pessoas da minha família já pegaram Covid”	Cristal Sampaio	01:50
39	“O coronavírus já matou um milhão de pessoas!”	Vinicius Braga	02:40
40	“Vocês já se perguntaram sobre a quarentena?”	Maria Fernanda	02:37
41	“Temos que usar a máscara e ficar em casa”	Alexandre Barros	02:00
42	“Eu tô achando que eu tô numa prisão”	Isaac Campagnoli	01:37
43	“Eu quero sair de casa, ir à escola, encontrar meus amigos”	Marina Ladeira	02:02
44	“Eu queria um super poder para mudar tudo isso”	Thomaz Correia	02:20
45	“Eu queria que isso passasse logo”	Pedro Sampaio	01:32
46	“Minha rotina mudou, tudo está diferente”	Victor Alencar	02:10
47	“Eu estou aprendendo com 2020”	Ricardo Moraes	03:05
48	“Aprendi que trabalhar é importante, mas que viver é mais importante ainda”	Jarves Calixto	04:30
49	“Incerteza”	Pollyana Marques	05:15
50	“O que eu aprendi nessa quarentena é que eu não tenho o controle do mundo”	Sildênia Santos	02:54

51	“Mesmo para nós psicólogos que estamos acostumados a lidar com a dor, é muito pesado”	Liliam Dayrell	03:23
52	“A esperança é a de que no ano que vem alguma vacina chegue ao Brasil”	Pedro Macedo	03:38
53	“Eu ainda não entendi como lidar com tudo isso”	Dimitria Bonini	03:10
54	“Desde que começou esse isolamento a minha vida mudou muito”	Karine Vieira	02:21
55	“Como eu definiria 2020? Uma quarentena infinita”	Dannilo Santiago	04:15
56	“Procurei uma válvula de escape com a arte”	Kelly Pereira	03:42
57	“A quarentena está sendo um instrumento para um novo e diferente crescimento”	Laura Nunes	02:33
58	“Esse momento tão difícil fez a gente se sentir mais sozinho do que nunca”	Pedro Fazoli	07:49
59	“Minhas companhias nessa quarentena tem sido o YouTube, Google Meet e a internet”	Sarah Teixeira	02:05

De modo geral, os relatos contidos no *podcast* nos contam sobre a angústia dos dias de isolamento. Memórias que futuramente vão poder ser acessadas nas redes sociais a partir do registro sonoro e constituir um material próprio desse momento.

A fisicalidade característica do som sugere uma ‘estrutura de conhecimento’ profundamente impressionista e locacional – isto é, as maneiras pelas quais a escuta proporciona processos de troca, de estar no mundo e a partir da qual nos estendemos. O som, como energia física refletindo e absorvendo a materialidade ao nosso redor, e até mesmo a nós mesmos, fornece uma plataforma rica para entender o lugar e a localização. O som já é sempre um traço de localização.²⁰

Esses relatos sonoros contêm falas de pessoas que contraíram o vírus, profissionais da saúde na linha de frente desse combate, crianças, profissionais liberais. Todos se localizando no mundo pandêmico, contando, de forma particular, sobre o contexto vivido e experimentado. Seria impossível neste capítulo realizar uma análise detalhada de todos os cinquenta e nove episódios contidos no *podcast*. Por isso selecionamos alguns para a realização de uma análise qualitativa.

Alguns relatos

No episódio 23, Roberta Rocha, servidora da educação da cidade de

Aparecida de Goiânia, estado de Goiás, conta como foram os dias de medo quando soube que estava infectada com o vírus: “meus sintomas foram dor de cabeça, desconforto abdominal, perdi o olfato e o paladar, muita fraqueza e desconforto respiratório”. Roberta ainda usa o podcast como forma de alertar sobre o perigo da doença: “deixo esse meu relato de que não é uma doença fácil, é devastadora, que debilita muito, [...] e dizer que as pessoas tomem cuidado pois não é apenas uma gripezinha”.²¹

Ozeias Laurentino conta, no episódio 21, que pegou COVID no trabalho e que ficou em isolamento domiciliar, ficou assintomático, que é importante não duvidar do diagnóstico e que é necessário confiar na ciência. No episódio 31, a fisioterapeuta Jordana Braz relata que ela jamais imaginaria que existia um olhar tão preconceituoso para a doença. Principalmente com profissionais da saúde, atuando na linha de frente:

fiquei quatorze dias isolada, sete dias internada e sete dias em casa. A recuperação é difícil. Eu vi um lado preconceituoso que eu não sabia que existia. Eu recebi muita crítica. Porque nós da saúde não temos um olhar preconceituoso da doença. A gente olha como se fosse uma tuberculose, como se fosse um HIV, então olhamos o lado clínico. E quando eu fui contaminada eu senti muito preconceito das outras pessoas. As pessoas me julgando porque fui contaminada, que não tive cuidado. E na hora da intercorrência pensamos muito em salvar a vida do próximo [...] eu me contaminei em um resgate de um paciente [...] de uma forma muito difícil porque o paciente me abraçou, pedindo ajuda e socorro. E nesse momento que o paciente me abraçou eu me contaminei. Eu estava com todo o material de proteção mas acabei pegando. [...] O profissional de saúde não tem escolha, porque se tiver que escolher, não vai ter ninguém para tratar o outro.²²

Os profissionais da saúde passaram e continuam passando por um momento muito delicado no combate à doença. Com a demora para vacinar a população no Brasil, muita gente ainda se contamina. Além disso, o negacionismo na política brasileira tem sido outro fator que tem contribuído para que mais pessoas não acreditem no poder de devastação dessa doença, fazendo com que a pandemia se prolongue mais do que deveria. Essa preocupação é relatada por Dannilo Santiago no episódio 55: “parece que as pessoas perderam o medo, banalizaram a situação [...], a gente está cansado, está preocupado, 2020 é o ano para a gente se cuidar, se preservar, se proteger”.²³ O *podcast* contém narrativas em áudio que representam a realidade vivida, como parte da experiência da identidade, imersa em um processo social.

Um novo hábito com a internet foi estabelecido a partir da pandemia.

Praticamente quase tudo que fazemos em *home office* passa pela internet. Não só o trabalho, mas também atividades de entretenimento, como observam Deusimar Gonzaga e Sarah Teixeira. Sarah afirma que as companhias da quarentena e do isolamento têm sido as plataformas digitais como Youtube, Google Meet e Netflix. Já Deusimar Gonzaga, no episódio 36, diz que seu contato com as pessoas nesse período de pandemia tem sido mediado por telas.²⁴

No episódio 48, Jarves Calixto diz que aprendeu com esse isolamento que trabalhar é importante, mas que viver é mais importante do que isso:

foi possível ver o quão frágil que é a nossa vida; a gente está vivo hoje mas não sabe o dia de amanhã. E nessa situação você começa a medir o que vale a pena e o que é importante para você. E comecei a dar valor ao meu tempo. A quarentena me proporcionou momentos incríveis com os meus filhos. Antes da pandemia eu trabalhava 72 horas sem parar [...] durante a quarentena eu fiz essa pausa. E estou conseguindo equilibrar tudo agora e ter satisfação pessoal.²⁵

Sem dúvida, esse momento de pandemia fez com que muitas pessoas pudessem ter tempo para olhar para si mesmas e repensar a vida antes da pandemia e aquela que querem levar depois que tudo isso acabar. Muitas pessoas perderam parentes queridos e tiveram que lidar com essa nova forma de convivência. No episódio 26, o locutor Enoque Neto relata que ficou quatorze dias internado, três deles na UTI: “no quarto dia já fiquei com falta de ar”. No episódio, Enoque pede para que as pessoas se cuidem e que se previnam a cada dia.

Durante o mês de outubro no Brasil é comemorado o Dia das Crianças. Separamos, então, depoimentos enviados por crianças e adolescentes para os episódios do *podcast* daquele mês. Esses sujeitos se veem em algumas situações de angústia, mesmo entendendo pouco com relação à magnitude de tudo que está acontecendo no mundo. Não poder ir à escola, visitar os familiares, visitar os amiguinhos, tudo isso impacta de forma negativa na relação de sociabilidade das crianças com o seu cotidiano. As nove narrativas sonoras infantis recebidas para o *podcast* durante o mês de outubro de 2020 refletem experiências de crianças nesse período de crise. Há, nesses relatos sonoros, o retrato de crianças e pais estressados a partir da imposição de novas rotinas cotidianas de *home office*, por exemplo, e como essas pessoas têm tido que aprender a conviver nesse novo contexto e a serem multitarefas nas suas casas.



Figura 2: Arte desenvolvida para o mês especial das crianças (outubro).²⁶

Crianças também desenvolvem um modo lúdico de lidar com os sentimentos de angústia durante a pandemia. A partir da imaginação, propõem soluções práticas que gostariam de poder executar para resolver esse problema sanitário mundial. No episódio 44, T.G.C²⁷ afirma que “queria ter um superpoder pra mudar tudo isso, e usava meu poder pra conseguir deter a pandemia, acabar com a pandemia e poder voltar com as coisas que eu fazia antes da pandemia”.²⁸ Essa criança reporta-se a um universo lúdico de desenhos animados e dos super-heróis que sempre salvam a humanidade no universo audiovisual e de quadrinhos, para lidar com a frustração de não poder fazer nada com relação à pandemia no mundo real.

Outras duas crianças gostariam de mandar a COVID para o espaço a partir da imaginação infantil: A.B.,²⁹ no episódio 37 do *podcast Diários da Quarentena*, relata: “vou capturar um ar [...] olhar em um telescópio se é um COVID, [...] a gente dá para o astronauta, pega uma cápsula, põe dentro e solta o foguete”.³⁰ Ideia semelhante também teve V.A.B.,³¹ no episódio 39: “quero fazer uma cápsula que limpa o ar e pega o vírus e depois tudo é armazenado em um lugarzinho daí depois é tudo disparado em um pequeno míssil e direto lá pro espaço”.³² Mais uma vez temos um exemplo de crianças que recorrem ao universo infantil para tentar resolver o problema atual da humanidade.

Ressaltamos que “o mundo é o que percebemos, o que ouvimos”.³³ A maioria dos relatos infantis descrevem experiências singulares de escuta dessas crianças sobre como estão sendo esses dias dentro de suas casas, a partir da percepção de cada um. Lembramos que “os sons são condicionados por seus contextos sociais e por isso são marcados por eles. Neste sentido, podemos

considerar os sons como um meio de representação”.³⁴ Além disso:

o som se move entre o interior e o exterior; anima objetos, desperta emoções; perturba o que pode parecer estático, ao mesmo tempo que proporciona momentos de proximidade e conexão profunda. Ele flui através do ambiente como material temporal, emprestando dramaticamente às experiências que temos de estar em lugares específicos e com pessoas específicas. O som confere à localização uma força de contingência, efemeridade; envolve tudo o que vemos com uma propagação instável, como um contínuo avançar e retroceder. É o próximo e o distante, em oscilação perene; o sob e o acima, como um entrelaçamento de perspectivas. Ele reúne a realidade concreta com todos os murmúrios do inconsciente – um fantasma animado do plano material.³⁵

O som tem essa característica de agregar, difundir, unir, localizar, trazendo marcas das manifestações criadas pelas pessoas em suas realidades particulares, registrando passado e presente. Estamos vivendo uma experiência ímpar. Sonoramente os cinquenta e nove episódios registram esse momento e poderão ser acessados por futuras gerações para que conheçam mais um pouco desse contexto.

Algumas considerações

Durante a pandemia, usar máscara, manter o distanciamento e os cuidados sanitários, é um ato político. Depois de um ano após o primeiro dia de isolamento, nos vemos no Brasil enclausurados em casa novamente por falta de políticas públicas que nos garantissem no passado vacinas e mais respeito à vida. O chamado “novo normal” já está estabelecido na sociedade e novas formas de convivência, novas formas de trabalho e adaptações a essa nova realidade vão se concretizando a cada dia que passa, frente à realidade da pandemia de COVID-19.

A sonoridade de cada relato no podcast está ligada ao contexto que se vive no momento, produzindo sentidos, laços de convívio e formando identidades. Mesmo imersos em uma cultura que é múltipla, cada pessoa tem sua individualidade e assim também seus sons e imagens produzidos. Como nos relembra Stuart Hall, os “significados atribuídos às coisas dependem da interpretação; da forma como são usadas; integradas nas práticas do cotidiano; representadas”.³⁶ Por isso, nos relatos encontramos modos particulares de experiências e frustrações durante esse período desafiador.

O *podcast* está nas redes da internet que podem ser acessadas por uma rede de pessoas conectadas, transmitindo informação e permitindo que esses

documentos e relatos disponíveis em áudio tenham abrangência mundial. Como uma nova possibilidade, o formato *podcast* permite um bom alcance de público. Os relatos existentes no *podcast Diários da Quarentena* nos contam sobre memórias afetivas que fazem parte de uma coletividade, uma vez que a memória é compartilhada na internet com os demais a partir do acesso a relatos individuais. É uma proposta na qual esperamos que sirva como um repositório de histórias para futuras gerações. A partir da sonoridade os relatos com experiências diversas nos fazem refletir sobre o momento de crise atual e suas consequências para a humanidade.

¹ Docente efetiva do curso de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. Coordenadora da Rádio UEG Educativa.

² Docente efetivo do curso de cinema da Universidade Estadual de Goiás. Coordenador de Radioteledifusão da UEG TV e coordenador do CRIALab – Centro de Realização e investigação audiovisual.

³ Cf. BESSA, Fátima; SOUSA, Adão. Podcast e utilização do software Audacity. In: CARVALHO, Ana Amélia A. (org.). *Manual de ferramentas da web 2.0 para professores*. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

⁴ Cf. ASSIS, Pablo de; LUIZ, Lucio. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 10, 2010, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1> Acesso em: 21 jul. 2021.

⁵ Cf. FONSECA, Ana Carolina. Brasil se consolida como o segundo maior mercado de podcasts do mundo. *Correio Braziliense*, 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/11/02/interna_tecnologia,803272/brasil-se-consolida-como-o-segundo-maior-mercado-de-podcasts-do-mundo.shtml.

⁶ JESUS, Wagner. B. d. *Podcast e educação: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2014, p. 23.

⁷ STERNE, Jonathan. The mp3 as a cultural artifact. *New media & society*, v. 8, n. 5, p. 828, 2006.

⁸ ASSIS, Pablo de. O Imaginário do Rádio e o Podcast. *Comunicologia Revista de Comunicação e Epistemologia*, v. 4, n. 2, p. 91, 2011.

⁹ FELD, Steven. Estrutura sonora como estrutura social. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 18, n. 1, p. 177-194, 2015.

¹⁰ Mais informações sobre o Laboratório poderão ser obtidas em: www.cria.ueg.br.

¹¹ Cf. DIÁRIOS da Quarentena. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <http://www.radio.ueg.br/referencia/11424>. Acesso em: 10 jul. 2021.

¹² Cf. FELD, Steven. *Sound and sentiment: birds, weeping, poetics and song in Kaluli expression*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.

¹³ Dados coletados em julho de 2021.

¹⁴ Os episódios podem ser acessados no site <https://open.spotify.com/show/1co8hoyEE5mjL1yAroiDq>.

¹⁵ Cf. DIÁRIOS da Quarentena... *Op. cit.*

¹⁶ JELÍN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002, p. 37. Cf. JELÍN,

Elizabeth. *La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social*. España, Madrid: Siglo Veintiuno, 2018.

17 BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

18 Cf. MARTINS, Raimundo. TORINHO, Irene. (Des)Arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência. In: MARTINS, Raimundo. TORINHO, Irene. SOUZA, Elizeu Clementino de. *Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2017.

19 DIÁRIOS da Quarentena... *Op. cit.*

20 LABELLE, Brandon. *Background Noise – Perspectives on Sound Art*. London: Bloomsbury Academic, 2015, p. 298.

21 Cf. ROCHA, Roberta. Diários da Quarentena – #23 – Sou uma das pessoas que teve contato com o coronavírus. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <http://www.radio.ueg.br/referencia/11424>.

22 Cf. BRAZ, Jordana. Diários da Quarentena – #31 – O olhar preconceituoso da doença. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <http://www.radio.ueg.br/referencia/11424>.

23 Cf. SANTIAGO, Dannilo. Diários da Quarentena – #55 – Como eu definiria 2020? uma quarentena infinita. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <https://www.jiosaavn.com/shows/55-Como-eu-definiria-2020-uma-quarentena-infinita--Por-Dannilo-Santiago/OCwTHSwh2NA>.

24 Cf. GONZAGA, Deusimar. Diários da Quarentena – #36 – Meu Contato Com As Pessoas Tem Sido Mediado Por Telas. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <https://www.jiosaavn.com/shows/55-Como-eu-definiria-2020-uma-quarentena-infinita--Por-Dannilo-Santiago/OCwTHSwh2NA>.

25 Cf. CALIXTO, Jarves. Diários da Quarentena – #48 – Aprendi que trabalhar é importante, mas que viver é mais importante ainda. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <https://www.jiosaavn.com/shows/48--Aprendi-que-trabalhar-e-importante-mas-que-viver-e-mais-importante-ainda--por-Jarves-Calixto/1uaKXoSLaxU>.

26 Cf. DIÁRIOS da Quarentena... *Op. cit.*

27 Letras iniciais do nome completo da criança que participou do projeto.

28 Cf. T. G. C. Diários da Quarentena – #44 – Eu queria ter um SUPER PODER pra mudar tudo isso. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: https://www.jiosaavn.com/shows/44-Eu-queria-ter-um-SUPER-PODER-pra-mudar-tudo-isso-por-Thomaz-Guedes-Correia/E487ridcyJU_.

29 Letras iniciais do nome completo da criança que participou do projeto.

30 Cf. A. B. Diários da Quarentena – #37 – Vou Mandar O Coronavírus Pro Espaço. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <https://www.jiosaavn.com/shows/48--Aprendi-que-trabalhar-e-importante-mas-que-viver-e-mais-importante-ainda--por-Jarves-Calixto/1uaKXoSLaxU>.

31 Letras iniciais do nome completo da criança que participou do projeto.

32 Cf. V. A. B. Diários da Quarentena – #39 – O Coronavírus Já Matou Um Milhão De Pessoas. *Rádio UEG Educativa*, 2020. Disponível em: <https://www.jiosaavn.com/shows/48--Aprendi-que-trabalhar-e-importante-mas-que-viver-e-mais-importante-ainda--por-Jarves-Calixto/1uaKXoSLaxU>.

33 OBICI, Giuliano Lamberti. *Condição da escuta: mídias e territórios sonoros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 29.

34 BAUER, Martin W. Análise de ruído e música como dados sociais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 367.

35 LABELLE, Brandon. *Background Noise – Perspectives on Sound Art... Op. cit.*, p. 298.

36 HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 2.

Timeline Covid–19:

produção de visibilidades e cronologia de um flagelo documentado na web

Ricardo M. Pimenta¹
Tainá Regly²

O conceito de tempo histórico já é comumente trabalhado por historiadores e frequentemente presente em suas reflexões sobre as implicações que a memória enquanto fenômeno político acarreta na narrativa histórica de instituições, Estados, movimentos sociais e indivíduos. Mas talvez seja, o tempo histórico, também recurso informacional. Uma vez representado em um dado suporte — visando a produção/manutenção do conhecimento público — ele se apresenta como um conjunto informacional processual e dinâmico: “informação–como–processo”.³

Reinhardt Koselleck⁴ já asseverou anos atrás que o tempo histórico é uma espécie de “forma” advinda do choque dinâmico entre o “campo da experiência” e o “horizonte de espera”. Ou seja, o passado (experiência) e o futuro (espera) ambos atualizados.

A compreensão da existência dessa “forma” é, portanto, a identificação de uma certa temporalização que se dá entre algo que foi e aquilo que tornará a ser. Certamente, em nossa cultura letrada, material e hypomnésica, qualquer forma de temporalização identificada precisou e ainda precisa ser registrada em algum meio de suporte, ou estrutura capaz de transmitir tal percepção a quem a acessa. Tábuas, papiros ou códices. Os meios criados foram diversos. Contudo, parece–nos justo sugerir que nada se aproxima dos suportes digitais. Sua capacidade de convergir dados e demais registros sobrepondo–os de maneira inteligível é sem precedentes.

Com efeito, é a partir dos recursos digitais que intentamos produzir uma “forma” de fácil acesso e compreensão para o público em geral. Uma forma capaz de ser ela própria informação — em decorrência de sua estrutura, como é o caso de uma linha do tempo — e que possa concatenar de forma processual fatos ocorridos e comunicados publicamente, em grande medida pela atuação dos veículos de comunicação e jornalísticos.

No caso da linha do tempo criada no âmbito do Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (Larhud) — projeto este que tem como enfoque teórico/metodológico as Humanidades Digitais, realizado durante o período da pandemia onde buscamos coletar e expor notícias sobre a COVID-19 no cenário brasileiro em formato cronológico —, o fato noticiado é o acontecimento. Onde uma vez representado pela sobreposição de imagens e informações conforme seus respectivos recursos ótico-eletrônicos,⁵ de fatos encadeados e modelados por uma estrutura digital de simulação,⁶ passa a ser recuperado em um campo de visão montado na imagem/forma de uma linha do tempo interativa.

A ideia da linha do tempo vai ao encontro da percepção de acontecimento em Paul Veyne,⁷ quando se entende o referido conceito como um fato que não se repete. A única coisa que se repetiria é a possibilidade de sua variação por meio das muitas narrativas.

Ou seja, de um certo ponto de vista conceitual, a ideia de informação veiculada na condição de notícias jornalísticas nada mais é que “matéria-prima” para as variações acerca de um fato já findo. Variações capazes de produzir outras formas de perceber e (re)produzir as informações sobre o acontecimento. Com tal reflexão em perspectiva, compreendemos o papel da *timeline* enquanto instrumento de visibilidade transversal às informações — aqui na forma de reportagens da grande mídia — que em parte representam o nefasto acontecimento da pandemia em solo brasileiro, apesar de cientes das muitas versões/variações que compõem esse grande mosaico/pintura informacional sobre o qual o portal criado atua como uma espécie de “moldura”.

E é disso que este capítulo trata: de nos debruçarmos sobre o relato da experiência de produção, manutenção e curadoria dos dados da plataforma

Timeline Covid-19, criada ainda no mês de março de 2020, com a intenção de elaborar uma linha cronológica navegável pelo usuário. Nela, estão disponíveis para acesso registros informacionais na forma de reportagens e demais notícias produzidas por veículos de comunicação conhecidos pelo grande público sobre os impactos da pandemia do novo coronavírus no Brasil desde seu primeiro caso até o momento atual.

O Projeto *Timeline Covid-19*

O projeto *Timeline Covid-19* é um portal em formato de linha do tempo, cujo conteúdo é composto por notícias relacionadas à COVID-19 no Brasil datadas desde o primeiro caso de contaminação no país — 26 de fevereiro de 2020 — sem ter uma data definida para o encerramento da coleta dos dados.⁸ A linha do tempo é navegável e permite o acesso direto às informações veiculadas por alguns veículos de comunicação notadamente populares de forma linear e temporal a partir de um único lugar, conforme apresentado na figura 1, a seguir.



Figura 1: Interface da Timeline Covid-19. Fonte: Elaborado pelos autores.

A *Timeline Covid-19* apresenta as informações em duas partes principais, com relação direta entre si. Na primeira seção, que está localizada na parte superior da linha do tempo, são alocadas as chamadas das notícias nas datas correspondentes aos acontecimentos. Já na segunda seção, que está localizada na parte inferior da visualização, são exibidas todas as informações da notícia que foi selecionada na barra superior. Na área em azul, são disponibilizados o título da notícia, uma breve descrição de seu conteúdo, a fonte com o nome do veículo de mídia e o link para acesso, além de uma imagem ilustrativa para

o tema. Vale destacar que a linha do tempo oferece recursos interativos para os usuários, tais como o recurso de zoom para otimizar a visualização das notícias agrupadas na primeira seção e as setas utilizadas para alternar de uma notícia a outra presentes na segunda seção.

A ideia do projeto surgiu junto à demanda institucional do instituto de pesquisa onde se encontra o Larhud, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que objetivava pensar e criar formas de registrar a informação, seja ela científica ou não, acerca do ocorrido: a pandemia no cenário brasileiro. Após deliberação entre os integrantes do respectivo laboratório foi considerado como opção válida desenvolver uma ferramenta que ordenasse em escala cronológica eventos e fatos noticiados que estivessem disponíveis de forma aberta e que pudessem ter repercussão na formação da opinião pública sobre o tema. Ou seja, sobre o conhecimento, em constante formação, que *grosso modo* passava a ser construído e reproduzido pela sociedade da informação hiperconectada e igualmente suscetível tanto ao “bem” como ao “mal” em termos de informação e desinformação, respectivamente.

A busca pela neutralidade na rede e dos fatos noticiados é um pleito inviável. Com efeito, desde o início deste projeto era sabido o conjunto de possíveis limitações que a equipe enfrentaria. Afinal, diferentemente de outros fenômenos sociais, tecnológicos e políticos, o ocorrido com a chegada da COVID-19 no Brasil abarcou a todos sem exceção; inviabilizando qualquer ensaio de distanciamento do objeto de estudo já que a luta pela preservação da saúde ou pela vitória sobre a morte fazia-se real para todos sejam por vivências pessoais, familiares ou coletivas.

A urgência em se buscar construir uma ferramenta viável de visualização da informação sobre a COVID-19 no Brasil não casava com a emergência instaurada na vida cotidiana dos envolvidos. Contudo, era notório que o esforço empregado seria fundamental, entre tantas outras iniciativas realizadas no cenário acadêmico brasileiro, para se disponibilizar ao menos uma espécie de “*hub*” de referências sobre o acontecido, auxiliando à preservação de fontes potencialmente históricas e à memória da COVID-19 no Brasil.

Fontes históricas são a marca da própria História ou, nesse sentido,

daquilo que se tornou o próprio rescaldo da relação entre acontecimento e tempo. São elas também que acabam por constituírem a matéria a partir da qual historiadoras e historiadores produzirão suas narrativas, marcadas pelas variações interpretativas, analíticas e informacionais possíveis.

Ao idealizarmos o projeto da *timeline*, era claro a todos os envolvidos o papel e a contribuição que ela poderia oferecer aos estudos de caráter humanista — historiadores, sociólogos, comunicólogos, entre outros — ao buscar produzir alguma inteligibilidade por meio do recurso visual de sobreposição de dados e informações, tornando-o recuperável e acessível, disponíveis na internet a partir de um recorte amplo de jornais e demais veículos de comunicação que (re)produziam diariamente informações sobre a temática em questão.

Vale lembrar que havia por parte da equipe envolvida uma clara percepção de que não seria possível abarcar/coletar todas as notícias circulantes na *web*, mas que a iniciativa ainda assim contribuiria em muito para uma potencial preservação desses registros e posterior análise de seus conteúdos. O formato de linha do tempo foi escolhido por permitir que montantes de fatos representados por elementos textuais e visuais “cerzidos” pelos veículos de comunicação respectivos com o objetivo de informar pudessem ser expostos de maneira cronológica, possibilitando comparação temporal e do conteúdo das notícias exibidas.

O início do projeto *Timeline Covid-19* foi marcado pela coleta de notícias em formato manual. Nesse sentido, sabemos que não é possível escapar por completo de um viés em relação à forma como chegamos às notícias — ou seja, como recuperamos as mesmas a partir de motores de busca e demais subterfúgios. Há, por exemplo, recursos de automação como o uso de *bots* ou *crawlers* — rastreadores. Tais recursos, contudo, demandam maior capacidade de desenvolvimento em termos de linguagem de programação e maior tempo durante o período que poderíamos chamar de pré-coleta. Este ponto é fundamental para compreensão desta iniciativa.

Tomados de assalto pela chegada da COVID-19 ao Brasil, o aumento de casos e a quarentena acompanhada do isolamento social, percebemos que as atividades laboratoriais do grupo envolvido — em um primeiro momento —

precisavam ser reelaboradas. A equipe se dividiu e a coleta de registros buscou ser concretizada sempre de forma alternada entre cerca de cinco pesquisadores voluntários que padronizaram a maneira como buscar, assim como os termos a serem inseridos, e como preencher a planilha em nuvem.

Sabemos que a busca realizada por um usuário mediado por seu computador pessoal não é idêntica àquela feita por outro usuário a partir de outro aparelho. Ainda assim, nossa intenção era reproduzir em um único lugar, como um mosaico informacional, aquilo que fatalmente compunha *lato sensu* uma amostragem do rol de informações que, a partir dos motores de busca mais populares e clippings de sites jornalísticos confiáveis compunham o conjunto de registros que o usuário ordinário teria acesso, permeando o senso comum de parcela significativa da população brasileira.

Contudo, a urgência de se coletar tais informações em meio a um cenário de contaminação viral em escala exponencial sem precedentes impôs desafios e privações a toda sociedade, inclusive à própria equipe que participou do projeto. Equipe a qual, precisamos salientar, é formada por pessoas de diversas formações acadêmicas e panos de fundo, o que colabora para a subjetividade do processo de coleta de dados que compõem a linha do tempo, mas que, ao mesmo tempo, livra o procedimento de um único viés padronizado.

Cerca de um ano e meio depois, em agosto de 2021, o portal *Timeline Covid-19* já conta com aproximadamente 3 mil notícias registradas em sua base de dados. Todas dispostas na forma digitalizada de uma linha cronológica que permite ao usuário navegar pela “régua” temporal, acessando imagens e informações noticiadas sobre a COVID-19 no Brasil. Na figura 2 a seguir, apresentamos a frequência do número de notícias em cada um dos primeiros 17 meses de projeto.

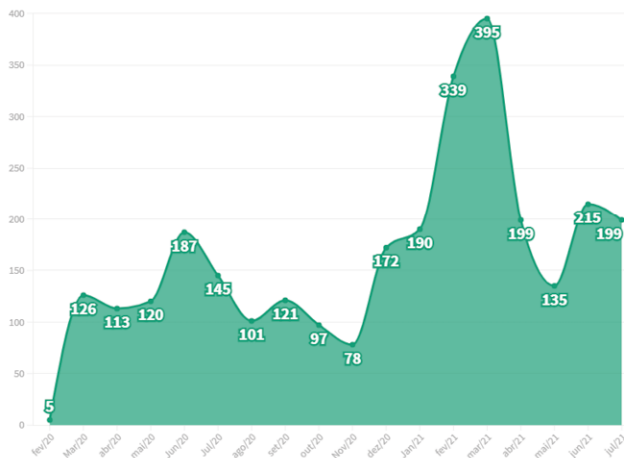


Figura 2: Frequência do número de notícias por mês. Fonte: Elaborado pelos autores.

As notícias foram coletadas no ano de 2020 entre os meses de fevereiro e dezembro. Iniciamos a coleta no final do segundo mês do ano pelo fato do recorte temporal da *Timeline Covid-19* começar a partir do primeiro caso de COVID-19 no Brasil, o dia 26 de fevereiro. Nesse referendado ano, o mês com maior índice de dados coletados foi o de junho com 187 notícias, sendo seguido pelo mês de dezembro com 172.

O ano de 2021 começou com maior frequência no mês de janeiro que em todos os meses do ano anterior. Somado a isso, o mês de abril de 2021 apresentou um pico em relação aos outros sete meses do ano, além de apresentar o dobro de notícias do que no mês de junho de 2020, onde houve a maior frequência do ano. O segundo ano de *Timeline Covid-19* trouxe mudanças relativas a dois pontos importantes para o projeto, que podem justificar o aumento significativo na frequência de notícias. O primeiro refere-se à diversidade do conteúdo das publicações realizadas pelos veículos de mídia. As notícias passaram a tratar não somente do acompanhamento do aumento de casos, mas sim de informações sobre impactos da COVID-19 nos municípios e estados, denúncias de omissão e, também, do mau uso dos recursos destinados ao combate à pandemia, assim como uma diversidade de fatos decorrentes daquele fenômeno sanitário sem precedentes. O exponencial volume e variedade temática de registros produzidos relacionados à pandemia no Brasil foi determinante para tal aumento na frequência aqui relatada. O segundo ponto refere-se à chegada de novos colaboradores ao Larhud e em seu empenho de esforços para realizar a coleta de notícias na internet.

Dessa maneira, a coleta dos registros para *timeline* também acabou sendo afetada pela disponibilidade ora maior, ora menor, daqueles que compunham a equipe empenhada em “alimentar” a ferramenta da linha do tempo. Ainda assim, ressaltamos o valor em potencial do conjunto documental que se forma a partir da iniciativa da *timeline* sobretudo em meio ao recrudescimento de informações e desinformações sobre a pandemia e seus impactos ao mesmo tempo que ela se agravava mundialmente.

É nesse sentido que acreditamos que a dificuldade em se estabelecer um método de coleta mais automatizado, com critérios mais sistematizados e que viabilizassem um escalonamento quantitativo de maior monta, desde o início do projeto não eclipsa o valor informacional e histórico — pois ali se encontram fontes para futuras pesquisas de ordem histórica —, assim como o mnemônico, dos registros informacionais elencados e organizados pela *timeline* produzida.

A execução do projeto

A coordenação do portal ficou ao encargo do responsável direto do Larhud, Ricardo Medeiros Pimenta, pesquisador titular do IBICT. Juntou-se a ele uma equipe composta de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação e demais voluntários que se alternavam na coleta dos dados e na alimentação da *timeline* com os mesmos.

A TimelineJS⁹ foi escolhida como ferramenta para auxiliar na elaboração e otimização do desenvolvimento da *Timeline Covid-19*. Esse instrumento consiste em um programa computacional cujo código é aberto e gratuito que permite que seus usuários dotados de conhecimentos de *JavaScript Object Notation* (JSON) customizem e adaptem a linha do tempo para a maneira como bem quiserem. Além disso, a ferramenta também pode ser utilizada por não-especialistas em computação, uma vez que a TimelineJs faz interface com as planilhas do Google Drive, exigindo apenas que o indivíduo alimente a tabela de acordo com os campos indicados para que visualize os dados no formato de linha do tempo. A planilha é apresentada na figura 3 a seguir:

Na planilha Google apresentada na figura 3, as primeiras colunas de A a I são referentes às datas de início e fim de um dado acontecimento. Por

tratarmos de notícias de dias isolados, duplicamos as duas datas de modo que o evento começasse e terminasse no mesmo dia. As demais colunas trazem o conteúdo que será exibido em cada um dos eventos da linha do tempo, tais como o título, uma breve descrição do que trata a notícia, o link para a imagem exibida, o nome da fonte, o link da publicação e código de cor escolhido para compor o fundo das notícias, no caso optamos pelo azul escuro.

A1	Year	Month	Day	Time	End Year	End Month	End Day	End Time	Display Date	H	I	J	K	L	M	N	Background
1	Year	Month	Day	Time	End Year	End Month	End Day	End Time	Display Date	H	I	J	K	L	M	N	Background
2055	2021	8	12		2021	8	12					Ministro Pontes se reúne com cúpula da OMS para discutir Covid-19	O ministro de Ciência e Tecnologia e Inovações, Fernando Rodrigues de Faria, se reuniu com a cúpula da Organização Mundial da Saúde (OMS) para discutir a pandemia de Covid-19.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/ministro-pontes-se-reune-com-cupula-da-oms-para-discutir-covid-19	Agência Brasil	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/ministro-pontes-se-reune-com-cupula-da-oms-para-discutir-covid-19	#174100
2056	2021	8	12		2021	8	12					vacinas permanecem em galpão de SUS	As vacinas contra a Covid-19 permanecem armazenadas em um galpão do SUS em Brasília.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/vacinas-permanecem-em-galpao-de-sus	R7	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/vacinas-permanecem-em-galpao-de-sus	#174100
2057	2021	8	12		2021	8	12					ministério nega ter doses de vacina para enviar 3,2 milhões de doses. Anvisa	O Ministério da Saúde nega ter doses de vacina para enviar 3,2 milhões de doses. A Anvisa está avaliando a situação.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/ministerio-nega-ter-doses-de-vacina-para-enviar-3-2-milhoes-de-doses-anvisa	O1	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/ministerio-nega-ter-doses-de-vacina-para-enviar-3-2-milhoes-de-doses-anvisa	#174100
2058	2021	8	12		2021	8	12					Sessão e suspensão após CPI das empresas de	A sessão da CPI das empresas de transporte foi suspensa após o anúncio de uma reunião entre os membros do conselho de administração da empresa.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/sessao-e-suspensao-apos-cpi-das-empresas-de-transporte	Diário do Nordeste	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/sessao-e-suspensao-apos-cpi-das-empresas-de-transporte	#174100
2059	2021	8	12		2021	8	12					Alvo da CPI, Pecaia	O deputado Pecaia é o alvo da CPI da Covid-19.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/alvo-da-cpi-pecaia	Correio Braziliense	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/12/alvo-da-cpi-pecaia	#174100
2060	2021	8	13		2021	8	13					Capital do Rio de Janeiro é	A capital do Rio de Janeiro é o alvo da CPI da Covid-19.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/capital-do-rio-de-janeiro-e-alvo-da-cpi-da-covid-19	UOL	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/capital-do-rio-de-janeiro-e-alvo-da-cpi-da-covid-19	#174100
2061	2021	8	13		2021	8	13					Projeto criminaliza	O projeto criminaliza a venda de medicamentos sem receita médica.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/projeto-criminaliza-venda-de-medicamentos-sem-receita-médica	Agência Sertão	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/projeto-criminaliza-venda-de-medicamentos-sem-receita-médica	#174100
2062	2021	8	13		2021	8	13					Faça vacina da	Faça a vacina da Covid-19.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/faça-vacina-da-covid-19	R7	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/faça-vacina-da-covid-19	#174100
2063	2021	8	13		2021	8	13					Análise para 2ª dose	Análise para a 2ª dose da vacina.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/analise-para-2a-dose-da-vacina	Diário do Nordeste	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/analise-para-2a-dose-da-vacina	#174100
2064	2021	8	13		2021	8	13					destinação de vacina para	destinação de vacina para a população.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/destinacao-de-vacina-para-populacao	Agência Brasil	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/destinacao-de-vacina-para-populacao	#174100
2065	2021	8	13		2021	8	13					crise em 20% das	crise em 20% das cidades.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/crise-em-20-das-cidades	Diário do Nordeste	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/crise-em-20-das-cidades	#174100
2066	2021	8	13		2021	8	13					Unesp segue USP e	Unesp segue USP e anuncia a 2ª dose.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/unesp-segUE-usp-e-anuncia-a-2a-dose	Diário do Nordeste	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/unesp-segUE-usp-e-anuncia-a-2a-dose	#174100
2067	2021	8	13		2021	8	13					Auditor avalia governo	Auditor avalia o governo e a situação da saúde.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/auditor-avalia-governo-e-situacao-da-saude	Diário do Nordeste	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/auditor-avalia-governo-e-situacao-da-saude	#174100
2068	2021	8	13		2021	8	13					Anvisa pede a Pfizer	Anvisa pede a Pfizer para a 2ª dose.	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/anvisa-pede-a-pfizer-para-a-2a-dose	Diário do Nordeste	https://www.abc.com.br/21-11/2021/08/13/anvisa-pede-a-pfizer-para-a-2a-dose	#174100

A TimelineJS foi desenvolvida pelo Knight Lab da Universidade de Northwestern, nos Estados Unidos. O laboratório é formado por alunos e professores direcionados para a elaboração de projetos que tenham como objetivo a disseminação de informações. De acordo com o laboratório,¹⁰ a TimelineJS já foi disponibilizada em mais de 70 idiomas e suporta a interação com diferentes mídias oriundas da internet, tais como vídeos do YouTube,

mapas do Google Maps, verbetes da Wikipedia, áudios do SoundCloud, imagens do Flickr, entre outros.

O critério de quais informações deveriam compor a *timeline* foi discutido no âmbito do laboratório, o Larhud, juntamente com seus respectivos membros. Sabíamos que era necessário criar uma padronização mínima que não tornasse o processo de coleta lento demais ou inviável uma vez que todos os envolvidos não apenas se encontravam — como todos naquele momento — em quarentena e isolamento social, como participavam voluntariamente das atividades do laboratório. Dessa forma algumas balizas foram estabelecidas para melhor definição do que seria coletado e como:

A – A *timeline* seria composta de notícias de veículos de comunicação públicos ou privados;

B – Estas não poderiam ser colunas de opinião, postagens ou ensaios. Deveriam ser matérias jornalísticas e demais notícias que sempre tivessem a COVID-19, ou novo coronavírus, ou pandemia, como destaque ou como pano de fundo do que era noticiado;

C – Não seria permitido coletar notícias de veículos de comunicação que se utilizem do sistema de assinatura, ou qualquer outro tipo de *paywall*, para acesso à informação noticiada;

D – Utilizar notícias sobre fatos ou eventos ocorridos apenas em solo brasileiro.

O processo de coleta das notícias que dão forma à *Timeline Covid-19* buscou abarcar todas as regiões e estados do Brasil de modo a proporcionar um panorama dos fatos e acontecimentos ocorridos no país. Para tal, foram selecionados veículos que viabilizassem informações do Brasil e de suas cinco regiões. Entre outros disponíveis, os elencados foram: O Povo, Diário do Nordeste, R7, Correio Braziliense, Gaúcha ZH, Agência Brasil, G1, *Deutsche Welle*, CNN Brasil e *El País*. Um ponto em comum desses veículos é que todos realizam um compilado das notícias do dia sobre o novo coronavírus, uma espécie de *clipping*, em uma página de seu site, geralmente acessada por mecanismo de busca. A figura 4 apresenta as notícias agrupadas de maneira cronológica no site do R7 como forma de exemplificar o que foi dito.



Figura 4: Lista de notícias do R7. Fonte: Elaborado pelos autores.

Com as listas de registros informacionais de um dia específico disponibilizadas pelos veículos citados anteriormente, é possível selecionarmos as notícias que vão de acordo com os critérios anteriormente estabelecidos. Após elencá-las em um programa de edição de texto, tendo em perspectiva cobertura geográfica, data da publicação, temática relacionada à COVID-19 e tipologia da matéria jornalística — excetuam-se as colunas de opiniões, blogs e postagens de toda sorte —, cada uma das notícias elencadas passa por uma averiguação — visando a corroboração da procedência, sua reprodutibilidade na mídia e de sua veracidade — via aba de notícias Google. Esse processo nos permite a comparação dos conteúdos informacionais e a escolha do qual parecer mais completo em termos de conteúdo. É importante salientar que os veículos selecionados para abarcar informações sobre o território brasileiro foram utilizados com vistas de serem o ponto de partida para coletar as notícias, de modo a otimizar o processo de busca — que precisava ser célere — em meio ao dilúvio informacional que encontramos ao buscar informações sobre a pandemia do novo coronavírus juntamente com o progressivo cenário restritivo vivido pela própria equipe do laboratório.

Durante o processo de coleta e disponibilização dos registros informacionais levantados, também se tornou gradualmente urgente nos termos sobre o que consideramos o “avesso da imagem”. Ou seja, a materialidade dos dados e da informação que *a priori* não estariam acessíveis

ao público. Aqui nos referimos à planilha, ao *dataset*, onde depositamos os metadados da *timeline*.

Dessa forma, ao longo do processo de coleta e alimentação da planilha, produzimos uma cópia dos dados que são diretamente salvos em um repositório de acesso aberto chamado Zenodo. O local do armazenamento feito é endereçado como “comunidade” do Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (Larhud). É a partir da identificação de uma comunidade em um repositório que se reconhece uma certa “topografia” do terreno temático, inter/multi/transdisciplinar, científico e autoral no qual um conjunto de dados, *backups*, documentos textuais, informações e demais conteúdos digitais que, pela sua natureza efêmera, precisam ser preservados para posterior consulta, se tornam acessíveis de maneira confiável.

Considerações

A inicial confiança na salvaguarda da planilha da *Timeline Covid-19* no repositório do laboratório apenas explicitou uma pueril ação em face de um desafio de maior monta. Não somente o *dataset* deveria ser preservado, mas o conteúdo textual e imagético dos registros também. Ou seja, a “informação–como–coisa”,¹² sua forma e seu conteúdo precisavam ser preservados uma vez que seus respectivos endereços eletrônicos poderiam ser redirecionados ou até mesmo descontinuados.

Em meio ao processo de coleta, buscando exercitar um olhar reflexivo sobre nossas próprias práticas, percebemos essa demanda urgente após termos conseguido avançar meses no processo de produção da *timeline*. De forma conclusiva a este capítulo, mas não à atividade que se encontra em pleno desenvolvimento, o projeto da *timeline* se encontra em um processo autorreflexivo encampado por seus participantes. Compreendida a ameaça do apagamento da informação, principalmente quando nos referimos a registros jornalísticos produzidos na web que de alguma forma explicitam omissões ou equívocos realizados por parte de agentes públicos e de governo, elucidou-se a necessidade premente em se construir meios capazes de garantir que o que se encontra referenciado na linha do tempo possa ser acessado em toda sua integralidade. Para tal, a mesma passará a contar com uma interface, na forma

de um portal, que facilitará a navegabilidade e a consulta ao conteúdo dos registros elencados e expostos na *timeline*. Em paralelo, o respectivo conteúdo está sendo “raspado” da internet com o objetivo de arquivá-lo, nos formatos .pdf e .xml, produzindo metadados e demais elementos que favoreçam seu emprego em consultas, análises e pesquisas futuras.

O desafio parece maior, já que os recursos infraestruturais, materiais, para se garantir essa nova fase do projeto nem sempre estão dados. Precisam ser “forjados” pelos próprios integrantes em meio a um cenário de falta de verba e de desidratação da política em ciência e tecnologia (C&T). Está aí o paradoxo da velocidade em termos do quanto mais aceleramos no tocante ao consumo e circulação da informação mediadas pelos recursos digitais ou computacionais, mais precisamos de tempo e espaço para o processamento de volume informacional. Foi através do processo autorreflexivo, bem presente em práticas de pesquisa que fazem uso da metodologia da “pesquisa-ação”,¹² que, em vista de evitar a perda de informações, nos voltamos atualmente para a reestruturação de seu sistema, automatizando algumas rotinas, instaurando formas de arquivamento dos registros coletados e desenvolvendo uma interface para auxiliar a consulta de forma que possa entregar conjuntos de dados e informações de acordo com a demanda dos usuários. É notório que o acesso a esta ferramenta cronológica desenvolvida pelo laboratório tende a aumentar ao passo que os reflexos da pandemia no Brasil somente se atualizem, vitimando mais e mais famílias. E por isso encerramos este texto lançando luz sobre a problemática da preservação e do arquivamento do que constituímos como vestígios, registros, ou mesmo como a materialidade que servirá ao futuro da memória sobre a COVID-19 no Brasil. Sem uma estratégia executiva de preservação do seu conteúdo, o esquecimento será o menor dos problemas em um futuro próximo. Os registros, acessíveis e temporalmente inteligíveis permitirão — por que não? — “dissipar” as “névoas” tão características que sua desinfodemia produziu.

¹ Pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFRJ. Bolsista de produtividade 2 do CNPq. Coordenador do Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (Larhud).

² Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ). Pesquisadora no IBICT.

³ Cf. BUCKLAND, Michael. K. Information as thing. *Journal of the American Society for information science*, v. 42, n. 5, p. 351–360, 1991.

⁴ Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

⁵ Cf. VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: editora 34, 2008.

⁶ Cf. BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

⁷ Cf. VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*: Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UNB, 1998.

⁸ Para acessar a Timeline Covid-19, informações disponíveis em: <http://www.larhud.ibict.br/timelinecovid-19/>. Acesso em: 18 ago. 2021. A partir de abril de 2022 a timeline passa a integrar um novo portal: <https://www.timeline.ibict.br>. Acesso em 16 abr. 2022.

⁹ Cf. TIMELINEJS. Disponível em: <https://timeline.knightlab.com/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

¹⁰ Cf. ABOUT us. *Knight Lab*, 2017. Disponível em: <https://knightlab.northwestern.edu/about/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

¹¹ Cf. BUCKLAND, Michael. K. Information as thing... *Op. cit.*

¹² Cf. TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443–466, 2005.

Figura 3: Planilha Google que gera a *Timeline Covid-19*. Fonte: Elaborado pelos autores.

#MemóriasCovid19

narrativas de um trauma em tempo real

Ana Carolina de Moura Delfim Maciel¹
João Felipe Rufatto Ferreira²

*É quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito.*³

Breve histórico do projeto

Por Ana Carolina Maciel

O projeto #MemóriasCovid19 está sediado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e conta com a parceria de quatro órgãos da universidade: a COCEN (Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa), o CLE (Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência), o IA (Instituto de Artes) e a PROEC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura) através do Edital de Apoio à Projetos de Extensão e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no âmbito do Projeto Temático “Coletar, Identificar, Processar, Difundir: O ciclo curatorial e a produção do conhecimento”.⁴

É fundamental destacar que a UNICAMP foi a primeira universidade brasileira que interrompeu atividades presenciais face à eclosão da pandemia do novo Coronavírus, precisamente em 13 de março de 2020, preservando apenas o funcionamento das atividades essenciais, incluindo atendimentos dos complexos de hospitalares, laboratoriais e algumas frentes administrativas. Todas as demais atividades passaram a ocorrer em sistema de teletrabalho instituindo uma nova forma de trabalhar mediada por telas de computadores: aulas, reuniões acadêmicas e administrativas, planejamentos, webinários, inaugurações, debates, lançamentos etc.



Figura 1: Presente esvaziado se funde com um passado povoado nos espaços comuns da UNICAMP.⁵

No âmbito da minha vida pessoal esse novo *modus operandi* foi paulatinamente instaurando uma angústia com o porvir, resultando numa sequência de noites insones. Foi no compasso lento dessas noites mal dormidas que comecei a estruturar um projeto de salvaguarda de memórias voltado às vivências da pandemia de COVID-19. Contando com o apoio da reitoria e com o suporte de estudantes bolsistas e voluntários da Universidade, foram criadas as estruturas iniciais e feito o convite para os pesquisadores que integram nosso Comitê Curatorial, englobando instituições no Brasil e no exterior.⁶ E assim, em 21 de maio de 2020 o projeto #MemóriasCovid19 foi lançado e começamos a receber as primeiras submissões. O website da plataforma foi inaugurado em setembro de 2020 no Festival Internacional ARS ELECTRONICA, sediado na Áustria. Neste mesmo festival lançamos um documentário delineando os principais objetivos e conceitos da Plataforma #MemóriasCovid19.⁷ Estávamos então no início da pandemia e pensávamos sobre como reuniríamos forças de vários campos de conhecimento em prol de um espaço memorial, algo bem expresso no depoimento de uma das curadoras, Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira: “nós podemos aproveitar este momento para revigorar a capacidade humana de narrar”.⁸

Segundo bem pontuou Bruner, a narração humana está diretamente atrelada a uma construção de identidade sendo, por meio dela, que “nós construímos, reconstruímos, e de alguma forma reinventamos o ontem e o amanhã”.⁹ Considero essa passagem inspiradora, pois nos impõe refletir sobre narrativas/testemunhos além de suas condições factuais, ou seja, revelando sua

subjetividade intrínseca. Assim, nosso projeto de salvaguarda reside em preservar e difundir “olhares” singulares que se inscrevem em múltiplas experiências da pandemia para, como afirma a curadora Andréa Casa Nova Maia: “construir um mundo diferente depois disso tudo”, mas, também, porque a memória “nos dá força para resistir”.¹⁰ Mais do que historiadores/as refletindo sobre o passado estamos imersos, e em tempo real, num trauma coletivo. Trata-se de um desafio sem precedentes e que nos inspira rumo a uma redefinição e, no limite, a uma ressignificação do nosso próprio ofício e de nossa relação com as fontes que coletamos e analisamos.

Coleta, curadoria e divulgação de olhares sobre a pandemia da COVID-19

Por Ana Carolina Maciel & João Felipe Ferreira

O mecanismo implementado pelo projeto #MemóriasCovid19 visa, sobretudo, a construção de um processo abrangente e dinâmico de coleta de “olhares” acerca da pandemia de COVID-19. Concebido como um *crowdsourcing*, isto é, um “arquivo criado a partir de colaborações voluntárias digitais”,¹¹ o projeto conta com uma plataforma web onde os/as proponentes submetem seus relatos num formulário onde devem anexar os arquivos de diversos suportes tais como: fotografias, vídeos, áudios, gravuras e/ou arquivos de texto. Os proponentes têm a também opção de fazer sua submissão de maneira anônima, preservando, portanto, sua identidade se assim desejarem.

Numa etapa subsequente as submissões passam por um processo de habilitação, na qual são aferidas questões de autenticidade, aquelas consideradas habilitadas são então enviadas para avaliação por parte do Comitê Curatorial. Finalmente, as submissões aprovadas são exibidas na página da Plataforma para consulta, completando aquilo que denominamos como *ciclo curatorial*. É importante destacar que tanto as memórias aprovadas, quanto aquelas que não o foram, junto de toda documentação relativa ao projeto – desde sua idealização até sua implementação –, estão sendo tratadas e armazenadas no Arquivo Histórico do Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp, o CLEArq, garantindo, portanto, a preservação de todas as etapas do projeto.

A dinamicidade e a automatização características do processo de coleta-exibição das memórias vai ao encontro de outro objetivo preconizado pela iniciativa: a abrangência dos “olhares” coletados. Neste sentido, não há qualquer restrição aos proponentes, isto é, não há a delimitação de um grupo ou comunidade específica nem a imposição de determinado formato para os relatos enviados. Trata-se de um projeto de extensão universitária no qual todos os membros da sociedade são convidados a colaborar. Apesar da diversidade e amplitude das submissões recebidas, é interessante perceber os pontos de convergência entre relatos. A pandemia de COVID-19 aproxima vivências pessoais ao submetê-las a uma experiência de trauma coletivo. O ponto de vista assumido é aquele do tempo presente. Um tempo que se alonga, mas que ainda nos é estranho, incerto e temerário. Uma aura de incerteza, de contemplação, de imobilidade e impotência permeia vários relatos.

Em um ano de funcionamento da plataforma, e sem prazo para finalizar, já recebemos mais de 300 submissões, dentre as quais cerca de 200 já estão acessíveis no site, abrangendo todas as regiões do Brasil, além de outros países, tais como França, Estados Unidos, Equador e Canadá. A reunião desses relatos confere um espectro diversificado de significados em torno do mote “pandemia”, não apenas pelas diferentes perspectivas que veiculam, mas também graças à diversidade de formatos utilizados na sua produção – resultando num caleidoscópio de olhares por meio de vídeos, fotografias, gravuras, áudios, textos em prosa e poemas, em suma de uma história narrada por atores que se propõem a compartilhar pontos de vista de uma experiência traumática, e sem precedentes, no mundo contemporâneo.



Figura 2: Janelas ampliam, ou emolduram, um mundo incerto. Imagens de céu expandem fronteiras.¹²



Figura 3: As imagens detêm vários estilos e materiais.¹³

A imbricação entre os processos de coleta, armazenamento e disponibilização dos relatos engendra algumas reflexões acerca da condição da memória num contexto traumático. Desta forma destacamos a construção de uma memória em *tempo real* construída *pari passu* com a contemporaneidade através de testemunhos produzidos ao mesmo tempo da vivência do trauma. Algo notável, uma vez que a capacidade de uma sociedade rememorar e apreender episódios históricos vincula-se, grosso modo, a um certo distanciamento entre o tempo presente e o passado, entre o acontecimento e a sua rememoração por determinados grupos.

Novas tecnologias de registro, salvaguarda e difusão

Como é notório, novas tecnologias de registro promoveram um redimensionamento no campo da memória e da historiografia em termos mais amplos, na segunda metade do século XX. Desde a utilização de câmeras e gravadores portáteis, anos 1950, até a disseminação atual dos smartphones, tais ferramentas contribuem para a democratização dos processos de produção – e de acesso à informação – redimensionando a utilização de fontes memoriais em reflexões acadêmicas e em instituições museais e/ou arquivísticas. A implementação da Plataforma, sob o formato de vitrine de exibição, onde as submissões são disponibilizadas, impulsionou alguns questionamentos acerca do processo de apresentação: Como exibir os relatos aprovados? Em qual ordem? Como lidar com diferentes formatos de arquivo recebidos? A estrutura visual de exibição pode sugerir relações, atribuir importâncias e

agregar outros significados que talvez não fossem possíveis nos relatos isoladamente.

Se antes os arquivos dependiam exclusivamente de “espaços selados e controle de temperatura”, agora essa dependência é ampliada para questões relacionadas a “atualizações, sincronizações, compatibilidade de softwares e fluxos de energia”.⁴⁴ Essa nova condição expõe o arquivo digital a outras vulnerabilidades que devem ser consideradas no fazer arquivístico. Se tomarmos os *websites* (janelas de acesso utilizadas por grande parte dos arquivos digitais) como exemplo, veremos que além de dependerem da compatibilidade entre o navegador e as ferramentas utilizadas no desenvolvimento da página, essas janelas de exibição dependem, também, da manutenção constante de um servidor de armazenamento para os dados. A preservação desses “pré-requisitos” para manter o site no ar podem ser usuais atualmente, mas não temos conhecimento sobre o esforço necessário para mantê-las a médio e longo prazo.

Neste sentido, apostar na plataforma web como único mecanismo de acesso aos dados coletados pelo projeto #MemóriasCovid19 seria temerário. É verdade que essa ferramenta garante o acesso ágil e abrangente, uma vez que não depende do conhecimento especializado do arquivista para ser acessada, no entanto, ela não garante a preservação dessas informações. Por essa razão a parceria com o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP, para a salvaguarda de todo material produzido no decorrer do projeto em seus Arquivos Históricos se revelou fundamental.

“Urgência” de memória

O conceito de *memória em tempo real* tem sido adotado em referências à Plataforma #MemóriasCovid19. Essa urgência, essa simultaneidade dos relatos sendo divulgados em tempo real da própria vivência do trauma, não exclui uma futura evocação destes como evidências, ou traços sensíveis, de um passado. Nesta perspectiva, a subjetividade é o eixo norteador de nossa proposta de salvaguarda, não por acaso denominamos o material que coletamos e disponibilizamos como “olhares”. Como num caleidoscópio que vai tomando forma sob diferentes ângulos de mirada pretendemos

salvaguardar esses olhares, mas igualmente, lhes conferir ressonância garantindo que sejam amplamente vislumbrados e que possam se conectar com um universo mais amplo de percepções sobre esse momento dramático que atravessa a humanidade. Afinal, como nos lembra Bruner, não narramos sozinhos, mas sobretudo em confluência com os demais:

narrar a si mesmo, se é que posso repetir, é algo que acontece tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. Quando as circunstâncias nos preparam para a mudança, nos apoiamos nas outras pessoas que passaram por ela, nos abrimos para novas direções e novos modos de enxergar a nós mesmos no mundo.¹⁵



Figura 4 - Representações de trabalhadores em suas lidas diárias.¹⁶

Soma-se a isso uma potencialização da memória, algo que Régine Robin magistralmente notava em tempos “pré-pandêmicos”:

a memória se produz em uma velocidade semelhante à da luz. Não se pode mais, por isso, distinguir um acontecimento de sua apreensão, nem mesmo essa apreensão da recepção universal. Os três momentos acabam coincidindo. Não há mais tempo, distância entre eles. O presente, o instante, significa tanto pelo acontecimento que se produz, sua apreensão, quanto por sua recepção. O acontecimento, deste modo, não tem nem mesmo tempo para se converter em ‘passado’.¹⁷

O que nos resta diante desta nova condição da memória? Parece cada vez mais premente a necessidade de buscarmos estratégias para refletir a memória e implementar novas medidas de conservação, difusão e salvaguarda de testemunhos, de modo a garantir que suas singularidades não desapareçam como pegadas na areia. Não há mais tempo. A memória, e sua respectiva apreensão, ocorrem aqui e agora. Um vírus invisível e letal que nos apressa a rever conceitos, processar percepções, compartilhar vivências sejam estas dolorosas, poéticas, nostálgicas, temerosas ou esperançosas. Não há dicotomia possível nesse turbilhão de emoções que estamos imersos. Esse trauma que acomete nossa sociedade contemporânea culmina por nos impulsionar a

repensar o próprio lugar do indivíduo na História. Que a nossa Plataforma #MemóriasCovid19 possa ser um movimento nesse sentido.

¹ Historiadora, documentarista e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Multimeios (IA/Unicamp). Preside a Cátedra para refugiados “Sérgio Vieira de Mello” da Universidade Estadual de Campinas. Coordena a Cocen – Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa da Unicamp.

² Graduando em Comunicação Social com ênfase em Midialogia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desenvolve pesquisa de Iniciação Científica no projeto #MemóriasCovid19 sob orientação da prof^a Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, com financiamento da FAPESP.

³ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 61.

⁴ Coletar, identificar, processar, difundir: O ciclo curatorial e a produção do conhecimento ([nº 17/07366-1](#)); Modalidade Projeto: Temático; Pesquisadora responsável: Ana Gonçalves Magalhães; Investimento: R\$ 3.598.403,24.

⁵ Memória compartilhada por Laís Lourenço. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=246.

⁶ Os pesquisadores que compõem a Comitê Curatorial e suas respectivas instituições são: Ana Magalhães (USP); Andrea Casa Nova Maia (UFRJ); Benito Bisso Schmidt (UFRGS); Cecília Helena Lorenzini de Salle Oliveira (USP); Charles Monteiro (USP); Daniel Munduruku (Instituto UKA); Diego Kern Lopes (UERJ); Elena Brugioni (UNICAMP); Heloísa Buarque de Almeida (USP); Kátia Couto (UFAM); Keila Knobel (USP); Lília Moritz Schwarcz (USP); Raquel rato (FCSH NOVA Lisboa); Mônica Raisa Schpun (EHESS - Paris); Pedro Guimarães (UNICAMP); Zélia Amador de Deus (UFPA);

⁷ DOCUMENTÁRIO #MemóriasCovid19. #*Memóriascovid19*, 2020. Disponível em: <https://memoriascovid19.unicamp.br/video-documentary>. Acesso em: 02 jun. 2021.

⁸ *Ibidem*.

⁹ BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias*: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e voz, 2008, p. 103.

¹⁰ DOCUMENTÁRIO #MemóriasCovid19... *op. cit.*

¹¹ MARINO, Ian Kisil; NICODEMO, Thiago Lima; SILVEIRA, Pedro Telles da. Arquivo, Memória e Big Data: uma proposta a partir da Covid-19. *Revista Cadernos do Tempo Presente*, v. 11, n. 01, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/14139>. Acesso em: 01 jun. 2021.

¹² Memórias compartilhadas por Maria Madalena Felinto Pinho Ramos e por Dalton Villa. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=119 e https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=71.

¹³ Memórias compartilhadas por Davi Sidarta-Oliveira, Bruno Lourenço de Souza e Jamilly Zani da Silva. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=95 e https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=133. O relato do Davi não está disponível no site.

¹⁴ BLOOM, Ina. Rethinking Social Memory: Archives, Technology and The Social. In: BLOOM, Ina; LUNDEMO, Trond; RØSSAK, Eivind (org.). *Memory in Motion*: Archives, Technology and the Social. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007, p. 13.

¹⁵ BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias*... *Op. cit.*, p. 94.

¹⁶ Cf. Memória compartilhada por Francisco Demeilson Ferreira Moreira. Disponível em: https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=256

¹⁷ ROBIN, Régine. *A Memória Saturada*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 401

As margens da pandemia:

relatos de maternidades – coleta, edição e arquivo¹

Camila Bylaardt Volker²

Keyth Rose Albuquerque Pinheiro Melo³

Natan de Lima França⁴

Robenylson de Oliveira Mota⁵

Em agosto de 2020, o projeto *As margens da pandemia: relatos de maternidades* foi submetido ao edital 11/2020, da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Acre, que pretendia financiar projetos, cursos ou eventos realizados de maneira remota, com previsão de duração de quatro meses, de setembro a dezembro do mesmo ano. A Universidade Federal do Acre ofereceu quatro bolsas de extensão para alunos de graduação, que seriam orientados pelas duas idealizadoras do projeto, Ana Letícia de Fiori – professora do curso de Ciências Sociais – e Camila Bylaardt Volker – professora do curso de Letras.

A pandemia de coronavírus e o isolamento social promoveram uma proliferação expressiva de eventos e cursos online. A universidade encontrou em ações desse tipo a possibilidade de manter algum engajamento dos estudantes com o ambiente acadêmico, talvez em uma estratégia de tentar minorar a evasão, principalmente em cursos que já enfrentam essa situação preocupante. Assim, os eventos e os cursos poderiam difundir o conhecimento e aproximar alunos, professores, funcionários e comunidade externa.

Quando o edital saiu, em julho de 2020, um caminho possível seria fazer cursos ou eventos abertos ao público. Em que pese a importância dessas ações, consideramos que seria interessante tentar registrar, de alguma maneira, as difusas impressões sobre as experiências individuais da pandemia. Já tínhamos visto e até participado de iniciativas que coletavam impressões (através de depoimentos, fotos ou outros gêneros) no formato de *crowdsourcing*⁶, que,

inclusive, nos serviram de inspiração para pensar no nosso projeto. Mas como acessar quem estava do outro lado das telas, ou quiçá não tivesse nem tempo para telas?

Uma vez que a sobrecarga das mães na pandemia era um assunto que nos atingia direta e indiretamente, resolvemos ir atrás desse tipo de experiência. Mas queríamos ouvir as mães que não teriam tempo ou acesso a uma coleta pública de depoimentos. Por isso, decidimos fazer um projeto para que pudéssemos ir até essas mães e coletar seus depoimentos sobre suas vivências na pandemia do coronavírus.

A consignação de nosso arquivo esteve condicionada a duas linhas de frente: um conceito de mãe e uma vivência de uma calamidade sanitária. Como a pandemia esteve (e ainda está) mobilizando muitos discursos e comportamentos contraditórios, talvez essa linha de frente tenha sido a mais maleável na nossa consignação, uma vez que coletamos depoimentos de pessoas que tiveram diferentes níveis de contato com o vírus. Por outro lado, a delimitação do conceito de mãe assumiu contornos mais rígidos: eram mães que pariram; mesmo que criassem filhos de outras mães ou que não morassem mais com seus próprios filhos, todas elas passaram por um trabalho físico de parto.

É prudente ressaltar aqui que acabamos por assumir (só nos damos conta disso ao escrever esse texto) uma univocidade do conceito de mãe, o que fez com que a nossa discussão teórica incidisse mais sobre o papel exercido pelas mães na sociedade do que sobre o que é ser mãe. Isso pode ser uma explicação para o fato de termos coletado muitos depoimentos que reiteravam o que se espera de uma mãe, discutindo pouco o que torna uma pessoa mãe. Conforme a redação dos objetivos de nosso projeto, pretendíamos entrevistar e coletar depoimentos de mães em situação de vulnerabilidade: ou que cuidavam dos filhos sozinhas; ou não puderam fazer quarentena; ou receberam o auxílio emergencial; ou não conseguiram receber o auxílio; mães ribeirinhas; mães indígenas; aquelas que tiveram filhos ou se tornaram mães durante o isolamento social; mães artistas, entre outras situações relevantes. Percebe-se, assim, que a nossa atuação supunha essa linha fixa, delimitada em um conceito (não expresso) de mãe, mas se abria para as diferentes possibilidades de

vivência da pandemia de coronavírus.

Como não era possível prever atividades presenciais, desde a redação do projeto consideramos que o contato e a coleta dos depoimentos seriam feitos através do celular e pelos alunos bolsistas. Dessa maneira, a maioria das atividades previstas foram realizadas prioritariamente através do aplicativo WhatsApp; um objeto e um aplicativo de uso comum tanto dos alunos como das mães que pretendíamos alcançar.

O projeto selecionou quatro bolsistas: dois do curso de Ciências Sociais – Aline Cristina de Paiva Oliveira e Jessica Matias – e dois do curso de Letras – Natan de Lima França e Keyth Rose Albuquerque Pinheiro Melo. Tivemos também dois alunos que trabalharam como voluntários, uma graduada em Psicologia (Halanna Miranda; ela não permaneceu como integrante da equipe até o final das ações) e um graduando em Letras – Robenylson de Oliveira Mota. Uma vez selecionados os alunos, começamos a fazer reuniões semanais através do Google Meet.

Todo o mês de setembro foi empenhado em discussões teóricas e metodológicas: discutimos maternidade, discutimos relato, discutimos coleta. Lemos textos como *Relatos Oraís: do indizível ao dizível*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz,⁷ *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, de Márcio Selligman-Silva,⁸ e *Linguagem e trauma da escrita do testemunho*, de Jaime Ginzburg.⁹ Lemos também contos de Machado de Assis,¹⁰ Clarice Lispector¹¹ e Conceição Evaristo...¹² O material teórico foi responsável por conduzir os procedimentos metodológicos, tendo em vista que as entrevistas e relatos deveriam ser tratados sem perder a essência técnica e testemunhal. Prezou-se, acima de tudo, pela veracidade do depoimento e sua consistência para o bom desempenho do projeto.

Em outubro, começamos a preparar um roteiro para ajudar e orientar os monitores na aproximação das mães. Supondo extremos – ou uma mãe que falasse muito ou uma que não falasse nada – estabelecemos fios condutores para alinhavar a conversa. Estabelecemos um termo de consentimento. Marcamos pontos sobre os quais desejaríamos ouvir as mães: se faziam quarentena, como era antes e como foi permanecer em casa? Algum remédio específico foi utilizado? Teve COVID-19? Alguém de casa teve? Como era a

divisão das tarefas domésticas? Como elas imaginavam o fim da quarentena? Depois que acumulamos algumas entrevistas, achamos necessário incluir outras perguntas, inclusive para conseguirmos avaliar o corpus que se formava; passamos a perguntar sobre a profissão e o grau de escolaridade e a pedir uma autodeclaração étnico-racial.

A coleta começou em outubro, com uma primeira fase de testes, em que poderíamos entrevistar qualquer mãe, mesmo que estivesse fora do escopo do projeto. Os monitores começaram a coleta pelas mães conhecidas. Nosso modelo de coleta partia de entrevistas direcionadas, em que fizemos perguntas-chave que podiam ser respondidas com mais ou menos informações pela entrevistada. Esse método condiciona o relato, inibindo um pouco a digressão, mas ajuda na condução de um texto coeso que potencialmente contempla as nossas consignações principais – a maternidade e a pandemia. Organizar os relatos por pessoas e não por temas, além disso, permite que as pessoas tenham tempo de se ambientarem ao processo de relatar e se soltem mais; tivemos situações em que as pessoas começavam empolgadas, oferecendo longas respostas no início e terminavam em monossílabos; tivemos também o contrário, quando as pessoas começavam tímidas, respondendo de forma seca às questões, mas ao longo do relato se soltavam e nos permitiam entrever mais o seu universo. Tudo isso implicou em um formato híbrido entre a entrevista e o relato: alguns têm mais cara de entrevista, outros demonstram um fôlego grande daquela que fala e a presença da interlocução do monitor do projeto quase não se percebe.

A nossa metodologia era a da “bola de neve” (*snowball sampling*): através de alguns depoimentos chave (sementes), coletados de mães conhecidas de membros da equipe, tentaríamos conseguir mais contatos que se encaixassem no perfil visado. A metodologia parecia ser adequada para acessar grupos de difícil acesso ou difíceis de serem estudados, pois previa um desdobramento progressivo dos dados a serem recolhidos nas redes de contato mobilizadas. Acontece que, no segundo mês da coleta, em novembro, já estávamos com os nossos contatos esgotados. Isso pode ter acontecido por várias razões, tanto pela dificuldade dos monitores de acessar essas mães e iniciar uma conversa, e inconstância das próprias mães, que não davam continuidade às conversas começadas, quanto pela própria pandemia que, sendo ela mesma uma bola de

neve, era a única coisa que parecia se mover no mundo.

O trato com esses relatos procurou valorizar o contexto de subjetividade da experiência de onde eles foram produzidos. Antes do depoimento, a equipe estabeleceu com essas mulheres como aconteceria o relato, esclarecendo os objetivos e métodos do projeto, registrando seu consentimento e fornecendo a garantia de que, a qualquer momento, elas poderiam desistir da participação ou manter o depoimento anônimo. A monitora Keyth Pinheiro relata um pouco do seu método e das dificuldades de aproximação das mães:

o processo para selecionar mães que se encaixavam no projeto não era fácil. Eu não conhecia tantas mulheres que poderiam estar exatamente naquele recorte. O primeiro passo foi estudar os contatos gravados em meu celular. Encontrei alguns nomes, mas ainda não eram o suficiente. Então, expus o projeto ao meu esposo que, por ser pastor, conhecia realidades de mães que não chegavam a mim. A partir de uma pequena lista de nomes e orientada pelas professoras Camila e Ana Letícia, entrei em contato com a primeira mãe. Acho importante frisar que meus contatos eram, em sua maioria, amigas que congregam ou congregavam comigo na igreja. Somente uma foi indicação, ainda assim, de uma amiga da igreja.¹³

Como podemos perceber pelo depoimento da monitora, em um projeto de curta duração e com o objetivo de coletar 40 depoimentos, não poderíamos simplesmente esperar a bola de neve ganhar velocidade por si. Precisávamos recorrer às mães do nosso círculo mais próximo, o que, evidentemente, não nos levava às mães que pretendíamos de princípio acessar. Essas mães eram nossas vizinhas, amigas, colegas de faculdade, trabalho, igreja... Às vezes, através delas, conseguíamos novos contatos; às vezes, encontros fortuitos nos levavam a contatos que não eram usuais; algumas vezes fomos deliberadamente atrás de mulheres que nos interessavam no projeto. Sendo assim, os depoimentos que conseguimos coletar passaram por diversos obstáculos até serem incluídos em nosso pequeno acervo, de maneira que a nossa “curadoria” não recusou nenhum dos depoimentos colhidos e autorizados para divulgação pelas mulheres.

O monitor Robenylson de Oliveira Mota considera que a aproximação das mães de seu círculo pessoal fez com que ele visse vulnerabilidade onde a princípio não suspeitava:

durante alguns dias fiquei sem saber quais caminhos seguir e quais mães escolher, pois precisava quebrar a minha bolha social para coletar relatos de mães que se encaixassem na proposta do trabalho, isto é, mães que não puderam parar de trabalhar durante a pandemia e/ou se encontravam em vulnerabilidade social. No entanto, precisava começar a coletar e, para isso, olhei em volta e havia mães que, embora não estivessem em vulnerabilidade social, estavam enfrentando as dificuldades do trabalho remoto junto aos compromissos maternos e

precisavam ser ouvidas. Diante disso, o trabalho se tornou mais leve, pois percebi que várias mães ao meu redor queriam desabafar e, mesmo sendo do meu convívio, não havia parado para ouvir seus relatos de maternidade.

Ter me permitido ouvir mães da minha família e do meu círculo de amigos me fez perceber que elas estavam sobrecarregadas, pois os filhos estavam em casa, o que significa dizer que as mães precisaram – além de todas as suas obrigações – auxiliar os filhos nos exercícios da escola. Além disso, encaravam o avanço da pandemia no país, acompanhado de notícias desanimadoras no jornal junto ao medo de perder a vida e perder os entes queridos.¹⁴

Nesse sentido, mesmo a coleta fazendo idas e voltas em torno dos contatos diretos dos monitores, a formação heterogênea de nosso grupo permitiu que mães de diferentes estratos sociais participassem. Além disso, se o processo de coleta serviu para que os monitores ressignificassem as mães de seu entorno, isso, por si, já é extremamente válido.

Nós pretendíamos divulgar os depoimentos no site à medida que eles fossem acontecendo, porém, a dinâmica do trabalho de coleta, transcrição e edição de depoimentos somada à nossa dificuldade de alimentar a página com destreza nos impediram de coletar e divulgar simultaneamente (Leandro de Fiori foi responsável pela criação da página e nos ensinou a fazer as postagens). Só conseguimos “lançar” a página do projeto em fevereiro de 2021, através divulgação feita pela Assessoria de Comunicação da UFAC,¹⁵ do sítio da Andifes,¹⁶ das nossas redes sociais e de uma entrevista na EBC.¹⁷ Nessas ocasiões, além do endereço da página, oferecemos o nosso e-mail para receber mais depoimentos.¹⁸

A recolha de depoimentos queria acessar um desejo de fala – uma depoente estimula a outra a expor particularidades de sua experiência – e um desejo de escuta – uma vez divulgados os relatos, o público poderia se interessar por ler cada vez mais depoimentos. Muitas vezes, no entanto, nos encontramos com um desejo oposto, talvez um desejo de silêncio. Isso, por um lado, dificultou uma aplicação rápida do método da bola de neve, por outro, nos mostrou como o universo que pretendíamos acessar era regido pelo silêncio. Se inicialmente tínhamos a ilusão de que as mães queriam ser ouvidas, e, por isso, queriam falar, percebemos rapidamente que elas falavam sim, mas aquilo que é desejável (dentro de um estereótipo de maternidade) que as mães falem. Assuntos delicados ou que exigissem um posicionamento crítico em relação ao papel que elas ocupam na família e na sociedade não surgiam espontaneamente e, se surgiam, eram logo desviados.

O monitor Natan de Lima França comenta sobre seu processo de coleta e recebimento do que ele chama de “discursos prontos”:

durante a coleta de relatos pude entrar em contato com diversas mães de situação de vulnerabilidade social, sobretudo, do bairro periférico em que morava. Entrevistei mães desempregadas, domésticas e de dedicação exclusiva ao lar e família. Notei que durante a pandemia as atividades relacionadas ao cuidado dos filhos e vida cotidiana foram redobradas, e, mais que nunca, mulheres de diferentes idades, grupos sociais e raciais foram sobrecarregadas. Se em um mundo pré-pandêmico era notória a opressão de gênero, durante a pandemia as dinâmicas que se desenvolvem na vida pública e privada tornaram-se mais tensas e intensas. De fato, boa parte das vozes exalam certa monotonia, um *discurso pronto* perdido em uma rotina de afazeres e poucos cuidados consigo. Muitas mães estavam exaustas, e, forçosamente, aparentavam ter tudo sob controle num cenário de mortes, crise sanitária e desemprego.

A edição e a coleta também possuem um certo caráter humanizador que não é previsto em procedimentos metodológicos. É necessário *tato* para dialogar com estas mulheres. Em diversos momentos, a resposta salta e vai para o outro ponto: o do desconcerto. Um breve silêncio e a fuga da resposta constrói uma oração menos objetiva, ou, em outros casos, objetiva demais, seca e direta. Como estudante de Letras, entendo que certos silêncios e espasmos linguísticos dizem muito sobre o falante. E, mais que nunca, vivemos uma época de rostos quietos e olhos que acenam para um futuro que, ainda com a vacina, não chega. Momento no qual as estruturas opressoras trabalham a todo vapor para a manutenção de um sistema em ruínas, oprimindo, dia e noite, mães.¹⁹

Uma leitura das entrelinhas do nosso corpus faz ver mais a afirmação de um lugar de atuação do que o seu reconhecimento, conforme atestado por Natan de Lima França. Enquanto o mundo desabava, a maioria das mães que contribuíram com o nosso projeto aparentavam ter tudo sob controle. Keyth Rose Albuquerque Pinheiro Melo comenta sobre o depoimento mais surpreendente para ela:

há relatos que chamam mais atenção. Entrevistei uma mãe que engravidou e teve bebê durante a pandemia. Ela narrou suas conquistas, suas alegrias pela gestação e enfatizou o medo que sentia com as notícias televisivas. Relatou as crises de pânico que a acometeram, a tristeza de não poder estar perto dos amigos. Ainda que tivesse um esposo e filho compreensivos, sentia-se triste por pensar em tantas mães que não podiam contar com um alicerce familiar tão sólido. E nesse momento de reflexão, a culpa sempre a invadia.

Destaco esse relato pois foi motivo de reflexão. Ela é uma gestante e mãe que tinha e tem a chamada ‘rede de apoio’, mas diante do legado que nos cerca, como mulheres, ao longo dos séculos, essa mãe sentia culpa por ter o mínimo de apoio que uma mãe poderia ter. Ela não tinha que carregar as tarefas domésticas nas costas, pois tinha muita ajuda, mas isso a fazia sentir-se culpada. Culpada. Entrevistei mães que achavam normal elas cuidarem de tudo, enquanto o esposo nada fazia. Agora imaginem quantas mães ‘solos’ estão casadas? Quantas mães precisavam e precisam de ajuda durante a pandemia? Esses relatos nos fazem pensar sobre tudo que a pandemia nos levou e nos convida à mudança de comportamento, como seres humanos que vivem em sociedade.²⁰

O assunto que pretendíamos abordar com as depoentes era sabidamente delicado; não podíamos simplesmente esperar que essas mulheres se “abrissem”

com uma pessoa desconhecida que começou a conversar com elas por WhatsApp. Se, por um lado, o bolsista que coletava o depoimento poderia trazer a sensação de escuta para a mulher que falava, por outro, poderia trazer uma sensação de julgamento e crítica. Um depoimento enviado para um e-mail anônimo, sem essa situação de uma entrevista, poderia estar sujeito a menos amarras, ser mais livre. Ainda sim, vemos que o tipo de pessoa que se predispõe a colaborar com um projeto de coleta alimentado pela iniciativa dos depoentes geralmente atinge um público de um nível de escolaridade alto, com um acesso à internet de qualidade, com uma fluência escrita de maior fôlego, com maior facilidade de encontrar ou ser encontrada por essas pesquisas... Além do mais, a organização dessas coletas, seja por meio de formulários ou por depoimentos não conduzidos, exige um comprometimento mais “fidelizado”, uma vez que cabe a quem envia sua participação a responsabilidade de levá-la até o fim. Por isso, preferimos a coleta através de entrevistas dirigidas, na intenção de encontrar pessoas que escapassem desse perfil do *crowdsourcing*.

Poucos arquivos de áudio foram disponibilizados no site do projeto, uma vez que o formato de conversa ao qual o WhatsApp submete o depoimento acaba por produzir áudios recortados. Não tínhamos tempo e nem conhecimento técnico para empreender um trabalho de edição desses áudios, apesar disso ter figurado em nosso horizonte antes de começarmos as coletas. As transcrições foram submetidas à aprovação das mulheres e poucas fizeram edições nos arquivos enviados. Os bolsistas tiveram autonomia para deliberar sobre a melhor forma de transcrição dos depoimentos, mas a maioria deles diminui ou apaga a “voz” de quem fez a coleta.

Um dos nossos maiores desafios se revelou, inclusive, na transcrição dos depoimentos. Como temos alunos de diferentes cursos e perspectivas, temos várias maneiras de apresentar as falas transcritas: algumas são transcritas *ipsis litteris*, com poucas inserções do coletor do depoimento. Algumas são totalmente conduzidas por uma voz narrativa – a do coletor – que reproduz a fala da mulher de maneira indireta. Tivemos várias discussões sobre isso e, uma vez que não foi estabelecida uma forma “correta” de transcrição e edição, há uma multiplicidade de estilos de relato, conforme é possível perceber no nosso site. Robenylson de Oliveira Mota comenta sobre as transcrições que

fez:

antes de coletar os relatos, pensamos em um roteiro de abordagem que nos ajudasse a introduzir o projeto e a direcionar as mães em seus relatos, no entanto, em alguns casos, o roteiro engessou o desenvolvimento da conversa e precisou ser deixado de lado. Como optei por ouvir mães próximas a mim, tinha uma dimensão de como seria a conversa, pois já as conhecia. Todavia, percebi que algumas mães acabaram respondendo de forma superficial, resumida e/ou da forma que achavam que nós queríamos ouvir. Por outro lado, algumas mães enxergaram no relato a oportunidade para refletir sobre si e fazer um longo desabafo sobre a experiência materna.

Estávamos enfrentando um momento bastante crítico da pandemia e não havia a possibilidade de encontrar as mães presencialmente e isso tornou o contato mais distante. Por isso, imagino que algumas mulheres se intimidaram e preferiram não aprofundar em seus relatos. Contudo, nos casos em que elas se sentiram à vontade para relatar, encontramos mais uma dificuldade: como transcrever o relato mantendo os sentimentos expressos nos áudios? Tínhamos uma questão em jogo no momento da transcrição: manter a transcrição fiel ao relatado em áudio ou guiar a transcrição para um discurso indireto livre?

Trazendo para o universo das letras, há três tipos de discurso na teoria da narrativa: direto, indireto e indireto livre. Percebemos que, mesmo o relato contendo a história da mulher (a sua essência), transcrever o relato em discurso indireto ou indireto livre tiraria a plenitude do relato, isto é, tiraríamos a palavra de quem se dispôs a relatar. Entretanto, levando em consideração a pluralidade de ideias do grupo, cada um guiou a transcrição da forma que achou melhor, não houve um modelo pré-estabelecido de transcrição, ficamos livres para decidir. Mencionei uma das pautas levantadas durante o processo de transcrição, porque achei interessante essa questão ter sido tocada, uma vez que, dentro de um projeto aparentemente distante do universo das letras, essa pauta nos mostrou a total ligação entre as áreas.²¹

A aproximação entre as Ciências Sociais e as Letras, através da condução das entrevistas e da transcrição dos relatos, foi importante para que o grupo reconhecesse a sua potência de trabalho com esse grande tema da maternidade e da entrevista. Em relação aos alunos do curso de Letras, especificamente, o mergulho em um universo vivo de expressão oral sugere novas abordagens de assuntos que eram tratados apenas dentro de textos escritos, como os tipos de discursos.

Quando a pandemia começou, o ensino na Universidade Federal do Acre parou. Meses se passaram até que o Conselho Universitário começasse a discutir a retomada das aulas de forma remota. A Universidade Federal do Acre, assim como outras universidades, firmou um contrato com a Google, garantindo nosso acesso a algumas ferramentas, como o Google Docs, o Google Classroom, e o Google Drive. Boa parte do nosso material está armazenado no Google Drive e não temos conhecimento de quanto tempo esse contrato vai vigorar e o que acontecerá com todo o material que ali está depositado. A Pró-Reitoria de Extensão, preocupada em dar assistência aos coordenadores de projetos de extensão realizados de forma remota, ofereceu

alguns cursos de capacitação para o uso de plataformas, mas não subsidiou o armazenamento dos dados produzidos pelos projetos. As plataformas disponibilizadas pela parceria Google/UFAC, inclusive, ficaram acessíveis quando as aulas remotas estavam para começar, no final de outubro de 2020: ganhamos um endereço de e-mail institucional e a possibilidade de armazenar arquivos no Google Drive. Talvez por conta desse acesso facilitado às plataformas Google, acabamos utilizando-as tanto para arquivamento como para edição coletiva dos depoimentos na sua forma escrita. Ou seja, o projeto pôde contar com o armazenamento institucional depois de seu início e esse armazenamento foi possível por causa de outros processos que estavam além do disposto no Edital II/2020.

Conforme mencionado, os depoimentos foram realizados por iniciativa dos monitores do projeto e registrados via WhatsApp. Há, portanto, materiais distintos guardados em plataformas distintas: o depoimento “bruto” fica no WhatsApp e pertence, por assim dizer, às duas pessoas envolvidas na conversa. Eventualmente os depoimentos “brutos” se perderão, pois podem não estar salvos em um backup do celular, ou podem se misturar aos milhares de arquivos de áudio que cada aparelho guarda, tornando-se uma tarefa difícil encontrá-los. Há também o depoimento transcrito, sem edição; ele fica registrado ou em arquivos .docx, permanecendo salvo no computador dos monitores e no computador das professoras, ou diretamente no Google Docs, como uma alternativa para quem não tinha programa de edição de texto. O depoimento editado está disponível no blog do Wordpress, no Google Docs e no computador das professoras. Todos os depoimentos estão armazenados de forma caseira e difusa, circunstância que os torna mais suscetíveis ao desaparecimento.

O resultado final do projeto, o blog *As margens da pandemia: relatos de maternidades*, tal qual o público pode acessá-lo hoje, com as imagens²², os textos da equipe sobre o projeto, os relatos e a organização digital das informações, está no domínio do WordPress. A multiplataforma pertence a uma empresa privada: pode ser vendida, pode falir, pode ser atacada, pode sofrer uma pane generalizada – a segurança dos dados não é 100% garantida, como também não o é em um arquivo físico, vide os infelizes episódios de destruição de grandes arquivos, como o do Museu Nacional e, mais recentemente, o da Cinemateca.

Por outro lado, alguns serviços como o Web Archive e o próprio histórico de navegação do Google prometem arquivar qualquer informação que já esteve pública na internet. Ou seja, mesmo que o WordPress não exista mais daqui a cem anos, essas informações ainda poderiam ser encontradas, mesmo que não na plataforma em que elas originalmente foram publicadas.

Assim, ao refletir sobre as considerações de Ian Kisil Marino de que “em certo momento, questionou-se qual seria o lugar dos historiadores e humanistas em um cenário em que o arquivo digital poderia, hipoteticamente, tudo preservar”,²³ podemos elucubrar que os historiadores e os estudiosos das ciências do arquivo seriam cada vez mais necessários. Se tudo está hipoteticamente registrado, poderíamos supor, pelo avesso, que tudo está hipoteticamente perdido: as coisas só serão encontradas quando alguém estabelecer um princípio arquivístico e se lançar em uma procura através de uma consignação. Para isso, deixamos uma consignação a ser encontrada num futuro imprevisível: mães, na pandemia de coronavírus, em Rio Branco, no Acre.

¹ Esse texto só foi possível com a contribuição de várias pessoas. Agradecemos ao Ian Kisil Marino e ao Thiago Nicodemo pelo convite para participar dessa publicação. Estendemos os nossos agradecimentos a Ana Letícia de Fiori, pela parceria na elaboração e na condução do projeto, e a Aline Paiva e a Jessica Matias, pela parceria e pelo trabalho durante a execução do projeto. Agradecemos também ao Leandro de Fiori por ter montado o site e acolhido nossas infinitas dúvidas com muita paciência. Por fim, agradecemos a todas as mães que contribuíram com os seus relatos-entrevistas: sem a participação delas, nosso arquivo não seria possível.

² Professora Adjunta de Teoria Literária da UFAC.

³ Graduanda em Letras/Língua Portuguesa pela UFAC.

⁴ Graduando em Letras/Língua Portuguesa pela UFAC.

⁵ Graduando em Letras/Língua Portuguesa pela UFAC.

⁶ Um projeto de *crowdsourcing* que inspirou o nosso foi o *Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das Mães Cientistas na pandemia*, organizado por Ana Carolina Eiras Soares, Camila de Almeida Santos Cidade e Vanessa Clemente Cardoso e editado pela Editora Bindi (2020). O projeto da Andréa Casa Nova Maia e da Vera Casa Nova, o *Arquivo Pandemia: Diários íntimos, recortes poéticos, históricos, geográficos, políticos, antropológicos, artísticos, psicossociais do isolamento*, editado pela Editora UFMG, também nos serviu de inspiração. Além disso, o Museu da Pessoa, existente desde 1991, foi uma fonte importante para imaginarmos formatos para a nossa página.

⁷ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

⁸ Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicol. clin.*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

⁹ Cf. GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Conexão Letras*, v. 3, n. 3,

2008.

¹⁰ Cf. ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. *In*: ASSIS, Machado de. *Relíquias de Casa velha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

¹¹ Cf. LISPECTOR, Clarice. Amor. *In*: LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1974.

¹² Cf. EVARISTO, Conceição. Quantos filhos Natalina teve? *In*: EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

¹³ Depoimento de Keyth Rose Albuquerque Pinheiro Melo realizado para composição desse texto, 2021.

¹⁴ Depoimento de Robenylson de Oliveira Mota realizado para composição desse texto, 2021.

¹⁵ Cf. PROJETO coleta relatos de mães durante pandemia da covid-19. *Universidade Federal do Acre*, 2021. Disponível em: <http://www.ufac.br/site/noticias/2021/projeto-coleta-relatos-de-maes-durante-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 27 ago. 2021.

¹⁶ Cf. UFAC – Projeto coleta relatos de mães durante pandemia da covid-19. *Andifes*, 2021. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=87604>. Acesso em 27 de ago. 2021.

¹⁷ Cf. UNIVERSIDADE Federal do Acre realiza projeto para ouvir experiências maternas durante a pandemia. *Rádio EBC*, 2021. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-amazonia/2021/05/universidade-federal-do-acre-realiza-projeto-para-ouvir-experiencias>. Acesso em: 27 ago. 2021.

¹⁸ Apesar de muitas entrevistadas terem conferido suas participações em nossa página e divulgado para sua rede de contatos, até o momento não recebemos qualquer contribuição espontânea.

¹⁹ Depoimento de Natan de Lima França realizado para composição desse texto, 2021.

²⁰ Depoimento de Keyth Rose Albuquerque Pinheiro Melo realizado para composição desse texto, 2021.

²¹ Depoimento de Robenylson de Oliveira Mota realizado para composição desse texto, 2021.

²² A identidade visual do nosso sítio contou com ilustrações de nosso monitor Natan de Lima França (assinando-as como Di França). Todas foram elaboradas e desenvolvidas especialmente para o projeto, feitas à mão e digitalizadas para compor a arte do acervo. O artista utilizou materiais como: aquarela, caneta stabilo, posca branca, papel canson, entre outros. Além das ilustrações, a página utiliza imagens de diferentes sementes na composição da identidade visual da página. O logotipo do projeto foi elaborado pela professora Ana Letícia de Fiori.

²³ MARINO, Ian Kisil. Notas preliminares sobre o arquivamento digital da Covid-19. *Idéias*, v. 12, p. 17, 2021.

Educação na imprensa online:

contribuições para os estudos sobre as Humanidades Digitais

Bianca de Moraes Lima Garcia¹

Danilo Mendonça²

Marcella Albaine Farias da Costa³

A chegada da pandemia de COVID-19 no ano de 2020 gerou uma ruptura com o estilo de vida que a sociedade contemporânea estava habituada. De repente, o mundo – cada vez mais dinâmico, ágil e complexo – precisou desacelerar para conter o avanço do vírus e, por consequência, diminuir a onda de contágio do Sars-Cov-2. Com isso, o isolamento social tornou-se presente na vida de milhões de pessoas pelo mundo, fazendo com que diversos setores da economia ficassem paralisados ou forçassem uma reorganização para adequar-se à nova realidade.

Devido a todas as rápidas mudanças sociais promovidas pela pandemia e as diversas (faltas de) respostas de líderes de Estado ao redor do globo, o vírus ganhou os principais jornais e noticiários do mundo nos seus mais variados aspectos: saúde, economia, trabalho, segurança, educação, dentre outros assuntos que englobam a vida social.

Com uma quantidade imensurável de informações geradas pela imprensa sobre a COVID-19, vemos como urgente a atuação de historiadores e professores de História na formulação de alternativas para o arquivamento dessas notícias e outros tipos de documentos, que caracterizam e marcam esse momento histórico de ruptura.

Visando a compreensão de memórias construídas na internet, a partir da mobilização da ideia dos arquivos informais digitais⁴, a historiadora e professora de História Marcella Albaine arquivou notícias que relacionassem,

em algum aspecto, a educação e a pandemia da COVID-19. A opção por este tipo de dado, quais sejam, notícias jornalísticas, entendidas como fontes históricas, deu-se em função dos portais informativos serem espaços de produção de sentidos e de narrativas que são consumidas por um público variado; acreditamos que as mesmas são um bom caminho para entender o primeiro ano da pandemia, não só nas divisas brasileiras, mas em outros países que ora ou outra foram noticiados e arquivados.

Nosso objetivo neste texto, além de problematizar o conteúdo das matérias em si, é pensar o desenvolvimento de técnicas de arquivamento de um patrimônio cultural que possa ser acessado e estudado pela atual e pelas gerações que estão por vir⁵, inclusive nas salas de aula da educação básica e da educação superior. O desenvolvimento de tais técnicas, conforme iremos explicitar ao longo do trabalho, só pode ser considerado a partir de um diálogo entre diferentes áreas de conhecimento e, justamente por isso, chamamos a atenção para os estudos sobre as Humanidades Digitais⁶ como um caminho possível e promissor.

Em nosso caso, a pesquisa só foi possível pela dinâmica de parceria e desenvolvimento das investigações em rede, contando com a participação dos graduandos Bianca Garcia (UNICAMP) e Danilo Mendonça (UNICAMP), vinculados ao Grupo de Pesquisa “Memória Digital: Arquivo e Documento histórico no Mundo Contemporâneo” e ao Centro de Humanidades Digitais IFCH-UNICAMP, ambos coordenados pelo professor Thiago Lima Nicodemo; do Instituto de Computação da UNICAMP, coordenado pelo professor Anderson Rocha; e do Laboratório de Ensino de História e Educação (LHISTE/UFRGS), coordenado por Jocelito Zalla e Melina Kleinert Perussatto.

Ressaltamos que políticas de arquivamento em rede já foram desenvolvidas em outros momentos de ruptura na sociedade ocidental contemporânea, como o ocorrido em 2001, nos Estados Unidos, após os atentados liderados pelo grupo terrorista Al-Qaeda sob o comando de Osama bin Laden ao World Trade Center, em 11 de setembro, quando se iniciou um processo de coleta de memórias, documentos e informações sobre de maneira coletiva, pelo projeto *September 11th Digital Archive*. Em 2020, ano sensível em que a pandemia

colocou a urgência do presente, vivemos novamente uma mudança de paradigmas, e dessa vez muito mais pulverizada do que outrora. A questão da memória⁷ tornou-se novamente um dos assuntos de maior urgência para ser tratada e pensada por historiadores, docentes em História, arquivistas, bibliotecários e cientistas dedicados às humanidades.

Como iremos discutir, explicando em detalhes nossos caminhos de pesquisa, esta base de dados, composta durante o próprio ano de 2020 de maneira colaborativa⁸, compreende cento e dezenove documentos jornalísticos publicados nos mais diversos portais e com visões ideológicas distintas. Interessando-nos não a quantidade em si de notícias, pois são apenas um recorte, uma seleção, mas as perguntas potentes direcionadas ao acervo, tais como: o que aconteceu com o campo educacional? Que polêmicas se manifestaram? Que estratégias de enfrentamento foram observadas?

Ressaltamos que esse direito à memória é ponto imprescindível à garantia da transparência democrática por meio do pleno acesso à informação que ora se apresenta sob ameaça em países como o Brasil⁹, no qual a anticiência e o revisionismo conservador¹⁰ têm deixado marcas deletérias irreparáveis.

Caminhos de uma prática em Humanidades Digitais: o que aconteceu com a Educação no contexto pandêmico?

Entre as notícias arquivadas podemos dizer que algumas são oriundas de grandes portais vinculados a grupos tradicionais da imprensa brasileira, como UOL, G1, R7, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Extra, O Globo, Estado de Minas, Gazeta do Povo, Veja, Carta Capital, dentre outros. Também é possível identificar documentos de setores do jornalismo que advêm de sites e equipes independentes ou com uma linha editorial mais conectada à esquerda política, como The Intercept, Brasil de Fato, Esquerda Diário, Brasil 247, dentre outros ligados às organizações sindicais.

Também há no acervo documentos jornalísticos de países como Argentina e Portugal, e essa diversidade nos proporciona uma percepção acerca das diferentes narrativas e posicionamentos diante dos acontecimentos recentes, até mesmo na sua escrita e na forma de se aproximar do público leitor. Notamos ainda que os sites e portais de diversas universidades estaduais e

federais do Brasil tornaram-se alguns dos principais meios de garantir a conversa com o corpo universitário: estudantes, funcionários e docentes. Com uma realidade remota, os meios de comunicação online foram imprescindíveis na difusão das decisões de conselhos universitários e de reitorias.

Com toda a variedade documental arquivada por Albaine, foi necessário o estabelecimento de critérios para a organização e catalogação deste vasto material, consistindo esse processo em uma prática em Humanidades Digitais com foco na discussão sobre educação no contexto pandêmico. Segundo Pimenta,¹¹ “as Humanidades Digitais são um campo auto-reflexivo capaz e desejante de que a aplicação das tecnologias digitais voltadas às Humanidades seja ela própria o objeto de investigação do pesquisador”. A auto-reflexão foi, em nosso caso, como professores de História e historiadores em diferentes etapas de formação, trabalhando sobre/com o digital, mas sem abrir mão de técnicas artesanais de organização informacional.¹²

Utilizando o Drive, plataforma de arquivamento em nuvem do Google, iniciou-se o acesso ao material (cópia dos textos das notícias) com a criação de uma grande planilha que pudesse contemplar algumas informações mais visíveis sobre as notícias, como: título, data, autoria, síntese, fonte da publicação e a *Uniform Resource Locator* do documento. A plataforma utilizada para a elaboração da planilha foi a Sheets, também vinculada ao grupo Google, evidenciando, portanto, o caráter colaborativo da pesquisa anteriormente ressaltado, em que pese a preocupação da cessão dos nossos dados à essa grande empresa.

Com a organização das matérias em ordem cronológica, evidenciamos que em março o assunto educação e pandemia começava a ser tópico costumeiro nos diferentes portais informativos. Ainda no dia 18 de março, o site Notícias de Coimbra apontou em sua matéria a frase “*Alunos sem Internet nem computador em casa são excluídos das aulas à distância*”, tornando-se a primeira notícia deste banco de dados e com pontos fortes de discussões acerca de políticas públicas para a educação em meio à pandemia da COVID-19, o aprofundamento das desigualdades sociais e a importância do digital nesta proposta de aprendizagem, conforme iremos explorar no item a seguir.

Pautas como “*Sem internet em casa, estudante sobe em árvore para captar o*

sinal e assistir aulas online”,¹³ “*Desanimado mesmo tendo adiamento*’, diz aluno do RJ sem computador, celular e internet para estudar para o Enem”,¹⁴ e “*Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para ‘aprender de verdade’; em 2021*”,¹⁵ passaram a ser simbólicas do drama vivido em todos os cantos do país no primeiro ano da pandemia. As notícias sobre um possível retorno às aulas presenciais mostraram que muitas escolas privadas se diziam prontas e equipadas para essa volta: as diferenças de condição entre as redes de ensino públicas e privadas ficaram em evidência, revelando, em ambos os casos, uma face delicada e perversa endereçada aos sujeitos envolvidos com o fazer educacional.

Pensando em desdobramentos futuros da pesquisa, no intuito de tornar a base de dados pública e mais fácil de ser manuseada e explorada para busca de possíveis temas de debate, foi criada a aba chamada “síntese”, cujo objetivo foi colocar em tópicos os assuntos tratados pelas notícias e seu contexto de produção. Esse se configurou, então, como um espaço estratégico e que poderá ser consultado por docentes e pesquisadores preocupados com a História do Futuro.¹⁶

Essa catalogação das notícias e organização do banco de dados em planilha torna-se uma importante ferramenta de pesquisa porque permite estudar e refletir o tema da educação nos tempos de pandemia, quarentena e isolamento social a partir de diferentes aspectos: a exclusão dos alunos de baixa renda das escolas públicas de diversos estados do país, o papel da luta de classes e o aprofundamento das desigualdades sociais, o cansaço de alunos e docentes devido a uma sobrecarga de trabalho, as movimentações sobre realizações de vestibulares, o comportamento de gestão do então Ministro da Educação Abraham Weintraub frente ao difícil desafio educacional naquele momento, dentre diversos outros temas e assuntos da conjuntura atual.¹⁷ O olhar sobre cada matéria ali presente e/ou sobre o conjunto delas, divididas por períodos, pode gerar problematizações instigantes, e nosso intuito é justamente facilitar isso.

Frente aos desafios impostos pela COVID, estando nós mesmos imersos nessa conjuntura delicada e sofrendo diretamente com a doença e seus desdobramentos, esfera essa que não pode ser pedida do presente registro

textual, podemos dizer que o banco de dados nos toca diretamente pelo sensível, nos afeta, incomoda, provoca e nos conclama ao posicionamento político pró-democracia.

Em momentos de rupturas e grandes mudanças, tal qual é a COVID-19 para a nossa atualidade, atitudes como estas, de arquivamento, devem ser feitas para sinalizar, não no sentido moral, mas ético, possíveis erros e acertos cometidos nas políticas educacionais durante a pandemia e evitar qualquer tipo de negacionismo futuro, seja por uso político de lideranças governamentais ou apenas convicções de grupos que se baseiam em verdades absolutas e inquestionáveis. A História, sabemos, não deve se dar ao nível da opinião, mas ser embasada na perspectiva crítica dos documentos disponíveis¹⁸ e, por isso, o “guardar” agora é tão importante.

Este banco de dados é uma das inúmeras iniciativas que estão acontecendo ao redor do globo para um mapeamento das memórias e dos esquecimentos que a pandemia da COVID-19 nos trará. Entendemos que o olhar de historiadores, professores de História e profissionais das ciências humanas em geral precisam estar voltados, também, para os documentos gerados no âmbito da imprensa digital, não apenas a tradicional da televisão e dos jornais impressos. Reiteramos a importância da diversidade de memórias que estão sendo acionadas e das histórias que estão e serão contadas/ocultadas para que consigamos nos posicionar no campo de disputa legalista acerca do movimento pela EAD, pela educação remota, pelo ensino híbrido etc. com uma análise solidificada do sucateamento da educação brasileira, que necessita ser entendido a partir de uma perspectiva histórica.

Para além da vida profissional, o uso dos dispositivos tecnológicos-digitais está cada vez mais vinculados ao cotidiano das pessoas, e o historiador e o professor de História hoje, por atuarem no e com o tempo, devem ter um domínio dessa linguagem. Para melhor mapeamento das notícias coletadas e catalogadas, precisamos de outras nuances da base de dados que “a olho nu”, ou melhor, de forma manual, não fomos capazes de perceber e gerar um relatório analítico. Recorremos ao Instituto de Computação (IC) da Universidade Estadual de Campinas, para que pudessem fazer a leitura do material coletado por meio de softwares e nos apresentar os termos que mais

população em vulnerabilidade.²² Tudo isso foi mais ressaltado pela imprensa neste momento, evidenciando a falta ou a precariedade de políticas públicas que garantissem um projeto efetivo para abarcar os necessitados durante o período da quarentena e do isolamento social propiciados pelo vírus.

Ao retomar as diversas notícias arquivadas notamos que a maioria tem em comum o ponto da desigualdade, por exemplo, em uma reportagem do O Tempo, de abril de 2020, a falta de acesso à internet e a eletrônicos adequados para o estudo, em Minas Gerais, geraria em torno de 700 mil estudantes sem acesso às aulas remotas.²³ Uma reportagem do Nexô, do mesmo mês, aponta que, de acordo com a pesquisa da TIC Domicílios, de 2018, 85% da classe D e E acessam a internet exclusivamente pelo celular e que, segundo estudos da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), 55% dos celulares móveis do país são pré-pagos,²⁴ ou seja, acentuam-se exclusões para os mais pobres e explicita-se essa mazela generalizada em nosso país.

Reivindicamos a educação como principal solução para a redução das desigualdades. Porém ao lermos as notícias levantadas, deparamo-nos com um Brasil que convive com entraves intencionais no sentido de melhorar os índices educacionais. Em dezembro de 2020, “O Globo” noticia a aprovação do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações, porém, o presidente Jair Bolsonaro, com cinco vetos, emperra o projeto do uso de banda larga em escolas públicas até 2024. Justifica-se que se criaria essa despesa pública sem apresentar a estimativa do impacto orçamentário e financeiro,²⁵ deturpando uma visão de educação para todos. Intelectuais que marcaram o pensamento social brasileiro, como Darcy Ribeiro, Paulo Freire e Florestan Fernandes, foram notórios no sentido de defenderem que para haver um projeto de nação séria, seria necessária a construção de uma ampla rede de formação educacional e intelectual. Essa continua sendo uma luta de nossos tempos.

Apesar de medidas positivas tomadas nas últimas décadas, principalmente no ingresso às universidades com cotas, Prouni, Fies e uma expansão das universidades federais de maneira mais interiorana, ainda constatamos um grande caminho a ser percorrido na construção de um projeto educacional igualitário em que o digital, alvo de tantas polêmicas nos últimos tempos, seja,

efetivamente, emancipador.²⁶

Como citado por Darcy Ribeiro, percebemos que “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”.²⁷ A histórica falta de estrutura adequada dos prédios escolares, itens básicos de trabalho, os desafios de formação continuada ao corpo docente e uma contínua prática de desprestígio social e econômico foram explicitados em diversas situações das notícias elencadas no banco de dados, por exemplo, na reportagem do The Intercept, de abril de 2020, que versa sobre a demissão de professores via WhatsApp por uma startup educacional após os fechamentos obrigatórios das escolas em março.²⁸ Apesar desses desmotivadores crônicos da atuação docente, a imprensa também trouxe profissionais que faziam mais que o possível para garantir que os alunos tivessem acesso às aulas e aos materiais – mesmo nos tempos marcados pelo distanciamento social e o *home-office*, o portal G1 noticiou, em julho de 2020, sobre o professor pernambucano Arthur Cabral que pedala mais de sete quilômetro para poder entregar o material impresso para alunos sem acesso as aulas online,²⁹ mostrando luta por uma educação acessível a todos.

Esse tipo de repercussão na imprensa demonstra uma perigosa faceta na (falta de) valorização torpe que ocorre na atuação dos professores. Com os problemas anteriormente citados e a precarização na atividade, muitas vezes esses mesmos portais informativos acabam romantizando a profissão, dado seus inúmeros desafios, como se a atividade docente fosse uma espécie de doação ou atividade franciscana, criando uma imagem de heroificação da profissão junto à opinião pública. Cabe-nos questionar esse tipo de memória na web, o que nos chama a ocupar o online como dimensão da vida política.

Essa difícil posição do professor na sociedade, que precede a pandemia, foi sentida em maior intensidade no período da COVID-19 devido ao escancaramento da falta de estrutura de trabalho, na maioria das realidades, e uma repentina mudança de todo o processo de um profissional habituado à vivência da sala de aula presencial e da produção coletiva de saberes.

A nova realidade, e mesmo assim quando foi possível, deu-se em pequenos quadrados em computadores, em que, muitas vezes, os profissionais sequer viam os rostos dos discentes em aulas síncronas.³⁰ Uma reportagem do

Estadão, de maio de 2020, afirma que em pesquisas realizadas pelo Instituto Península, 83% dos professores não se sentem preparados para dar aulas online, relatando que 70% se dizem ansiosos e apenas 3% declararam-se realizados:³¹ as consequências desse projeto só poderão ser melhor analisadas e aprofundadas com o passar do tempo.

A educação como processo emancipador sofreu (mais) um duro golpe que pode atravessar uma geração e, certamente, terá efeitos em um futuro não tão distante. Como pudemos ver nas nossas análises da base de dados, o Brasil enfrentou na pandemia algo além da grave crise humanitária e sanitária: colidiu-se de frente com alguns problemas crônicos que, sem redundância do termo, insistem em continuar afetando a sociedade brasileira. A falta de programas e investimentos reais em políticas públicas voltadas para educação, aliados a um sucateamento sistemático da educação, compuseram o triste enredo escrito por nosso país nesse momento histórico. Mas, como destacamos, houve e há lutas e nas nossas práticas como professores e pesquisadores depositamos nossas reais esperanças.

Conclusão

A relação entre lutar pela democracia, pesquisar e ensinar História estão estreitamente imbricadas, apesar da grande adesão do tecido social (inclusive de estudantes) às ideias revisionistas conservadoras e negacionistas. Reforçamos a ideia de que toda decisão pedagógica é uma decisão política.

Já há alguns anos vemos um panorama cultural e social, no Brasil e no mundo, de retrocessos e ataques à nossa construção democrática. Vimos ganhar força movimentos como o Escola Sem Partido, que atacam de forma sistemática e violenta os professores, desqualificando-os, com o argumento de tentar barrar a contaminação político-ideológica marxista – na educação.

Esses discursos negacionistas ganham grande adesão entre os jovens – no meio digital e fora dele – por possuírem estratégias específicas para alcançá-los como, por exemplo, lançar seus conteúdos em revistas online, redes sociais e no uso da linguagem no modo imperativo e de forma persuasiva. Outra estratégia está na generalização com base em falsas fontes, usando exceções para chegar nos resultados desejados, além de fazer comparações sem sentido e

método.

Ramos³² nos ajuda a construir resistências a esse modelo, e sua defesa principal está no uso da metodologia histórica em sala de aula, construindo com o estudante (da educação básica ou superior) o conhecimento histórico, quebrando a ideia de nossos estudos serem baseados em achismos e opiniões, mostrando nossos métodos em um campo acadêmico de construção e debates. Em tempos negacionistas nossa autoridade pedagógica precisa ser preservada.

Diante do exposto, e considerando o contexto no qual professores são potencialmente vigiados e criminalizados por meio de mecanismos tecnológicos, defendemos que a educação precisa se ocupar também da esperança. A História como disciplina tem o potencial, ao levantar procedimentos de leitura e problematizações das temporalidades humanas, de deslocar do lugar de verdade as intolerâncias e construções conservadoras do tempo presente. Refletir sobre nossos desafios atuais nos abre oportunidades para imaginar coletivamente um futuro para educação brasileira pós-pandemia, em um cenário no qual a luta pela construção democrática é permanente.

Buscamos, por meio deste texto, compartilhar alguns caminhos de pesquisa traçados por nós desde o processo de arquivamento de fontes digitais que tangenciasse a relação entre educação e pandemia até às suas análises, dialogando com as Humanidades Digitais e a Informática, escolhendo como fio condutor o debate sobre as desigualdades.

Ao fim e ao cabo, queremos lembrar que a luta pelo sentido de humanidade que queremos defender na pesquisa e no ensino de História, é algo diário, sempre aberto a novas tessituras e diálogos provocativos a partir da epistemologia da vivência que consiste no espaço do sonho, do abismo e da escrita de novas histórias possíveis³³. Esperamos ter contribuído para pensar formas possíveis de composição de acervos (metodologia), algo que pode ser feito a partir de qualquer temática desejada pelo historiador e professor de História, para problematizar a abordagem da educação em meio à pandemia (conteúdo) e para deixar em aberto usos didáticos (desdobramentos) do material coletado em cursos de formação inicial e continuada de professores, por meio de aulas, oficinas etc.

- ¹ Graduanda em História pela UNICAMP.
- ² Graduando em História pela UNICAMP.
- ³ Pós-doutoranda em Educação pela UFRGS. Doutora em História pela UNIRIO, mestre em Educação, especialista em Tecnologias da Informação Aplicadas à Educação e graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela UFRJ.
- ⁴ Cf. MARINO, Ian Kisil; NICODEMO, Thiago Lima; SILVEIRA, Pedro Telles da. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir da COVID-19. *Cadernos do Tempo Presente*, v. 11, n. 01, p. 90-103, 2020.
- ⁵ Cf. FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. Os bancos de dados, os arquivos digitais e o papel do historiador. *Acervo*, v. 28, n. 2, p. 240-251, 2015.
- ⁶ Cf. ALVES, Daniel. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. *Ler História*, v. 69, p. 91-103, 2016; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das humanidades digitais: um caso para a ciência da informação. *Revista Conhecimento em Ação*, v. 1, n. 2, p. 20-33, 2016.
- ⁷ Cf. GIL, Carmem Zeli de Vargas. Memória. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV, 2019.
- ⁸ No dia 21/4/2020 foi postado por Marcella Albaine em suas redes sociais (Instagram e Facebook) um print da base de dados em construção pedindo para que as pessoas que tivessem notícias sobre educação na pandemia as enviassem ou marcasse a pesquisadora na postagem para que ela pudesse ter acesso aos textos, o que, de certa maneira, acabou caracterizando um banco de dados contra-algorítmico, uma vez que o mesmo não ficou restrito às buscas exclusivas da pesquisadora, possibilitando o acesso a uma diversidade de fontes.
- ⁹ Cf. MIRANDA, Sonia Regina; SILVA, Felipe Dias de Oliveira. Para além da pandemia: notas sobre Cidadania, Educação e Ensino de História no Brasil de Bolsonaro. *Reseñas de Enseñanza de la Historia*, n. 18, p. 183-205, 2020.
- ¹⁰ Cf. BATE papo com Marcia Tete - Ensino de historia e revisionismo conservador, 2020. 1 video (68 min.). Publicado pelo canal UFVJM LAPEHIS Live. Disponível em: Acesso: 03 maio 2021.
- ¹¹ PIMENTA, Ricardo Medeiros. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das humanidades digitais... *Op. cit.*, p. 20.
- ¹² Com técnicas artesanais de organização informacional queremos dizer do trabalho braçal empreendido pelos pesquisadores envolvidos, deixando em evidência o nosso posicionamento de que nem tudo em Humanidades Digitais se restringe aos softwares e aos algoritmos, apesar de reconhecermos a relevância deles.
- ¹³ Cf. SEM internet em casa, estudante sobe em árvore para captar o sinal e assistir aulas on-line. *Revista Pazes*, 2020. Disponível em: <https://www.revistapazes.com/sem-internet-casa-aulas-online/>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- ¹⁴ Cf. RODRIGUES, Matheus. Desanimado mesmo tendo adiamento', diz aluno do RJ sem computador, celular e internet para estudar para o Enem. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/21/desanimado-mesmo-tendo-adiamento-diz-aluno-do-rj-sem-computador-celular-e-internet-para-estudar-para-o-enem.ghtml>. Acesso em: 03. maio 2020.
- ¹⁵ Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para 'aprender de verdade'. *G1*, 2020. Disponível em: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para 'aprender de verdade'. Acesso em: 03 maio 2021.
- ¹⁶ Cf. HISTÓRIA do Futuro: arquivamento, memória e as possibilidades do Big Data - Prof. Thiago Nicodemo, 2020. 1 video (74 min). Publicado pelo canal Instituto de Computação - UNICAMP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bdg6TF7PDJs>. Acesso em: 03 maio 2021.
- ¹⁷ Apresentamos as primeiras impressões das notícias arquivadas na live "Humanidades Digitais e

Educação no contexto da pandemia da Covid-19”, realizada como parte da Semana de Acolhimento e Integração da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g1AXMMn-s-U>. Acesso em 03 de maio 2021.

18 Cf. FRAGA, Gabriel Torelly; PEREIRA, Nilton Mullet. Vestígios do Passado: Documento e Ensino de História. Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História, 9, 2011, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

19 Esses são aspectos que pretendemos discutir em trabalhos futuros.

20 Para a ocasião do presente texto optamos por não trazer o referido grafo, visto que ainda estamos em processo de estudo e análise do mesmo.

21 Temos interesse, mais para frente, em fazer novas subdivisões mensais, trabalhando com recortes temporais dentro do próprio ano de 2020, apesar de não termos quantidade igual de notícias por meses, o que obviamente influenciará no resultado final.

22 Cf. RIBEIRO, Djamila. Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus. *Folha de São Paulo*, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml> Acesso: 05 mai. 2021.

23 Cf. MENEZES, Bruno. Em MG, 700 mil alunos devem ficar sem acesso às aulas remotas. *O Tempo*, 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/em-minas-gerais-700-mil-alunos-devem-ficar-sem-acessar-aulas-remotas-1.2326670> Acesso: 04 de jun. 2021.

24 Cf. BANDEIRA, Olivia; PASTI, André. Como o ensino a distância pode agravar as desigualdades agora. *Nexo*, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/Como-o-ensino-a-dist%C3%A2ncia-pode-agravar-as-desigualdades-agora> Acesso: 04 de jun. 2021.

25 Cf. MENDES, Adriano. Bolsonaro veta trecho de lei que previa banda larga em todas as escolas públicas até 2024. *O Globo*, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-veta-trecho-de-lei-que-previa-banda-larga-em-todas-as-escolas-publicas-ate-2024-24800983> Acesso: 04 de jun. 2021.

26 Cf. COSTA, Marcella Albaine Farias da. *Ensino de História e historiografia escolar digital*. Curitiba: CRV, 2021.

27 Cf. BERTOLINI, Bruna Lais; TÖWS, Ricardo Luiz. Desafios educacionais no Brasil em tempos de ensino remoto. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, 2020, São Carlos. *Anais...* São Carlos: Grupo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1263>. Acesso em: 04 maio 2021.

28 Cf. POTTER, Hyury. Startup educacional de Luciano Huck dispensa professores sem qualquer ajuda financeira. *The Intercept*, 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/04/01/coronavirus-startup-huck-dispensa-professores/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

29 Cf. ALVES, Pedro. Professor pedala mais de sete quilômetros para ajudar alunos sem acesso a aulas on-line. *GI*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/07/24/professor-pedala-mais-de-sete-quilometros-para-ajudar-alunos-que-nao-tem-acesso-a-aulas-online.ghtml>. Acesso em: 04 de jun. 2021.

30 ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *EmRede*, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

31 CAFARDO, Renata. Oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online. *Estadão*, 2020. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,oito-em-cada-dez-professores-nao-se-sentem-preparados-para-ensinar-online,70003305049>. Acesso em: 04 de jun. 2021.

32 Cf. BATE papo com Marcia Tete - Ensino de historia e revisionismo conservador... *Op. cit.*

33 Cf. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Labium Imagem na Quarentena:

narrativas visuais autorais sobre a pandemia em Alagoas

Janayna Ávila¹

Na pandemia de COVID-19, vivemos uma proliferação de imagens jamais vista na história da cultura visual. Desde que a doença ainda era uma incógnita, no final de 2019, começaram a circular fotos de pessoas doentes nos hospitais, das tentativas de conter a transmissão e, sobretudo, dos profissionais de saúde trajando equipamentos de proteção pouco vistos em centros de tratamento médico e, por essa razão, produzindo cenas que, desde aquele momento, já pareciam ser indícios da dimensão trágica que meses depois espalhou-se pelo mundo.

Há pouco mais de 100 anos, em 1918, quando outra pandemia similar aconteceu, causada por uma variante do vírus *influenza* H1N1, algumas imagens também expressaram a situação de emergência sanitária que o mundo vivia, ainda que àquela época tivéssemos limitações técnicas da fotografia, acrescidas de sistemas de impressões gráficas de jornais e revistas ainda rudimentares em muitos lugares.

Numa rápida pesquisa na ferramenta de busca de imagens do Google, ao utilizarmos termos como “gripe 1918” ou “pandemia 1918”, surgem diversas imagens, todas em preto e branco, de médicos em hospitais de campanha com dezenas de leitos e pessoas de todas as idades usando máscaras, o que demonstra a demanda por imagens da tragédia ocorrida há mais de um século, com resultados devastadores: calcula-se em torno de 40 a 50 milhões o número de vidas perdidas para o vírus.

Em 2020, quando a disseminação do coronavírus transformou a epidemia numa pandemia, eram as imagens que ajudavam a tornar crível o caos sanitário que, a princípio, muitas pessoas teimavam em acreditar estar longe

de adquirir escala global. A princípio, essa documentação imagética deu-se, sobretudo, através do fotojornalismo e foi através da imprensa que as imagens foram, pouco a pouco, estabelecendo um conjunto fotográfico para a primeira pandemia do século 21: pessoas internadas em leitos de UTI, equipes de trabalhadores da área de saúde, pessoas de máscaras nas ruas ou em situações de aglomeração. Na sequência, o *lockdown* em várias capitais pelo mundo, com ruas vazias e as pessoas cumprindo isolamento social em suas casas. Com o agravamento da pandemia, em um momento que ainda não se dispunha de nenhuma vacina, tornou-se frequente também as imagens aéreas, quase sempre feitas com o uso de drones, das covas coletivas em cemitérios, abertas por retroescavadeiras, em cenas que ainda hoje devem permanecer chocantes para a maioria das pessoas.

No Brasil, esse conjunto de imagens foi composto também pela oposição ao uso de máscaras, a aglomeração de pessoas de baixa renda em filas nas agências da Caixa Econômica Federal, em busca do cadastro e recebimento do Auxílio Emergencial², e a realização de festas clandestinas. Ao mesmo tempo, essas imagens foram, pouco a pouco, tornando ainda mais explícitas as tensões existentes entre classes, a exemplo dos trabalhadores que não puderam praticar o isolamento social em suas casas e tiveram que sair para trabalhar, na maioria das vezes sem o uso de EPI (equipamento de proteção individual) contra coronavírus e aglomerados no transporte público.

Paralelamente a essa substancial produção advinda do fotojornalismo, assistimos também a manifestações autorais, individuais, de diferentes pessoas, a partir, especialmente, do uso frequente de câmeras fotográficas de *smartphones*, por ser um dispositivo mais acessível, de fácil portabilidade e operacionalização. Com isso, a história da pandemia de COVID-19 pôde ser contada também através de imagens produzidas por esses autores e de suas próprias experiências como testemunhas desse episódio, e não apenas pelo olhar fotojornalístico.

Neste sentido, coube-nos perguntar: longe da prática profissional do fotojornalismo, quais as histórias individuais, dentro da realidade cultural e socioeconômica de cada pessoa durante a pandemia, que poderiam ser contadas em um estado do Nordeste do Brasil? Assim nasceu o evento de

extensão *Labium Imagem na Quarentena: narrativas visuais da quarentena em Alagoas*, desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), de junho a outubro de 2020, com o objetivo de produzir um memorial visual da quarentena no estado, em meio à pandemia de COVID-19, com narrativas visuais do cotidiano, através da fotografia.

A ação considerou o fato de a imagem ser um importante elemento de registro histórico, de fácil circulação e, por esse motivo, com maior potencial de alcance. É também através da imagem que o isolamento social pôde ser compartilhado e, dessa forma, ser coletivizado. Por meio da imagem, foi possível propor uma reflexão sobre novas configurações do cotidiano.

Os participantes do evento de extensão produziram imagens da sua quarentena e, no caso daqueles que não puderam ficar em casa, do seu percurso para o trabalho e de volta para casa, com a recomendação de realizarem o registro sempre de forma segura, sem colocarem-se em risco de contaminação nem à saúde de outras pessoas. Durante o período da ação, a organização recebeu mais de 100 imagens, de diversas situações. Dessas, foram selecionadas 67, que ajudam a contar a história do isolamento social em Alagoas durante os primeiros meses da pandemia.

Sintoma do abandono de medidas de isolamento social em agosto de 2020, cinco meses após o início da pandemia no Brasil, as imagens enviadas à organização da ação concentram-se nos meses de junho e julho de 2020, quando decretos governamentais impuseram medidas restritivas de circulação, incluindo o fechamento de praias. As imagens selecionadas foram publicadas acompanhadas de um texto-legenda produzido a partir de informações fornecidas pelos autores, a fim de complementar as histórias contadas pelas imagens. O material produzido foi publicado no site da Labium Imagem³, agência de imagens do curso de Jornalismo da UFAL e no perfil da agência no Instagram.

Nas fotos a seguir (Figura 1 e Figura 2), que compõem o grupo de imagens do evento de extensão, a estudante Andresa Monteiro registrou as orientações para a prática de distanciamento social, indicadas por meio de sinalização no piso de ambientes fechados, com maior risco de contaminação, como ônibus e lojas comerciais na capital alagoana.



Figura 1: Sinalização para distanciamento em ônibus de Maceió, julho 2020. Fonte: LABIUM Imagem. Disponível em: www.labiumimagem.blogspot.com. Acesso em: 30 agosto 2022. Autora: Andresa Monteiro.



Figura 2: Sinalização para distanciamento em loja comercial de Maceió, julho 2020. Fonte: LABIUM Imagem... *Op. cit.* Autora: Andresa Monteiro.

Hoje, municiados, graças à ciência, das informações sobre as situações de maior risco de contaminação do coronavírus (ambientes fechados, sem ventilação, como lojas comerciais, e uso de máscaras de baixa filtragem nesses locais), podemos atestar que a sobrevivência da economia se sobrepôs à saúde pública desde o início da pandemia, o que contribuiu, somado ao negacionismo, para o descontrole da pandemia no Brasil.



Figura 3: Pessoas vivendo sob marquise de loja no Centro de Maceió, junho 2020. Fonte: LABIUM Imagem... *Op. cit.*. Autora: Maria Theresa Ebrahim.

Com o agravamento dos índices de pessoas em extrema pobreza e vivendo na rua durante a pandemia, tornaram-se frequentes nas capitais brasileiras a presença de crianças, adultos e idosos em semáforos, pedindo dinheiro e alimentos e vivendo sob marquises de lojas (Figura 3). Segundo o estudo “Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil”,⁴ desenvolvido a partir de dados de 2019 do censo anual do Sistema Único de Assistência Social (Censo Suas), quase 222 mil pessoas viviam nas ruas.

Atualmente, embora ainda não se tenha dados concretos, sabe-se que esse número ampliou-se, sobretudo diante da crise econômica e dos altos índices de desemprego no Brasil. Com o coronavírus impondo hábitos mínimos de prevenção, como a higiene das mãos e o uso constante de máscaras, a população vivendo em situação de rua durante a pandemia explicita ainda mais a desigualdade social.

Efeitos econômicos e saúde mental

Em razão da pandemia, a economia mundial sofreu um abalo talvez só visto em épocas de guerras de alcance global. No Brasil, onde o número de mortes registrado até agosto de 2021 é o segundo maior do mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a crise segue ampliando-se também por outros fatores da conjuntura política nacional. Em Alagoas, o

segundo menor estado do país, o fechamento do comércio, com ruas vazias (Figura 4) e a quase suspensão total da vinda de visitantes antes do avanço da vacinação desestabilizou uma economia já frágil, que tem no turismo uma de suas principais atividades.



Figura 4: Lojas fechadas por decreto governamental, Centro de Maceió, junho 2020. Fonte: LABIUM Imagem... *Op. cit.* Autor: Dayvisson Thiago.

O fechamento das lojas do comércio prejudicou uma classe de trabalhadores informais que sobrevive do fluxo de pessoas para comercializar seus produtos: os vendedores ambulantes. Com as ruas esvaziadas, alguns deles encontraram alternativas para oferecer seus produtos aos consumidores (Figura 5), sem imunização dispendo apenas de máscaras de tecidos e, com isso, expondo-se ao risco de contaminação, como a vendedora idosa.



Figura 5: Vendedora de feijão verde à espera de ônibus, Maceió, julho 2020. Fonte: LABIUM Imagem...
Op. cit. Autor: Eduardo Lopes

Embora necessário e uma das únicas formas de prevenção antes das vacinas, o isolamento social, com pessoas tendo que viver só ou sem a convivência frequente com familiares e amigos trouxe também graves problemas de saúde mental, como ansiedade, síndrome do pânico e depressão. O medo da contaminação impôs a presença constante em casa (Figura 6), com trabalho remoto e a vida vivida através de ambientes virtuais, num estranho simulacro da rotina pré-pandemia.

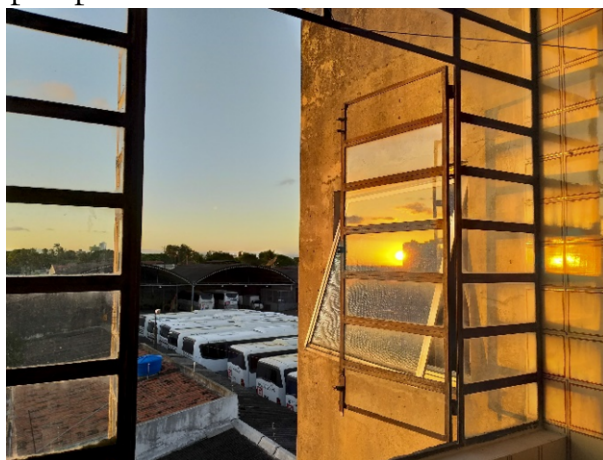


Figura 6: A cidade vista pela janela durante lockdown parcial, julho 2020. Fonte: LABIUM Imagem...
Op. cit. autora: Viviane Lima.

As imagens, ainda que fragmentárias e sempre subjetivas, têm contribuído, desde 1840, para salvaguardar a memória visual dos acontecimentos, dos lugares e dos costumes, já assinalado por Kossoy: “imagens são documentos para a história e também para a história da fotografia. É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”.⁵ Mas apesar de seu valor incontestável enquanto registro histórico, a fotografia ainda enfrenta obstáculos para ser reconhecida como documento e não como conteúdo ilustrativo para textos escritos. Neste sentido, a análise iconográfica e iconológica de uma imagem, método desenvolvido por Panofsky⁶ e adaptado para a fotografia por Kossoy, contribui para iluminar e fortalecer as diversas relações entre a história e a fotografia.

Os arquivos fotográficos de acesso público existentes no Brasil são uma valiosa fonte de informações a respeito de elementos importantes da história

e, mesmo quando sua catalogação não traz dados precisos de sua elaboração, podem fornecer referências relevantes de fatos históricos, cabendo aos pesquisadores a utilização de métodos capazes de desvelar os significados da imagem, conforme destaca Kossoy:

uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. O espaço urbano, os monumentos arquitetônicos, o vestuário, a pose e as aparências elaboradas dos personagens estão ali congelados na escala habitual do original fotográfico: informações multidisciplinares nele gravadas – já resgatadas pela heurística e devidamente situadas pelo estudo técnico-iconográfico – apenas aguardam sua competente interpretação.⁷

Contudo, espera-se dessa análise que a fotografia como “prova inequívoca da verdade” seja questionada sempre, para o bom resultado dos estudos. Essa credibilidade atribuída à fotografia pode ser explicada graças a sua qualidade de representação do mundo real por meio da semelhança (iconicidade), propriedade com a qual deve-se lidar com atenção especial, a fim de identificar manipulações prejudiciais à análise.

Para além do fluxo de informações gerado a partir da circulação de imagens sobre a pandemia, é certo que essas narrativas visuais contém discursos de valor expressivo e constituem memória para o conhecimento acerca do passado. As fotos do registro da experiência de viver uma pandemia no século 21, no contexto de um mundo globalizado e desigual, são um testemunho das marcas profundas que o período deixará nas pessoas, como assinala Mauad:⁸

Embora ainda em curso, a pandemia de COVID-19 já deixou um rastro de imagens significativas, que, provavelmente, serão acionadas pela memória futura, em um repertório semelhante àquele criado pela gripe espanhola.

Convencemos-nos da gravidade e, finalmente, da tragédia assombrosa que significou a pandemia graças, sobretudo, à imagem. Mas imagens só são aparentemente fáceis. Elas escondem, às vezes muito bem, um discurso complexo, que envolve não apenas o que se fotografou, mas também a forma como esse objeto foi fotografado e, de forma indissociável, envolve também o posicionamento de quem fotografou. Talvez ainda estejamos longe de responder à pergunta de Beiguelman⁹ sobre qual será a imagem da COVID-19, mas sabemos que muitas delas ficarão marcadas no imaginário coletivo de gerações, como signos de um tempo em que experimentamos, na prática, a

indissociabilidade entre saúde pública e poder.

¹ É jornalista doutora em Letras, fotógrafa, pesquisadora e professora de Fotografia e Fotojornalismo nos cursos de Jornalismo, Arquitetura e Design da Universidade Federal de Alagoas.

² Benefício instituído no Brasil, através da Lei 13.982/2020, para as pessoas de baixa renda prejudicadas pela pandemia de COVID-19.

³ Registrada como projeto de extensão, a Labium Imagem foi lançada em 2017. Em 2018, a coordenação da agência recebeu o Prêmio Professor Imprensa, região Nordeste, na categoria veículo laboratório. A premiação é concedida pelo Portal Imprensa, com o apoio da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e outras instituições.

⁴ Cf. POPULAÇÃO em situação de rua cresce e fica mais exposta à Covid-19. *Ipea - Instituto de pesquisa Econômica Aplicada*, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811. Acesso em: 22 fev. 2022.

⁵ KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 27-28.

⁶ Cf. PANOFKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

⁷ KOSSOY, Boris. Fotografia e história... *Op. cit.*, p. 101-102.

⁸ Cf. MAUAD, Ana Maria. A imagem da pandemia – 1918-2020. *Revista Zum*, 2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/zum-quarentena/a-imagem-da-pandemia/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

⁹ BEIGUELMAN, Giselle. Qual será a imagem da Covid-19? *Revista Zum*, 2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/colunistas/imagem-da-covid/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

Diários de Emergência COVID-19:

Rio de Janeiro, Brasil, Norte a Sul e brasileiros no Exterior

Miriane Peregrino¹
Yésia Souza de Assis²
Carlos Gonçalves³

Apresentaremos aqui a iniciativa *Diários de Emergência COVID-19* do Jornal Literatura Comunica, que reúne 63 testemunhos de brasileiras e brasileiros em diferentes regiões do Brasil e do exterior durante a pandemia do novo coronavírus. Os jornais foram publicados em cinco números ao longo de 2020 e no primeiro trimestre de 2021: *Rio de Janeiro, Brasil, Norte a Sul, Brasileiros no Exterior, E a Segunda Onda?* e *Coronavírus: um ano depois*. Os números tiveram organização geral de Miriane Peregrino, identidade visual de Anísio Borba e diagramação de Filipe Mendonça.⁴

No início de 2020, nós estávamos organizando no jornal um número dedicado a poesia falada. Quando a pandemia estourou em março, atingindo vários países, o novo número do jornal foi suspenso. De repente, o trabalho não parecia mais fazer sentido. Falar de poesia falada agora? Com saraus e *slams* cancelados? Fazer um jornal que não poderíamos imprimir e circular como fizemos em 2019, valeria a pena? Por algumas semanas, tudo pareceu perder a importância e o sentido.

No primeiro momento da crise sanitária, não víamos lugar para a Literatura, apesar de tantos livros incríveis serem disponibilizados nas plataformas digitais. Mas o decorrer dos dias provou que era impossível resistir ao confinamento sem arte, sem palavra, sem imaginação. Tudo a seu tempo, não demorou muito para o jornal reencontrar seu lugar nesse momento tão crítico.

Nós nos tornamos um jornal literário e popular em 2019, mas essa foi só uma das ações do projeto que há 8 anos realiza atividades de incentivo à leitura e literatura dentro fora do Brasil.



Há 8 anos incentivamos à leitura dos diários de Carolina Maria de Jesus, uma escritora afro-brasileira que em momentos de tribulação encontrou sonho e realização no ato de escrever seu cotidiano.⁵ Aí lembramos também do *Diário de Anne Frank*, escrito por Anne, uma menina de 13 anos de família judia, que ficou dois anos escondida num anexo até ser descoberta e levada para um campo de concentração, onde morreu em 1945;⁶ do *Diário do Hospício* do nosso Lima Barreto, escrito entre 1919 e 1920 durante sua internação no Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro e que daria origem ao romance *Cemitério dos Vivos*;⁷ e tantos outros escritos em confinamentos. Assim, entendendo que a Literatura é uma forma de reelaboração da realidade, nossa iniciativa partiu do exemplo dos escritos de isolamento de Anne Frank, Lima Barreto e Carolina de Jesus.

A literatura de testemunho também tem um importante papel na história social e cultural. E é preciso destacar que organizar em palavras a experiência do confinamento também atravessou questões da nossa saúde mental nesse período. Para muitos de nós, produzir qualquer coisa foi (e ainda tem sido) difícil.

A situação exigiu uma reorientação e um novo alinhamento diante da possibilidade de congregarmos um grupo de pessoas que se sentiram minimamente confortáveis para escrever sobre suas experiências pessoais diante da Pandemia. Cientes disso, lançamos uma chamada pública em nossas redes sociais e também convidamos algumas pessoas para escreverem

relatos da quarentena, que chamamos *Diários de Emergência COVID-19*, por entendermos que a *palavra* também é *emergência*.

Para aqueles que achavam que não tinham nada a dizer, os dias de confinamento foram revelando que dizer é uma *emergência*. A palavra que precisa sair se materializou para alguns num *post* nas redes sociais, num vídeo de *storie*, e tudo isso também é relato diário do cotidiano.

Nossa proposta acabou recebendo mais textos do que o esperado e de diferentes lugares, possibilitando, assim, uma Edição Especial com o tema *Diários de Emergência COVID-19* dividida em três séries (cadernos): *Brasileiros no Exterior*, *Brasil, Norte a Sul* e *Rio de Janeiro*.

A pré-produção dos números dos *Diários de Emergência COVID-19* começou no início de abril e em maio. Com os primeiros relatos recebidos no início de maio, produzimos *flyers* de divulgação da iniciativa. Ou seja, quase dois meses antes da publicação integral dos relatos no jornal disponibilizamos trechos desses relatos nas redes sociais.

Através dessa iniciativa, conseguimos incentivar a produção de uma literatura de testemunho da quarentena e a leitura compartilhada dessa experiência comum que, ao mesmo tempo, é desigual conforme recortes não só de gênero, raça e classe, mas de escolaridade, geografia e clima também.

Nesses números, a escrita do diário clássica foi colocada em prática por muitos, mas não por todos. Alguns dos textos que reunimos enveredaram para o gênero epistolar, também na 1ª pessoa, datada, compartilhando intimidades e angústias da quarentena.

Os *Diários de Emergência COVID-19* nasceram, sobretudo, do encontro de narrativas plurais. Todos tivemos nossas vidas afetadas pelo coronavírus. Todos temos o que contar e o que se contou ainda foi pouco diante das incertezas que persistem no Brasil e no mundo.



Março a julho 2020

Nesse período, realizamos a produção de três números dos *Diários de Emergência COVID-19*: série Rio de Janeiro (48 páginas), série Brasil, Norte a Sul (32 páginas) e série Brasileiros no Exterior (34 páginas). Todos foram publicados em julho de 2020.

Rio de Janeiro

Os textos aqui reunidos ilustram os meses de março a julho no Rio de Janeiro, estado

brasileiro que por essa data registrava mais de 13 mil mortes por COVID-19. Na tentativa de mover o centro das narrativas da capital, nossos diários começaram com relatos de fora dela, destacando as cidades de Itaboraí, Maricá e Niterói antes de entrar nas narrativas oriundas da cidade do Rio de Janeiro em um movimento que nos remete a tantas trabalhadoras e trabalhadores que cruzam diariamente a Ponte Rio-Niterói para vender sua força de trabalho na capital e cujas vozes poucas ou nada são ampliadas pelos veículos de comunicação, mesmo os populares.

Já na Capital, a maioria dos textos foram de moradores da favela da Maré, na zona norte, onde nosso jornal começou, em 2019, em parceria com os comunicadores comunitários Anísio Borba e Carlos Gonçalves. Também reunimos relatos da Vila Autódromo, Cerro Corá, Babilônia, Alemão, Vidigal, Rocinha, outras favelas cariocas, além de Cascadura, Santa Cruz, Ramos, Engenho da Rainha e Laranjeiras.

Ao todo, a *Série Rio de Janeiro* contou com 27 narrativas que revelam, mesmo a partir do microcosmo do seu cotidiano particular, experiências e preocupações coletivas nesse período de longa pandemia.

Brasil, Norte a Sul

O Segundo Número Especial *Diários de Emergência COVID-19* reuniu textos da *Série Brasil, Norte a Sul* e contou com 21 narrativas de brasileiras e brasileiros das regiões norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul. Apesar da tentativa de coletar depoimentos de todas as regiões, é importante reconhecer que as narrativas reunidas não dão conta das complexidades da rotina na pandemia de cada uma delas.

A migração, que foi tão marcante na *Série Brasileiros no Exterior*, também está presente em muitos dos diários do *Brasil, Norte a Sul*. Em Santa Catarina, escrevem a alagoana Larisse Pontes, a carioca Luana Lobo e a paulista Carla Brito. No Espírito Santo, Caio Ruano, de Rio Grande (RS), escreve seu depoimento. A paulista Mi Medrado escreve de São Paulo nos dias em que espera a data de seu retorno aos Estados Unidos, país em que reside há dez anos. Julio Miragaia, de Belém (PA), escreve de Macapá (AP). A saudade é um motivo para fazer as malas e ir ter com a família, como confirmou Patrícia Alves ao contar em seu diário a travessia São José (SC) x Pelotas (RS). E tivemos ainda outros exemplos que também mostram que a migração interna não é só um detalhe na biografia dos autores, é uma marca também na identidade, provoca impacto nas relações afetivas. Estar aqui e ser de lá, enfim, também atravessa o texto.

Outros, porém, estavam isolados com seus parentes como a escritora Telma Pacheco, indígena Tremembé, na aldeia em Aquiraz (CE), ou em apartamentos com a esposa e filho como o jornalista Maurício Martins, em Santos (SP). Mas entre todos os isolados, tanto as janelas que direcionam nossos olhos para o externo da casa quanto as que puxam nossos olhos para dentro da tela, como observou Juliane Peixoto (DF), foram constantes.

Há muito tempo, as notícias nos chegam pela internet, como que sem fronteiras,

atravessando e revirando nosso cotidiano. São as notícias das mortes pela COVID-19 de lideranças indígenas nas aldeias que marcam os diários da professora Thaline Fontes, de Manaus (AM). É o assassinato de João Pedro, de 14 anos, pela Polícia Militar em São Gonçalo (RJ) presença no texto de Yérsia Assis, em Aracaju (SE). “Para quem é seguro estar dentro de casa?”, essa pergunta teve eco em muitos de nós nesse momento.

Instabilidade política, comércio reaberto, muita gente sem acreditar na dor que mora ao lado. Quando finalizamos esse número o Brasil passava de 75 mil mortes pela COVID-19.

Brasileiros no Exterior

Nesse número da Edição Especial *Diários de Emergência COVID-19* reunimos os depoimentos de quem estava (e alguns ainda estão) fora de casa. A série *Brasileiros no Exterior* trouxe colaborações de brasileiras e brasileiros em cinco continentes – África, Ásia, América, Europa e Oceania. A série contou ainda com o “Diário da Editora” que está fora do Brasil e também registrou seu cotidiano na pandemia. Ao todo, foram 15 autores que vivenciaram a pandemia sob a condição da imigração, do impacto do fechamento de fronteiras em todo o mundo.

Até a publicação do último número do Especial *Diários de Emergência COVID-19* alguns desses autores retornaram ao Brasil e, por isso, seus novos diários foram remanejados para a série *Brasil, Norte a Sul* ou *Rio de Janeiro*. Foi o caso dos intercambistas, Filipe Motta, Gabriella Hauber e Priscila Carvalho. Por outro lado, também vemos o movimento contrário no caso de Mi Medrado, brasileira residente nos EUA que, no início da pandemia estava em São Paulo e escreveu para a série *Brasil, Norte a Sul* e foi inserida no índice *Brasileiros no Exterior* na série *E a segunda onda?*.

Os diários completos estão disponíveis por ordem alfabética e geográfica nos números do Jornal Literatura Comunica! publicados entre março de 2020 e fevereiro de 2021.

Julho a dezembro 2020

Publicamos o quarto número dos *Diários de Emergência COVID-19, E a segunda onda?* (32 páginas).



E a segunda onda?

Em julho de 2020, quando finalizamos a diagramação das séries *Rio de Janeiro*, *Brasil, norte a sul* e *Brasileiros no exterior*, esperávamos, sim, ter encerrado a edição especial *Diários de Emergência COVID-19*. Na nossa cabeça, a pandemia chegaria ao fim em breve. Então, nos dedicamos a amplificar as vozes dos diários através do podcast, concedemos entrevistas sobre os diários, esboçamos um novo tema para discutir no segundo semestre. Quem sabe era hora de fazer aquele número especial sobre poesia falada?

No entanto, em meados de outubro, diante da persistência da pandemia, o crescente número de vítimas, as medidas de isolamento social que foram retomadas em tantos lugares e a ameaça de uma nova onda de propagação do coronavírus, decidimos encerrar o “Ano do Vírus” (como nomeou Ary Pimentel em seu primeiro diário) com um novo número de relatos sobre a pandemia.

Todos os autores que reunimos nesse momento tinham participado de uma das três primeiras publicações e toparam se aventurar conosco diante da pergunta que norteou o novo número especial dos diários: *E a Segunda Onda?* Não foi possível, infelizmente, fazer o convite para todos os autores, pois isso geraria um trabalho de produção mais longo e, provavelmente, acabaria resultando em mais de um número do jornal, como tinha acontecido no primeiro semestre. A discussão em torno da segunda onda, preferimos deixar mais compacta, reunindo em um único número relatos de autores oriundos dos números anteriores. Assim, *E a segunda onda?* conta com treze relatos do *Rio de Janeiro*, cinco de *Brasil, Norte a Sul* e quatro relatos em *Brasileiros no Exterior*.

Neste número, o movimento migratório marcou os novos cenários de escrita de Priscila Freitas de Carvalho e Mi Medrado. Anteriormente, Priscila participou do número *Brasileiros no Exterior*, escrevendo de seu isolamento social em Portugal, e Mi Medrado participou do *Brasil, Norte a Sul*, escrevendo da cidade de São Paulo. Neste número, Priscila escreveu do Rio de Janeiro e Mi Medrado da Califórnia, sendo, por isso realocadas no sumário desta nova série.

É ainda preciso dizer que entre os autores convidados, alguns recusaram o convite. Uns por estarem sobrecarregados(as) de atividades de fim de semestre, que, no Brasil, se tornaram duplamente cansativas por exigirem o revezamento entre presenciais e remotas, outros por não se sentirem à vontade para falar de um isolamento social que já não praticavam ou por não se sentirem afetados por essa nova onda do vírus.

Para quem continuou no exterior, a segunda onda chegou em fins de outubro, seguida pela retomada de algumas medidas de isolamento social em vários países. Na Alemanha, medidas de distanciamento social começaram a ser reforçadas no início de novembro, os mercados de natal foram cancelados. Já em dezembro, o país adotou o *lockdown* novamente e algumas cidades passaram a ter toque de recolher às 20h.

No Brasil, o número de vítimas fatais ultrapassava 180 mil. Era a estatística trágica de uma primeira onda ininterrupta movida pelo negacionismo. A esperança de todos estava na vacina: Coronavac-Sinovac (China), PFIZER/BioNTech (EUA/Alemanha), Astrazeneca/Oxford (Reino Unido), Sputnik V (Rússia). Mas nada definitivo, o futuro ainda se desenhava -se desenha.

Com *E a segunda onda?* encerramos 2020 agradecendo todas, todos e todes que compartilharam suas vivências conosco ao longo desses quatro números dos *Diários de Emergência COVID-19*.

Janeiro a março 2021

Publicamos o quinto e último número dos *Diários de Emergência COVID-19 – Coronavírus: 1 ano depois* (35 páginas).

Coronavírus: um ano depois

Não estava em nossos planos fazer um quinto número do jornal dedicado ao tema dos *Diários de Emergência COVID-19*, entretanto, a necessidade de tentar registrar a virada de 2020 para 2021 e o cotidiano desses primeiros meses do ano novo nos motivaram a organizar mais um número.



Em março de 2021, quando terminávamos a diagramação do quinto número dos *Diários de Emergência COVID-19*, o Brasil registrava o recorde de 2.286 mortes por COVID-19 em 24h e a taxa de ocupação de leitos de UTI COVID-19 estava crítica em 24 estados brasileiros.

Ainda não sabemos se o quinto número *Coronavírus: um ano depois* será realmente último número da edição especial *Diários de Emergência COVID-19*, mas, sem dúvida, ele encerra o ciclo de um ano de depoimentos sobre a pandemia. *Coronavírus: um ano depois* reuniu 26 autores oriundos das séries originais *Rio de Janeiro*, *Brasil*, *Norte a Sul* e *Brasileiros no Exterior* que foram publicadas em julho de 2020 e apresentou os desafios impostos pela segunda onda, a crescente ameaça da terceira onda agravada pelas mutações do coronavírus, as expectativas geradas pelo início da vacinação e, principalmente, o cotidiano de brasileiras e brasileiros nesses primeiros meses de 2021.

Os *Diários de Emergência COVID-19* no Podcast #CabeMais1

A pandemia aprofundou a experiência humana com as tecnologias de convívio e o Ano do Vírus nos obrigou a movimentar mais conteúdos nas plataformas digitais e por isso, além dos números dos *Diários de Emergência COVID-19* no Jornal Literatura Comunica, estreamos o Podcast “Cabe Mais 1” no dia 10 de agosto de 2020 com apoio do Programa Cultura Presente nas Redes da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC-RJ). Nossa intenção era fazer três episódios mensais, que ampliariam as discussões sobre escrita e isolamento social na pandemia, que iniciamos através do jornal. O valor do apoio da SECEC-RJ foi de apenas R\$2.300,00 e foi usado para pagamento de alguns serviços especializados do *podcast* tais como designer, edição e mixagem. Mesmo com o fim do apoio, decidimos dar continuidade a série com mais dois episódios extras.



Para divulgação dos episódios construímos uma ficha descritiva informando: título e número do EP, data, duração, resumo, ficha técnica (apresentação, roteiro, edição etc.) e apoio, conforme consta na seção “Amostrs do acervo”, ao final do capítulo.

A bancada de apresentação e roteiro da série *Diários de Emergência COVID-19* no *podcast* foi composta por pessoas que também escreveram diários na quarentena, com exceção de Nadjia Domingos, colunista do jornal que optou por não escrever seu próprio diário no isolamento.

Em 2021, mesmo sem apoio financeiro para edição e mixagem, o *podcast* continua produzindo episódios mensais. Atualmente, estão no ar a série *Calendário literário* e a série *Performances em falares portugueses*, com apresentação de Miriane Peregrino e edição/mixagem de Thiago Kobe. O Podcast Cabe Mais 1 está disponível em vários tocadores e nós subimos os episódios através da seguinte plataforma: <https://anchor.fm/cabemais1>

Os diários na mídia: *clipping*

Os *Diários de Emergência COVID-19* tiveram uma ótima repercussão na mídia e isso reforça a importância desta iniciativa no registro e preservação da memória do presente. A maioria dos veículos de comunicação que nos procuraram, abordaram os diários da série *Rio de Janeiro*, cujos autores são majoritariamente moradores de favelas cariocas. Acreditamos que o crescente interesse pelas narrativas desta série tem em conta que iniciativas como a nossa, que contam também com registros feitos por moradores de favela sobre a pandemia, não são numerosas.

Sabemos também quais são as marcas das políticas públicas que alcançam os moradores desses territórios e quanto são insuficientes nas áreas de educação, cultura, preservação da memória, entre outras. Esforços de reconhecimento e entendimento da favela como parte da cidade são realizados, sobretudo, por iniciativas dos próprios moradores e aqui, no caso da favela da Maré, citamos o Museu da Imagem Itinerante da Maré, o Museu da Maré, o coletivo Maré Vive de comunicação popular e o Jornal Maré de Notícias da ong Redes da Maré. Embora o Literatura Comunica! não seja um “jornal da favela”, é uma iniciativa que conta com a participação de moradores da Maré e, por isso, foi lá lançado em 2019. Os diários da série *Rio de Janeiro* contaram com a divulgação do Maré Vive, Jornal Maré de Notícias e Jornal Voz das Comunidades.⁸

Considerações finais

Num movimento amplo, o conjunto dos diários propõe uma escrita brasileira polissêmica sobre esses 12 meses de pandemia. Nas histórias das pessoas se inscreve também a história nacional e são muitos os depoimentos que atravessam perspectivas, análises e projeções sobre o agora e o porvir. Os diários publicados servem também como fonte de pesquisa, instrumento para análises futuras sobre esse momento e, podemos dizer, que são um artefato da constituição de um patrimônio de experiências registradas sobre a pandemia.

É importante pensar que esses relatos também funcionam como um instrumento pedagógico à medida que formulam narrativas sobre o cenário nacional, criando, assim, mais uma ponte de discussão sobre quais projetos de nação escolhemos e o que isso implica. As narrativas dos 63 autores dos diários, nós incluídos, desenham as escolhas da população brasileira, das suas elites, dos seus povos originários, das suas comunidades negras e das suas comunidades periféricas. E é também interessante compreender que a tarefa que apresenta isso tudo está simplesmente posta no pedido em que as pessoas escrevam sobre si, e nessas auto inscrições de si.⁹ O mundo social é apresentado, resgatado, questionado e filtrado.

Mostrando, deste modo, não só o que é Pandemia, mas as Pandemias e o vírus em suas múltiplas facetas, formas e letalidades.

Por fim, é preciso reconhecer, como Hooks¹⁰ (2017), que a educação é prática que deve se orientar para liberdade, para transgressão e, diante de tantos medos que paralisariam, o Literatura Comunica! e todas as pessoas que colaboraram nos números da edição especial *Diários de Emergência COVID-19*, resolveram se munir de coragem. Nós nos munimos da palavra como uma ferramenta de transgressão, registro, consolo e análise. Apontando que a tarefa radical é produzir sentidos para vida, e esses também passam por criar registros, inclusive, os grafados. Ultrapassando os limites disso, sabemos, portanto, da força que esse material tem, dessas histórias e dos enfrentamentos que elas fazem. Elaborar a existência passa também por criar autorias e as pessoas que aqui escrevem fazem isso.

Colocar para fora o que sentimos não é fácil, reelaborar a experiência e os sentidos através da escrita é um exercício trabalhoso, penoso, ainda que depois de findo tenha um gosto de alívio! O Ano do Vírus, sem dúvida, confrontou cada um de nós com nossos próprios gritos no silêncio do isolamento. E é um exercício de escuta muito difícil este o de se ouvir: “mas chega um momento na vida, a idade, uma quarentena com isolamento que retirar de dentro tudo que você encaixotou de fora para dentro é urgente”, disse Lélia de Castro (DF) em seu diário na série “Brasil, norte a sul”.

Amostras do acervo

TABELA 1: Podcast	
Episódio #01: Literatura Comunica, um projeto de incentivo à leitura	
Data	09 ago. 2020.
Duração	13:05.
Resumo	No episódio piloto apresentamos o Literatura Comunica, projeto de incentivo à leitura que realiza ações educativas no Brasil e no exterior e criou também seu jornal literário. Em 2020, com apoio do Programa Cultura Presente nas Redes da SECEC-RJ, o Literatura inicia seu podcast #CabeMais.
Ficha técnica	Apresentação e roteiro: Miriane Peregrino; Produção: Carlos Gonçalves e Nadja Domingos; Designer: Anísio Borba; Edição/Mixagem: Thiago Kobe; Músicas: “Carioca Bags”, Thiago Kobe part. especial Marcela Velon; “Café”, El Efecto.
Apoio	Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, SECEC-RJ.
Episódio #02: Lendo Diários Na Quarentena: Carolina de Jesus, Anne Frank e Lima Barreto	
Data	26 ago. 2020.
Duração	41:10.
Resumo	No segundo episódio do #CabeMais, apresentamos os diários de três escritores inesquecíveis: Carolina de Jesus, Anne Frank e Lima Barreto. Na bancada Nadja Domingos, Carlos Gonçalves e Miriane Peregrino apresentam suas leituras, respectivamente, dos livros: “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus; “Diário de Anne Frank”, de Anne Frank; e “Diário do hospício” de Lima Barreto.
Ficha técnica	Apresentação e roteiro: Carlos Gonçalves, Miriane Peregrino e Nadja Domingos; Designer: Anísio Borba; Edição/Mixagem: Thiago Kobe;

	Estúdio: Batuque de Vila; Músicas: Carioca Bags, Thiago Kobe part. especial Marcela Velon; Café, El Efecto.
Apoio	Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, SECEC-RJ.
Episódio #03: Diários De Emergência Covid19	
Data	15 nov. 2020.
Duração	38:07.
Resumo	No terceiro episódio do #CabeMais!, apresentamos os diários na quarentena publicados no jornal Literatura Comunica! O episódio faz parte da nossa série de podcast sobre escritas no isolamento e tem na bancada Carlos Gonçalves – série <i>Rio de Janeiro</i> , Yérsia Assis – série “Brasil, norte a sul” e Miriane Peregrino – série <i>Brasileiros no Exterior</i> .
Ficha técnica	Apresentação e roteiro: Carlos Gonçalves, Miriane Peregrino e Yérsia Assis; Designer: Anisio Borba; Edição/Mixagem: Thiago Kobe; Estúdio: Batuque de Vila; Produção: Nadja Domingos e Miriane Peregrino; Músicas: Carioca Bags, Thiago Kobe part. especial Marcela Velon; Café, El Efecto.
Apoio	Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, SECEC-RJ.
Episódio #04: Depoimentos: Diários De Emergência Covid19	
Data	06 out. 2020.
Duração	29:19.
Resumo	Neste episódio dez autores que participaram da edição especial do Jornal Literatura Comunica ocupam nosso podcast para compartilhar suas vivências de escrita e escuta na quarentena. Com essa polifonia o #CabeMais! encerra sua série de episódios sobre diários no isolamento.
Ficha técnica	Convidados: Cynthia Rachel, Matheus Frazão, Vanusa Borba, Sandra Lemos, Flávio Corrêa (RJ), Dayane Augusta (África do Sul), Tiago Ferreira (Tailândia), Thaline Fontes (AM), Telma Pacheco (CE) e Patrícia Alves (SC); Roteiro: Miriane Peregrino; Designer: Anisio Borba; Edição/Mixagem: Thiago Kobe; Estúdio: Batuque de Vila; Músicas: Carioca Bags, Thiago Kobe part. especial Marcela Velon; Café, El Efecto.
Apoio	Não teve.
Episódio #05: Érika Ferreira e o Teatro. HOMENAGEM	
Data	27 nov. 2020.
Duração	28:31.
Resumo	Neste episódio, aproximamos Maré e Niterói ao reunirmos depoimentos de ex-alunos e do companheiro de vida e palco da atriz, diretora e professora de teatro, Érika Ferreira que faleceu em março deste ano vítima da COVID-19. A atriz foi professora de teatro de Matheus Frazão e Pablo Marcelino, autores que participaram dos “Diários de Emergência Covid19” série <i>Rio de Janeiro</i> na qual relataram a perda da professora. É um episódio de homenagem, de encontro e de saudades.
Ficha técnica	Apresentação e roteiro: Matheus Frazão e Miriane Peregrino; Convidados: Joice Braga, Pablo Marcelino e Sylvio Moura; Produção: Matheus Frazão; Designer: Anisio Borba; Edição/Mixagem: Thiago Kobe; Estúdio: Batuque de Vila; Músicas: Carioca Bags, Thiago Kobe part. especial Marcela Velon; Café, El Efecto.
Apoio	Não teve.
TABELA 2: Jornais em plataformas digitais	

Jornal O Estado de São Paulo. Por Gilberto Amendola.	
Título	Escrever se torna recurso para manter equilíbrio na quarentena.
Data	01 jun. 2020
Entrevistados	Carlos Gonçalves e Cynthia Rachel Esperança (Rio de Janeiro) e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).
Disponível em	https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,escrever-se-torna-recurso-para-manter-o-equilibrio-na-quarentena,70003320598 .
Jornal Lado de Cá. Por Marcus Vinicius.	
Título	Itaboraense cria jornal que reúne diários de brasileiros na pandemia.
Data	21 ago. 2020.
Entrevistados	Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).
Disponível em	https://ladodeca.com.br/ex-moradora-de-itaborai-que-vive-na-alemanha-cria-jornal-que-reune-diarios-de-brasileiros-na-pandemia/?fbclid=IwARoomzEpAGShLIdPachgNbJT7R3urE8MMsXwVhXGaLbDkFjLfWEpgKOyp0
Portal Terra. Por Silvio Barsetti.	
Título	Diários relatam incertezas e dramas na pandemia.
Data	27 ago. 2020.
Entrevistados	Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).
Diários citados	Maria das Graças Targino (Brasil, Norte a Sul) e Tiago Ferreira (Brasileiros no Exterior).
Disponível em	https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/diarios-relatam-incertezas-e-dramas-da-pandemia,8f8124a8879be4c1a621bc9245448e0c0zj9hqw.html .
Jornal O Dia. Por Bete Nogueira.	
Título	Quando a dor chega, a palavra é urgente.
Data	06 set. 2020
Entrevistados	Cynthia Rachel Esperança e Vanusa Borba (Rio de Janeiro) e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).
Disponível em	https://odia.ig.com.br/arte/2020/09/5982078--quando-a-dor-chega-a-palavra-e-urgente---explica-a-idealizadora-de-projeto.html#foto=1
Jornal Voz das Comunidades. Por Matheus Andrade.	
Título	Diários de Emergência COVID-19.
Data	22 set. 2020.
Entrevistados	Carlos Gonçalves, Francisco Valdean, Vanusa Borba (Rio de Janeiro) e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).
Disponível em	https://www.vozdascomunidades.com.br/coronavirus/diarios-de-emergencia-covid-19-moradores-da-mare-escrevem-sobre-periodo-de-isolamento/?utm_source=dlvr.it&utm_medium=twitter
Jornal Maré de Notícias. Edição 117. Por Daniele Moura.	
Título	Literatura Comunica.
Data	02 out. 2020.
Entrevistados	Pablo Marcelino (Rio de Janeiro), Barbara Horrana e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).
Disponível em	https://mareonline.com.br/mare-de-noticias-117 .
TABELA 3: Rádio	
Rádio Band News. Por Luanna Bernardes.	
Título	Diários de Emergência COVID-19.
Data	03 ago. 2020.
Entrevistada	Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior)
Disponível entre 18:33 a	https://www.facebook.com/watch/live/?v=224009702152712&ref=watch_permalink .

21:55 no link:	
Rádio Mais PR. Por Tânia Jefferson.	
Título	Entrevista do Dia
Data	13 ago. 2020
Entrevistado	Carlos Gonçalves (Rio de Janeiro)
Disponível em	https://www.radiomaisdigital.com.br/artigos/diarios-de-emergencia-covid-19-reune-historias-do-confinamento-de-brasileiros .
TABELA 4 :Televisão	
Rede TVT. Por Viviane Nascimento.	
Título	<i>Diários de Emergência COVID-19.</i>
Data	25 ago. 2020
Entrevistada	Cynthia Rachel Esperança (Rio de Janeiro) e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior)
Disponível	https://www.youtube.com/h?v=Bu7OZELsiao&fbclid=IwARtL8EHutnS6o_7D3zzMaIFlBngVOiDLkUSUmaZ6dnoeCMFJaQ_MguUiwKKo
Band Notícias. Por Laila Hallack.	
Título	Projeto reúne histórias do confinamento de moradores de favelas do Rio.
Data	16 nov. 2020.
Entrevistada	Vanusa Borba (Rio de Janeiro) e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).
<u>Diário citado</u>	Aline Araújo (Rio de Janeiro)
Disponível entre 39:50 e 41	https://www.youtube.com/watch?v=73UCxXy7vcM
TV Telemundo. Por Ana Peralta.	
Título	Um diario íntimo para aliviar el estrés de la pandemia (espanhol).
Data	31 jan. 2021.
Entrevistada	Ary Pimentel (Rio de Janeiro).
<u>Disponível em</u>	https://www.youtube.com/watch?v=Y8GbeEDJPqk&feature=youtu.be .
TABELA 5: Jornal impresso	
Veículo: Jornal O Dia. Por Bete Nogueira.	
Título: Quando a dor chega, a palavra é urgente.	
Data: 06.09.2020	
Entrevistadas: Cynthia Rachel Esperança e Vanusa Borba (Rio de Janeiro) e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).	
Veículo: Jornal Maré de Notícias. Edição 117. Por Daniele Moura.	
Título: Literatura Comunica.	
Data: 02.10. 2020	
Entrevistados: Pablo Marcelino (Rio de Janeiro), Barbara Horrara e Miriane Peregrino (Brasileiros no Exterior).	

¹ Miriane Peregrino é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) com doutorado sanduíche na Universidade Agostinho Neto (UAN, Angola). Entre 2019 e 2020 foi assistente de pesquisa do Romanisches Seminar da Universität Mannheim (UNI-Mannheim, Alemanha) e atualmente é pesquisadora visitante no Portugiesisch-Brasilianisches Institut da Universität zu Köln (Uni-Köln, Alemanha). É co-fundadora do Jornal Literatura Comunica e idealizadora da iniciativa *Diários de Emergência COVID-19* na qual integra o grupo de autores da série *Brasileiros no Exterior*.

² Yérsia Souza de Assis é doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Brasil) com doutorado sanduíche na Universidade Agostinho Neto (UAN, Angola). Pesquisadora colaboradora no NUER – Núcleo de Identidades e Relações Interétnicas/UFSC; GERTS – Grupo de Estudos Culturais e Relações Interétnicas/ UFS. Integra também o projeto Kadila – Culturas e Ambientes/Brasil; Angola. É colunista do Jornal Literatura Comunica! e integra o

grupo de autores dos *Diários de Emergência COVID-19* série *Brasil, Norte a Sul*.

3 Carlos Gonçalves é graduando em Engenharia de Produção da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil), morador, educador e comunicador popular da favela da Maré, zona norte do Rio de Janeiro. É da Frente de Mobilização da Maré em tempos de coronavírus e realizador do podcast Renegadus. É co-fundador e colunista do Jornal Literatura Comunica!, e integra o grupo de autores dos *Diários de Emergência COVID-19* série *Rio de Janeiro*.

4. Todos os números estão disponíveis no site: <https://literaturacomunica.com.br/jornal-lc/>.

5 Cf. JESUS, Carolina de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2014.

6 Cf. FRANK, Anne. *Diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

7. Cf. BARRETO, Lima. *Diário do hospício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

8 A listagem de entrevistas concedidas encontram-se a final do capítulo.

9. MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estud. afro-asiát.*, v. 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

10 HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Quarentenas Amazônicas mostrou impactos da pandemia sobre sociedades tradicionais e originárias da Amazônia

*Renan Albuquerque¹
Isaías dos Santos²*

Não restam dúvidas de que o mundo vem atravessando, desde janeiro do ano de 2020 até agora, o período histórico mais importante desde a Gripe Espanhola no âmbito da saúde coletiva e dos desafios sanitários globais. Os piores momentos se deram entre março de 2020 e junho de 2021, porém disrupções e impactos complexos implicados no fenômeno continuam. Sobre esse cenário, sublinhamos justamente que o projeto *Quarentenas Amazônicas* se apresentou na tentativa de contribuir para explicar essa conjuntura diversa, de alta relevância, procurando se estabelecer na esteira da união de esforços para a difusão de dados em modo aberto relacionados às dimensões humanas do espalhamento da COVID-19. Nosso foco foi o bioma Amazônia e as sociedades engendradas na região. Seria um imenso problema, a nosso ver, não contribuirmos nesses tempos para a construção de conhecimentos acerca dos impactos da pandemia sobre populações que integram espaços urbanos e de floresta dessa imensa porção territorial brasileira. Sobremaneira porque, até agora, são dois terços de milhão em mortes declaradas no Brasil, sem contar as subnotificações de óbitos por Síndrome Respiratória Aguda Grave não especificada (SRAG inespecífica), o que representa em torno de 25% além desse volume de sepultamentos em todo o país. O projeto *Quarentenas Amazônicas* foi sediado na Universidade Federal do Amazonas e coordenado a

partir do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (CNPq/Nepam), pelo prof. Renan Albuquerque. A atividade foi constituída por equipe multidisciplinar de comunicação, sociologia, antropologia, educação, economia e história da instituição e parceiras. Tivemos apoio de profissionais da epidemiologia, da matemática e da estatística. A meta foi nos debruçarmos sobre um importante trabalho de documentar a história da epidemia a partir de uma interpretação de campo no maior bioma das Américas.

No trato da atividade, aconteceu a reunião de informações qualificadas e a publicação de sete livros, sendo duas obras solo (uma delas sobre excesso de mortes e outra sobre efeitos da pandemia na economia), cinco coletâneas e duas notas técnicas, além de dois *papers*. Também concretizamos parceria com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), tendo em vista somatório de forças com o Núcleo de Estudos Sobre a Dialética Exclusão/Inclusão Social (Nexin), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, para exploração e descrição das vulnerabilidades psicofísicas concorrentes ao vírus no específico contexto da saúde coletiva de populações vulneráveis.

Com afincos, demais e relevantes questões que envolveram as categorias morte, vida, identidade, isolamento e liberdade somaram-se à problemática psicossocial na Amazônia. É certo ainda que pesquisas de campo e ações de coleta de dados nos ambientes amazônicos, a possibilitarem avaliações e interpretações contingenciais em face à disseminação do SARS-CoV-2, mostraram-se pautadas por elementos extremamente dinâmicos e que tenderam a interagir e mudar de maneira rápida. Todavia, existiram levantes de marcos temporais que delimitaram reflexões expostas a partir do projeto. Estas ficaram sobrepostas e entremeadas a questões do presente referentes a conflitos pela terra, pela biodiversidade e guerrilhas em áreas de extração ilegal (garimpos e madeira).

O *Quarentenas Amazônicas* não teve como meta oferecer quantitativos preditores ou classificações de problemas, apesar de se saber da importância deles e do quanto flutuações na curva de difusão da COVID-19 na Amazônia e no Brasil foram (e têm sido) preocupantes para a sustentação comunitária de

adoecimentos e mortes. Mostrou-se preferência nossa, entretanto, projetar o rebatimento desses dados numéricos brutos no cotidiano complexo das sociedades amazônicas, sublinhando aspectos plurais e singulares. De tal modo, o projeto surgiu como uma proposta macro para se entender impactos variados da pandemia entre sociedades em vulnerabilidade do Norte do Brasil.

As produções

O *volume 1*, e toda a sequência de levantamentos a posteriori, posiciona-se a partir de um conjunto de esforços para a publicação de dados em modo aberto. É certo que pesquisas de campo e ações de coleta de informações, que possibilitaram a descrição de dimensões humanas e sociais do SARS-CoV-2 em meio a sociedades do bioma ora estudadas, possuíram elementos dinâmicos e tenderam a interagir e mudar de modo acelerado. Por isso, neste volume encontramos textos representativos de análises compiladas de 13 de abril a 02 de maio de 2020, e que sequencialmente, em seu âmago, “envelheceram” em decorrência do avanço da pandemia. Mas foram dados importantes porque capturaram a essência daquele presente.³

O *volume 2* foi composto por *papers* representativos de análises compiladas no período de 28 de abril a 20 de maio de 2020. Os textos ofereceram indicativos de uma nova narrativa sobre a crise humanitária no bioma e acenderam probabilidades para que outras vozes da Amazônia profunda ressoassem e fossem replicadas. A compilação abriu caminhos de diálogos, manifestou realidades diversas e difundiu o que viriam a ser pontos de choque entre culturas.⁴ Estes pontos pareceram fundamentais porque fizeram emergir demandas e novas interações a serem compreendidas. Autoras e autores da coletânea problematizaram as necessidades que as sociedades mundial e brasileira, marcadas pela pandemia, colocaram em relevo, dentro de tentativas frustradas de retomar a rotina não mais igual da vivência humana.

Importante salientar que no *volume 2* ficou nítida a intenção de avaliar a reivindicação para um novo jeito de existir, de pensar e compartilhar — diferente do capitalismo de mercado global. Elencamos questões inerentes à vida de haitianos e venezuelanos na capital amazonense e pensamos como seriam feitos investimentos financeiros de amplos mercados de

entretenimento no pós-pandemia na Amazônia. O Festival Folclórico de Parintins/AM, um desses megaeventos, apareceu no particular sob uma série de questionamentos. Isso porque a data faz o superávit da criação artística na Amazônia Central e teve de conviver, na pandemia, com o déficit financeiro e a ambígua realidade socioeconômica, incerta para a maior parcela da população habitante da cidade de Parintins, extremo leste do Amazonas, onde se dá o centro da festa.

A partir do olhar para a cotidianidade, surgiram ideias sobre a modificação na compreensão da economia, da política e da religiosidade a partir do SARS-CoV-2. E assim construímos o *volume 3*, que tratou de duas aliciações espirituais na Amazônia Central: a espiritualidade branca da Primeira Igreja Batista/PIB e a cosmologia indígena de base clânica dos Sateré-Mawé.⁵ O intuito da obra não foi mistificar ou ajuizar valor, mas proporcionar o diálogo presumível entre religiões que serviram para o enfrentamento à pandemia em meio a um cenário com miríades de problemas sociais. Foi objetivo manifestar evidências sobre a possibilidade de coleta de informações que explicassem o avanço do vírus de maneira diferente, por intermédio de diversas formas de espiritualidade dos povos da floresta amazônica.

Nesse caminho, a PIB inseriu-se na conjuntura de subsídios à sociedade para suavizar o espalhamento viral da COVID-19, assim como o povo indígena do Andirá-Marau, mantendo-se isolado e trocando informações e conhecimentos, lutou para ter suas necessidades básicas atendidas e optou por uma política de combate à COVID-19 e à desinformação. O líder estudantil indígena Josias Sateré participou desse volume e contribuiu para que soubéssemos em que medida o mais numeroso povo ancestral do Baixo Amazonas/AM (Amazônia Central) interpretou o momento contraditório da pandemia.

O *volume 4* apresentou uma finalização das análises sociais da “Fase 1” (primeira onda) do maior surto epidemiológico do século no Brasil, conforme destacou a Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa “Fase 1” se espalhou desde o período imediato das adoções dos diversos tipos de isolamento no bioma tropical e no país de modo geral, todos estabelecidos a partir da

segunda semana de março de 2020. Tanto porque na Amazônia a situação foi diferente, se comparada aos outros países do mundo.⁶ O bioma saltou do 13º lugar no ranking de casos e óbitos por milhão de habitantes por COVID-19 em 17 de março de 2020 para a vice-liderança no fim de maio/início de junho do ano de 2021, permanecendo entre os dez primeiros lugares do ranking até o fim do mesmo ano.

O quarto número da coletânea foi composto por estudos que versaram ainda sobre preceitos da quarentena relacionados a intervenções não farmacológicas na mitigação da pandemia, reconhecidamente essenciais, que auxiliariam na contenção da disseminação viral, mas nem tanto. A redução foi pouca, dada a baixa adoção ancorada por *fake news* (desinformação, contra-informações e rumores ou boatos). Questões relacionadas à má condução no ambiente político do tema COVID-19 foram destaque nesse conjunto de capítulos sobre a pandemia no bioma Amazônia e adjacências.

No *volume 5* percebemos o cenário amazônico como campo de pesquisa em distintos aspectos a partir de correlações com o impacto do novo coronavírus perante populações da pan-Amazônia, da Amazônia Andina e da Amazônia Brasileira.⁷ Nessa fase, procuramos descrever a preocupação com o processo de flexibilização das medidas de distanciamento social para territorialidades periféricas, inclinadas à reabertura do comércio e de fábricas de médio e grande porte, principiadas nos centros urbanos.⁸ O relaxamento ocorreu em um período em que o Brasil ainda alcançava 1,1 milhão de infectados, com média de 1200 óbitos diários e um total aproximado de 55 mil brasileiros mortos.

Trabalhos que compuseram o quinto volume indicaram que o surto pandêmico da primeira onda e seus desenvolvimentos tinham elevado os já existentes abismos sociais em que populações pobres, tradicionais e originárias estavam. Também nessa seara de problemas eram notadas pessoas em situação de rua, além de migrantes e quilombolas, entendidos então apenas em forma de cifras e algoritmos estatísticos. Eles acabaram por se transformar em atores sociais subalternizados para o Estado. Suas expressões incógnitas apareciam apenas em prontos-socorros ou cemitérios da Amazônia. Muitos, em caso de morte, eram (e são) destinados a covas rasas, estabelecidas para a generidade.

Tais análises plurifurcadas das ciências endossaram que a pandemia encontrou na Amazônia um contingente humano perfeito para se assenhorear, pois com limitações estruturais de hospitais e médicos, que tiveram de atender também casos advindos de cidades interioranas, onde a infra é deficitária, os sistemas de saúde das capitais colapsaram. Esse foi o pano de fundo que deu início à segunda fase de análises do *Quarentenas Amazônicas*, quando dois livros escritos por equipes do projeto foram lançados.

Em seu *volume 6*, o livro *Os desaparecidos da covid-19* incitou leitores a um desafio de pensar a realidade enfrentada por sociedades esquecidas dos territórios da Amazônia Brasileira.⁹ Eram populares que simplesmente não estavam entrando na conta de óbitos por COVID-19 por causa da falta de testes. Acreditamos que o inter cruzamento de informações e dados caracterizou o livro como uma salutar e descritiva obra de auxílio na compreensão na realidade descontrolada da pandemia no bioma florestal. Tentamos situar que já em meados de setembro e outubro de 2020 a situação na Amazônia era de alta crise humanitária.¹⁰

Foram dados levantados, analisados e discutidos no intuito de alertar causas e consequências da COVID-19 entre a diversidade populacional da Amazônia. Analogias foram tecidas por meio da comunicação entre as intertextualidades referentes às áreas de matemática, estatística e epidemiologia, que nortearam os escritos de *Os desaparecidos da covid-19* (mortos sub-registrados) como populações não apenas invisíveis, mas desimportantes para o atual Estado necropolítico e agnotológico.

No *volume 7* tivemos uma mostra dos modos de vida que passaram a ser conectados por redes e conjunturas frágeis e quebradiças em razão da pandemia do novo coronavírus na região amazônica.¹¹ Traçamos análises relacionadas a esferas da vida na floresta, em termos da economia brasileira e local.¹² No cenário pandêmico, o bioma conectado reapareceu e se mostrou em meio a suas práticas de compra, venda e troca. A crise na saúde foi de verdade uma economia mundial econômica que igualmente afetou a todos.¹³

Tratamos de enfocar o reboiço que foi provocado por um constructo não antevisto no convênio social constituído pelas sociedades modernas: um vírus que parou a circulação de riqueza e fez colapsar os sistemas de cuidado

hospitalar. Além de lidar com esse novo agente, que invadiu planícies, várzeas e rios, tivemos de repensar contratos pré-colombianos e cosmológicos da vida na floresta. Houve a reconstrução das chaves para que o próprio simbolismo da Amazônia se mantivesse em meio a entremeados de solidariedade, com malhas comunitárias de acolhimento e organização vinculadas a uma economia de baixo carbono.

Considerações finais

Essas produções, em suma, foram realizadas a partir de uma edificação comunicacional que entendemos ter sido diferenciada. O projeto *Quarentenas Amazônicas* se constituiu em uma jornada de relatos inquietantes, por ângulos diferentes, a partir dos quais foi possível situar o trabalho, de maneira a registrar a memória do momento histórico, bem como o protagonismo de povos e comunidades na reafirmação de suas identidades, em termos de resistência, de seus valores e de suas metodologias existenciais como sistemáticas concretas de defesa da vida.

A atividade de tratamento de dados no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos da Universidade Federal do Amazonas (Nepam/Ufam) direcionou-se para uma práxis de democratização da ciência, o que se mostrou factível no cenário da sociedade conectada via tecnologias da informação. Tornar a informação de qualidade um direito de todos, nesse contexto, foi o grande ponto de partida para o projeto durante as duas ondas mais fortes de espalhamento do SARS-CoV-2, uma vez que quanto mais pessoas obtivessem acesso a pesquisas e dados de campo, que dialogassem com sua realidade, melhores entendimentos sobre o problema sanitário do novo século haveriam de encontrar frente a desafios que surgissem.

Ferramenta importante que foi muito utilizada para essa democratização foi a plataforma Academia.edu, uma das maiores redes de compartilhamento de pesquisa na web brasileira a partir da disponibilização de textos e vídeos apresentados de forma totalmente gratuita. Atualmente, a plataforma abriga pesquisadores do mundo inteiro e foi um grande meio de conservação e distribuição para que o *Quarentenas Amazônicas* alcançasse o maior número possível de cidadãos. Ressalta-se também a divulgação em programas

televisivos, como o “Olho Aberto Parintins”, programação de televisão popular para municípios do Baixo Amazonas/AM, em que pudemos apresentar volumes das produções e integrar debates sobre o fazer científico na Amazônia.

O programa foi um espaço relevante. Além dele, através de redes sociais, que sabidamente têm grande alcance, mais pessoas também puderam ter acesso ao material coletado. Espaços comunitários de rádios (e também *podcasts*) e espaços de telejornais igualmente (webcanais) auxiliaram na divulgação a partir de disparos de mídia enfatizados a partir do projeto. A internet foi um vetor essencial. O processo educativo de divulgação dessa memória, pela internet, não se resumiu à capitalização de conhecimentos tradicionais, pagos e impressos. Apostamos na garantia de um fecundo procedimento de aprendizagem gratuito e verificamos que a estratégia funciona contra o apagamento de pessoas e instituições.¹⁴

Para esse artifício, precisamos ir além e ampliamos o sentido das aptidões da equipe para se cultivar, buscar, edificar, enraizar e enriquecer o modo de apresentação de saberes que dialogassem com o dia-a-dia onde se inseriam. Ou seja, tratamos a informação científica como uma conquista relacionada ao direito de cidadania.¹⁵ Essa vitória pareceu ter sido compartilhada com as sociedades pobres e vulneráveis da Amazônia, o que muito fortaleceu nossas propostas de difusão científica e estreitamento da relação acadêmica com a sociedade.

Salientamos que a possibilidade de recuperação e consulta aberta por meio digital das memórias da tragédia sócio-sanitária na Amazônia tende a ser de extrema relevância no futuro, dado que tais arquivos representam “um dispositivo de poder que não só determina [e determinará] as representações do passado, mas condiciona [e condicionará] os horizontes de imaginação do presente e do futuro”.¹⁶ Em razão disso, o projeto *Quarentenas Amazônicas* por certo significou uma vitória a todas as comunidades invisibilizadas da Amazônia profunda, que necessitam ter voz em meio à escalada da necropolítica e do fascismo no Brasil.

¹ Professor da UFAM. Coordenador do Projeto *Quarentenas Amazônicas*.

² Professor de Língua Portuguesa. Mestre em Ciências da Educação pelo Saint Alcuin of York

Anglican College/Chile. Membro do projeto *Quarentenas Amazônicas*.

3 ALBUQUERQUE, Renan; FERREIRA, Gerson André A. (orgs.). *Quarentenas Amazônicas*. 1. v. Manaus: EDUA, 2020.

4 ALBUQUERQUE, Renan; FERREIRA, Gerson André A. (orgs.). *Quarentenas Amazônicas*. 2.v. Manaus: EDUA, 2020.

5 ALBUQUERQUE, Renan; FERREIRA, Gerson André A. (orgs.). *Quarentenas Amazônicas*. 3. v. Manaus: EDUA, 2020.

6 ALBUQUERQUE, Renan; FERREIRA, Gerson André A. (org.) *Quarentenas Amazônicas*. 4. v. Manaus: EDUA, 2020.

7 LATOUCHE, Serge. El coronavirus y el decrecimiento. *América Latina em Movimento*, 2020. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/articulo/209026>. Acesso em: 24 nov. 2020.

8 ALBUQUERQUE, Renan; FERREIRA, Gerson André A. (org.) *Quarentenas Amazônicas*. 5. v. Manaus: EDUA, 2020.

9 Cf. ALBUQUERQUE, Renan; LEÃO, Jeremias; STEINMETZ, Wilhelm Alexander; ORELLANA, Jesem. *Os desaparecidos da COVID-19: Quarentenas Amazônicas*. 6. v. Manaus: EDUA. 2020.

10 Cf. ZIEGLER, Maria Fernanda. Padrão de disseminação urbana da covid-19 reproduz desigualdades territoriais. *Agência FAPESP*, 2020. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/padrao-de-disseminacao-urbana-da-covid-19-re-152-produz-desigualdades-territoriais/33226/https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/97000/governanca-ambiental-da-macrometropole-paulista-face-a-variabilidade-climatica/>. Acesso em: 22 maio 2020.

11 Cf. ALBUQUERQUE, Renan; LEMOS, Ivan; BALDOINO, Mariana; FERREIRA, Rubia Silene; ALCICLEY, Francisco; CLOVIS, João. *COVID-19 & Economia no Amazonas: Quarentenas Amazônicas*. 7. v. Manaus: EDUA, 2020.

12 Cf. BORGES, André. Governo travou repasse de R\$ 33 milhões para a Amazônia. *O Estado de São Paulo*, 2020. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,governo-travou-repasse-de-r-33-milhoes-que-seria-destinado-a-amazonia,70003358326#:~:text=Mais%20de%20R%24%2033%20milh%C3%B5es,na%20floresta%20pela%20For%C3%A7a%20Nacional>. Acesso em: 08 jul. 2020.

13 ALVES, José Eustáquio Diniz Alves. Renda Básica Universal ou Pleno Emprego e Trabalho Decente? *Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz*, 2020. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=renda-basica-universal-ou-pleno-emprego-e-trabalho-decente#:~:text=O%20benef%C3%ADcio%20no%20valor%20de,de%20R%24%201.200%2Coo>. Acesso em: 26 ago. 2020.

14 Cf. COSTA, Ana Maria; RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon; LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa. Na pandemia da Covid-19, o Brasil o enxerga o SUS. *Saúde debate*. v. 44, n. 125, p. 289-296, 2020.

15 Cf. NOBRE, Ismael; NOBRE, Carlos. Projeto Amazônia 4.0: Definindo uma Terceira Via para a Amazônia. *Fundação FHC*, 2019. Disponível em: <https://medium.com/funda%C3%A7%C3%A3o-fhc/projeto-amaz%C3%B4nia-4-o-definindo-uma-terceira-via-para-a-amaz%C3%B4nia--46d21951ac6>. Acesso em: 03 ago. 2020.

16 Cf. MARINO, Ian Kisil. Notas preliminares sobre o arquivamento digital da Covid-19. *Idéias*, v. 12, p. 1-22, 2021.

Documentando a experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul: reflexões sobre entrevistas a distância e sobre a História Oral da pandemia¹

Carla Simone Rodeghero²
Rodrigo de Azevedo Weimer³

O projeto interdisciplinar e interinstitucional *Documentando a Experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul* foi concebido em sintonia com projetos que vêm sendo desenvolvidos em vários continentes, desde o início de 2020, no contexto da pandemia provocada pelo novo coronavírus. Com um recorte estadual, porém em diálogo com iniciativas em curso no Brasil e fora dele, o projeto é uma iniciativa tornada possível pelos meios digitais, voltada a questões do tempo presente e particularmente preocupada com a produção documental. Queremos produzir, arquivar e difundir registros sobre a experiência da pandemia, no tempo mesmo da pandemia. Uma das estratégias para alcançar tais metas é a realização de entrevistas remotas de História Oral. Neste capítulo, reconstituiremos brevemente os passos que deram origem ao projeto e ao grupo nele envolvido e as razões do investimento na História Oral; abordaremos questões práticas quanto à realização de entrevistas a distância pelas equipes do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERs) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (plataformas virtuais utilizadas, equipes envolvidas, públicos selecionados, roteiro de questões); faremos, ainda, um breve balanço das quase 60 entrevistas realizadas, em diálogo com a bibliografia pertinente.⁴

A concepção do projeto

O projeto começou a ser concebido em abril de 2020, quando chegaram a nós notícias de iniciativas como a da *Association of Public Historians* de Nova Iorque (APHNY) de disponibilizar um formulário para compartilhamento das experiências da COVID-19 e um mapa organizado pela *International Public History Federation* (IPHF) para reunir projetos de coleta de registro sobre a pandemia em diversos lugares do planeta.⁵ Na mesma época, já estavam em curso no Rio Grande do Sul iniciativas nesse sentido, como o projeto *Os impactos da COVID-19 nas relações sociais, econômicas e culturais dos alunos da UFPel*, em Pelotas, e o *Memórias docentes em tempos de pandemia*, organizado pelo Museu Iberê Camargo.⁶ Nesse contexto, nós – Carla Rodeghero (UFRGS) e Rodrigo Weimer (UFRGS e APERS), ao lado de Clarissa Sommer Alves, historiadora do APERS –, começamos a conversar sobre a possibilidade de um projeto similar em nosso estado.

O que cada um de nós tinha em mente ainda era um pouco nebuloso: talvez o incentivo à produção de diários e outros registros escritos, quem sabe o recolhimento de fotografias, talvez a coleta de memes, quiçá a realização de entrevistas. Essas ideias, de certa maneira, procuravam contornar ou responder inquietações que nos assolavam. Da parte do Arquivo Público, havia o entendimento de que poderíamos, a partir do trabalho remoto, dedicar nossa expertise como historiadore/as à documentação de experiências particulares em um período singular. Havia, ainda, uma questão prática: a impossibilidade de realizar atividades presenciais do Programa de Educação Patrimonial (PEP). Quarenta oficinas, voltadas ao público escolar, e organizadas com base em documentação arquivística, estavam previstas para 2020. Elas dariam continuidade a uma longa trajetória de trabalho conjunto entre a UFRGS e o APERS.⁷ A incerteza e a impotência depois de algumas semanas de isolamento (desde a terceira semana de março, as atividades presenciais da UFRGS e do APERS foram canceladas e iniciamos uma rotina de atividades remotas), potencializou nosso desejo de encontrar maneiras de refletir e registrar o tempo excepcional que estávamos vivendo. Compartilhamos, então, as ideias embrionárias com colegas do APERS e da UFRGS e de várias instituições gaúchas, mobilizando redes ligadas ao núcleo regional da ANPUH,⁸ à prática da História Oral e da História Pública, à pesquisa sobre saúde e doença. Com esse grupo, que contou com ٢٦ pessoas na primeira reunião virtual, em fins de

abril de 2020, definimos os parâmetros básicos do projeto e a sua constituição em dois eixos: o preenchimento de um formulário Google e a realização de entrevistas de História Oral. Um termo de compromisso, assinado pelas catorze instituições participantes registrou os parâmetros gerais.⁹ As instituições que se comprometeram com o eixo da História Oral definiram seus públicos-alvo específicos, para os quais seria feita uma adaptação do roteiro geral de questões.¹⁰

Investigando os projetos apresentados no mapa da IFPH, em abril de 2020, localizamos poucos que empregavam a História Oral. Não havia dúvida naquele momento que o processamento e divulgação de relatos orais enviados por WhatsApp ou inseridos em formulários Google (previsto em vários projetos) seria mais fácil do que a realização de entrevistas, as quais só seriam viáveis se fossem feitas remotamente. Além de insegurança quanto às questões técnicas, tínhamos certo pudor em fazer História Oral a distância, estratégia que poderia colocar em risco o potencial de troca e diálogo oferecido pela metodologia. Ainda assim, concluímos que a História Oral era apropriada para possibilitar uma coleta mais sistemática de narrativas, para permitir recortes mais precisos no público a ser chamado a colaborar, para imprimir certo direcionamento a partir do uso de um roteiro comum de questões e, finalmente, para criar um espaço de aprendizagem de novos desafios metodológicos e troca de experiências entre praticantes da metodologia e novos/as pesquisadores/as.¹¹

Preparando o terreno: plataformas virtuais, equipes, públicos-alvo e roteiros de entrevista

As entrevistas de História Oral para o projeto *Documentando a Experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul* foram realizadas remotamente. Ainda que o processo de “revolução digital” da História Oral anteceda em duas décadas à crise da COVID-19, é inegável que, subitamente, os/as pesquisadores/as foram compelidos/as a abrir mão das entrevistas presenciais e construir alternativas.

¹² A equipe do APERS utilizou as plataformas contratadas pelo governo estadual, num primeiro momento, Google Meet e, em um segundo, Microsoft Teams. A equipe da UFRGS iniciou suas entrevistas através do Skype, plataforma depois substituída pelo Zoom, que resultou em melhor qualidade

técnica. Foram utilizadas tanto a versão gratuita (que exigia um corte da gravação a cada 45 minutos) quanto a paga, sem essa restrição. Tais alternativas foram encontradas e arbitradas por cada instituição de forma célere, respondendo às demandas à medida em que foram surgindo: o protocolo comum convencionado entre as instituições participantes do projeto foi a produção de arquivos .mp4 ou .mp3. A equipe do APERS envolvida nas entrevistas é composta pelo historiador Rodrigo de Azevedo Weimer e pela historiadora Clarissa Sommer Alves e seu público-alvo é formado por gestores/as públicos/as estaduais, trinta dos/as quais já foram entrevistados/as.

O enfrentamento à crise, no Rio Grande do Sul, envolve dois colegiados fundamentais: um *comitê de dados* encarregado de produzir informações estratégicas, da criação e da rodagem do sistema de distanciamento controlado; e um *gabinete de crise*, composto por secretários de Estado estratégicos, a que cabe a formulação de políticas públicas, informados pelos dados elaborados pelo comitê. O *comitê de dados* divide-se em oito grupos de trabalho, responsáveis pelos indicadores referentes a atividades econômicas, políticas sociais, segurança pública, logística etc. Decidiu-se por entrevistar os coordenadores dos GT's e todos os secretários pertencentes ao gabinete de crise.¹³ As entrevistas foram feitas por Rodrigo Weimer e Clarissa Sommer, geralmente em dupla. Ainda que os gestores tendessem a reproduzir o discurso oficial do governo do Estado, o espaço de interlocução possibilitado pela História Oral viabilizou a verbalização de pontos dissonantes ou de nuances imprevistas, revelando um poder público menos monolítico e mais heterogêneo do que havíamos suposto inicialmente. A UFRGS, por sua vez, contou em 2021 com uma equipe de 20 pessoas, incluindo estudantes de graduação (bolsistas e estagiários), estudantes do Programa de Pós-graduação em História (PPGH), egressos/as do PPGH, três servidoras técnico-administrativas e quatro docentes do Departamento e do PPG de História. Parte da equipe já estava envolvida com as atividades do Repositório de Entrevistas de História Oral (REPHO/UFRGS), outra parte com o trabalho do Núcleo de Pesquisa em História (NPH), espaços nos quais já se praticava a História Oral.¹⁴ No final de junho de 2020, divulgamos um questionário em busca de adesões de estudantes da universidade com perfil de baixa renda e/ou

seus familiares, público-alvo da equipe da UFRGS. 102 pessoas se inscreveram para serem entrevistadas. Desse total, selecionamos cinquenta, seguindo critérios que permitissem montar um grupo com diversidade de cursos, diferentes categorias de cotas para ingresso, idade, cidade, gênero etc. Conduzidas por duplas de pesquisadores/as, foram feitas entre agosto e dezembro de 2020. A meta das cinquenta foi alcançada em 2021, além de 19 pessoas concederem uma segunda entrevista.

Na UFRGS, a política de cotas implementada em 2008 e incrementada a partir da Lei 12.711, de 2012, resultou na constituição de um corpo discente com variados níveis socioeconômicos. Metade das vagas do vestibular, desde 2016, é oferecida para estudantes oriundos da escola pública, parte dos quais tem perfil de baixa renda. Trata-se dos/as estudantes que comprovaram renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita. No seio do grupo, há ainda a distinção entre os/as autodeclarados/as pretos/as, pardos/as e indígenas e autodeclaradas pessoas com deficiência. Tentamos chegar a pessoas que pertencem a grupos mais vulneráveis, afetados de maneira dramática pela pandemia e pela crise econômica.

Considerando as particularidades do público-alvo escolhido pelo APERS e pela UFRGS, foram feitas adaptações ao roteiro inicial de questões para a condução das entrevistas, que incluía temas como: impactos da pandemia na saúde da pessoa entrevistada e nas pessoas do seu entorno, rotina de trabalho e estudo e alterações devido ao isolamento, relações familiares e de amizade, transformações econômicas, sociais e afetivas, problemas psicológicos, adesão ou não às políticas de isolamento, participação em ações de solidariedade, estratégias para se manter informado/a etc. No caso dos/as gestores/as públicos/as estaduais, foram agregadas questões sobre a relação entre as políticas estaduais, as municipais e as federais, a participação nos grupos de trabalho, a pressão de diferentes grupos de interesse, a criação e o funcionamento do sistema regionalizado de bandeiras de risco,¹⁵ com diferentes níveis de abertura da economia. No roteiro voltado aos/as estudantes da UFRGS e familiares, foram contempladas questões relativas ao impacto do isolamento nos estudos, sobre a adoção do ensino remoto, sobre as políticas de apoio oferecidas pela universidade, sobre novas formas de sociabilidade e o lugar das redes sociais, sobre as particularidades do cotidiano

das famílias de baixa renda, sobre o desempenho das autoridades municipais, estaduais e federais. As questões foram sendo adaptadas ao andamento da pandemia, sendo que o tema da vacina, aos poucos, passou a receber maior atenção.

Refletindo sobre o trabalho realizado

Em artigo publicado há 15 anos atrás, Alistair Thomson afirmou que aquilo que era então denominado como “revolução digital” definia novas formas de registro, preservação, catalogação, interpretação, compartilhamento e apresentação de histórias orais, decorrentes das novas tecnologias.¹⁶ Escrevendo quase uma década depois, Douglas Boyd e Mary A. Larson reuniram trabalhos que discutiam experiências de “História Oral digital” e alertaram que não cabia apenas pensar em um *upgrade* das tecnologias empregadas, mas em avaliar todas as suas consequências metodológicas, bem como de arquivamento e de difusão.¹⁷

Um punhado de anos depois, em vários lugares do planeta, de forma involuntária, imprevista e não-anunciada, a revolução digital impôs-se às pesquisas de História Oral, alargando seu alcance e forcejando a adoção, por todos/as, de novos procedimentos. Ao menos no nosso caso, se não podemos dizer que as iniciativas foram improvisadas – foram muitas as reuniões organizativas e as discussões metodológicas –, certamente elas foram elaboradas de chofre. Tínhamos, por volta de abril ou maio de 2020, certa urgência em encaminhar os debates práticos e teóricos sobre a realização de entrevistas a distância, porque temíamos perder o *timing* do momento mais crítico da pandemia e do isolamento social. Em determinado momento, ao percebermos que ainda poderíamos abordar a experiência da COVID-19 quando ela já tivesse se tornando memória e não mais experiência, relaxamos. Infelizmente, passado mais de dois anos, a pandemia ainda faz parte de nosso cotidiano, agora acompanhada da memória da primeira e da segunda ondas, da esperança trazida pelas vacinas, do surto provocado pela variante Ômicron, e da incerteza quanto a futuros desdobramentos da COVID-19.

Em artigo publicado no contexto inicial da pandemia, Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães¹⁸ trataram de questões metodológicas relacionadas à

realização de entrevistas por plataformas remotas. Tal como o autor e a autora, acreditamos que não é produtivo trabalhar com a perspectiva “do que se perde” nas entrevistas remotas. Mais profícuo é realizar a análise metodológica que reconhece as *características* desse tipo de entrevistas, do ponto de vista da crítica das fontes e da incidência do procedimento adotado sobre as narrativas obtidas. Tomando como base sua experiência de pesquisa e a discussão de bibliografia específica, aqueles autores defendem que “apesar de muitas questões ainda não terem sido respondidas, a entrevista virtualmente conduzida pode ser frutífera e até necessária, desde que as condições de sua produção sejam discutidas metodologicamente em termos de como elas impactaram o resultado final do relato”.¹⁹

A experiência do projeto aqui discutido oferece um laboratório daquilo que caracteriza a utilização de plataformas digitais para a realização de entrevistas remotas, não no sentido de realizar um balanço tomando as entrevistas presenciais como parâmetro, mas especificando as singularidades do formato que utilizamos no contexto da pandemia e do isolamento social. Aos condicionamentos colocados pela modalidade de entrevista utilizada (presencial ou remota), somam-se aqueles do contexto em que as entrevistas foram/são feitas e das características dos grupos sociais com quem dialogamos. Quer dizer: não observamos as especificidades das entrevistas remotas “em geral” ou “abstratamente”, mas em contextos de pesquisas peculiares. Recuperando os públicos-alvo das entrevistas das equipes do APERS e da UFRGS, gestores/as da administração estadual e estudantes universitários de baixa renda e familiares, temos uma grande diversidade em termos de capital político, social e cultural, bem como em termos de acesso e domínio das tecnologias digitais. De todo modo, a análise das entrevistas permite constatar algumas complexidades e minúcias que possibilitam ir além da percepção da “perda” das entrevistas remotas diante das presenciais.

As entrevistas conduzidas pela equipe do APERS foram realizadas, algumas vezes, em contextos de flagrante assimetria de poder. Os/as gestores/as frequentemente marcavam e remarcavam entrevistas, por vezes de forma repetidas, em parte porque encontravam-se assoberbados/as por diversas demandas relacionadas à gestão do cenário pandêmico – mas também porque *podiam fazê-lo*. Seria abusivo afirmar que os/as gestores/as sejam

indiferentes à imagem que deixarão para o porvir. Eles/as não são alheios/as à história. Entretanto, em um cenário pandêmico, certamente os depoimentos não foram a maior prioridade. Brincávamos, nas tentativas de agendamento, que nos tempos de Borges de Medeiros, governador da Primeira República, membro de partido com forte influência positivista, e da *historia magistra vitae*, nosso trabalho seria facilitado...

As remarcações de entrevistas foram recorrentes, situação que se tornou mais usual à medida em que subíamos na hierarquia de poder, mas isso aconteceu também em hierarquias mais baixas. O interesse por detalhes de agendamento não é anedótico. Conforme lembrou Schneider, “as palavras, sozinhas, são insuficientes para recontar a história, e se nosso objetivo é compreender a narrativa inicial, necessitamos ir além das gravações e documentar o máximo possível as trocas iniciais”.²⁰ Elas nos ajudam a conhecer as circunstâncias dos relatos e as relações estabelecidas com os pesquisadores. Segundo o autor, ainda, a melhor pesquisa em História Oral é aquela em que a abordagem “contém tanto a narrativa como performance, com significados implícitos ou explícitos, e a narrativa como dado, a ser avaliado diante de determinada realidade empírica”.²¹ Essas palavras nos inspiram a um primeiro olhar descritivo e crítico do trabalho realizado.

Procuramos encarar as dificuldades de agendamento, necessariamente frustrantes, como uma questão metodológica referente à situação sociopolítica do grupo abordado, a ser levada em conta na interpretação das entrevistas. No que se refere ao prazo de divulgação das entrevistas concedidas, os/as integrantes do gabinete de crise não colocaram empecilhos à sua divulgação imediata – gestores/as com uma atuação eminentemente política geralmente desejam visibilidade –, ao passo que quatro componentes do comitê de dados solicitaram prazos maiores para tornar públicos seus depoimentos. Cumpre destacar, também, no que tange ao agendamento de entrevistas, que a maior parte delas ocorreu de forma indireta. À exceção de parte dos integrantes do comitê de dados, aos/às quais tivemos acesso facilitado por redes de amizade e coleguismo, os agendamentos em geral foram intermediados pela assessoria de comunicação da Secretaria de Estado à qual o APERS está vinculado e, depois, pela assessoria da autoridade pretendida. As entrevistas com o Procurador Geral do Estado, com o delegado responsável pela Secretaria de Segurança

Pública no Comitê de Dados no gerenciamento da crise, ou com o Secretário de Segurança Pública e vice-governador, respectivamente no fim de setembro, início de novembro de 2020, e meados de março de 2021 foram aquelas em que o caráter hierárquico do poder judicial, policial ou executivo em relação à equipe do APERS ficou mais patente.²² A entrevista com o governador ainda não foi realizada. Sendo a entrevista remota, a intermediação de uma tela tendeu a diminuir o impacto da disparidade de poder, tornando a interação menos intimidadora do que poderia acontecer no formato presencial. Os diálogos e relatos produzidos nas entrevistas, em termos gerais, foram eloquentes e enriquecedores, de forma que o caráter remoto da entrevista parece ter facilitado o trabalho.

Da mesma forma, a possibilidade de conceder a entrevista desde o ambiente doméstico pode ter auxiliado para que as pessoas entrevistadas, em suas casas ou outros ambientes de sua preferência, sem a presença de estranhos, se sentissem mais à vontade para narrar suas experiências, avaliações e opiniões.²³ A segunda entrevistada da equipe do APERS, na posição de Coordenadora Executiva do Comitê de Dados, concedeu a entrevista, no fim de julho de 2020, no conforto de seu quarto, o que seria simplesmente impossível em uma entrevista presencial. De uma forma geral, percebemos que, na maior parte dos casos, os/as entrevistados/as posicionaram-se nos locais onde se sentiriam bem e cujo cenário julgaram adequado ao registro para a posteridade, até mesmo em locais que seriam inusitados no caso presencial.

Tratemos agora do grupo alvo da equipe da UFRGS, traçando comparações com o relatado acima. Da mesma forma que no Arquivo, na UFRGS as entrevistas foram conduzidas por duplas. No início, as duplas eram formadas por uma pessoa mais experiente na metodologia e outra menos. Aos poucos, toda a equipe se sentiu suficientemente segura para a tarefa. Várias entrevistas foram conduzidas por duplas compostas exclusivamente de estudantes. Algumas duplas foram repetidas, indicando o desejo de manter a parceria que funcionou na primeira entrevista. O diálogo entre a equipe era/é travado por meio de um grupo de WhatsApp, sendo compartilhadas impressões sobre as entrevistas e repartidas as tarefas.

O problema da remarcação ou desistência da entrevista afetou menos o trabalho feito na UFRGS do que no APERS. Depois de testar outras estratégias, o contato com as pessoas que constavam na lista de 50 selecionados/as ficou sob a responsabilidade de uma única pessoa da equipe. A cada semana, ela contatava um grupo de inscritos/as, perguntando sobre sua disponibilidade de agenda. Os dados eram compartilhados com a equipe e esperava-se a formação das duplas. Essa dinâmica permitiu realizar de quatro a seis entrevistas por semana. Feito o agendamento, uma das pessoas da dupla de entrevistadores/as entrava em contato com a pessoa selecionada para explicar os objetivos do projeto e como funcionaria a entrevista (roteiro de questões, plataforma, duração etc.). Também era a oportunidade de apresentar o Termo de Consentimento, que seria lido no início da entrevista. O termo registrava, dentre outras coisas, que pessoa poderia optar por omitir sua identidade na divulgação do material. Também poderia decidir se a gravação seria divulgada em seguida ou depois de determinado tempo. Em poucas entrevistas, foi solicitada a omissão de identidade. Nesse caso, foi registrado apenas o áudio, a pessoa foi identificada como “estudante de medicina” e “estudante de ciências sociais”. Nessas situações, a dupla de entrevistadores/as precisou ser cuidadosa para não usar o nome da pessoa durante a entrevista. O contato prévio à entrevista foi uma estratégia utilizada para favorecer a interação e criar laços de confiança entre a equipe e a pessoa entrevistada, oportunidade na qual podiam ser conhecidos problemas relativos ao domínio da plataforma a ser utilizada, disponibilidade de wi-fi ou de dados móveis, bem como de computador ou notebook com câmera e microfone, tablet ou smartphone.

Em uma das entrevistas, concedida pela mãe de um estudante, residente em Charqueadas, a 60 kms de Porto Alegre, houve muita dificuldade para encontrar um lugar na casa da depoente no qual o sinal de internet fosse mais forte. A entrevista foi interrompida várias vezes e, ao final, constatou-se que a qualidade do vídeo ficou bastante prejudicada. O entrevistador e a entrevistadora se sentiram constrangidos/as em insistir quanto ao posicionamento do celular usado para a chamada, depois que a entrevistada conseguiu resolver o problema do sinal. Em outro caso, a estudante contatada, moradora de uma comunidade de Porto Alegre, não dispunha de wi-fi em casa. Dispôs-se a fazer a entrevista no local de trabalho, mas foi demitida logo

depois. Na segunda tentativa, usou os dados móveis do seu celular, os quais acabaram depois de 40 minutos de conversa. Para continuar a entrevista, na semana seguinte, teve que apelar à casa de uma amiga.

Estes casos indicam limitações das entrevistas remotas, as quais podem apresentar restrições quanto ao seu alcance social. Porém, no contexto da pandemia e da crise econômica do Brasil, essas restrições se colocam para todas as iniciativas virtuais (estudo, trabalho, sociabilidade) que dependem da existência de equipamento, de wi-fi e de ambiente propício. Ocorreu uma interrupção também na entrevista com o Procurador-Geral do Estado, por exemplo, por questões de conexão. Nas respostas ao formulário preenchido pelas 102 pessoas interessadas em conceder entrevistas, no entanto, apareceram poucas menções à dificuldade de acesso à internet. É claro que potenciais entrevistados/as podem ter deixado de se inscrever exatamente por esses problemas, mas não temos elementos para avaliar tal hipótese. Outros constrangimentos podem ter resultado da ferramenta utilizada para a inscrição de interessados/as em colaborar com a pesquisa. O formulário Google não foi elaborado considerando, por exemplo, princípios de acessibilidade universal. Assim, entre as pessoas inscritas, não tivemos estudantes de baixa renda autodeclarados pessoa com deficiência.

A respeito das ausências entre o grupo de pessoas entrevistadas, lembramos que parte dos estudantes contemplados pelas cotas vêm de famílias muito pobres e, em muitos casos, representam a primeira geração a ter acesso ao ensino superior. Não tivemos entre as pessoas inscritas familiares idosos/as de classes sociais menos privilegiadas e escolarizadas, nem moradores/as de comunidades rurais com dificultoso acesso à Internet. O alcance restrito desse público poderia ser entendido como uma das limitações das entrevistas remotas. No nosso caso, cremos que a ferramenta que recolheu as inscrições foi uma variável fundamental para o entendimento tanto das adesões quanto de potenciais exclusões de participantes da pesquisa.

Ainda comentando as possíveis limitações das entrevistas feitas a distância, percebemos que, por melhor que seja a conexão, a gravação não fica isenta de chiados ou falhas. O enquadramento escolhido ou possibilitado pelo celular, por exemplo, permite ver apenas uma parte do corpo das pessoas

envolvidas, dificultando a observação e o registro dos gestos, linguagem considerada por todos os manuais de História Oral como elemento a ser analisado. A entrevista remota, no entanto, pode captar bem o tom de voz, as hesitações, os silêncios, variáveis que também contribuem para o entendimento da entrevista. Os trabalhos baseados em entrevistas presenciais nem sempre trazem para os/as leitores a reflexão sobre a relação entre os gestos e a fala. Em muitos casos, só interessa o conteúdo da fala e não a fala em si. Então, nas entrevistas remotas, o reconhecimento dessa limitação técnica de registro pode servir como alerta para a falta de efetiva atenção para o lugar do corpo em todos os tipos de entrevista.

Da lista de 50 pessoas selecionadas, algumas não responderam ao contato para agendamento e algumas agendadas não compareceram no momento da entrevista. Ainda assim, consideramos que a adesão foi muito positiva. Afinal, estávamos chamando voluntários que haviam previamente se oferecido para participar da pesquisa e que, a princípio, não tinham agendas tão carregadas quando aquelas dos/as gestores/as estaduais. Uma das questões do roteiro, alocada ao final da lista, dizia respeito às motivações para participar do projeto. No conjunto das respostas percebemos o desejo de compartilhar a experiência vivida, de deixar um registro para a posteridade e de apoiar iniciativas vindas da universidade ou de instituições de pesquisa. Era uma forma de combater o negacionismo, como disseram algumas das pessoas entrevistadas. No andar da pesquisa, decidimos alocar esse tema no início do roteiro de entrevistas, por termos percebido a relevância que ele tinha para os/as participantes e o papel que poderia assumir na organização do relato.

Ao concederem as entrevistas em ambiente doméstico, os/as participantes compartilharam-no com a equipe, e com o público que poderá ver as gravações. As imagens e os sons desse ambiente contribuem de certa forma para o entendimento e análise de suas narrativas: o estudante da Guiné Bissau e o estudante do Espírito Santo que moram numa Casa do Estudante da UFRGS, em Porto Alegre, longe de suas famílias, ao gravarem em seus respectivos quartos nos ajudaram a imaginar o que vinha sendo a rotina de isolamento naquele espaço; o estudante indígena da etnia Guarani que escolheu gravar ao ar livre, em Imaruí/SC, na Aldeia Marangatu, ajudou-nos a entender o relato sobre as diferenças entre sua vida na cidade grande e na

terra de seus parentes; um estudante de medicina concedeu a entrevista na casa de sua família em Bento Gonçalves, a 100 kms de Porto Alegre, onde era possível ouvir a voz de sua irmã pequena, o que reforça o depoimento sobre a dificuldade de, ao mesmo tempo, acompanhar os estudos remotos, trabalhar e compartilhar a casa com a família. Assim, como foi comentado no caso do APERS, uma das vantagens das entrevistas remotas foi a que os/as participantes poderiam escolher o espaço no qual sua participação ficaria registrada. É claro que se tivéssemos ido pessoalmente à Casa do Estudante em Porto Alegre, à terra indígena de Marangatu e à cidade de Bento Gonçalves, para ficar nos exemplos mencionados, poderíamos ter captado muito mais do que as imagens feitas com o celular ou a câmera do computador. Porém, talvez não tivesse sido possível ir a tantos lugares e conversar com tantas pessoas.

No que se refere à assimetria de poder, no caso do público-alvo da UFRGS, encontramos diferenças em relação ao que foi constatado na pesquisa feita no APERS. Não tivemos a contraposição docentes/pesquisadores/as *versus* discentes/pesquisados/as, com o polo do poder, da autoridade e da idade pendendo para os primeiros. A diversidade presente na equipe e o grande número de estudantes que a compuseram, como comentado, contribuíram para diluir a assimetria de poder e mesmo a diferença etária. Em praticamente todas as entrevistas, havia um/a jovem estudante na condição de pesquisador/a, o que favorecia a criação de vínculos com os/as participantes e o desenvolvimento da empatia. Afóra os poucos casos de entrevistas de familiares – duas mães e um namorado – nas demais os/as participantes eram tão ou mais jovens que os/as pesquisadores/as. Criou-se, assim, um espaço de escuta para os/as jovens, prática não muito recorrente na História Oral. Em aula online organizada pelo Laboratório de Estudos de Imagem da UERJ, em agosto de 2020, Alessandro Portelli lembrou que “ninguém ouve os jovens”.²⁴ As assimetrias de raça, gênero, orientação sexual, idade e classe social no conjunto das entrevistas e nos relatos produzidos são variáveis a serem analisadas com mais calma e em outra oportunidade. De qualquer modo, devemos registrar o amplo predomínio de pessoas brancas nas equipes de pesquisa e o fato de todos/as os/as gestores/as estaduais entrevistados/as serem brancos/as.

Há, ainda, a questão da familiaridade dos/as envolvidos/as com as

interações virtuais. Santhiago e Magalhães destacaram que “as entrevistas feitas à distância são mais promissoras quando não apenas os entrevistadores, mas também os entrevistados, possuem aptidão e intimidade com os recursos de videoconferência”.²⁵ Os/as gestores/as públicos/as estaduais, no âmbito da pandemia, estavam (estão) envolvidos em uma roda-viva de reuniões intermináveis. Estavam plenamente habituados à utilização de tecnologias remotas. O mesmo aconteceu com os/as estudantes da UFRGS cujo ensino remoto estava em curso paralelamente ao andamento da pesquisa. Para os mais jovens, além disso, contava de forma positiva a prática do acesso às redes sociais e o uso de plataformas de videochamada para manter os laços de amizade e coleguismo ou o contato com a família. O temor inicial, que resultou na elaboração de minuciosos tutoriais, se desfez na medida em que as plataformas virtuais passaram compulsoriamente a fazer parte da rotina de todos/as os/as envolvidos/as na pesquisa.

Considerações finais

Neste texto, procuramos explorar o impacto da interação remota na metodologia de História Oral, a partir de seis dezenas de entrevistas realizadas em 2020, tratando de questões como a marcação e remarcação das entrevistas, o alcance social, a familiaridade com a tecnologia, o ambiente doméstico como cenário, os limites na captação da linguagem gestual, as assimetrias entre as pessoas envolvidas. Consideramos que os limites constatados na História Oral a distância, mencionados nas páginas anteriores, não justificam o abandono dessa prática. Ela está se reinventando nos quadros da tragédia brasileira, realidade que não podemos nos omitir de registrar, especialmente porque o negacionismo sobre a letalidade do processo pandêmico não se dá retrospectivamente, mas *desde já*. As “disputas de memória” estão, de pronto, postas, e convém usarmos de nosso arsenal como historiadoras/es nesses combates.²⁶

Um mundo, um Brasil ou um Rio Grande do Sul em luto. As interações presenciais ou se esvaem ou se mantêm associadas a práticas negacionistas que, entretanto, não encontramos entre os/as entrevistados/as. Interações virtuais estabelecem-se para recriar laços de afetividade e solidariedade capazes de fazer frente ao *insuportável*. Nesse quadro, a História Oral é também levada a

se reinventar. Acreditamos que nosso projeto contribui com esta reinvenção na medida em que vence resistências à adequação da metodologia às interações a distância. Elas pareciam ser empobrecedoras no contexto anterior à pandemia, mas têm se mostrado fecundas e mesmo indispensáveis neste momento de perda de vidas, de esgarçamento do laço social e de dificuldades para significar e narrar o vivido.

¹ Este texto foi redigido em abril de 2021. Às vésperas da publicação do livro, no primeiro semestre de 2022, foram atualizados apenas os dados quantitativos da pesquisa e da pandemia.

² Doutora em História – UFRGS. Professora do Departamento e do PPG em História da UFRGS.

³ Doutor em História – UFF. Historiador no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul e professor colaborador do PPG em História da UFRGS.

⁴ As entrevistas realizadas pelas equipes do APERS e da UFRGS estão disponíveis em <https://apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs> e nos canais do YouTube <https://www.youtube.com/channel/UCvOZwPuyCirolHZHOGOf7QA> e <https://www.youtube.com/user/ArquivoPublicoRS>.

⁵ Para a iniciativa da APHNY, ver: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Associação norte-americana pede a historiadores que documentem a vida cotidiana durante a pandemia. *Café História*, 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/associação-pede-a-historiadores-quedocumentem-a-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 25 mar. 2021. Para o mapa elaborado pela IFPH ver: <https://www.google.com/maps/d/viewer?usp=sharing&mid=iEDJSM2vJXKjTLJc4QYXVfw7ZLA73zzNG>.

Para o segundo caso, levar em conta que o mapa foi sendo atualizado no transcorrer da pandemia.

⁶ Para maiores informações sobre os projetos mencionados, ver: COMEÇA segunda etapa da pesquisa que investiga os impactos da COVID-19 para os alunos da UFPel. *Coordenação de Comunicação Social UFPEL*, 2020. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/10/27/comeca-segunda-etapa-da-pesquisa-que-investiga-os-impactos-da-covid-19-para-os-alunos-da-ufpel/>; Ver também: FUNDAÇÃO Iberê lança projeto Memórias Docentes em Tempos de Quarentena. *Fundação Iberê*, 2020. Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/fundacao-ibere-lanca-projeto-memorias-docentes-em-tempos-de-quarentena/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

⁷ COUGO JUNIOR, Francisco Alcides; OVENHAUSEN ALBERNAZ, Renata. Entrevista com Carla Simone Rodeghero e Clarissa Sommer Alves. *Acervo*, v. 33, n. 3, p. 17-26, 2020.

⁸ Associação Nacional de História.

⁹ As instituições participantes estão listadas em: PROJETO Documentando a experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul. *Arquivo Público*. Disponível em: <https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs>. Acesso em: 19 jul. 2021.

¹⁰ No site do projeto também consta o público-alvo das demais instituições envolvidas.

¹¹ Para um testemunho sobre a montagem do projeto, cf. ALVES, Clarissa Sommer; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Storia del Covid 19 in Brasile: una testimonianza. *Stortie, você, suoni*, v. 31, p. 47-54, 2021.

¹² Cf. THOMSON, Alistair. Four Paradigm Transformations in Oral History. *Oral History Review*. v. 34, n. 1, p. 49-70, 2006.

¹³ Sete entrevistas no comitê de dados, sendo que um mesmo entrevistado pertencia a mais de um GT encarregado da temática da saúde. Dentre o gabinete de crise, foram entrevistados/as, até o momento, o Procurador-Geral do Estado, o secretário do Planejamento, Governança e Gestão, o secretário da

Fazenda, o secretário da Casa Civil, a secretária de Comunicação, o secretário de Articulação e Apoio aos Municípios, o secretário da Inovação, Ciência e Tecnologia, o vice-governador, que acumula o cargo de secretário da Segurança Pública, e a ex-secretária do Planejamento, Orçamento e Gestão (à ocasião, agosto de 2020, coordenadora do comitê de dados). Também entrevistamos a responsável pela Central de Licitações e a subsecretária de Gestão de Pessoas. Inicialmente realizou-se, ainda, uma entrevista piloto com um integrante da assessoria técnica do comitê de dados e dos GT's de Saúde.

¹⁴ Para maiores informações, ver: www.ufrgs.br/repho e www.ufrgs.br/nph.

¹⁵ O sistema de distanciamento controlado foi estabelecido em 10/5/2020 no Rio Grande do Sul. O estado foi dividido em regiões e a cada uma delas é atribuída, semanalmente, uma “bandeira”, distinta pelas cores amarela, laranja, vermelha e preta, conforme a gravidade da situação epidemiológica. Além disso, foi elaborada uma série de protocolos de funcionamento das atividades econômicas setorializadas, de acordo com a “bandeira” vigente. Em junho do mesmo ano, admitiu-se às prefeituras a possibilidade de ingressar com recursos contra as bandeiras definidas para suas regiões. Em agosto, o sistema foi flexibilizado, no sentido de compartilhar a responsabilidade da gestão do distanciamento controlado com as prefeituras, na prática a elas arbitrando a adoção de medidas menos restritivas.

¹⁶ THOMSON, Alistair. Four Paradigm Transformations in Oral History... *Op. cit.*, p. 68.

¹⁷ BOYD, Douglas A.; LARSON, Mary A. Introduction. *In*: BOYD, Douglas A.; LARSON, Mary A.. *Oral History and Digital Humanities*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2014, p. 22-25.

¹⁸ SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, v. 27, p. 1-18. 2020.

¹⁹ SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento... *Op. cit.*, p. 15.

²⁰ SCHNEIDER, William. Oral History in the Age of Digital Possibilities. *In*: BOYD, Douglas A.; LARSON, Mary A. *Oral History and Digital Humanities*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2014, p. 22. Tradução livre por Rodrigo de A. Weimer.

²¹ SCHNEIDER, William. Oral History in the Age of Digital Possibilities... *Op. cit.*, p. 24-25.

²² A entrevista com a PGE foi realizada por Clarissa Sommer Alves, uma historiadora jovem. Quer dizer, além das supostas hierarquias entre secretário / servidora e procurador-geral / pesquisadora, incidiam os marcadores etários e de gênero.

²³ SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento... *Op. cit.*, p. 17.

²⁴ A gravação da aula do professor Portelli pode ser vista em: BIOGRAFIA de um historiador oral, com Alessandro Portelli, 2020. 1 video (152 min.). Publicado pelo canal Labimi Uerj. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hdkvePUr3lY>. Acesso em: 19 jul. 2021.

²⁵ Cf. SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento... *Op. cit.*

²⁶ RODEGHERO, Carla; WEIMER, Rodrigo. Pode a história oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: tempo, testemunho e história. *Estudos Históricos*, v. 34, n. 74, p. 472-491, 2021.

Não voltaremos a 16 de março de 2020: testemunhos do isolamento e memórias da Covid-19

Beatriz Kushnir¹

Agnes Alencar²

A pandemia também é uma reviravolta do tempo. Seu primeiro efeito é suspender, pouco a pouco, o presente da vida comum. O tempo da doença se impõe como o da urgência, da guerra, mas também, paradoxalmente, como o tempo incrivelmente longo do antropoceno. A crise atual poderia muito bem desembocar num tempo novo”

Durante todo esse período pandêmico, um ano e meio quando da escrita desse texto, aglomeram-se os relatos sobre a perda da noção do tempo para as pessoas que puderam cumprir as recomendações de isolamento social. Há, para muitos, uma ausência do sentimento da passagem dos dias. Isto porque, por parecerem sempre iguais, fomenta a ideia da repetição e, assim, da privação. Isto, para alguns, revelaria casos de depressão que se alinham à vivência desse momento doloroso e único.

De tal modo, a percepção de um “tempo moroso” e com diminutas alterações cotidianas, sinalizariam fatores depressivos vinculados à COVID-19. Os relatos nos dão conta da angústia frente à repetição e à tênue noção de novidades. Para o psicanalista Christian Dunker, o encontro das curvas de prazer e desprazer em baixos patamares afetam o humor e desencadeariam processos de depressão. Embora, como o autor indica, nem todos os que tiveram seu temperamento afetado, construíram um caso depressivo.

Acrescentam-se a isso a ausência da experiência do luto e da morte de, neste momento, quase 580 mil brasileiros. Neste sentido, como François Hartog nos lembra, em poucas semanas, nosso vocabulário foi aumentado e creiamos, por bastante tempo, permanecerá incluso de tais termos. Nossas balizas agora precisam abranger, para os que se conscientizaram, com: medidas

de contenção, distanciamento social, álcool gel, uso de máscaras, presencial, remoto, híbrido etc. Assim, o autor conclui que

em resumo, trata-se de uma nova disciplina corporal que nos comprometemos a instituir, mas sem dispor de tempo para incutir. Que diria Norbert Elias? Talvez que os países onde as pessoas não têm o hábito de apertar as mãos ou de se beijar levam vantagem em relação à Covid-19?

[...] Um tempo inédito é instaurado. [...] A Covid-19, invadindo cada vez mais o espaço midiático, era como uma série, da qual desejávamos ver passarem todas as temporadas de forma acelerada. [...] Uma vez decretado o confinamento, tudo muda. [...] Submetidos ao tempo da pandemia, devemos habitar o tempo do confinamento: organizar o uso do tempo [...], ritmá-lo [...], preenché-lo. [...] Confeccionar uma ordem do tempo cada um por sua própria conta.

[...] O confinamento não fez desaparecer o *presentismo* ambiente, mas o reforçou. Trata-se, na verdade, de confinamento conectado, muito pouco um retiro solitário.

[...] Mas existe também um outro confinamento, o de todos aqueles que não estão conectados. [...] A fratura digital atravessa também o confinamento e as relações com o tempo que ele induz, incluindo a recusa ou a negação daqueles que indicamos como os ‘recalcitrantes’ do confinamento.⁴

Mas como apreender, minimamente, a excepcionalidade do que vivemos? Escrito na “prorrogação” do *breve século XX*, para utilizar um termo do historiador inglês Eric Hobsbawm,⁵ as ponderações de Zygmunt Bauman dão a cor e o tom do momento vivido: o pandêmico. Assim,

toda certeza alcançada depois do ‘pecado original’ de dismantelar o mundo cotidiano cheio de rotina e vazio de reflexão terá que ser uma certeza manufaturada, uma certeza escancarada e desavergonhadamente ‘fabricada’, sobrecarregada com toda a vulnerabilidade inata das decisões tomadas por humanos.⁶

Não que esse sentimento seja estranho à humanidade. Ou que de nós esteja tão longe no tempo, já que algumas análises a partir de meados da década de 1980, no Brasil, se debruçaram sobre a temática das doenças em aspecto coletivo, ocorridas mundialmente, no século passado.

Bauman nos apresenta a temática e o conceito de *modernidade líquida* no contexto das desintegrações do tecido social que as crises de todos os âmbitos escancaram. A *modernidade líquida* se plasma a um momento em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os fluidos. Desintegráveis!

É neste contexto pandêmico da doença global para além do COVID-19 e, portanto, do estilhaçar do pacto social e a apresentação nua e crua das contradições sistêmicas, que esta reflexão se insere. O intuito é o de apresentar e esboçar um pouco das análises que fizemos do projeto *Testemunhos do Isolamento*. Instituído pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

(AGCRJ) na pós-decretação do estado pandêmico e no estabelecimento do *home office* pela Prefeitura do Rio, em 16 de março de 2020. A intenção é pensar a trajetória da iniciativa, suas etapas e os perfis que os depoimentos vêm apontando; como igualmente, a formação de uma *coleção*.

Para tal, é oportuno delimitar o que se compreende como *coleção*. Ou seja, um “conjunto de *documentos* com características comuns, reunidos intencionalmente”. Diferenciando-se dos *fundos* onde o conjunto de documentos tem “uma mesma *proveniência*. Termo equivalente a *arquivo*”.⁷ Neste sentido, como bem explana o blog “Análise diplomática dos documentos”, *coleção* pode

unir assim como um fundo, as mais variadas espécies de documentos a objetos, mas o conceito se resume a uma reunião de documentos que apresentam alguma característica em comum, seja qualquer aspecto usado como motivação para reuni-los. A apresentação de uma coleção pode ser das mais variadas formas ou interesses, mas que sustentem o motivo de exibi-las, não havendo sentido de organicidade arquivística e sim, a forma mais conveniente à pessoa que tem a custódia e intenção de exibir.⁸

Isto posto, é oportuno iniciar circunscrevendo a intenção de formar essa coleção ao momento vivenciado. Ao longo do último ano, foi possível perceber que a pandemia mundial de COVID-19 trouxe alguns desafios inéditos para nossa sociedade. Cada indivíduo viu suas atividades serem transformadas ao longo do período de isolamento social/quarentena e, aos poucos, uma nova rotina foi instituída e vem constantemente sendo recriada, na vã tentativa de romper esse eterno mesmo dia. As contradições existentes nunca estiveram mais à mostra e demonstram as possibilidades ou não de cumprir as regras estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Em face da exposição escancarada das desigualdades e dessas rupturas na forma de se viver, fomos inspiradas primeiramente pelas iniciativas internacionais como as da Associação Pública dos Historiadores de Nova York e do Arquivo Municipal de Barcelona. Assim, o AGCRJ, onde trabalhávamos naquele momento, foi instigado a documentar, coletando essas narrativas e, em maio de 2020, iniciamos a captação dos depoimentos via o preenchimento de um formulário online intitulado *Testemunhos do Isolamento*, por um link que ficava disponível no site da instituição.⁹ Tratava-se de um Formulário Google de fácil acesso. A opção pelo Google Forms se deu justamente pela possibilidade de ampliarmos a participação e a quantidade de pessoas que

poderiam utilizá-lo.

Recolhemos, ao longo do ano de 2020, 235 depoimentos¹⁰ e, se pode vislumbrar no quesito etário a seguinte configuração, onde os extremos mais novos e mais velhos são os maiores colaboradores. Mas o quadro demonstra uma certa homogeneidade de participações.

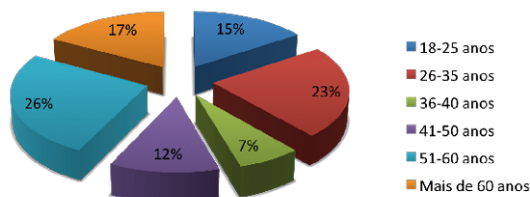


Gráfico 1: Faixa Etária em 12 de junho de 2020 com 165 formulários recebidos.

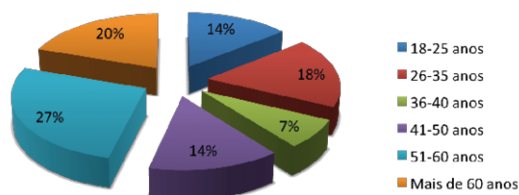


Gráfico 2: Faixa Etária em 03 de setembro de 2020 com 218 formulários recebidos.

A experiência do isolamento social/quarentena, ainda que coletiva, afeta de forma singular cada um de nós. O objetivo desse projeto, em seu primeiro momento, foi justamente recolher informações sobre esse período histórico a partir da ótica dos indivíduos e seu cotidiano. O passar do tempo e a alteração das narrativas depositadas em nossa plataforma, demonstram os diversos períodos inclusos neste “momento pandêmico”. Com esses relatos pessoais, acreditamos contribuir para uma leitura mais abrangente desse cataclisma. A coleção permitirá, caso seja de interesse de algum pesquisador, ser cotejada ao conjunto constituído pelos documentos do Executivo Municipal, que, por lei, só serão recolhidos como documentação permanente em vinte anos.

A proposta naquele momento era salvaguardar esses depoimentos e garantir acesso à essa documentação para pesquisadores que se interessassem por estudar esse período. Permitindo, assim, uma outra voz. Além disto, o que já não é pouco, demonstrar ao cidadão que sua narrativa compõe as memórias de um tempo e as inclui-las em uma instituição de guarda, permite um exercício de cidadania.

Em uma das perguntas do questionário proposto, indagamos aos participantes o que pensavam e sentiam quando leram as primeiras notícias sobre o vírus, ainda circunscrito ao território chinês, se acompanharam a evolução, se esperavam que a doença chegasse aqui. As respostas são variadas e demonstram como as percepções distintas nos ajudam a contar nuances dessa história.

‘Olha, honestamente, estava de férias em janeiro/2020 e não imaginava que chegaria aqui na América do Sul, do outro lado do planeta.’ – Arquivista e Historiador, testemunho recebido em 24 de junho de 2020.

‘Passamos o Natal em família em Campos de Jordão. Recordo-me que nessa época já comentávamos o medo de chegar ao Brasil. Recordo-me também ter orientado minha filha não ir passar o carnaval em São Paulo, pois achava que seria o momento que chegaria ao Brasil. É lógico que não fui ouvida.’ – Psiquiatra, testemunho recebido em 20 de junho de 2020.

‘Acompanhei, mas, dado o pouco caso das autoridades, dada a distância da China, dado o desejo de não sofrermos por mais isso, levei uma vida normal até a véspera da quarentena ser decretada no Rio.’ – Professor de educação física, testemunho recebido em 20 de maio de 2020.

‘No início pensei que fosse um problema local e não tão fatal. No entanto, a evolução foi muito rápida e assustadora.’ – Professora, testemunho recebido em 14 de julho de 2020.

Nosso anseio – quando da criação do projeto e ainda hoje – é que esse material seja custodiado no AGCRJ para posteriormente ser acessado para consultas e pesquisas. Respeitando sempre a vontade do depoente pelo seu anonimato ou pela sua não autorização na revelação de seu material.

A formulação desse projeto pelo AGCRJ recebeu uma acolhida muito bonita pelas comunidades da cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos as redes sociais da instituição para suscitar o engajamento e, entre os depoentes, era comum encontrarmos aposentados, professores, artistas e estudantes. Indivíduos de diversas áreas do conhecimento que consideravam importante partilhar seu olhar sobre esse momento. E mais do que isto. Cumprindo uma das missões dos arquivos públicos, a inclusão pela cidadania se dará quando estes passarem pela Avenida Presidente Vargas, na esquina com a Rua Amoroso Lima, e terem a noção de que suas histórias estão depositadas ali, no AGCRJ.

Relevante ressaltar, todavia, que o acolhimento de acervos sobre a temática “Saúde” não é inédito para o AGCRJ. Uma gama de reflexões sobre os efeitos da varíola, sífilis, gripe espanhola e HIV/Aids poderiam aclarar a presente pontuação e, inclusive, que pode ser pesquisada no AGCRJ.²²

Neste texto optamos por agregar igualmente as ponderações de

Boaventura de Sousa Santos¹² a partir da resenha de Teófanés de Assis Santos e Hélio Souza de Cristo.¹³ Para Santos e Cristo, e muitos outros, a pandemia esgarçou todas as contradições vividas. Expondo de maneira bárbara as desigualdades sociais. Para os autores, a obra de Boaventura de Sousa Santos permite apreender o caos vivido e vislumbrado durante a pandemia ao refletir que

o ordenamento neoliberal e o modelo capitalista têm orientado o mundo a recrudesce políticas públicas de investimento em áreas como saúde, educação e previdência social, deixando o mundo em constante estado de crise, o que se acentua com a pandemia do novo coronavírus.

Assim, para Sousa Santos é importante também se descolar da pandemia, da doença em si, e compreender o controle sobre a vida e a morte que esta instaura. Refletir como processaremos, enquanto sociedade, os milhares de mortos e as ausências dos ritos de sepultamento. Os traumas da trajetória pandêmica talvez só às guerras se assemelhem. Neste sentido, como sublinha Santos e Cristo, para Boaventura,

a pandemia não é cega e possui ‘*alvos privilegiados*’, o que induz à busca de soluções diferentes entre aqueles que possuem capitais sociais distintos. No entanto, apesar dos diferentes recursos sociais que as populações possuam, a receita do momento é genérica: manutenção do isolamento social, que implica redução de atividades econômicas e, conseqüentemente, menor carga de destruição da natureza.

Tendo estas questões em mente, pode-se compreender a experiência do *Testemunhos do Isolamento*, quando planejado, como a exposição das diferenças. Os depoimentos que nos chegaram expõem a vivência das diferentes formas do isolamento social. O que igualmente aponta para os silêncios e a fragilidade de quem, ao não responder, expõe que suas condições sejam outras. Então, o quadro abaixo deve ser lido não pelo marcador “fazendo isolamento social e trabalhando em casa”, mas pelo apontado nas demais manifestações. Foram estas pessoas que vivenciaram e vivenciam o “fora da curva” desejada. Curva esta que, como a tendência indicada, nunca se instalou plenamente e que desnuda o que vem acontecendo. Esta visibilidade do que não fazer está tão palpável ao caminhar pelas ruas e ao tentar entender os números de mortos que crescem.

Ao longo de 2020 foi possível perceber que a pandemia de COVID-19 se tratava de uma realidade multifacetada. No caso, a doença e a forma como foi encarada se transformou ao longo do tempo. A despeito dessa mudança

sensível a olho nu, como no exemplo da quantidade de pessoas nas ruas, nos mercados e shoppings centers; o público que respondeu à pesquisa do AGCRJ não se alterou tanto. Abaixo dois quadros de momentos distintos analisam a vivência do Isolamento Social.

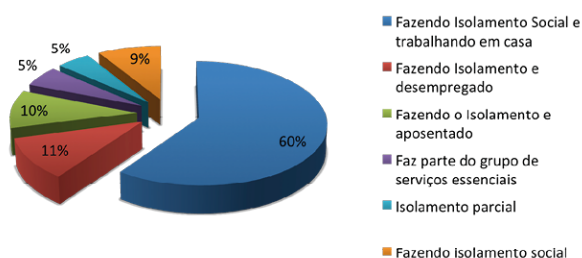


Gráfico 3: Vivência do Isolamento Social em 12 de junho de 2020 com 165 formulários recebidos.

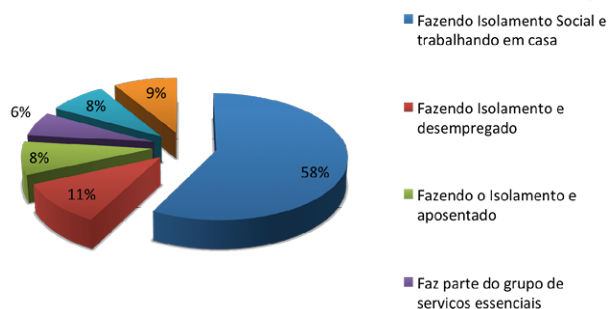


Gráfico 5: Vivência do Isolamento Social em 03 de setembro de 2020 com 218 formulários recebidos.

Como podemos perceber, se em 12 de junho de 2020, um mês após o lançamento do projeto, já tínhamos 165 formulários preenchidos. Destes, 60% das pessoas estavam fazendo isolamento social e trabalhando em casa, enquanto em 3 de setembro de 2020, com 218 formulários impressos, o número manteve-se similar para a questão. Ou seja, com 58%. A cifra de desempregados também não oscilou, mantendo-se em 11% ao longo do período dessa amostragem.

O formulário online permitia ainda que as pessoas apresentassem impressões e sentimentos mais abstratos. A coleta desses testemunhos mapeia como as leituras de um mesmo período pode diferir. A experiência comum da pandemia que assolou e assola ainda a cidade do Rio de Janeiro foi percebida e, principalmente, vivenciada de maneiras muito distintas. Por exemplo, em junho de 2020 uma médica nos narrou que:

‘todos da minha família estão se adaptando ao trabalho em casa, assim como é necessário a adaptar a convivência com todos em casa. Rotina de casa para o trabalho, trabalho para casa. A sensação é de que não há nenhum lugar onde se possa espairecer e respirar. É uma situação

inédita. O mundo não tem mais divisões, é uma grande bolha de isolamento.’ – Médica, testemunho recebido em 10 de junho de 2020.

No mesmo momento, nem todos tinham a mesma impressão

‘há muita instabilidade nesse período. Poderia dizer que vivo uma flutuação entre os bons e os maus momentos. Estou vivenciando dias e semanas muito produtivas e mentalmente equilibradas que se alternam com curtos períodos de angústia e tristeza profunda.’ – Professor, testemunho recebido em 02 de julho de 2020.

A quebra de uma rotina e a dificuldade de se recriar outra é/era visível para muitos

‘oscila muito. Cansaço físico e mental. Abatimento. Às vezes momentos de euforia, quando percebo que o tempo ‘livre’ poderia ser usado para realizar coisas que adiava. Ao não conseguir fazer, o abatimento se aprofunda.’ – Servidor Público Federal, testemunho recebido em 19 de maio de 2020.

Na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos, ao ponderar no segundo capítulo (“A Trágica Transparência do Vírus”), a preocupação com a pandemia escancara que em sociedades capitalistas, o ponto de vista econômico norteia as relações sociais e políticas. O autor demonstra as tentativas de desqualificar o discurso científico frente às necessidades (não garantidas) aos cidadãos em suas vidas cotidianas. Ou seja, a ausência de políticas públicas assistenciais. Para Boaventura, a quarentena desnudou a discriminação latente de cumpri-la. Neste sentido, os que preencheram o Formulário expressam uma dada categoria de acesso aos bens e serviços. São:

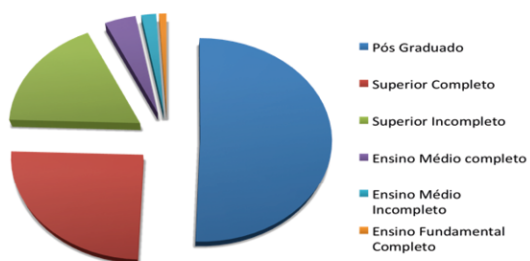


Gráfico 6: Escolaridade em 12 de junho de 2020 com 165 formulários recebidos.

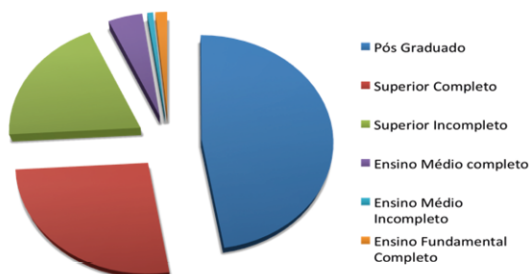


Gráfico 7: Escolaridade em 03 de setembro 2020 em 218 formulários recebidos.

Então, embora as ponderações de Boaventura sejam recomendações efetivas para a classe média,

não contemplam os cidadãos submetidos a condições de discriminação, injustiça social e sofrimento, de modo que as ausências de suas liberdades individuais, de direito à cidadania, ao cuidado de si, à cidade e ao trabalho formal que lhes garantam renda para a manutenção das mínimas condições de higiene e alimentação lhes expõem diariamente ao maior risco de contaminação pelo vírus.¹⁴

O formulário do *Testemunhos do Isolamento* foi respondido majoritariamente por pessoas com ensino superior e pós-graduação – mais de 70% dos depoimentos estavam entre o ensino superior e a pós-graduação, e cerca de 20% eram alunos universitários. Esse dado revela um problema, ou uma limitação da amostragem: o formulário teve pouco ou nenhum alcance entre as classes menos escolarizadas do Rio de Janeiro. Importante ressaltar que o censo de 2010 do IBGE levantou que apenas 10,9% da população fluminense tinha diploma universitário.¹⁵

Outro dado que recolhemos foi referente ao tipo de vínculo empregatício. Apenas 18% de nossos entrevistados ao longo de todo o período, se identificaram como donos de pequenos negócios, MEI, ou empresas de outra natureza. Os locais de trabalho daqueles que indicavam exercê-lo no Rio de Janeiro variavam de maneira equilibrada entre as zonas, com leve indicativo de que a área central da cidade era a que mais abrigava os trabalhadores que responderam nosso questionário. Dentre eles, 13% se identificaram como aposentados, pouco mais de 30% dos que responderam indicaram ainda não trabalhar no Rio de Janeiro.

Por fim, um último dado importante que precisamos mencionar e que marca um fator limitante do nosso trabalho é a concentração de respostas de residentes da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Do total, cerca de 30% dos participantes responderam que residiam na Zona Sul, 24% na Zona Norte, 16% na Zona Oeste, 12% na Zona Central da cidade e ainda 18% dos participantes não residiam no Rio de Janeiro. Para um segundo momento de recolhida de depoimentos, acreditamos que seria importante encontrar meios de coletar depoimentos de mais indivíduos em regiões mais afastadas do Centro, com menos acesso à internet e, também, pessoas em situação de vulnerabilidade social.

As políticas públicas de cunho assistencial foram inócuas e não alcançaram

os realmente necessitados em massa, os obrigando às quebras das recomendações da OMS. O perfil dos que nos relataram não espelha este grupo ainda, infelizmente. É comum as narrativas que relatam:

‘o período tem sido muito difícil, devido [a] não ter nada que se compare a esta pandemia. Inicialmente achei que seria algo passageiro e devido a várias informações desconstruídas fiquei confuso. Como exemplo cito o uso das máscaras que inicialmente falava-se que não tinha nenhum efeito, diante disto, ainda em março ou seja, no início dos casos do covid, eu não usei máscara, porém com o passar do tempo o noticiário mudou. A própria imprensa escrita, televisiva e radiofônica se mostrou confusa em seus noticiários o que levou a maioria de nós sem saber o que fazer.’ – Professor aposentado, testemunho recebido em 15 de julho de 2020.

‘Cansada, preocupada, triste pelo número de mortos no país e impactada por estar vivendo uma situação que nunca imaginei.’ – Pesquisadora, testemunho recebido em 14 de julho de 2020.

Ainda é preciso destacar um ponto importante que o questionário começou a evidenciar a partir dos depoimentos: a desigualdade na pandemia. Uma de nossas perguntas era justamente essa: “como a pandemia impactou as suas finanças pessoais?”. Várias pessoas responderam que não foram afetadas por serem aposentadas, ou por estarem ligadas a empregos fixos e seguros; houve aquelas que apontaram ser afetadas positivamente pela pandemia, uma vez que tiveram menos gastos; e há ainda as que compartilharam conosco a dificuldade que o momento impôs.

‘Meu salário teve redução de 50%, não cobria nem o meu aluguel. Além disso a inquilina da minha casa que era alugada, cancelou o contrato de aluguel, então o impacto foi grande demais na minha vida, de maneira negativa.’ – Operadora de turismo, depoimento recebido em 6 de maio de 2020.

‘Como somos (minha esposa e eu) aposentados do Governo Federal, não sentimos ainda grandes impactos financeiros. Mas percebemos que estamos gastando bem menos.’ – Geógrafo aposentado, depoimento recebido em 11 de maio de 2020.

‘Praticamente zerou os trabalhos como freelancer e me impediu de sair pra procurar emprego.’ – Professor, depoimento recebido em 07 de maio de 2020.

Em março de 2021, um ano após o início da pandemia no Rio de Janeiro, o site G1 publicou uma matéria sobre o aumento da pobreza no Rio de Janeiro.¹⁶ Ao cruzar as informações dos depoimentos com os recortes de nível de escolaridade, localização de moradia e faixa etária que já mencionamos, percebemos que estamos diante de um quadro diminuto da sociedade carioca, porém, ainda assim, a partir dos depoimentos recolhidos, é possível perceber como a desigualdade social se somou ao momento pandêmico e instaurou realidades muito distintas.

Talvez, com mais tempo e uma coleta ainda mais ampla desses

depoimentos, teríamos ampliado o desenho sobre o tema. Pesquisas como a divulgada pelo site G1 demonstram que não apenas a pobreza aumentou, como também os níveis de insegurança alimentar subiram significativamente. Essas são outras histórias do momento pandêmico que apenas podemos apontar, mas cuja pesquisa e coleta de depoimentos do AGCRJ não alcançou neste primeiro mapeamento.

A partir desta nossa contribuição, construímos um desenho, um *flash*, um instantâneo desses sete meses de pandemia, de maio a dezembro de 2020. Qualquer conclusão sobre esses depoimentos está presa a esse tempo e igualmente, acoplada ao processo pandêmico ainda vivido. Então, como sintetizar esse material produzido? Recorremos mais uma vez às palavras de Hartog, que, sem nos conhecer, sublinha o perfil da grande maioria da população no Brasil. Ou, nesse mundo globalizado, infelizmente a muitos de nós. Assim, esse material que coletamos a partir da generosidade de 235 pessoas, nos fez objeto e pensador. E a nós, sobreviventes ou não, que dedicamos.

Finalmente, há todas aquelas e aqueles que, embora oficialmente confinados, devem trabalhar de fato. Forma-se, assim, outro conflito de temporalidades. Eles estão, por assim dizer, com um pé no tempo de antes e outro no tempo novo.¹⁷

1 Doutora em História/Unicamp, ex-Diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, onde, em maio de 2020, idealizou e coordenou o projeto Testemunhos do Isolamento. Cf. <https://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/testemunhos-do-isolamento>.

2 Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio, doutoranda em Ciências da Religião pela UFJF. Atuou como Gerente de Pesquisa do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro no ano de 2020, onde colaborou com o projeto Testemunhos do Isolamento.

3 HARTOG, François. Desordem no presentismo: o tempo da Covid-19. *Revista C/M Comunicação & Memória*, v. 1, n. 1, p. 9, 2021.

4 HARTOG, François. Desordem no presentismo: o tempo da Covid-19... *Op. cit...* p. 13.

5 Cf. HOBBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Nesse ensaio histórico Hobsbawn desenvolve a tese de que o século XX teve início com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e terminou com a derrocada da União Soviética, em 1991.

6 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 29.

7 Cf. ARQUIVO Nacional. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Grifos nossos.

8 Cf. ANÁLISE diplomática dos documentos Alunos de arquivologia, UNB 1/2017. Grupo: os bárbaros. Disponível em: <https://diplomaticabarbara.webnode.com>. Acesso em: 08 jul. 2021.

9 Cf. TESTEMUNHOS do isolamento. *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/testemunhos-do-isolamento>.

10 Nossa última conferência foi no dia 30 de dezembro de 2020 no qual constavam 235 depoimentos, tendo sido o último enviado em 17/12/2020. Após essa data, com o fim do mandato do prefeito e o

término de nosso período de trabalho no AGCRJ, não demos continuidade a coleta e análise dos dados.

¹¹ Ao longo de 2020, o Boletim *Sebastião*, publicação quinzenal do AGCRJ – naquele momento editado e revisado por Beatriz Kushnir e produzido em colaboração com a equipe do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – dedicou as quatro edições de maio e junho para falar sobre o acervo do Arquivo no que tangiam as várias epidemias vividas pelos cariocas: Febre Amarela, Gripe Espanhola, Varíola e a Peste Bubônica. A publicação em PDF pode ser acessada no site do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro em: http://www.rio.rj.gov.br/ebooks/informativos_agcrj_2020/index-h5.html#page=1. Acesso em: 05 out. 2021.

¹² Cf. SANTOS, Boaventura Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

¹³ Cf. SANTOS, Teófanés de Assis; CRISTO, Hélio Souza de. Reflexões contemporâneas à luz da pandemia do novo coronavírus. *Cad. Saúde Pública*, v. 36, n. 6, 2020.

¹⁴ SANTOS, Teófanés de Assis; CRISTO, Hélio Souza de. Reflexões contemporâneas à luz da pandemia do novo coronavírus... *Op. cit.*

¹⁵ CENSO do IBGE mostra crescimento no número de brasileiros com ensino superior. *Guia do Estudante*, 2017 [2012]. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/censo-do-ibge-mostra-crescimento-no-numero-de-brasileiros-com-ensino-superior/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁶ POBREZA atinge 1,7 milhão de pessoas no Rio; muitas delas passam fome. *GI*, 2021. Disponível em: <https://gi.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/22/pobreza-atinge-17-milhao-de-pessoas-no-rio-muitas-delas-passam-fome.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2021.

¹⁷ HARTOG, François. Desordem no presentismo... *Op. cit.*, p. 13.

Cartografia das Memórias

Keila Cristina Zaché¹

Hércules da Silva Xavier Ferreira²

Este é um texto de muitas vozes.

Madrugada de estrelas em céu límpido, um Rio de Janeiro, o que se pode escrever à sombra de centenas de milhares de mortos por COVID, quando, devido a essa grande quantidade, o cotidiano é embalado com a espreita insistente da Morte? A inação das palavras pareceria a mais certa das respostas, devido ao cenário nefasto que a tudo avizinha; a inação dos gestos, a inação dos corpos. Mas se a proximidade de um teto sepulcral, na figura de um vírus, e de péssimas decisões políticas, que impõe desmesuras reais quanto aos modos de ser, habitar e transitar, não basta para deter as ilusões pessoais de pretensa normalidade ora perdida – mas persistente –, então que o papel que recebe estas letras seja como terra fértil. E que cada palavra nele sulcado pela escrita dê os bons frutos de significados de múltipla esperança, cuja colheita do dizer seja a sempre e nova afirmação da Vida.

Afinal, no momento em que estas linhas vêm à lume, pouco mais de um ano se passou desde que as primeiras notícias sobre uma grande cidade chinesa foram amplamente divulgadas pela imprensa brasileira, em uma linguagem tateante ao descrever o que viria a ser o mais temível acontecimento em pouco mais de cem anos: um tipo de vírus, de transmissão aérea, que adentra as vias respiratórias infeccionando os pulmões e que traz outros perigos ao corpo especificamente humano. E, inicialmente, mais letal em pessoas acima dos 65 anos. Nesse dramático contexto sanitário e social, as agências de saúde ao redor do mundo dispararam recomendações das mais variadas, das quais não apenas o distanciamento e formas de interações físicas, mas principalmente o isolamento, deveriam ser estimuladas entre a população.

É nesse contexto, quando as primeiras restrições quanto ao livre trânsito são impostas em conjunto com a separação das pessoas por categorias de idade e serviços prestados, que o Silo – Arte e Latitude Rural,³ uma organização da sociedade civil que promove diversos projetos culturais por áreas diversas do perímetro urbano, fez a chamada LABORATÓRIO DE EMERGÊNCIA | COVID-19 - SOLIDARIEDADE, EXPERIMENTAÇÃO E COLABORAÇÃO SOB CONDIÇÕES DE ISOLAMENTO. Era março de 2020. Este grupo, Silo, junto de vários outros igualmente “ativistas” e com diversas ações para a promoção da cidadania, promoção cultural, meio ambiente etc., propunha a aceitação tanto de projetos, quanto de colaboradores, dispostos a trabalharem determinados temas no contexto da incipiente pandemia e do isolamento. Era preciso pensar outras soluções para o combate ao coronavírus, principalmente nas periferias.

Importante mencionar que a metodologia de trabalho, proposta pelo Silo, deveria seguir alguns pontos, dos quais: tudo acontecer por trabalho remoto ao longo de cinco dias, e que cujo resultado final atingisse o maior número de pessoas o possível, sob a lógica participativa, isto é, usos de programas de licenças livres, para que a replicação e adaptação dos projetos pudessem servir a outros contextos.

Sendo uma chamada pública, os futuros participantes se inscreviam como proponentes ou colaboradores. Assim, é que a bióloga e doutoranda em Ecologia e Evolução pela UERJ, Keila Cristina Zaché, surgiu com a proposta do *Cartografia das Memórias*⁴, pois possuindo experiência nas áreas de bioacústica e pesquisando justamente os temas de paisagem acústica, evolução da comunicação animal e ecologia comportamental, ela teve o referencial⁵ para compor sua ideia e apresentá-la, que foi aceita quase que de imediato. Outras questões nortearam seu conteúdo imaginário para a idealização do projeto, dentre as quais algumas premissas-chave e implícitas, como: os afetos, o deslocamento de tipos da população do centro para a periferia, os desejos, seus lugares, e como mapear isso de alguma forma.

Já em abril de 2020 uma outra rápida convocação foi feita, apresentando os projetos aceitos e divulgando ao grande público que tivesse interesse em participar. O total de membros iniciais contou com 12 pessoas das mais

diferentes atuações profissionais e totalmente desconhecidas entre si. Além da já citada proponente, fazem parte do *Cartografia* a Beatriz Arêas, Clarice G. Lacerda, Hércules da Silva Xavier Ferreira, Juliana R., Sara Lana e Victor Januário.⁶ Juntos, esse mutirão debateu, aprimorou e promoveu ações para a difusão do projeto contemplado, como por exemplo, nas redes sociais Facebook⁷ e Instagram⁸.

O site *Cartografia das Memórias* consiste em um repositório de registros sonoros. Os áudios são produzidos e enviados (*upload*) por pessoas que – inicialmente –, respondiam à pergunta-provocação: “o mundo vive uma pandemia; e você, como se sente?”. O objetivo era, é, o de registrar e preservar, através destes relatos orais, as memórias e vivências pessoais durante a pandemia da COVID-19. O site é um espaço virtual para falar; espaço terapêutico, local de desabafo. Para falar de demandas, prioridades, sonhos. Logo que o site foi ao ar, havia uma certa ilusão de que em alguns meses tudo estaria de volta à realidade anterior ao vírus.

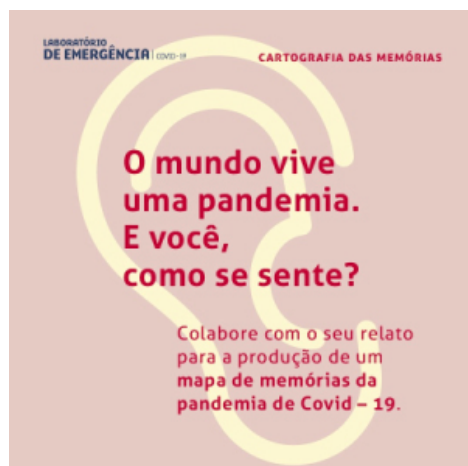
Para gravar a mensagem, no tempo máximo de até 5 minutos, basta a pessoa clicar nos comandos dispostos pelo site, indicando sua localidade. Por questões de preservação dos dados pessoais, orienta-se que não sejam mencionadas localidades territoriais precisas, e que não sejam citados nomes ou quaisquer outros elementos que permitam posterior localização por parte de alguém mal-intencionado.



Até a presente data, se valendo dessa estrutura de licença aberta para guardar e distribuir os relatos, cerca de 250 sons foram gravados. Inicialmente

a gravação consistia em enviar para um número de WhatsApp o áudio contendo o relato. E posteriormente ele era decupado/editado para o site, porém isso criava alguns empecilhos e atrasos. Felizmente isso foi rapidamente modificado. A regra para edição dos áudios, conforme mencionado, é bem simples: o cuidado para com a identificação. Não há censura quanto a palavras e, até o presente momento da publicação deste texto, nenhum discurso ofensivo ou ‘trolagens’ foram detectadas.

O desenvolvimento da página buscou APIs² e demais elementos gratuitos e de códigos-fontes abertos. Inclusive, todo o seu conteúdo está licenciado em *Creative Commons* – atribuição não-comercial 4.0¹⁰, ou seja: pode compartilhar e usar os itens dando o devido crédito, porém sem intenções comerciais e modificações. Ao longo dos meses iniciais da pandemia, o projeto *Cartografia* conseguiu angariar apoio financeiro da *Open Society Foundations* e com isso pode contratar melhor serviço de hospedagem do site, bem como aprimorar a programação para que aceitasse o elemento de gravação de áudio e também do GPS.



Aliás, quanto a isso, o teor dos discursos coletados versa sobre subjetividades das mais distintas, como aflições, temores em relação ao futuro incerto, saudades, momentos introspectivos, angústias, bem como preocupações mais objetivas sobre comida no prato, trabalho, dinheiro, contas e demais insumos básicos para a sobrevivência do dia a dia.

A distribuição dos áudios pelo mapa, especificamente no Brasil, na direta relação com os seus respectivos discursos, põe à lume a estratificação social na dinâmica centro x periferia, entrevendo mesmo uma certa paisagem sonora de

fundo, devido aos ruídos que são captados indiretamente durante a gravação: grilos, gias, carros, pássaros, gritos, latidos e tudo o mais, assim como o tom de voz e sua cadência. Nesse sentido, interessante pensar uma,

coisa curiosa: quando se trata de culturas estrangeiras, imaginamos facilmente a relação entre os espaços apresentados e os modos de vida, os usos, as ‘maneiras’ de ver e os modos de dizer, de tal forma que chegamos a perceber uma espécie de tecido inconsútil, sem dentro nem fora, em uma única peça. Mas para nós, em nossa própria cultura, temos grande dificuldade em imaginar que nossa relação com o mundo (com a realidade, diga-se) possa depender de um tecido tal que as propriedades atribuídas ao campo espacial por um artifício de expressão - qualquer que seja ele - condicionem a percepção do real.²¹

Pois, há um modo de dizer periférico, modo de pessoas em situação de maior vulnerabilidade, ou ainda nas diversas concatenações possíveis como faixa etária, de renda, educação, profissional, gênero etc., que escapa durante as falas e, por comparação e sensibilidade, permite (*a posteriori*) a feitura de distinções e recortes analíticos. Ainda que o estrito significado da palavra “estrangeira”, por parte da citação acima da crítica de arte Anne Cauquelin, pressuponha o elemento estranho pelo viés cultural, social e idiomático, essa mesma estrutura que valora o outro como estrangeiro, bem se adequa às questões inerentes dentro de uma divisão territorial, como por exemplo, no estado do Amazonas. Com 4 áudios registrados, um deles, de uma enfermeira – talvez por volta dos seus 40 anos ou mais –, põe maior ênfase discursiva para a higienização, pedindo que as pessoas tenham esse devido cuidado, de lavar as mãos, usar máscara. Mas próximo a esse, também na cidade de Manaus, o relato de uma jovem estudante de enfermagem, é sobre saudades dos pais e solidão, afetos e sentimentos de esperanças e escolhas.

Já no estado do Rio Grande do Sul, com 8 registros, um rapaz de Osório, município, reclama que “já pensou em desistir, inúmeras vezes; as coisas estão fora de controle, os estudos estão desorganizados” e que teve de voltar para a casa dos pais, pois até pouco tempo morava em outro estado e cidade. E na cidade de Porto Alegre, com ruído de chuva ao fundo, a jovem menciona das grandes conversas que teve com amigos Brasil afora, nestes “brasis profundos”, sobre a dificuldade de produzir enquanto artista, sobre o desânimo e a sensação de paralisia. Pois os 4 relatos até aqui mencionados foram gravados entre abril e maio de 2020, momento em que o livre trânsito estava mais comprometido. Além disso, mesmo que eles pertençam, no espaço territorial brasileiro, aos distintos locais nos pontos extremos do norte ao sul, eles

partilham – estão partilhando –, o certo elemento de sensibilidades em comum, devido às incertezas perante o futuro. Afinal essa “partilha do sensível” se explica como:

o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas.¹²

Poder-se-ia atinar que o *Cartografia* teve a capacidade de conglomerar¹³ a angústia do agora dispersada por vários relatos orais. Que o confinamento e isolamento inicial serviram para definir uma nova ideia do comum:¹⁴

É comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo. Trata-se de conceito político por excelência, já que comum é a experiência de decisão ‘concertada’ a que somos convocados e mesmo forçados a fazer na partilha do coletivo.¹⁵

Possível será insistir, depreendendo-se da explicação acima, que o signo “comum” aponta agora não para a “decisão concertada” enquanto busca de um consenso construído e de ampla aceitação. “Comum”, como outras tantas palavras, parece fragmentado, ter sido quebrado em cacos, através dos embates entre comunicações oficiais dos poderes estatais constituídos *versus* comunicações oficiais de entidades sanitárias e/ou científicas. Outra não pode ser a resultante disso, senão a construção política de múltiplos comuns, de ‘feios’ comuns, que vai impactar também nas falas, discursos e toda sorte de subjetividade e percepção. Sobre isso,

a cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.¹⁶

Como projeto que resta em aberto, sem ser inconcluso, *Cartografia das Memórias* possui essa característica metodológica, de permitir as construções posteriores de objetivos, como respostas para alguma consulta ou na observação de padrões, sejam estes quais forem. É que, se aproveitando o adjetivo de “feio” já empregado, se depreende que tem “feios” comuns, no critério de uma estética que negativa o feio enquanto positiva o bonito, tomando-os como elementos antagônicos, então o horizonte social a ser construído seria, ou o do retorno ao ideal de “bonito”, ou a construção de uma harmonia que os ressignifique – novo normal? São possibilidades, estas incertezas¹⁷, mas que minimamente trazem à baila algum direcionamento para

aquela dispersão anteriormente mencionada. Como o projeto *Cartografia* contém áudios que podem ou não ser falas, mas cuja ação de gravar só pode ser feita a partir de alguém no rol dos humanos, sempre haverá uma proposta discursiva. E como, além disso, não há autoria ou identificação, nem tampouco uma curadoria, eclode assim um murmúrio espalhado, uma soma de relatos anônimos de inúmeras pessoas. Nisso, é interessante pensar que,

passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico.¹⁸

Um mapa se faz a partir de uma visita a um espaço, onde, pelo olhar direcionado, ocorrerá uma captura e aprisionamento dessa mirada. E com o auxílio de palavras objetivas que certifica o observado, em descrições minuciosas, aquele documento é feito para eventuais consultas, cuja questão primeira responde sempre acerca de um itinerário. Nada mais objetivo e sob a predominância visual. Porém, o projeto *Cartografia das Memórias* deslocou o foco atencional para as sonoridades, as expressões sonoras e as explorações audíveis, pois,

a atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um ‘vamos ver o que está acontecendo’, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto. É preciso então calibrar novamente o funcionamento da atenção.¹⁹

Diante da nova e inusitada situação sócio-sanitária, com pessoas impedidas em suas casas, trocou-se os pés pelas mãos, isto é: ao invés de caminhar e andar de um ponto a outro pela cidade, deveria se optar por tudo o que pudesse ser feito à “cliques” de distância, pela internet. O computador, conectado em rede e com seus periféricos, seria a partir de então o grande veículo (virtual) de transporte em massa. Do isolamento doméstico, computadores seriam as novas janelas de passagem afetiva, abnegando o corpo de contatos físicos diretos. E nessa circunstância de isolamento/insulamento, garrafas foram atiradas ao grande mar informacional cibernético; todas e todos queriam falar e falar e falar, como vem falando, falando e falando²⁰, porém “nem todo viandante / anda estradas, / há mundos submersos, / que só o silêncio / da poesia penetra” - *Da calma e do silêncio*, de Conceição Evaristo.

Se um lado fala, é preciso pensar o seu correspondente oposto, o da escuta atenta. Principalmente para aquela investigação sobre os processos em suas

ocorrências.²¹ A escuta dá-se justamente como o silêncio proposto enquanto o poder penetrante da poesia, na proposta de um “programa literário”, em que justamente “a história” poética, desde então, articula o realismo que nos mostra os rastros poéticos inscritos na realidade mesma e o artificialismo que monta máquinas de compreensão complexas”,²² importando ainda saber que “o princípio da poesia não é a ficção, mas um determinado arranjo dos signos da linguagem”.²³

Por fim, guarde-se neste mesmo papel, com todas estas letras escritas até aqui, com um certo gosto de saudade, o relato colhido junto à idealizadora do projeto *Cartografia das Memórias*:

não há um som preferido. Gosto dos sons em si, do espaço sonoro, do barulho do mar. Gosto da composição também... do fim do dia: ele tem um som, difícil de ouvir, sutil. Sente-se a falta desse som, que é mistura de cansaço com a felicidade do término laboral, com o regresso ao lar; buzinas, sinais de trânsito... aí junta o mar, mais aquele som quase inaudível de UFA!, acabou o dia: posso voltar pra minha casa, tomar minha cerveja, ou assistir minha novela, ou encontrar meus filhos, dormir ou tomar um banho. Esse som de final de uma atividade, final do dia, e início de uma outra... uma virada, né, do dia mesmo... fim do dia, fim do meu expediente; ou o fim do dia e o recomeço da noite; começo da noite: acho um som bonito.

¹ Doutoranda e bolsista FAPERJ em Ecologia e Evolução pela UERJ.

² Doutorando e bolsista CAPES em Memória Social pela UNIRIO.

³ Cujo link é: <https://silo.org.br/>.

⁴ O projeto pode ser acessado em: <https://cartografiadasmemorias.org/>.

⁵ Importante mencionar a própria biografia como elemento constituinte do projeto: quando adolescente, calada foi sua expressão; não podia dizer, opinar. Decorre daí uma escuta mais atenta. O ouvir, pessoas e seus lugares, tornou-se o elemento ativo e participante. E enfim tornou-se, também, produtora.

⁶ A formação de cada um dos membros é bem diversa: artes plásticas, *design*, engenharia computacional, rádio e televisão, filosofia.

⁷ O endereço é: <https://www.facebook.com/cartografiadasmemorias>.

⁸ Localiza-se em: <https://www.instagram.com/cartografiadasmemorias/?hl=pt-br>.

⁹ Application Programming Interface. Em linguagem pouco técnica, trata-se de rotinas e elementos de programações previamente feitas, que facilitam o trabalho de programação.

¹⁰ As regras desse tipo de licenciamento podem ser lidas em: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR.

¹¹ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 14.

¹² RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 15.

¹³ Palavra prima daquela que dita os atuais modos proibitivos de ser: aglomerar.

¹⁴ Em senso comum, a incerteza figura no cotidiano como pequenas dúvidas em relação aos momentos seguintes de cada micro-ação: “estou com fome, poderei comer?”, “tenho um machucado, será que vou curá-lo?” e formas similares de expressão. Nesse sentido, a incerteza permanece como incerteza no horizonte longínquo, mas, dadas as circunstâncias políticas e sociais, a incerteza cambiou-se para a certeza (ruim) de um horizonte que se avizinha, modificando o que eram pequenas dúvidas, para grandes

e ruins conclusões.

¹⁵ KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Revista de Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 267, 2013.

¹⁶ PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. *Pistas do método da Cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17.

¹⁷ Trata-se de um simples jogo de palavras.

¹⁸ RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível... Op. cit.*, p. 49.

¹⁹ KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. *Pistas do método da Cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32.

²⁰ Vide a grande explosão das lives; do audiovisual.

²¹ KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. *Pistas do método da Cartografia... Op. cit.*

²² RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível... Op. cit.*, p. 57.

²³ *Ibidem*, p. 54.

Mapeando iniciativas de coleta da COVID-19 na Internet

Amanda Amarante Montezino¹

O ano de 2020 poderia ser marcado apenas como o final de uma década, mas nos seus primeiros meses de vida se anunciava uma catástrofe já premeditada por muitos cientistas acerca da nova era do Antropoceno. Com o surgimento do novo coronavírus, SAR-COV-2, responsável pela pandemia de COVID-19, o mundo entrou em um estado de exceção nunca antes visto pela humanidade. O historiador indiano Dipesh Chakrabarty alega que na “pandemia propulsionada pelo alastramento do novo coronavírus há certamente um novo padrão de evento global pois foi sentido pela maioria”.²

Partindo dessa perspectiva, como bem pontuam os organizadores deste livro, Ian Marino e Thiago Nicodemo, se faz de suma importância uma reflexão a respeito de como este episódio será contado. Esse estudo, porém, implica, necessariamente, pensar em como essa experiência está sendo vivida, e como seus vestígios estão sendo armazenados. E é exatamente nesse ponto que concentro minha pesquisa: na formação de arquivos digitais que armazenam informações e relatos a respeito da experiência da COVID-19, ao qual tratarei aqui como “iniciativas de coleta”.

Essas iniciativas podem ser categorizadas como “arquivos informais”, termo cunhado por Adam Auerbach. Segundo o historiador, esses arquivos acabam por abrigar recursos históricos relacionados à tópicos que normalmente escapam à história e à memória oficiais, como experiência de minorias e grupos marginalizados, além da experiência de pessoas comuns.³ Portanto, é indispensável pensar na salvaguarda de experiências e no estudo desse evento global, sem pensar nos arquivos digitais decorrentes dele.

Embora a discussão a respeito da formação de arquivos informais digitais, suas potencialidades, limitações e especificidades no contexto pandêmico se exprima de forma igualmente significativa, ela demandaria mais tempo e espaço do que temos aqui, podendo esta ser reservada a um capítulo exclusivo. É suficiente, por hora, entendermos o que são essas iniciativas de coleta no Brasil.

As iniciativas de coleta da COVID-19 no Brasil podem ser resumidas enquanto arquivos, formados de maneira espontânea ou provocada, que armazenam relatos da experiência cotidiana e íntima das pessoas comuns a respeito do contexto pandêmico vigente, sobretudo, a partir do método *crowdsourcing*.

Tomemos o exemplo dos grupos em redes sociais. Imaginemos que um conjunto de professores decida formar um grupo no Facebook para compartilhar informações e experiências educacionais no contexto pandêmico. Embora originalmente concebido como meio de comunicação, o grupo também se caracteriza como um arquivo digital espontâneo. Imaginemos agora, que um professor crie um site onde deseja expor desenhos acerca da pandemia, e pede aos seus alunos que o façam e o anexem à plataforma com o auxílio de um formulário eletrônico. Aqui, temos a formação de um arquivo provocado. Ambos os arquivos apresentam um grande potencial para modificar os eixos narrativos da história, uma vez que permitem o estudo histórico das pessoas comuns.

Compreendido o sentido e a importância das iniciativas de coleta, antes mesmo de nos debruçarmos sobre o material compreendido nelas, se faz necessária uma reflexão a respeito de sua formação e estruturação. Em outras palavras, para compreendermos a dimensão e a relevância do que está sendo armazenado por essas iniciativas, é preciso entender: Quem são os responsáveis por elas? Quais seus interesses? O que está sendo armazenado? De que forma? Com qual finalidade?... Visando responder estas e outras perguntas teórico metodológicas, com o auxílio de Ian Marino e Thiago Nicodemo, iniciei um estudo meta-arquivístico a respeito das iniciativas de coleta da COVID-19 no Brasil, ou seja, a partir da formação de um arquivo de arquivos digitais, possibilitar o estudo da constituição, lógica e estrutura dessas

iniciativas de coleta brasileiras.

O primeiro passo para a construção desse grande arquivo se configurou pela procura de iniciativas de coleta da COVID-19. No segundo semestre de 2020, junto com os pesquisadores do Centro de Humanidades Digitais da Unicamp (CHD-Unicamp), foi realizado um levantamento de iniciativas na América Latina, no qual encontramos pouco mais de cinquenta projetos. Posteriormente, já no início de 2021, com uma investigação mais detalhada, me dediquei exclusivamente ao mapeamento de iniciativas de coleta da COVID-19 no Brasil, me deparando, com setenta e duas iniciativas em território nacional, das quais algumas se encontram presentes neste livro.

A formação de um objeto de estudo

Mas afinal, como se deu esse mapeamento? Como essas iniciativas de coleta foram encontradas?

Uma vez que meu objeto de estudo, as iniciativas de coleta, se configuram dentro do meio digital, a busca por elas, evidentemente, não poderia ser feita fora deste campo. A investigação se desenrolou, basicamente, por três caminhos: mediante a indicação de conhecidos (pesquisadores/historiadores/arquivistas); a partir do uso de sites de busca (Google); e por meio das redes sociais (Twitter, Facebook, Instagram).

Através do contato com outros pesquisadores das humanidades, foi possível fazer um primeiro levantamento a respeito das iniciativas de coleta no Brasil, que resultou em um grupo de WhatsApp, para a comunicação e fortalecimento dos projetos, e posteriormente, no evento online: *Por um memorial da Covid-19*, realizado em dezembro de 2020. Paralelamente a este processo, ainda no ano de 2020, com o auxílio de Thiago Nicodemo, realizei uma entrevista remota, pela plataforma do Google Meet, com Paulo Gajanigo, responsável pela iniciativa *Relatos do Cotidiano durante a Pandemia*; posteriormente, com o auxílio de Ian Marino, entrevistei Clarissa Sommer e Rodrigo Weimer, gestores do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*.

A partir dessas experiências, surgiu a ideia de tensionar o estudo teórico dessas iniciativas à prática de entrevistas com seus gestores. Enquanto aluna de

graduação do curso de História, me dediquei, no início de 2021, a transformar essa ideia inicial em um projeto de Iniciação Científica, intitulado “Uma História Oral sobre a coleta arquivística da COVID-19 no Brasil”, sob orientação de Thiago Nicodemo.⁴ Além da elaboração do projeto, me dediquei, neste período, ao estudo teórico sobre a história oral. Com o intuito de criar um banco de dados capaz de integrar os estudos e narrativas a respeito da formação dos arquivos digitais no Brasil, meu objetivo principal passou a ser a execução de entrevistas com gestores das iniciativas de coleta da COVID-19 no Brasil.

Antes de continuar o processo de entrevistas, porém, foi possível perceber que o escopo de iniciativas mapeadas ainda era muito limitado, principalmente devido a sua formação espontânea e informal (via indicação de conhecidos e mapeamento inicial da América Latina). Diante disso, em meados de 2021, iniciei o processo de busca por outras vias: através do uso de sites de busca e das redes sociais.

De imediato, parece óbvio concluir que as iniciativas de coleta, por se configurarem enquanto digitais, seriam facilmente encontradas na rede. Ainda mais ao se considerar os avanços tecnológicos dos últimos anos, e o lugar que eles têm desempenhado na vida cotidiana, acelerado, principalmente, pelo advento da pandemia. Porém, surge aqui o primeiro desafio da pesquisa: o que procurar exatamente? Quais palavras-chave usar? Quais *hashtags*? Afinal, embora o mundo digital contenha um mar de informações, estas, só são acessadas através de perguntas específicas (e de respostas bem programadas). O encontro dessa “fórmula”, dessas *palavras chaves*, revelou-se um processo longo: repleto de dúvidas, fracassos, e certo êxito; mas principalmente, um espaço de experimentações.

Os desafios do mundo digital e o processo de busca

Embora as iniciativas de coleta se configurem como objeto de estudo central da minha pesquisa, é indispensável a reflexão a respeito do modo pelo qual chegamos a elas, ou seja, uma ponderação no que diz respeito a internet enquanto também objeto de estudo. Um historiador, ao se deparar com uma fonte, em primeiro lugar, a analisa em sua totalidade: O que ela é? Onde foi

produzida? Quando foi produzida? Quem a produziu? Para quem? Qual sua função? Quando foi encontrada?... E depois, faz perguntas direcionadas ao seu interesse de estudo, ou seja, como essa fonte pode ajudar a entender o seu problema, a responder suas questões.

Assim como as demais fontes históricas, o digital apresenta um problema de inexatidão, ou seja, não há como ter dimensão real do objeto estudado. Sua especificidade, porém, é caracterizada pela abundância de informações, que muitas vezes se faz de repetições ou de dados irrelevantes, podendo atrapalhar a análise do historiador. A instabilidade no meio digital, nesse sentido, também pode ser considerada como um impasse, já que uma fonte, outrora analisada, pode simplesmente sair do ar. Outro obstáculo considerável se refere a falta de experiência e conhecimento do funcionamento do mundo digital por parte de nós, historiadores.

Considerando todas essas problemáticas do digital, o método de análise desse tipo de fonte não pode ser desvinculado dos bons e velhos questionamentos. Ao tomar a internet enquanto objeto de estudo, cabe ao historiador questioná-la de maneira a obter as respostas desejadas. Minha primeira pergunta foi simples: Como a internet pode me ajudar a encontrar iniciativas digitais de coleta da memória da COVID-19?

Em primeiro lugar, é importante ter em mente a diferença entre internet e web. A internet pode ser definida enquanto uma rede que conecta milhões de computadores pelo mundo, enquanto a web se caracteriza por ser uma das ferramentas capazes de acessar a rede. Ou seja, para questionar a internet, se faz necessário o uso de ferramentas, como a web.

Segundo o pesquisador em mídias digitais Niels Brügger, a variedade material encontrada na web pode ser analisada de cinco maneiras diferentes. Ela pode ser analisada enquanto parte e enquanto todo; podemos ainda, analisar de forma individual, uma imagem/texto presente em uma página na web; ou estudar também a página inteira. Da mesma forma, conseguimos estudar o site ao qual estão hospedadas essas páginas de maneira conjunta ou individual.

Seguindo essa lógica, as perguntas que me levariam a encontrar informações sobre iniciativas de coleta da COVID-19 deveriam ser

direcionadas às ferramentas de acesso à internet, ou seja, as redes sociais e a mecanismos de buscas presentes em navegadores ou páginas da web, como o Google, por exemplo.

E foi exatamente por esse caminho que a busca foi iniciada, pelo Google. Caso a fonte fosse um livro, por exemplo, seria necessário ele fosse lido em sua totalidade, procurando em todas as páginas, parágrafos e linhas, informações sobre iniciativas de coleta da memória da COVID-19. No mundo digital, por sua vez, não há como ler toda “obra”, sendo necessário usar um filtro, um buscador, para, dessa forma, encontrar as respostas de nossas perguntas – no caso, para encontrar as iniciativas. Nesse sentido, o processo de descoberta do uso de palavras-chave mostrou-se fundamental.

As primeiras tentativas de busca de iniciativas pelo Google foram realizadas através de palavras-chaves relacionadas a COVID-19, ou seja, o uso de termos como, “A COVID-19 no Brasil”, “Coronavírus”, “Pandemia da COVID-19”, porém, seu uso não obteve muito sucesso no que diz respeito a busca por iniciativas. A maioria dos links e sites exibidos estavam quase sempre relacionados a informações, notícias e pesquisas sobre a doença, e não sobre iniciativas de coleta (algo esperado, já que ela se faz presente na atualidade, sendo as informações sobre a doença e a pandemia buscadas e atualizadas a todo momento).

Em seguida, procurei utilizar palavras que remetessem à experiência social do momento histórico, e não sobre a doença em si. Nesse sentido, foram utilizados os termos “Pandemia COVID-19”, “Isolamento”, “Quarentena”, “Confinamento”. O uso dessas *palavras-chave* se mostrou mais promissor, principalmente os termos “Pandemia” e “Quarentena”. Ainda assim, os resultados encontrados se misturavam: ora se encontrava notícias e informações sobre a COVID-19; ora se encontravam memoriais para aqueles que perderam a vida para a doença, mas, poucas vezes se encontravam iniciativas de coleta.

Decidi então adicionar a esses termos promissores outras palavras que os relacionassem com seu valor histórico e arquivístico, como por exemplo o uso de: “Arquivo Colaborativo”, “Acervo de memória”, “Memória COVID-19”, “Memória social da Pandemia”. Os resultados, porém, não foram muito

melhores do que os anteriores. Um ponto importante a se destacar, é que o termo “memória”, embora tenha parecido muito promissor para busca dessas iniciativas – ainda mais ao considerarmos que ele está presente na nomenclatura de muitos dos projetos encontrados – não foi propício. Gozamos da infeliz coincidência da doença se manifestar no corpo humano de forma a interferir na memória de muitos infectados, ou seja, ao buscar “memória covid-19”, ao invés de memoriais ou iniciativas sobre a memória dessa experiência, muito se encontrava a respeito de pesquisas sobre os possíveis efeitos amnésicos do vírus.

Ainda que esse processo não tenha permitido que encontrássemos palavras-chave com respostas expressivas, elas nos ajudaram a encontrar algumas iniciativas pelo Brasil, que por sua vez, nos ajudaram com novas palavras chaves derivadas de seus títulos, como por exemplo o uso dos termos: “documentando”, “experiência”, “testemunho”, “travessia”, “diários”, “arquivos”, “memoriais”, “inventários”, “narrativas” e etc... todos eles associados ao uso dos termos “COVID-19”, “pandemia” e “quarentena”.

Essa busca inicial permitiu um mapeamento inaugural a respeito das iniciativas de coleta da memória da COVID-19 no Brasil. Muitos desses achados se configuraram como notícias em portais de comunicação ou de universidades. Embora tenham sido encontrados projetos individuais ou até mesmo de organizações não-governamentais, foi possível perceber que a maioria dessas iniciativas encontradas tinha alguma relação com universidades e instituições públicas, a partir dessa observação, surgiu a ideia de uma busca minuciosa por esse campo.

Em um primeiro momento, por intermédio da Wikipédia, encontrei uma lista com todas as quarenta e duas universidades estaduais e as sessenta e nove universidades federais brasileiras. Em seguida, entrei na página de cada uma das universidades, procurando algo que indicasse a elaboração ou o envolvimento em iniciativas de coleta. No decorrer do processo, percebi que tal metodologia levaria muito tempo de pesquisa, considerando que, em tese, havia mais de cem sites a serem analisados, e então, optei por mudar minha estratégia. Ao invés de entrar em todas as páginas presentes no site de cada universidade, passei a me concentrar em dois campos principais: na aba de

notícias e no buscador.

A escolha referente à aba de notícias se deu pelo fato de que a maioria das iniciativas anteriormente catalogadas foi encontrada desta forma no Google e em outras plataformas de comunicação. Além do mais, a maioria das iniciativas, embora tivessem ligação com as universidades, eram coordenadas por grupos específicos, logo, seria muito difícil encontrar algum projeto nas abas de “extensões”, “projetos”, ou “pesquisas”, por exemplo.

De fato, a mudança na metodologia agilizou o processo de busca nos sites, e proporcionou a descoberta de algumas iniciativas. Porém, nesse caso, o recurso do buscador se mostrou muito mais eficiente e positivo do que o Google. O primeiro termo utilizado foi “COVID-19”, porém, como já fora possível perceber, era preciso encontrar um filtrador melhor, já que todas as universidades apresentavam notícias e dados a respeito da doença e a situação das atividades curriculares no período pandêmico.

Inicialmente, houve um reaproveitamento dos termos utilizados com o Google, que certamente, tiveram resultados parecidos. Entretanto, ao encontrar uma notícia que empregava o uso do termo “relatos”, resolvi testá-lo nas minhas buscas, e para minha surpresa, o uso foi extremamente promissor! A partir desse momento, passei a circular pelos sites individuais de cada universidade e fazer uma busca concentrada: dirigindo-me diretamente para a aba de notícias e para buscador, aplicando o uso dos termos “COVID-19” e “relatos”.

O processo de uso e descobrimento de palavras-chave também se insere no contexto das redes sociais, com o uso de *hashtags*, no Instagram e no Twitter, por exemplo, e na pesquisa por grupos de Facebook. Os resultados, porém, não foram tão favoráveis quanto os obtidos através da busca via sites de universidades e Google. Arrisco-me a dizer que a abundância de informação em relação a COVID-19, principalmente devido ao imediatismo da experiência, tenha comprometido o sucesso da pesquisa nestes campos.

Outro ponto relevante a ser considerado é o fato das *hashtags* se configurarem enquanto palavras e expressões curtas, dificultando a procura por termos mais elaborados, como por exemplo “Iniciativas de memória da COVID-19”, “Relatos da Pandemia”... Desta forma, a busca acaba se

confundindo com o uso de *hashtags* com o escopo mais amplo de resultados, como “COVID-19”, “Pandemia”, “Quarentena”, por exemplo. A maioria das iniciativas que utilizam as redes sociais foram encontradas através de notícias em seus sites e veículos de comunicação, salvo algumas exceções.

Após um longo processo de visita aos sites das universidades, e redes sociais, elaborei uma lista que continha o nome das iniciativas e seus *hyperlinks*. Em seguida, iniciei a próxima etapa do mapeamento: entrar em cada uma das páginas dos projetos, e catalogá-los de acordo com os nossos interesses de pesquisa. E neste ponto, surge o segundo desafio da pesquisa, afinal, como catalogar essas iniciativas?

Criando critérios

Ainda no início da pesquisa, quando nós, do CHD-Unicamp, começamos a mapear iniciativas de coleta da memória da COVID-19 na América Latina, o pesquisador Ian Marino formulou uma espécie de tabela classificativa para armazenar os dados coletados. Sua elaboração se deu de forma experimental, com base nas iniciativas que encontrávamos e indagações a respeito delas, como por exemplo: Quem são seus responsáveis? Como é feita a coleta? O que é coletado? Onde é armazenado? Esse material fica à disposição do público geral? Se sim, como? Quais são as plataformas utilizadas? etc. Utilizamos, para a elaboração da tabela, a ferramenta Google Planilhas. Dessa forma, conseguimos fazer um trabalho colaborativo, no qual todos os pesquisadores envolvidos no processo de busca, poderiam acessar o mapeamento online, em tempo real, e contribuir com informações. A planilha foi inicialmente dividida em nove colunas principais: Código/Nome da iniciativa; País; Titular; Ferramenta de Coleta; Armazenamento; Tipo de Documentação; Acesso; e Comentários, sofrendo algumas alterações nos casos brasileiros

Tendo como referência a tabela anteriormente organizada pelo Ian, iniciei o processo de catalogação das iniciativas de memória da COVID-19 no Brasil. A primeira parte da tabela, de cunho organizacional, foi composta por dados meramente nominais. A primeira coluna numera a iniciativa descrita de 1 a 72 (número de iniciativas encontradas), seguida por sua autodenominação. Até este ponto, não houve problemas no processo.

A segunda parte da tabela se destina a origem da iniciativa, ou seja, de onde e a partir de quem, ela surgiu. A coluna, que anteriormente era destinada a nacionalidade da iniciativa, foi alterada para “Estado”, podendo ser preenchida pelos vinte e seis estados brasileiros e pelo Distrito Federal (algumas iniciativas possuem mais de um Estado na sua classificação).

Neste ponto, entramos no primeiro problema de categorização, afinal, como saber a territorialidade de algo criado na internet? É preciso levar em conta que demarcar uma área geográfica onde o projeto foi criado não significa que o material contido nele pertença apenas àquela região. Por exemplo, mesmo estando em São Paulo, consegui ter acesso a iniciativas de outras regiões brasileiras, logo, os depoimentos presentes nessas iniciativas também podem partir de outras regiões.

Em segundo lugar, muitas iniciativas foram elaboradas e geridas em conjunto com universidades e instituições públicas, o que, por sua vez, facilitou a demarcação geográfica. Por exemplo, a iniciativa *#MemóriasCovid-19*, tem como gestora a professora Ana Carolina Maciel, da Unicamp, logo, essa iniciativa tem como localização o Estado de São Paulo. O problema aqui, se encontra quando as iniciativas não pertencem a uma esfera institucionalizada, ou seja, quando as iniciativas partem da sociedade civil. Nesse caso, a opção foi colocar o estado ao qual se encontrava o responsável pela iniciativa. Por exemplo, a iniciativa *Museu do Isolamento* foi criada, de forma autônoma, por Luiza Adas de São Paulo, logo, este foi o estado destinado à iniciativa. Outro exemplo é o caso da iniciativa de coleta *Dystopia*, que tem como objetivo se transformar em um documentário. A obra será produzida pela cineasta Petra Costa, de Minas Gerais, e pela produtora Busca Vida Filmes, de São Paulo, nesse caso, o estado de São Paulo foi escolhido na catalogação da iniciativa, já que, teoricamente, seu resultado será produzido em São Paulo. Algumas iniciativas se caracterizam por não possuírem um ponto de referência específico, como é o caso da iniciativa *História em quarentena*, gerida por historiadores independentes de diversas partes do país. Nesses casos, a opção foi escolher o estado ao qual se encontrava o maior número de representantes da iniciativa como principal, adicionando também os demais estados envolvidos.

Após identificar o estado, classificamos de onde e de quem surgiu a iniciativa. Além do titular, foi nomeada sua categorização. Por exemplo: a iniciativa #*MemóriasCovid-19* foi classificada como pertencente ao estado de São Paulo, tendo como titular a *Universidade Estadual de Campinas*, categorizada como *Universidade*. O Campo de “Titular” foi preenchido de acordo com suas categorias, que variaram entre: *Universidade*; *Universidade Privada*; *Fundação Pública*; *Instituto Federal*; *Arquivo Público*; *Autônomo*; *Organização da Sociedade Civil*; *Hospital*; *Empresa*; *Veículo de Comunicação*.

Entrando na terceira divisão da tabela, a classificação, agora, diz respeito ao processo de coleta e armazenamento. A primeira coluna, denominada “Composição do Acervo” indica a forma de coleta dos relatos, seguida pela coluna intitulada “Modo de coleta”, que identifica a ferramenta/plataforma utilizada na coleta de relatos. Com o mapeamento, foram categorizadas quatro formas de composição de acervo: “*Crowdsourcing*”; “*História Oral*”; “*Conteúdo Original*”; ou “*Raspagem*”.

No que concerne ao método *crowdsourcing*, base da maioria das iniciativas, foram identificadas inúmeras ferramentas de coleta, como por exemplo o uso de: *E-mail*, *Redes Sociais* (*WhatsApp*; *Facebook*; *Instagram*), *Questionários online*, *Formulário Google*, *Survey Monkey* etc. A metodologia da História Oral também se fez presente em consonância com o método *crowdsourcing* em algumas iniciativas, principalmente com o auxílio de pandemia propulsionada pelo alastramentos como o Google Meet. No geral, foi possível categorizar quinze ferramentas diferentes de coleta dentro das quatro formas de composição. Algumas iniciativas, devido à escassez de dados em seus sites, não permitiram uma classificação quanto a forma de coleta de seu acervo, sendo categorizadas na tabela como *Não identificadas*.

A coluna seguinte, denominada “Disponibilização do acervo”, se apresenta como responsável por identificar onde são armazenados os relatos coletados pela iniciativa. Aqui, mais uma vez, devido à ausência de informação nos sites das iniciativas, muitas delas foram categorizadas como *Não Identificadas*, sendo necessária uma pesquisa mais a fundo, particular e diretamente com seus gestores para obter respostas mais precisas. Ainda assim, podemos destacar alguns modos de classificação de armazenamento encontrados, como

por exemplo: *Site; Facebook, Instagram, Spotify, Youtube, Wikipedia.*

A última parte da tabela indica o tipo de documentação coletada e presente no arquivo, e a forma de divulgação final do material. A coluna “Tipo de documentação” conta com categorias como: *Texto; Vídeo; Imagem; Áudio; Podcast; Lives; e Gráficos* – podendo cada iniciativa apresentar mais de uma forma de documentação. Algumas iniciativas ainda estão no processo de coleta de seus dados, não sendo possível, ainda, classificar o tipo de documentação e sua divulgação.

Quanto à forma de divulgação dos acervos de cada iniciativa, foi elaborada a coluna denominada “Mídias”, tendo como categorias: *Site; Youtube; Spotify; Facebook; Instagram; Flickr; Wikipedia; Livro; Jornal; Documentário; Cápsula do Tempo; Artigos Científicos.* E por fim, se encontram os *hiperlinks* de cada iniciativa mapeada.

Utilizarei aqui, novamente, o exemplo da iniciativa *#MemóriasCovid-19* para elucidar de forma geral nossa classificação:⁵

Código	Nome	Estado	Titular	Categoria do Titular
36	#MemóriasCovid-19	São Paulo	UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas	Universidade
Composição do Acervo	Modo de Coleta	Disponibilização do Acervo	Tipo de documentação	Mídias
Crowdsourcing	Formulário via site	Site	Texto Imagem Vídeo Áudio	Site Instagram Facebook

A iniciativa tem como “Código” o número *36*, por se encontrar na trigésima sexta linha da tabela. Seu “Nome” está identificado como *#MemóriasCovid-19*, seu “Estado”, *São Paulo*, seu “Titular” *UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas*, e sua “Categoria do Titular” como *Universidade*. A “Composição do Acervo” foi categorizada como *Crowdsourcing*, e o “Modo de Coleta” como *Formulário via site*. A “Disponibilização do Acervo” *via Site* e o “Tipo de documentação” encontrado foi *Imagem, Vídeo, Áudio e Texto*. Por fim, as “Mídias” utilizadas pela

iniciativa foram categorizadas como *Site*, *Instagram* e *Facebook*.

Considerações finais

Após a formulação da tabela com as setenta e duas iniciativas de coleta da COVID-19 no Brasil, com a ajuda de Alesson Rota, Carlos Menegozzo, Leonardo Vaccaro e Márcio Franco, foi possível realizar um primeiro esboço do mapeamento a partir de um *dashboard* via Microsoft Power BI, que permitiu uma exibição dos dados coletados a partir de gráficos, mapas e tabelas interativas. A ferramenta está disponível no site do CHD-Unicamp, e certamente passará por modificações e atualizações ao longo da pesquisa.

Fruto de um resultado de busca manual, o mapeamento proporcionou a catalogação de inúmeras iniciativas espalhadas entre as cinco regiões do Brasil, sendo mais expressivas respectivamente as regiões Sudeste e Sul.⁶ É importante, contudo, reconhecer seus limites: o mapeamento não contempla todas as iniciativas de coleta da COVID-19 do Brasil e nem tem tal pretensão. Por se desenvolverem dentro do mundo digital, é difícil mensurar quantas iniciativas do gênero possam existir e ainda não foram encontradas. Nesse sentido, foi elaborado um formulário no site do CHD-Unicamp, no qual as próprias iniciativas podem se apresentar e integrar o mapeamento já existente.

Ainda sobre as deficiências, é importante reiterar que as categorias de catalogação utilizadas no mapeamento se desenvolveram em caráter experimental, podendo e devendo ser aprimoradas ao longo da pesquisa.

Ainda assim, a experiência com a busca e catalogação das iniciativas de coleta da COVID-19 no Brasil se mostrou fundamental no meu processo de formação enquanto historiadora. Além de proporcionar a aplicação dos métodos de investigação histórica aprendidos ao longo da graduação, a experiência se mostrou como um espaço de experimentação e erro também no mundo digital, como um verdadeiro processo laboratorial de aprendizado em humanidades digitais. Atrelado a este desenvolvimento pessoal, a execução do mapeamento, possibilitou uma rede de diálogo entre as iniciativas de coleta, bem como uma porta de entrada aos estudos de arquivos digitais, que certamente trará contribuições para seu estudo e preservação. Nesse sentido, o próximo passo da pesquisa consiste na realização de entrevistas com os

gestores das iniciativas mapeadas, que ocorrerá ainda no ano de 2021, e no decorrer de 2022.

¹ Estudante de graduação do curso de História pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisadora de Iniciação Científica intitulada “Uma História Oral sobre a coleta arquivística da COVID-19 no Brasil”, e integrante do Centro de Humanidades Digitais-Unicamp.

² CHAKRABARTY, Dipesh, An Era of Pandemics? What is Global and What is Planetary About COVID-19. *Critical Inquiry*, 2020. Disponível em: <https://critinq.wordpress.com/2020/10/16/an-era-of-pandemics-what-is-global-and-what-is-planetary-about-covid-19>. Acesso em: 3 dez. 2020.

³ AUERBACH, Adam. Informal Archives: Historical Narratives and the Preservation of Paper in India's Urban Slum. *Studies in Comparative International Development*, v. 53, p. 346-348, 2018.

⁴ O projeto foi submetido e aceito pela bolsa PIBIC/SAE-AF de Iniciação Científica da Unicamp e posteriormente pela Fapesp.

⁵ Tabela classificativa simplificada com intuito exemplificativo. Referências: autores, instituição, ferramenta, título, data. Cf. MONTEZINO, Amanda; MARINO, Ian Kisil; NICODEMO, Thiago; CONCENTINO, Leonardo; TERRES, Pedro. Unicamp, Google Planilhas, Coronarquivo Brasil (planilha para dashboard), 2021.

⁶ Tal expressividade pode ter relação direta com os algoritmos, e não necessariamente com a ausência ou menor número de iniciativas em outras regiões do país.

Pandemias na Amazônia:

narrativas sobre vida, corpo e ecologia

*Luiza Dias Flores
Thiago Mota Cardoso
Guilherme Henriques Soares
Gilton Mendes dos Santos*

Desde a década de 1980, povos indígenas e comunidades tradicionais na Amazônia têm estendido suas ferramentas de expressão para redes locais e globais digitais: exposições, festivais, imprensa, rádio, documentários, pequenos dramas, filmes de longa metragem, podcasts, textos em websites, livros e teses, mapas e páginas na internet. Em muitos destes casos, estas manifestações estão atravessadas pelo exercício da reflexividade sobre suas cosmologias, modos de vida, condições de existência e lutas territoriais. Estas formas de expressão produzidas de modo autônomo, nas universidades ou com parceiros não-governamentais, na forma de autoria individual, relacional ou coletiva, evidenciam os impactos sanitários, ambientais e climáticos que afetam seus corpos e territórios, a partir de narrativas ancoradas em suas epistemologias, cosmografias e vida social.

Exemplos podem ser vistos na atual crise deflagrada pela pandemia dos novos coronavírus (COVID-19 e suas variantes), que vem afetando de forma brutal os habitantes da Amazônia, em especial os povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. Antes de serem apenas vítimas passivas ante o impacto da contaminação viral, estes povos, por meio de coletivos e de pessoas, vêm organizando agendas e campanhas para solucionar problemas diversos, ao mesmo tempo em que informam ao mundo suas experiências de como conceber e lidar com epidemias e com as mudanças ambientais drásticas em seus próprios termos.¹ Traçam possibilidades de novas formulações teóricas e caminhos para mundos alternativos a partir e por meio

do reconhecimento da diferença.

Nesse contexto, decidimos criar o projeto *Pandemias na Amazônia*, uma plataforma voltada para o diálogo de saberes e a criação e difusão de narrativas, por meio de podcasts, publicações de textos e exposições audiovisuais, em torno da vida, do corpo e da ecologia. Um laboratório virtual que nos permite constituir alianças capazes de fomentar e instigar experimentações através de confluentes e/ou divergentes modos de habitar a Terra. Trata-se de um projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pelo Laboratório de Antropologia da Vida, Ecologia e Política (CoLar) e pelo Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI). O projeto agrega docentes do departamento de Antropologia e pesquisadoras/es de graduação e pós-graduação interessadas/os em divulgação científica e reflexões sobre as irrupções das crises políticas e ambientais.

Percurso do projeto

Em 2020 foi iniciado, por parte das pesquisadoras/es indígenas e não-indígenas do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena – NEAI, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas – PPGAS/UFAM, uma coleção de textos e relatos em áudio sobre os primeiros meses da pandemia de COVID-19. No total foram escritos dez (10) artigos e gravados vinte e dois (22) áudios com relatos de diferentes povos e regiões da Amazônia, que podem ser acessados no site do NEAI (<https://neai.ufam.edu.br/>), respectivamente nas seções *Reflexões Ameríndias em tempos de Pandemia* e *Pandemia Local*.

A partir desta experiência, pesquisadores do NEAI e do Colar, em parceria com o portal InfoAmazonia², elaboraram um projeto buscando expandir essas formas expressivas a partir de um ambiente digital em formato *WebMap*. Uma teia geográfica virtual de narrativas que articula diversas colaborações dos povos indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais, sobre como viver em tempos de catástrofe e recompor corpos e ambientes, o que Isabelle Stengers³ denomina da “arte de ter cuidado”. Almejava-se também tecer uma rede de colaboração institucional para a manutenção, alimentação e comunicação dos conhecimentos inseridos na ferramenta virtual, num

exercício de cocriação.

Os protagonistas das narrativas e ações que constituíram o projeto digital, deslocando nosso olhar para novas práticas e para a agência de outros seres frente à política moderna capitalista na Amazônia, são os mesmos sujeitos que há séculos sofrem com as investidas das políticas predatórias de contaminação e de extermínio: seja por meio das armas de fogo, da imposição de uma fé, das doenças disseminadas pelo impacto colonial, pelas mudanças climáticas ou pela necropolítica do Estado moderno. Todas elas variações de políticas de morte há muito tempo em curso, assim como da atual “ameaça de asfixia”⁴ que caracteriza acontecimentos sinistros que chegam, perturbam, atordoam, transformam, e ao mesmo tempo, abrem brechas para novas formulações sobre corpos e territórios.

Neste sentido, a prerrogativa teórica para essa empreitada foi refletir junto às diversas comunidades interessadas sobre a própria ideia de *pandemia* entendendo-a como um fenômeno complexo que agrega aspectos políticos, econômicos, biológicos e culturais. Os processos de globalização, que constituem o sistema-mundo capitalista, não apenas transportam cifras, mercadorias, sujeitos e ideias, mas também material genético e microrganismos, como bactérias, fungos e vírus, deidades, espíritos e entidades, o que torna impossível qualquer dissociação entre os aspectos científico-biológicos e político-existenciais dos fenômenos.

Propomos então, junto aos povos e comunidades que contribuíram no projeto, ampliar o conceito de *pandemia*, entendendo-o como uma imagem das muitas e diferentes fricções por entre a diferença. Pandemia como o fluxo de contaminações que engendram políticas de vida e de morte direcionadas aos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais e seus mundos, cuja COVID-19 é apenas uma de suas modulações. Garimpo, invasões de terra, depredações de terreiros, imposições religiosas, políticas, científicas e epistemológicas alastram-se como verdadeiras epidemias de grandes proporções ao produzirem severas consequências sobre os territórios-corpos e os territórios-terra dos diversos povos que habitam as florestas e cidades da Amazônia.

Em termos práticos, portanto, o projeto implicou a criação de um

mapeamento colaborativo online das narrativas e relatos em diversos formatos (texto, áudio, vídeo, desenhos, fotografias) que apontavam a perspectiva local e as demandas dos povos indígenas e comunidades tradicionais frente às *pandemias* na Amazônia. Nesse primeiro momento de articulação com a InfoAmazonia, as comunidades e/ou mediadores puderam inserir seus modos expressivos e informar sobre a situação que vivenciavam e suas estratégias de manutenção da saúde de seus corpos e da habitabilidade de seus territórios. O mapa possibilitou reunir em uma mesma arquitetura digital uma assembleia de pontos de vista, apresentando as principais demandas e estratégias das comunidades no enfrentamento a estes acontecimentos críticos em seus territórios, permitindo um melhor entendimento das formulações culturais e sociais próprias acerca dos impactos sofridos.

Metodologia utilizada

Como anteriormente apontado, o escopo inicial do projeto foi focar nas narrativas sobre as experiências relacionadas às crises políticas, epidêmicas e ambientais entre as comunidades e povos tradicionais que se encontram na Amazônia brasileira, tendo em vista a possibilidade de propagação da iniciativa a povos e comunidades de outros países, fortalecendo a integração e a cooperação panamazônica. Criou-se um comitê de gestão para a formulação e suporte do mapeamento, cujas ações ocorreram em duas principais frentes simultâneas e associadas: *articulação e criação da plataforma*.

Por *articulação* compreendemos o fortalecimento das ações que já vinham sendo desenvolvidas pelo NEAI com a divulgação de narrativas indígenas sobre os efeitos da atual pandemia em seus povos. O intuito foi ampliar a rede de pessoas interessadas em contribuir com a plataforma, na busca por narrativas dos povos e comunidades tradicionais sobre suas experiências com a atual pandemia. Assim, o projeto se propagou para outros sujeitos por meio da divulgação da plataforma através dos canais de comunicação possíveis – ligações telefônicas, WhatsApp, disseminação nas redes sociais. Procuramos estimular os diferentes formatos dos relatos, em texto, áudio, fotografia e vídeo, conforme fazíamos contato com os sujeitos das narrativas.

Vale ressaltar que nosso objetivo ao *criar a plataforma*, mesmo que em parte

entendida como uma base de dados (*Digital Database*), não era produzir um conhecimento de museu, uma coleção de objetos virtuais, mas um conhecimento reticular, interconectando diferentes narrativas e agências situadas em lugares e territórios. Partimos do pressuposto que não é o suficiente gravar, estocar e colocar dados textuais, gráficos e audiovisuais online ou em mídia digital para que se tornem uma fonte de informação e de aprendizagem. Como afirma Barbara Glowczewski⁵, bases de dados e sites na internet pressupõem a construção de mapas, que devem respeitar e refletir as maneiras como diferentes modos de expressão se relacionam entre si para fazer sentido.

Tomamos como exemplo e fonte de inspiração outras bases de dados, como a plataforma *Pueblos amazónicos en la pandemia de COVID 19*, que visa dar voz a homens e mulheres indígenas na Amazônia sobre a pandemia. Podemos citar também a iniciativa *The Living Archive*⁶ que busca mapear e registrar histórias de extinção da Oceania, sendo um espaço multimídia que fornece uma plataforma para as pessoas contarem suas próprias histórias, de sua própria maneira, sobre o que significa extinção e como isso é importante em suas vidas e lugares. Baseia-se no entendimento de que as narrativas pessoais têm o potencial de explorar a complexidade local de maneira que elas sejam relacionáveis e significativas, e que gerem engajamento, conexão e atenção neste momento de grandes perdas. Em termos de correlação entre mapa e narrativas, temos o projeto virtual *Habitantes do Arroyo, Memória Ambiental de Porto Alegre*⁷ um esforço de cartografar memórias em um itinerário etnográfico. Por último, mas não menos importante, podemos mencionar também o *Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e de Saúde no Brasil* elaborado pela Fiocruz.

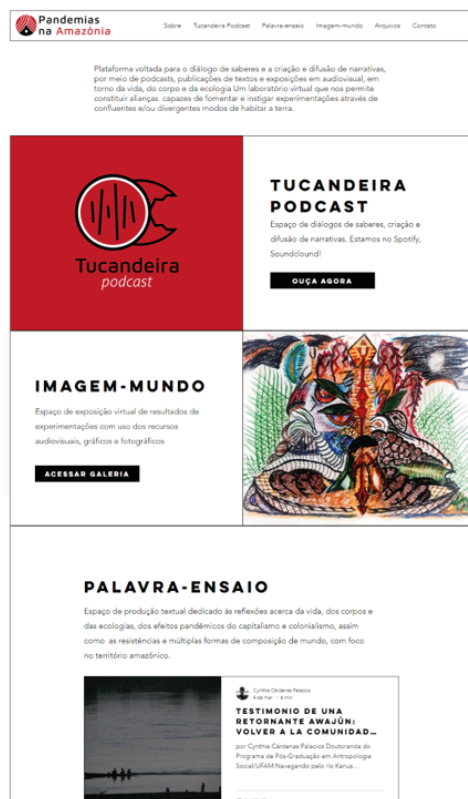


Figura 1: Pandemias na Amazônia. Fonte: PANDEMIAS na Amazônia. Disponível: <https://www.pandemiasamazonia.com.br>.

O Mapeamento Colaborativo Online, também chamado de *WebMapa* ou *WebGIS*, é uma metodologia de caráter interdisciplinar e intercientífico com o intuito de reunir informações e dados e comunicá-las de forma espacializada, graficamente projetadas. O que a difere de outros modelos cartográficos é a possibilidade de diversos sujeitos inserirem informações e comporem coletivamente esta cartografia narrativa por meio de diversos objetos virtuais (texto, gráfico, imagens, sons, coordenadas). De modo geral, o mapeamento colaborativo tem sido utilizado por diversos movimentos sociais com o intuito de comunicar demandas, visibilizar serviços, fornecer informações e apresentar soluções para diferentes grupos específicos.

Historicamente utilizado como ferramenta à serviço do domínio econômico e militar, o mapa ganha novos contornos em seu caráter colaborativo e à serviço dos diversos grupos sociais, atuando no empoderamento e produção de conhecimento a partir de, com e para estes coletivos. Mapear implica em produzir conhecimento sobre o espaço geográfico e auxilia à orientação, localização e representação desses espaços.

Sua produção pode ter em vista diversos temas, desde características físicas, quanto políticas, econômicas, entre outras – que geram diferentes relacionalidades gráficas. Todo mapeamento implica um modo de olhar e de sentir os espaços e as paisagens que nos cercam. Mapear é, portanto, conceber espacialmente o mundo através de recursos gráficos, enraizado nas narrativas e sensibilidades coletivas daqueles que mapeiam.

As transversalidades que emergem da Antropologia e da Cartografia têm animado uma série de discussões quando pensados através de outros modos de existência e produção de mundo. No caso que apresentamos aqui, o intuito foi experimentar de início a criação de um Mapa Colaborativo que nos permitisse visualizar e comunicar graficamente uma série de percepções e reflexões oriundas dos povos e comunidades tradicionais, sobre como experienciam e vivenciam a emergência das pandemias, como o atual contexto de contaminação produzida pela disseminação da CCOVID-19. Afinal, entendemos, como antropólogas e antropólogos, que acontecimentos produzem não apenas consequências localizadas – de acordo com os contextos sociais e econômicos de cada grupo social –, mas também reflexões e entendimentos que emergem das sensibilidades singulares de cada comunidade sobre os eventos globais. Dessa forma, o meio utilizado para tal, como já dito, foi uma plataforma digital produzida junto ao InfoAmazonia, veículo independente de jornalismo com uma longa trajetória em comunicação e cartografia digital.

A fim de facilitar a coleta das informações sobre situação das comunidades, elaboramos um formulário simples, disponibilizado na própria plataforma, com alguns itens essenciais: nome do povo e da comunidade; região em que se localizam; nome da liderança que elaborou o relato; situação local da comunidade, e o acordo dos que enviam os dados de que estão cientes de sua divulgação. Nesse formulário também constava um espaço dedicado ao envio de arquivos – de áudio, de vídeo, de imagem ou de texto com as narrativas enviadas –, os quais passavam por um processo de edição, visando a melhor qualidade em termos de som e imagem dos produtos digitais para a divulgação.

Estado da arte e perspectivas futuras

O desenvolvimento do projeto até então contou com a divulgação de quatro (4) podcasts e oito (8) textos publicados, assinados por pesquisadoras/es e lideranças locais indígenas e quilombolas. Os podcasts foram entrevistas mediadas por pesquisadoras/es antropólogas/os e realizadas com diversas lideranças comunitárias, a saber: Keilah Fonseca, liderança da comunidade do quilombo de São Benedito/MA; Alessandra Korap, liderança Munduruku/PA – entrevista que derivou dois episódios de podcast; e Rita Sales, jovem liderança Huni Kuin/AC. As edições foram realizadas pelo InfoAmazonia. O projeto que derivou a criação do *Webmapa* e esses podcasts iniciais foi finalizado em julho de 2021.

A partir dessa primeira experiência, decidimos realizar uma oficina de criação de podcast, ministrada por nossos parceiros da InfoAmazonia Gustavo Faleiros e Pedro Cortese. Essa oficina contou com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação da UFAM e teve como intuito capacitar jovens interessadas/os em atuar na continuidade do projeto. Dentre esses estudantes, dois alunos do curso de Ciências Sociais participam como extensionistas, um dele com bolsa PIBEX. Os estudantes são responsáveis por acompanhar todos os processos editoriais dos podcasts, orientados pelas/os coordenadoras do projeto, a saber: produção, condução das entrevistas, roteirização, decupagem e edição final do material.

Atualmente, o projeto encontra-se em uma nova fase. Nossa aposta está direcionada para o desenvolvimento de podcasts cujo processo criativo é inteiramente fruto dos docentes e estudantes de graduação e pós-graduação. Os podcasts serão alocados em uma plataforma digital (website) criado especificamente para o projeto, com um design próprio, desenvolvido por um profissional contratado. Além dos episódios a serem elaborados ao longo do ano de 2021/2022, a plataforma contará com todos os textos e podcasts já publicados na fase anterior.

O podcast, agora nomeado *Tucandeira*, contará com episódios com duração de 20-30 minutos e serão lançados com uma periodicidade mensal. Intencionamos a publicação de 10 podcasts ao longo do ano de 2021. Os episódios serão desenvolvidos a partir de dois eixos temáticos em torno da vida, do corpo e do ambiente, a saber: *autonomia* e *cuidado*. Por *autonomia*,

entendemos as estratégias de resistência e autodeterminação dos povos perante as investidas colonialistas e das economias predatórias que geram catástrofes e processos epidêmicos; por *cuidado*, compreendemos uma posição ético-política em torno da criação da vida, baseada em ecologias da atenção⁸ e manutenção das relações atentas com o outro, humano e não-humano.

O nome do podcast é inspirado em uma espécie de formiga encontrada na Amazônia, conhecida pela força de seu ferrão. Não há medicamentos, nem plantas medicinais que amenizam as reações do veneno da tucandeira e leva-se quase um dia para superar a sua dor. As ferroadas das tucandeiras também estão presentes em um importante rito de passagem Sateré-mawé em que meninos se tornam adultos. Nesse ritual, luvas de palhas são preparadas com mais ou menos 300 formigas para ensinar os jovens a suportar e aprender com a dor, transformando-os em guerreiros e líderes. Tucandeira é amazônica, uma potência de força apesar de seu pequeno tamanho. Assim entendemos nosso podcast. Queremos, através de narrativas, trazer a força dos povos amazônicos que sejam capazes de desestabilizar nossos modos de saber e de sentir a vida, o corpo e a ecologia. Como uma ferroadada de tucandeira.

Além da seção dedicada ao podcast *Tucandeira*, haverá duas outras seções nomeadas *palavra-ensaio* e *imagem-mundo*, em que constarão, respectivamente, pequenas reflexões analíticas e exposições de desenhos e fotografias que abordem os temas da vida, corpo e ecologia. Nesta nova fase, o projeto dá continuidade em sua busca de articular múltiplos engajamentos etnográficos digitais (textos, sonoridades, audiovisual e desenhos) para construir histórias amazônicas sobre modos de viver e reviver corpos, terra e ambientes, de humanos e de outros seres, em “tempos de catástrofes”.

Considerações finais

O alargamento do conceito de *pandemia* permitiu-nos pensar um projeto que tematizasse diferentes dimensões da vida dos povos e comunidades, suas narrativas e estratégias, bem como caminhos alternativos e visões criativas sobre um mundo em constante e intensa transformação. A atenção às narrativas e reflexividades elaboradas pelos sujeitos protagonistas destas resistências, a partir de suas próprias criatividade e cosmologias, é um modo

de alargar as potencialidades de diálogos e imaginação da ciência antropológica e difundir sua relevância enquanto produção de conhecimento comprometida com a diferença cultural e com a vida. Acreditamos que a inovação da proposta está em justamente fomentar o diálogo entre criatividades, entre diversos modos de pensar, sentir e agir frente às crises ambientais e políticas. Trata-se de uma plataforma interessada, sobretudo, nas brechas comunicacionais que nos permitam constituir alianças potentes e pensamentos coletivos capazes de fomentar e instigar experimentações e inventividades através das diferenças bioculturais.

¹ Cf. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019; KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019; BARRETO, João Rivelino; BARRETO, João Paulo; AZEVEDO, Dagoberto; MAIA, Gabriel. *Coleção Reflexividades Indígenas*. Manaus: Edua, 2018.

² “InfoAmazonia é um veículo independente que utiliza dados, mapas e reportagens geolocalizadas para contar histórias sobre a maior floresta tropical contínua do planeta. O projeto é sustentado por uma rede de organizações e jornalistas que oferecem atualizações constates dos nove países da região”. Para mais informações ver: <https://infoamazonia.org/>.

³ Cf. STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

⁴ Cf. MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*. São Paulo: N-1 edições, 2020.

⁵ Cf. GLOWCZEWSKI, Barbara. Lines and criss-crossings: Hyperlinks in Australian Indigenous narratives. *Media International Australia incorporating Culture and Policy*, v. 116, n. 1, p. 24-35, 2005.

⁶ *THE LIVING Archive*. Disponível em: <https://www.extinctionstories.org/>.

⁷ *HABITANTES do Arroio*. Disponível em: <https://habitantesdoarroio.blogspot.com/2012/11/portal-memoria-ambiental-de-porto-alegre.html>.

⁸ DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se. *Chão da Feira*, n. 45, 2016.

Projeto Reflexões:

(In)Visíveis, COVID-19 e Memórias

Rogério Ferraz Garcia de Andrade¹

*Conhecer História nos ajuda a não cometer
os mesmos erros do passado.*

O Brasil é um dos poucos países que não aprende com a sua própria História.²

A pandemia de COVID-19 evidenciou a enorme desigualdade social que, embora sempre estivesse presente na história brasileira, se encontrava esteticamente esquecida por amplos espectros da sociedade. Com a crise sanitária, esse enorme fosso social foi novamente reapresentado com intensidade ímpar a partir de março de 2020.

As diferenças entre quem teve o privilégio de realizar o isolamento social e de quem não o pôde, seja porque não teve as condições financeiras e habitacionais necessárias, seja porque foi declarado trabalhador essencial (Lei 14.035/2020³), colocaram em relevo as vulnerabilidades a que muitos brasileiros foram comprovadamente afetados negativamente em vários aspectos de suas vidas e de sua subsistência.⁴ Esse contingente social, que reapareceu nos jornais, nos noticiários televisivos e em algumas entrevistas de agentes públicos, foi ironicamente denominado de “invisíveis”.

Os efeitos continuados da evolução da pandemia (quando escrevo este capítulo, em agosto de 2021, são contabilizados dezoito meses) e as condições precarizantes a que os “invisíveis” sofreram se apresentaram sob diversas naturezas e intensidades, atenuados temporariamente com o pagamento dos auxílios emergenciais instituídos no Congresso Nacional. São exemplos da condição a que os “invisíveis” estiveram expostos: desemprego e condições precárias de trabalho, exposição à contaminação ao vírus, dificuldade de

acesso ao diagnóstico e ao tratamento da própria doença, moradia em habitações inadequadas, dificuldade de utilização de equipamentos e tecnologias digitais, água potável e saneamento precários, alimentação e nutrição inapropriadas, desconforto psicológico etc.⁵

Os três parágrafos acima resumem o quadro social em que decidi trabalhar para documentar memória dos “invisíveis” que pudesse encontrar na cidade de São Paulo. Entretanto, como não sou formado nas ciências humanas, não tinha muito claro como deveria iniciar um projeto social para a coleta de dados, informações e relatos de pessoas que se encontravam em condições vulneráveis ou que estavam, de alguma forma, trabalhando para atenuar essa situação, como os profissionais da saúde, da educação, da logística, entre outros. E, portanto, aprendi fazendo na “chapa quente” do momento histórico com a ajuda de colegas muito estimados, a quem aproveito para agradecê-los nominalmente: Prof. Alessandro Quilles (transcrições), Prof^a. Camila Lopes Felizardo (entrevistas), e Prof^a. Alesandra do Vale Castro (consultoria literária).

Antes de iniciar o trabalho informal de captação de relatos e de dados, pensei em reclassificar epistemologicamente um termo do projeto em nascimento: o vocábulo “invisíveis”. Não aceitei tal designação, que descaracteriza a presença física dos indivíduos no espaço urbano, como se fossem pessoas transparentes e sem “função social”, ou pior, um estorvo à sociedade de consumo. Por esse motivo, os chamarei de “visíveis”, até porque são mais de 116,8 milhões de pessoas de “carne e osso”, que convivem de alguma forma com problemas de segurança alimentar.⁶

Sob o desígnio destas motivações surgiu a ação que nomeei *Projeto Reflexões*, cuja missão foi (e continua sendo) dar voz aos *Visíveis*, pessoas que estavam (e também continuam) em condições de vulnerabilidade, tanto em questões de sua sobrevivência, quanto aqueles que tiveram que sair às ruas para manter suas rendas, e os trabalhadores que estão exercendo atividades essenciais, fazendo fazer “girar” os diversos serviços disponibilizados à sociedade e a economia a economia do país.

Breve história do *Projeto Reflexões*

Antes de viabilizar o *Projeto Reflexões*, em outubro de 2018, criei um repositório para coletar informações e dados sobre a política brasileira após a eleição de 2018. Motivado pelo fenômeno muito recente da nossa história nacional, que culminou com a eleição de um candidato da extrema-direita conservadora à Presidência do Brasil e da ocupação de diversos postos nos executivos estaduais e nos legislativos estaduais e no Congresso Nacional, por políticos do mesmo espectro ideológico, iniciei a coleta e o arquivamento de dados e de documentos conforme apresentado na tabela 1, em *batches* diários

Os documentos (simples ou compostos) estão na sua maioria em português, a exceção são os jornais internacionais, majoritariamente em inglês. Atualmente, o acervo é composto de mais de 20 terabytes de documentos guardados em nuvem, mas que infelizmente não estão indexados, dificultando a pesquisa documental.

TABELA 1: Distribuição das coleções sobre a política brasileira após a eleição geral de 2018 no Brasil. Fonte: o autor.				
Objetos	Descrição	Mídia	Início Coleção	Quantidade (unidades)
BR 18-Estadão	Produto do jornal “Estadão” notas sobre política diárias em web site próprio	Word na nuvem	28/10/2018	>17.500
Jornal Folha de São Paulo	Edições diárias do jornal	Papel	02/01/2019	>500
Outros jornais brasileiros	Edições diárias do jornal/não seriado	Papel	02/01/2018	>700
Jornais mundiais	Edições em PDF	PDF na nuvem	02/01/2021	>90000
Registro WhatsApp	Grupos de política de esquerda e extrema esquerda	TXT na nuvem	02/01/2020	>80.000
Registros diversos	Livros em PDF, artigos e outros materiais	PDF na nuvem	28/10/2018	>2.000
Vídeos	Vídeos da montagem e posse de Jair Bolsonaro	MP4 na nuvem	28/10/2018	>200 horas
Figuras	Principalmente “memes” de Whatsapp e charges	JPEG e TIF na nuvem	28/10/2018	>10.000

O objetivo inicial desse *repositório informal* era balizar a produção de documentos (livros, ensaios e artigos) sobre a emergência da extrema direita no Brasil, o governo do Pr. Jair Bolsonaro e a futura eleição de 2022(?), e, também, tornar-se fonte de consulta para terceiros, via a disponibilização na

web. No presente momento, continuamos incrementando os dados das bases mencionadas e em discussão com uma instituição de ensino para liberação de dados anonimizados para pesquisa das várias facetas da política brasileira, em disciplinas como linguística, sociologia, ciências políticas, história, arquivística etc.

Com a chegada da pandemia de COVID-19 ao Brasil, decidi realizar um recorte específico da temática em que estava trabalhando. A princípio, acreditei que a pandemia seria um evento datado e temporalmente curto, ou seja, teria “começo, meio e fim”, a exemplo do que nos conta Albert Camus em *A Peste*,⁷ de 1947, cuja duração da narrativa se deu em um ciclo completo de um ano. Nesse sentido, minha primeira preocupação foi em não demorar na captação de relatos, porque as memórias das pessoas seriam esquecidas seletivamente por elas próprias, como comentei⁸ sobre a oportunidade de registrar depoimentos no meio dos acontecimentos:

acredito também que muito do que aqui foi escrito [no livro *Histórias da COVID-19: primeira onda no Brasil*] seria apagado da memória de seus autores, ficando apenas aqueles espasmos que acabam sintetizando as nossas experiências conforme o tempo passa. Muito dos detalhes de cada relato também sumiriam da nossa memória coletiva e perderíamos o frescor de cada relato manifestado. Assim, com o material registrado [no livro] espero que as histórias (com suas informações e seus dados peculiares) auxiliem os mais novos ou outras gerações a compreender os problemas e, principalmente, as soluções que coletivamente desenvolvemos neste período.

Com a premissa de um curto espaço de tempo para captação e o meu desejo de registrar ao máximo as emoções das pessoas expostas ao Coronavírus nasceu o *Projeto Reflexões*. Este permitiu o privilégio de registrar mais de mais de 80 (oitenta) *Visíveis*, cujos relatos estavam no “olho do furacão” da pandemia. Dessa forma, conseguimos observar como estavam vivenciando as suas rotinas diárias, os seus anseios e medos, as suas válvulas de escape (espirituais ou lúdicas), os seus sonhos, e suas finanças. Um fato relevante observado foi que apesar de estarmos sob a égide de um mesmo patógeno microscópico, as experiências e as soluções encontradas por cada indivíduo para a sua sobrevivência diária foram muito diferentes. Estas se mostraram contundentes conforme se aumentou o binômio do distanciamento social e do fator econômico da renda⁹.

Dinâmica da coleta dos livros “Histórias da Covid-19”

Diferentemente da coleta sistêmica do repositório de política, que se baseou em aquisição massiva de dados na web, a dinâmica de coleta de dados para os livros foi concebida dentro de um projeto mais elaborado, o *Reflexões*, em termos de objetivos e de resultados.

Um fato inusitado e importante é que todo o projeto foi concebido e concluído durante a pandemia. Sabemos que algumas categorias de trabalhadores puderam realizar o teletrabalho e outras não tiveram escolha, porque estavam exercendo atividades consideradas essenciais ou, se não saíssem para trabalhar fora de seus lares, não teriam como suprir as necessidades de suas famílias. Portanto, entrevistando os *Visíveis* queríamos dialogar com pessoas diferentes entre si, principalmente quanto às suas visões de mundo, e que representassem os dois lados da questão do isolamento social a que a sociedade foi dividida involuntariamente. A partir desse ponto de clivagem, surgiram os questionamentos de investigação:

- Como as pessoas lidaram com ansiedade? (no trabalho, com as finanças, educação, espiritualmente etc.);
- Como lidaram com a COVID-19, a possível (re)infecção e a face muito próxima da morte;
- Como se estruturaram para o sustento durante a pandemia (renda, saúde, auxílio emergencial, empreendedorismo, entre outros); e.
- Por fim, como as notícias de COVID-19 chegaram a cada um deles e como reagiram no início da pandemia, inclusive quanto ao discernimento do que poderia ser *fake news* ou não de acordo com as suas realidades.

Para as entrevistas, criamos um pequeno roteiro de perguntas para dois grupos específicos: o primeiro, de moradores ou trabalhadores da Zona Leste da cidade de São Paulo (especificamente Sapopemba, que se revelou o distrito com maiores índices de mortes por COVID-19, na capital); e o segundo, por profissionais com curso superior moradores de outras regiões de São Paulo e da região metropolitana. Às pessoas desses dois grupos foram perguntadas os seguintes itens:

- Qualificação do profissional respondente; se este estava trabalhando nesse período e qual o tipo da relação trabalhista a que estava arrolado;
- A jornada diária de trabalho e a rotina de serviços em casa;
- Saber se o respondente foi acometido pela COVID-19 (ou alguém de sua residência). E, em caso afirmativo, como foi a quarentena e o tratamento. E, em última instância, se houve caso de reinfeção;
- Entender como o respondente se relacionou com a doença: se acredita que poderia vir a óbito; se a COVID-19 era algo que estava perto de onde estava vivendo/trabalhando; quais cuidados adotados; e como se informou sobre a pandemia;
- Saber se o respondente teve acesso aos benefícios emergenciais do governo federal, como foi a sua obtenção, e como constituiu a sua renda com esse benefício;
- Fizemos uma questão aberta para que os respondentes nos contassem um dia atípico na pandemia, que podiam versar sobre dificuldades, ansiedades, alegrias, motivações religiosas etc. Esta pergunta se mostrou especialmente importante, pois abriu a “alma” das pessoas para falarem abertamente o que estava “entalado na garganta” dos respondentes.

A equipe de produção (antes da entrega do boneco para a editora) foi composta por apenas quatro pessoas: eu, na coordenação dos trabalhos, dois assistentes, que foram remunerados por demandas (entrevistas e transcrições), e uma consultora de textos, que também nos apoiou na revisão textual. Ao final do processo foi constituído um novo acervo com os seguintes documentos e quantitativos (tabela 2):

TABELA 2: Novo acervo sobre a COVID-19 no Brasil para produção de publicações e disponibilização futura. Fonte: o autor.							
Atividades	Documentos produzidos	Quantitativos	Tratados	Publicados Livro 1	Publicados Livro 2	Publicados Livro 3	Não publicados
Entrevistas	Áudios, em média de 30'	45	26	12	13	1	19
Transcrições	Textos transcritos, apenas com pontuação e sinalização	39	35	12	13	1	13

	de emoções						
Textos recebidos	Textos em Word (MS)	47	40	12	8	20	7
CPI COVID-19**		40 textos em Word com 100 páginas em média*					40
Resenhas**	Textos em Word produzidos pelo Reflexões	139	139				139
Imagens	Fotogramas, memes e charges	700	700				700
Coleção Folha de São Paulo	Jornais completos	100	-	-	-	-	-
*produzidos pelo Senado Federal até 23.08.2021				**base para um projeto futuro de livro			

O material para a produção dos livros (o primeiro objetivo imediato do *Projeto Reflexões*) foi apenas a ponta de um “iceberg” de outras coleções que foram se formando ao longo da crise sanitária, e se entrelaçam com o repositório informal apresentado na tabela 1, por tratarem conjuntamente de variadas temáticas com relação à COVID-19 (política, trabalho, educação, ciência, relações internacionais, cultura etc.). Entretanto, estes acervos se distinguem quanto às “sobras” dos documentos captados exclusivamente para a produção literária, conforme abaixo:

- Áudios originais dos depoimentos dos autores;
- Áudios e textos de comunicações com toda a cadeia de produção dos livros;
- Vídeos dos autores (entrevistas), de lives e da produção incipiente de um documentário sobre os *Visíveis*;
- Textos e excertos não publicados;
- Imagens e fotos;
- Documentos públicos disponibilizados por diversas mídias e estudos especificamente coletados para os autores que me solicitavam, especialmente quando às questões das vacinas, sobre negacionismo e *fake news*.

- Documentos disponibilizados pela CPI da Pandemia da COVID-19 do Senado até presente data. Acompanham também as edições diárias do jornal *Folha de São Paulo*, desde 02.01.2020.

Este pequeno acervo de “sobras” contém três terabytes de dados e também está crescendo como o acervo “pai”, e terá um site próprio para informações e download de algumas bases anonimizadas e documentos produzidos no âmbito do projeto: www.reflexes.com.br (“reflexes”, em latim, traduz-se por “reflexões”).

Problemas de tecnologia e de armazenamento de arquivos

Segundo Auerbach,¹⁰ pode-se dizer que as nossas coleções (figura 1) são categorizadas como “arquivos informais” que “abrigam recursos históricos relacionados a tópicos que normalmente escapam à história e à memória oficiais, como as experiências de minorias e grupos marginalizados, além da experiência histórica de pessoas comuns”.

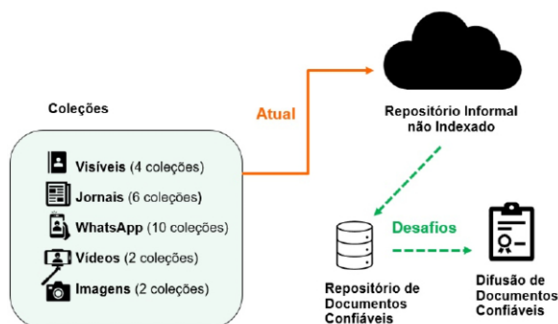


Figura 1: Coleções que formam o meu repositório informal e desafios do Projeto Reflexões. Fonte: o autor.

Devido a sua informalidade, inicialmente sob o ponto de vista histórico, o *Projeto Reflexões* também é suscetível à fragilidade intrínseca dos documentos digitais¹¹, o que implica automaticamente na adoção de políticas arquivísticas que contemplem preservação do acervo, autenticidade e governança, desde a produção documental até a disponibilização dos documentos para a sociedade.

Diante dos desafios impostos ao longo o ciclo de vida de cada documento do acervo (papel, digital ou natodigital), os detentores de “arquivos informais” têm diante de si vários desafios para a normalização (aos princípios

arquivísticos) e de governança (jurídica e gestacional) de suas coleções. No caso do *Projeto Reflexões*, dentre os principais problemas que enfrentamos atualmente, se destacam os seguintes:

- *Descrição e Metadados*: criação de representação precisa de uma *unidade de descrição*¹² e de suas partes componentes, como por exemplo: apreensão, análise, organização, e registro da informação, com o objetivo de identificar, gerir, localizar e explicar o documento de determinada coleção e explicar o contexto em que foram produzidos.¹³ E estabelecer política interna de metadados para cada documento que reflita a sua descrição arquivística e o seu contexto, visando a criação de repositório de documentos confiáveis, que permita a difusão de documentos e informações.
- *Classificação*: criação de *controle de vocabulário* visando à produção de sistema de organização e de busca de informações arquivísticas. Este controle permitirá sistema de buscas robustas e eficientes.¹⁴
- *Interoperabilidade*: segundo Santos, a preservação de documentos em ambientes digitais prescinde do princípio de *interoperabilidade entre sistemas*, integrando a gestão, a preservação e a difusão, por intermédio da capacidade de compartilhamento de aplicações diferentes e do uso de ferramentas de livre acesso via web.¹⁵
- *Armazenamento e manipulação de documentos*: no atual volume das bases é necessário dividi-las em contas em diversos fornecedores para manter o armazenamento. Entretanto, parte desta separação não foi indexada o que dificulta a gestão documental.
- *Tecnologias proprietárias e obsolescência de mídias*: visando minorar os problemas com tecnologias proprietárias e a obsolescências de mídias convertamos os documentos digitais em *padrões “open source”*, como por exemplo, áudios em mp3, vídeos em mp4, textos em pdf e txt, e imagens em jpeg.
- *Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)*: como tratamos com muitos dados e informação de pessoas¹⁶ em todas as bases será imperativo a *observação da LGPD antes da divulgação* de qualquer

base para terceiros (ou acesso aos documentos, em termos arquivísticos).

Para que as coleções se tornem acessíveis e com caráter confiável de informação, será importante a adoção de tratamento arquivístico ao repositório informal em crescimento. Para tal encaminhamento será necessário a consecução de três diferentes ações técnicas¹⁷ (vide desafios, figura 1):

1. Efetivar a guarda dos documentos (respeitando-se as diversas coleções independentes) em repositório confiável. Em arquivística este é denominado *Repositório de Documentos Confiáveis* (RDC-Arq), ou seja, solução que apoia o gerenciamento de documentos digitais, pelo tempo que for necessário, constituído por elementos de *hardware*, *software* e metadados, cujo objetivo é obter infraestrutura organizacional e procedimentos normativos e técnicos capazes de manter autênticos os materiais digitais, e preservá-los para prover acesso a estes.¹⁸
2. Para prover o acesso e difusão das coleções arquivadas no RDC-Arq, com o cuidado de se evitar a quebra da autenticidade do repositório (ou seja, da cadeia de custódia dos documentos), devemos utilizar uma solução que se ocupe apenas com a apresentação dos documentos digitais e que seja independente do repositório confiável. O mercado estatal tem utilizado o software livre chamado ICA-ATOM, de iniciativa do Conselho Internacional de Arquivos (CIA), para descrição de documentos arquivísticos e sua posterior difusão. Apesar, da aderência às necessidades de arquivos públicos, ainda existe a preocupação com a sua utilização para projetos privados. No tocante ao Projeto Reflexões, será tema de estudo depois dos itens 1 e 3.
3. E por fim, a necessidade de classificar, descrever, e criar instrumento de pesquisa para a plataforma de acesso, pois a “padronização da descrição, além de proporcionar maior qualidade ao trabalho técnico, contribui para a economia dos recursos

aplicados e para a otimização das informações recuperadas”.¹⁹ Nesse requisito iremos utilizar a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ).

Especificamente, sobre a nossa experiência com a captação dos documentos digitais dos livros “Histórias da COVID-19”, foi observado o problema com a transcrição dos áudios provenientes das entrevistas realizadas. Procuramos fornecedores que pudessem automatizar esse processo, e o primeiro passo foi a tentativa de utilização de APPs gratuitos. Porém, estas se mostram impossíveis para os nossos volumes de trabalhados, pois processavam menos de cinco minutos por trilha e nossos áudios têm em média 30 minutos.

Depois procurarmos soluções pagas, entre estas o *Watson*, da IBM. Este se mostrou incipiente para a língua portuguesa falada no Brasil (em novembro de 2020 a API estava em desenvolvimento) e sua política de preços era impraticável para os moldes financeiros do projeto. A solução final foi a transcrição humana, embora bastante vagarosa e com impacto negativo sobre a produtividade, captou com maior clareza de detalhes as falas e os momentos de cada entrevista, motivo pelo qual adotamos esse procedimento para o projeto. Entretanto, para ações futuras estamos desenvolvendo soluções para a utilização de APIs dedicadas com relação à transcrição.

Conteúdo dos Arquivos

Gostaria de apresentar três pequenos excertos dos documentos constituintes dos repositórios que se relacionam com a pandemia: dois pequenos trechos de textos que estão no livro *Histórias da COVID-19: a primeira onda no Brasil*, recentemente publicado, e outro do segundo volume ainda em produção (previsto para 2022).

A primeira amostra abaixo é uma transcrição (com a pontuação inicial para leitura) de uma gravação original, portanto, não tratado estilisticamente como apresentado posteriormente nos livros. A nossa intenção foi de apresentar a emoção, o frescor, e a intensidade de detalhes quando se capta um determinado depoimento no auge dos acontecimentos, pois a partir do epicentro de qualquer fenômeno, à medida de seu distanciamento temporal,

os detalhes, as referências, os contextos e a energia tendem a ser esquecidos ou sintetizados com supressão de dados. Abaixo um exemplo de uma *Visível* que estava em contato com a morte todos os dias desde o início da pandemia.²⁰

Entrevistadora: Algum dia atípico que marcou a sua vida durante esses dias?

Enfermeira: Eu acho que o maior de todos foi de uma minha amiga que me é mais próxima... Porque parece que a gente estava vendo as coisas chegarem... Ih! Ela estava sendo afastada, entre aspas, né?

Aí, a partir do momento que uma pessoa que anda com você, trabalha com você, ou seja, tem a mesma rotina que você tem, fica numa situação do tipo vida ou morte... você fala, assim, meu Deus! Parece que estava chegando muito próximo e foi a experiência que mais me desesperou. Era uma coisa que a gente lidava com morte o tempo todo, né?

Então, acaba que o profissional acaba tendo o psicológico mais, como eu posso dizer... um psicológico mais trabalhado sobre a morte. É diferente de uma pessoa que não trabalha na área. *A partir do momento que aquilo vai chegando próximo... e você sabe que não tem [cura]... você sabe que não tem o que se precaver, aí começa o desespero!* Foi o que mais me abalou nas histórias em que vivi, na minha parte pessoal. (Grifos nossos).

O segundo texto pertence ao *Histórias da COVID-19*, e apresenta o relato de um motorista de aplicativo às voltas com a melhora da alocação do seu tempo de trabalho e própria precarização da sua atividade laboral.²¹

As manhas do negócio: Eu sempre me questionava se poderia melhorar a minha jornada, ser mais eficiente. Somente depois de uns oito meses eu consegui organizar um pouco melhor os meus horários, alterando o esquema que estava fazendo... *Agora levo uma marmita com alimentos que possam ser consumidos frios e escolho um momento do dia para me alimentar direitinho e com muito cuidado.* Brinco, pois como sou descendente de japoneses e que comemos arroz sem tempero, assim dá para comer uma marmita fria, com omelete, carne, verdura etc. *Eu realmente trabalhava muito e somente a partir do oitavo mês foi que aprendi a recusar algumas corridas muito curtas ou para lugares que julgo não muito bons.* Certas corridas, cuja distância até parece interessante leva a lugares que não se pega clientes na volta, e no fim das contas não compensa a saída.

O engraçado dessa percepção é que a gente só sente as dificuldades, os problemas, e acaba pegando as manhas quando estamos na sofrência do dia a dia, trabalhando e observando os meandros do negócio. *Começa a perceber a perfeita gamificação desses aplicativos* (processos de negócios virtualizados como games nos aplicativos). (Grifos nossos).

O terceiro trecho,²² também do mesmo livro, conta o relato de uma mulher, por volta de seus 40 anos e que mora na Zona Leste de São Paulo. Seu trabalho é exercido na limpeza de feiras livres em longas jornadas de terça a domingo, e nos apresenta aqui suas preocupações com a criação dos seus filhos e da escalada da inflação.

Em termos financeiros também foi um enorme baque para mim, agora eu pago tudo quanto é serviço extra em casa. *Como eu tenho três crianças pequenas, sendo que um estava em uma na creche,*

outro na escola e o terceiro em um projeto educacional, onde passavam a maior parte do dia e, no meio da tarde, eu pagava uma pessoa para ficar com eles quando saíam desse projeto. Mas agora não, essa pessoa está com eles em período integral e só a noitinha é que vão para a casa da minha mãe. Nesse caso, ela passou a me cobrar que tinha que dar banho, que tinha que dar alimentação e o café da tarde, então, automaticamente, aumentou o valor do serviço dela também. Eu tenho absoluta certeza de que as despesas aumentaram e, muito, para todo mundo... e no caso das crianças, é despesa com remédio, é com alimentação, é um gasto que aumenta pra caramba.

E os preços dos produtos e dos serviços na periferia? São muito diferentes dos que acontecem nos bairros chiques, porque aqui invariavelmente aumentam muito mais rápidos! Quer um exemplo? Compare os preços do botijão de gás, que aqui já está acima dos \$100,00 mais o frete, se não for CEP proibido, porque se for nem entregam. Assim, aumentaram todos os meus gastos, mas nosso salário não aumentou em nada, em nada! (grifos nossos).

Quanto aos três excertos dos livros, os relatos são exemplos vívidos de como diversas pessoas, por meio de suas atividades de trabalho sobreviveram à pandemia. A profissional de enfermagem nos apresenta momentos dramáticos no hospital onde trabalhou com medo da sua própria morte pela possível infecção pela COVID-19 (em tempo, infelizmente em 2021, foi contaminada).

No segundo texto, o autor explica como tentou “driblar” o algoritmo do aplicativo para obter mais eficiência na sua rotina diária. Como muitos motoristas acabam realizando o mesmo movimento, o algoritmo “pesca” as intenções e anula a vantagem competitiva adquirida momentaneamente, evidenciando uma “briga” que só tem um vencedor, o próprio aplicativo.²³

E o terceiro exceto, a dura realidade de uma mãe da periferia, que tem que trabalhar o dia inteiro, cuidar da casa e encontrar um forma para abrigar seus filhos durante a pandemia, pois as escolas e projetos educacionais estavam fechados. Adicionalmente, vê a sua renda cair para suprir essas necessidades e a concorrência desleal com a inflação. Interessante que a sua percepção inflacionária se evidenciou antes dos institutos oficiais, repercutindo a sagacidade do *Visíveis* em se “virarem nos 30”.

Futuras ações e conclusão

O nosso repositório informal abriga um volume significativo de materiais inéditos e que estão crescendo diariamente. Diferentes pesquisas (acadêmicas ou jornalísticas) podem ser realizadas com a mineração de dados nas diversas bases existentes. Entretanto, a consulta e o download de documentos ainda é muito precário, e será uma das nossas prioridades para a continuidade do

Projeto Reflexões. Para alcançarmos esse objetivo, temos a frente o desafio da preparação do repositório arquivístico, observando-se os itens dissertados no item 3, visando também à futura difusão dos conteúdos para a sociedade.

Em outra frente, continuaremos a publicar documentos sobre os *Visíveis* e as suas memórias. Está programada a conclusão de mais um livro em 2022, de um documentário. Entretanto, o investimento (de tempo e de recursos financeiros) para o resguardo, em larga escala, da memória dos *Visíveis* não é prioridade estatal, e muitas das histórias dessas pessoas tendem a ficar enclausuradas aos pequenos grupos sociais a que pertencem. Portanto, ações como as promovidas pelo *Centro de Humanidades Digitais (CHD)*, da UNICAMP²⁴, são de suma importância para o reguardo da memória das pessoas e da pandemia de COVID-19 no Brasil. Nesse sentido, destaco dois projetos, o mapeamento das iniciativas de memória da COVID-19 no Brasil e o *Dashboard Coronarquivo Brasil*, que apresentam iniciativas pequenas como a minha em todo o país, dando luz a histórias que poderiam nunca ter sido registradas e amplificadas, por absoluta falta de oportunidades de espaço pra fazê-lo. Com essas iniciativas do CHD milhares de *Visíveis* tiveram a sua voz ouvida, em alto e bom som!

¹ Mestre em Engenharia de Produção, Funcionário Público do Arquivo Público do Estado de São Paulo e investidor-anjo de *startups*. Atualmente estuda para ser cientista de dados.

² Ditos populares sobre a percepção da evolução social e política do Brasil, nem sempre alvissareiras.

³ A MPV 926/2020, que deu origem a lei, acrescentou quatro novos parágrafos (§§ 8º a 11) a respeito da continuidade de serviços públicos e atividades essenciais quando da adoção das medidas de que trata referido artigo (art. 3º, § 8º). Tais serviços e atividades serão dispostos em decreto do Presidente da República (art. 3º, § 9º). No mesmo diapasão, a *MPV veda restrição à circulação de trabalhadores que possa afetar funcionamento de serviços públicos e atividades essenciais, definidas nos termos do disposto no § 9º, e cargas de qualquer espécie que possam acarretar desabastecimento de gêneros necessários à população* (art. 3º, § 11). Cf. MEDIDA Provisória nº 926, de 2020. *Congresso Nacional*, 2020. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/141144>.

⁴ BUENO, Flávia Thedim Costa; SOUTO, Ester Paiva; MATTA, Gustavo Corrêa. Notas sobre a tragédia da Covid-19 no Brasil. In: MATTA, Gustavo Corrêa *et al.* (org.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2021, p. 35.

⁵ *Ibidem*, p. 36.

⁶ BOLETIM de Conjuntura número 29 - Junho/julho de 2021. *DIEESE: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos*, 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2021/boletimconjuntura29.html>. Acesso em: 10 ago. 2021, p. 9.

⁷ Excelente resenha do livro *A Peste* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?>

[v=hBRGDwa2sGs](#), organizado pela Profa. Carmem Lúcia Batista.

8 Cf. ANDRADE, Rogério Ferraz Garcia de. Histórias da Covid-19: como escrevemos coletivamente um livro sobre este tema. *Linkedin @rogerioferraz21*, 2021. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/hist%C3%B3rias-da-covid-19-como-escrevemos-coletivamente-um-ferraz/?trackingId=xqskvGSEdisYWzjFFqixUw%3D%3D>. Acesso: 15 ago. 2021.

9 Cf. ANDRADE, Rogério Ferraz Garcia de. Uma obra coletiva: como escrevemos o Histórias da COVID-19. In: ANDRADE, R. F. G (org.). *Histórias da COVID-19: a primeira onda no Brasil*. Curitiba: Editora CRV, 2021.

10 AUERBACH *apud* MARINO, Ian Kisil *et al.* Como contar a história da COVID-19? Reflexões a partir dos arquivos digitais no Brasil. *Esboços: histórias em contextos digitais*, v. 28, n. 48, p. 558-583, 2021.

11 FERRAZ, Rogério. O cientista de dados arquivístico: o encontro da arquivística com as ciências de dados. Simpósio Internacional de Arquivos: Arquivo, documento e informação em cenários híbridos, 8, 2021, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Eventus, 2021.

12 Segundo o Arquivo Nacional descrição arquivística é “o conjunto de procedimentos que leva em conta os elementos formais e de conteúdo dos documentos para a elaboração de instrumentos de pesquisa”. Cf. ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 67.

13 CIA *apud* SANTOS, Henrique Machado dos. Auditoria de repositórios arquivísticos digitais confiáveis. *Informação em Pauta*, v. 4, n. 2, p. 35, 2019.

14 SMIT, Johanna Wilhelmina; KOBASHI, Nair Yumiko. Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p. 15.

15 Cf. SANTOS, Henrique Machado dos. Auditoria de repositórios arquivísticos digitais confiáveis... *Op. cit.*

16 A LGPD conceitua dado pessoal como “informação relacionada a pessoa natural identificada ou identificável (BRASIL, 2018, Art. 5º, Inciso I). Além desta denominação de caráter geral, inovou com o conceito de “dado pessoal sensível: sobre origem racial ou étnica, convicção religiosa, opinião pública, filiação política, filiação a sindicato ou organização de caráter religioso, filosófico ou político, dado referente à saúde ou vida sexual, dado genético ou biométrico, quando vinculado a uma pessoa natural” (Art. 5º, Inciso II). Cf. BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de Agosto de 2018. Dispõe sobre o tratamento de dados pessoais. Brasília: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm. Acesso em 20 de agosto de 2021. 2018.

17 As ações técnicas arquivísticas para a melhoria do Projeto Reflexões visando à adequação do repositório informal foram realizadas pelo colaborador Lucas Spadri C.A. de Lima, atual diretor do Núcleo de Formação e Treinamento do APESP.

18 REPOSITÓRIO Arquivístico Digital Confiável - RDC-Arq. *Universidade Federal da Fronteira Sul*, 2018. Disponível em: <https://portalsei.uffs.edu.br/gestao-documental/repositorio-arquivistico-digital-confiavel-rdc-arq-i>. Acesso em: 20 ago. 2021.

19 CONSELHO Nacional de Arquivos. NOBRAD: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006, p. 10. Disponível em: <http://www.siga.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes/nobrade.pdf>. Acesso: 20. Ago. 2021.

20 Uma enfermeira que preferiu o anonimato para contar a sua experiência em setembro de 2020, em hospital do SUS. O relato tratado estilisticamente está previsto a publicação em novembro de 2022.

21 KATSUURA, Estevão. Não tive escolha: fui trabalhar. In: ANDRADE, R. F. G (org.). *Histórias da COVID-19: a primeira onda no Brasil*. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 28.

22 MAIA, Marli. Eu vim para brilhar. In: ANDRADE, R. F. G (org.). *Histórias da COVID-19: a*

primeira onda no Brasil. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 174.

²³ Segundo demonstra *Shoshana Zuboff* (no livro “Capitalismo de Vigilância”) a possibilidade de mapear todo o processo de trabalho, de transformar decisões, perfis e estratégias em dados, de utilizar esses dados como meios de controle para o gerenciamento e organização do trabalho, anula qualquer estratégia do motorista de aplicativo. Cf. ABÍLIO, L. C. Uberização: gerenciamento e controle do trabalhador just-in-time. In: ANTUNES, A. (org.). *Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.

²⁴ Link do CHD: <https://www.chd.ifch.unicamp.br/node/25>.

(27) 3376-0363

facebook.com/EditoraMilfontes

@editoramilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.

Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.

Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!

Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas

Cormorant Garamond e Minion Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



MILFONTES



MILFONTES

Ian Kisil Marino - Thiago Lima Nicodemo
(organizadores)

Por uma história da COVID-19

Iniciativas de memória da pandemia no Brasil

